

JULIA LOUISA KEYES

Nossa vida no Brasil



IMIGRAÇÃO NORTE-AMERICANA NO ESPÍRITO SANTO 1867-1870

TRADUÇÃO E NOTAS
Célio Antônio Alcântara Silva


Coleção Canaã

Volume 17

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

São raros os relatos que nos foram legados pelos imigrantes que entraram no Espírito Santo ao longo de quase dois séculos, dos quais se poderia extrair as impressões, visões, sonhos e decepções em terra estrangeira. Além do ponto de vista pessoal do narrador, tais depoimentos serviriam como fontes de pesquisa para se reconstituir momentos importantíssimos da nossa história, conforme podemos verificar na presente obra.

Nossa vida no Brasil (Our life in Brazil), inédito em língua portuguesa, foi publicado originalmente no Alabama, Estados Unidos em 1874. O livro nos traz as impressões de Julia Keyes sobre o período que sua família esteve no Espírito Santo e no Rio de Janeiro logo após a Guerra Civil norte-americana e tornou-se uma das principais referências para o estudo da imigração confederada para o Brasil, bem como obra de relevância ímpar sobre a província capixaba, em especial para a região de Linhares, no final da década de 1860.

A autora fez observações detalhadas sobre as belezas da região, descrevendo com aguçada sensibilidade os distintos panoramas da geografia espírito-santense; a diversidade da fauna, da flora e os encantos da família e dos norte-americanos com a lagoa Juparanã. Ao mesmo tempo a autora registrou alguns aspectos interessantes sobre as relações sociais no Brasil, enfatizando seu estranhamento em torno das diferenças àquelas existentes nos Estados Unidos.

Em *Nossa Vida no Brasil* se percebe as expectativas do imigrante na busca de uma nova vida em terras inexploradas, que de súbito revelam suas belezas e decepções. É uma fonte indispensável para se conhecer um pouco da colonização do Espírito Santo que se ensaiava às margens do rio Doce nos idos do século XIX.

Nossa vida no Brasil



IMIGRAÇÃO NORTE-AMERICANA NO ESPÍRITO SANTO
1867-1870

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

RENATO CASAGRANDE

Governador

GIVALDO VIEIRA DA SILVA

Vice-governador

MAURÍCIO JOSÉ DA SILVA

Secretário de Estado da Cultura

AGOSTINO LAZZARO

Diretor-geral Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

CILMAR FRANCESCHETTO

Diretor Técnico

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Rua Sete de Setembro, 414, Centro, Vitória, ES. 29015-905

www.ape.es.gov.br



Coleção Canaã
Volume 17

JULIA LOUISA KEYES

Nossa vida no Brasil

IMIGRAÇÃO NORTE-AMERICANA NO ESPÍRITO SANTO
1867-1870

TRADUÇÃO E NOTAS
Célio Antônio Alcântara Silva

Vitória, 2013
ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

© 2013 by Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Cilmar Franceschetto

FOTO DA CAPA
Lagoa Juparanã / Acervo APEES

REVISÃO
Tríade Comunicação

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Bios

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Dossi Editora Gráfica

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS
Prof. Dr. Célio Antônio Alcântara Silva
Alabama Department of Archives and History

CIP – Catalogação na fonte
Biblioteca de Apoio Maria Stella de Novaes
Arquivo Público do Estado do Espírito Santo

Ficha catalográfica elaborada por Brenda Pena Batista CRB 6 - ES/791

K444n Keyes, Julia Louisa.

Nossa vida no Brasil : imigração norte-americana no Espírito Santo 1867-1870 / Julia Louisa Keyes; [tradução de Célio Antônio Alcântara Silva]. – Vitória : Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

320 p. ; 21 x 15 cm. - (Coleção Canaã ; v. 17)

Título original: Our life in Brazil.

ISBN : 978-85-98928-13-5

1. Diário de viagem – 1867-1870 – (ES). 2. Viajantes – Espírito Santo – (ES). 3. Espírito Santo (Estado) – história – 1867-1870. 4. Estados Unidos - Brasil . I. Silva, Célio Antônio Alcântara. II. Título.

CDD : 918.152

CDU : 918.152

Sumário

Os ianques do Rio Doce.....	9
Prefácio	11
Carta Prefacial.....	49
1 Deixando Montgomery.....	51
2 Última visão dos Estados Unidos da América.....	54
3 O Amazonas	58
4 Rio à luz do dia	60
5 O Imperador	63
6 Compras.....	66
7 Aprendendo a linguagem	69
8 Ida ao rio Doce	73
9 Novamente embarcados	76
10 Vitória	78
11 Primeira descrição.....	80
12 Varejando rio acima.....	83
13 Acampando	86
14 Quase lá	89
15 Primeiro dia em Linhares.....	91
16 Visitantes	95
17 Sociedade.....	99
18 Os índios.....	101
19 A primeira dança	104
20 Enterrando os mortos	107

21	Lavando roupas	111
22	A chegada da bagagem	113
23	Novas provações e diversões noturnas	117
24	Deixando a vila	119
25	Lagoa Juparanã	121
26	Nossa sala de visitas	124
27	O topo de nossa colina	127
28	A lavanderia	130
29	Visita ao Dr. Dunn	134
30	Quebrando a palha	139
31	Nossos vizinhos, do outro lado da lagoa	142
32	A cheia	145
33	Janela do mato	148
34	Horas após o entardecer	149
35	Lavando pequenas calças	152
36	A história do arroz	154
37	Distrações	156
38	Cozinhando um macaco	160
39	O Conselho dos Macacos	165
40	Mudança da lavanderia	168
41	Procura por áreas de piquenique	171
42	Jantar de Natal na casa do senhor Miller	174
43	O torneio	177
44	Os dias sombrios - a febre	180
45	O velório	184
46	Mudança para a nova casa	187

47	Aplicando taipa à casa e novas privações	189
48	Retorno da salubridade.....	193
49	Novos terrores	195
50	Suspense	198
51	O retorno	201
52	Última visita à senhora Miller	204
53	Rompendo a colônia.....	207
54	Deixando o rio Doce	210
55	Cruzando a barra	213
56	Retorno ao Rio de Janeiro	217
57	Ilha Dixie	220
58	As nascentes	224
59	Os tamarindeiros	225
60	Encalhados.....	228
61	Ipihiba.....	232
62	Cartas aos EUA, da ilha Dixie.....	235
63	Deixando Dixie.....	245
64	Pau Grande	247
65	O carnaval no Rio	251
66	Visita a Petrópolis	254
67	Desapontamentos	256
68	Engenho de café	263
69	Morro do Ingá.....	267
70	Amigos em partida.....	272
71	Retidos pelo tempo.....	275
72	A grande onda	278

73	Visita ao Passeio Público.....	280
74	Linhas a Lizzie.....	284
75	Cartas de São Domingos aos Estados Unidos	288
76	Fazenda Bangu.....	303
77	Avenida Bambu e o Festival	305
78	No Oceano	309
79	Um alarme	313
80	Lar doce lar.....	316

Os ianques do Rio Doce

O conhecimento da história é indispensável à compreensão das nossas raízes culturais, ao entendimento do presente e à construção do futuro. Sob essa perspectiva, cada livro que descreve a organização social e o cotidiano das pessoas que ocuparam, no passado, determinada área do nosso território, é essencial para conhecermos as origens, tradições e hábitos que contribuíram para a nossa formação. Enriquecendo nosso conhecimento a respeito do passado, os melhores livros também nos permitem compreender melhor os desafios do presente e o potencial de que dispomos para a construção de um futuro melhor. Afinal, embora tratem de outro tempo, eles falam de seres humanos como nós e de coletividades empenhadas em construir um mundo do qual somos todos herdeiros. E o manuscrito original deste livro, datado de 1874 e organizado por Julia Louisa Keyes, constitui um documento bastante revelador de fatos ainda pouco conhecidos da história do Espírito Santo.

Creio que todos os capixabas sabem que, ao longo do século XIX, nosso Estado foi o destino de um forte movimento migratório de italianos, alemães, portugueses e espanhóis, que vieram se estabelecer em território capixaba e deixaram marcas em nossos costumes. Entretanto, só a minoria de estudiosos tem informações sobre os imigrantes norte-americanos, que vieram desembarcar no Espírito Santo em busca de terras onde pudessem retomar suas atividades agrícolas, ainda sob o impacto da abolição da escravatura, iniciativa do presidente Abraham Lincoln. Ao final da Guerra da Secessão, que durou entre 1861 a 1865, essas famílias de agricultores trocaram suas enormes fazendas no sul dos Estados Unidos da América pelas terras às margens do Rio Doce, porque no Brasil Imperial ainda predominava o regime da escravidão.

Calcula-se que cerca de quatro mil imigrantes sulistas vieram para o Brasil, e um dos personagens centrais dessa saga foi o americano Charles Grandison Gunter, fazendeiro e financista que assinou um contrato com o governo imperial de Dom Pedro II para a obtenção de terras

públicas na então Província do Espírito Santo. O número de migrantes foi mínimo, se comparado ao de europeus, mas há outro aspecto importante para diferenciá-los: enquanto os naturais da Europa escolheram o Brasil com a esperança de encontrar aqui terra, trabalho e prosperidade, os norte-americanos sentiam-se em uma espécie de exílio. Os primeiros barracões que abrigaram os imigrantes ianques foram construídos em Linhares e Regência, enquanto Charles Grandison Gunter se tornava Inspetor Geral de terras da região e intermediário nas negociações entre o Império e os seus compatriotas recém-chegados.

O livro relata desde a derrota e autoexílio dos confederados sulistas até o processo de ocupação do Norte do Espírito Santo, nas últimas décadas do século XIX, e o leitor encontra nele a recuperação de mais uma faceta da formação multicultural do Espírito Santo, assim como as dificuldades naturais de adaptação dos migrantes a uma realidade radicalmente diferente daquela que deixaram em seu país de origem. Além do estranhamento dos norte-americanos com a língua e os costumes da terra, passando pelo contato com animais e insetos que desconheciam, o livro relata as formas de cozinhar e lavar a roupa, o modo de trabalho em terras capixabas e as grandes cheias do Rio Doce, recuperando para o leitor a visão do cotidiano desses homens, mulheres e crianças que deixaram sua pátria para fazer parte da nossa história.

E só por conter esse relato minucioso de uma etapa tão pouco estudada da nossa formação, como Estado e como sociedade, a obra já justifica esta edição e a leitura por parte de todos os capixabas.

Renato Casagrande

Governador do Espírito Santo

Prefácio

Considerações iniciais

O manuscrito *Nossa vida no Brasil* foi escrito e organizado por Julia Louisa Lee Hentz Keyes, com contribuições de diversos membros de sua família, em especial Jennie Rutledge Keyes, sua filha, e de John Washington Keyes, seu esposo¹.

A versão original, de 1874, encontra-se no arquivo histórico do estado do Alabama, em Montgomery, nos Estados Unidos, onde realizamos parte de nossa pesquisa documental de uma investigação mais ampla sobre a imigração confederada para o Brasil². O manuscrito é uma referência importante não apenas para os estudiosos do autoexílio confederado, mas para aqueles que desejam estudar a história capixaba, em especial o norte da então província – hoje Estado – do Espírito Santo.

A imigração confederada

Em torno de oito a dez mil imigrantes confederados teriam deixado os Estados Unidos (EUA) em direção ao Brasil, México, Cuba, Venezuela e outros países da América Latina³, bem como ao Canadá⁴, após o fim da Guerra Civil Americana. O Brasil teria sido o principal

1 Cf. Alabama Department of Archives and History. Julia Louisa Keyes, *Our life in Brazil* manuscript, SPR86. Para o diário de sua filha, cf. *idem*, Jenny Rutledge Keyes diary, 1867-1870, SPR87. As contribuições de seu esposo às quais nos referimos são as suas correspondências contidas no manuscrito. Daqui em diante, as citações do manuscrito *Our life in Brazil* farão referência à versão em português, *Nossa vida no Brasil*.

2 Cf. Silva, 2011.

3 Cf. Hill, 1936, p. 5.

4 Cf. Rescher, 2003.

destino dos imigrantes sulistas: entre dois a quatro mil indivíduos teriam se dirigido ao Império⁵.

Esses números são insignificantes quando confrontados com o movimento em massa de imigrantes ocorrido no Brasil após fins da década de 1880, em especial italianos, alemães, portugueses e espanhóis. Entretanto, há uma especificidade na imigração confederada: não se tratou de um deslocamento motivado apenas pela busca de melhores oportunidades econômicas, mas, essencialmente, por motivos políticos.

Sendo assim, a imigração confederada constitui uma exceção dentro do cenário dos grandes movimentos populacionais do período⁶. Os Estados Unidos da América eram o principal destino dos imigrantes europeus e, destarte, o movimento realizado pelos sulistas em direção ao Império foi de contrafluxo – o segundo maior da história daquele país, sendo o primeiro aquele realizado pelos *tories* que rumaram em direção ao Canadá durante a luta pela independência contra a Grã-Bretanha.

Insatisfeitos com a derrota dos Estados Confederados da América, a abolição da escravidão e a supressão dos direitos políticos daqueles que pegaram em armas contra a União, os sulistas almejavam o autoe-xílio. Estima-se que algo em torno de 16% a 18% das famílias sulistas, entre os brancos, tenham considerado deixar os EUA após a guerra⁷.

Existiu uma convergência ideológica entre os líderes dos imigrantes e os políticos conservadores sulistas, em especial aqueles que clamavam pela secessão anos antes da Guerra Civil. Muitos dos promotores da imigração ao Brasil no pós-guerra tinham sido agentes políticos pró-secessão, ou mesmo familiares próximos⁸.

Por que o Brasil? Tendo a escravidão sido varrida do sul dos EUA pelos exércitos de Sherman e Grant, o Império, junto com Cuba, era um dos últimos países da América onde a possibilidade de empregar a

5 Cf. Dawsey & Dawsey, 1998, p. 18, Jones, 1998, p. 258, Jamagin, 2008, p. 26, entre outros.

6 Cf. Hobsbawm, 2004, p. 280.

7 Cf. Simmons, 2001, p. 11.

8 Cf. Silva, 2011.

mão de obra compulsória do negro na lavoura comercial ainda existia. Recorrentemente, o Brasil surge nos jornais sulistas como um paraíso para aqueles insatisfeitos com a ordem social imposta pela derrota na Guerra Civil⁹.

Discutiremos adiante alguns eventos do período anterior à Guerra Civil americana para compreendermos melhor o contexto da imigração, em especial no Alabama.

O contexto pré-Guerra Civil no Alabama

O Alabama é o Estado de origem de muitos dos imigrantes sulistas, em especial aqueles ligados à “colônia Gunter”, às margens da lagoa Juparanã. No período anterior à Guerra Civil a agitação em favor dos direitos do Sul nesse Estado tomou grande parte dos debates políticos, com destaque para o grupo político conservador conhecido por “pirófagos”.

A origem do grupo estava ligada à escravidão. Boa parte dos políticos pirófagos representava municípios do chamado “Cinturão Negro” do Alabama. Nessa região, em 1860, os 5% maiores possuidores de terras detinham 24% da área plantada, 26% dos escravos e 30% em termos do valor das fazendas. A população escrava do Alabama estava fortemente concentrada nessa região: os cinco municípios do oeste do Cinturão Negro (Sumter, Greene, Hale, Marengo e Perry) apresentavam uma população constituída por 74% de escravos, frente uma população de 45% de escravos para todo o Alabama¹⁰.

Os pirófagos entendiam que a União norte-americana era um obstáculo à solução dos problemas do sul. Eles enfatizavam as diferenças

9 Cf. *idem*.

10 Cf. Wiener, 1981, p. 7.

culturais em relação ao norte e advogavam a separação imediata. Entre os mais radicais estavam Jefferson Buford e William Lowndes Yancey¹¹.

Jefferson Buford nasceu no distrito de Chester, na Carolina do Sul, e migrou para o Alabama em 1832. Serviu o exército dos EUA na guerra contra os índios Creek, em 1836, e então se mudou para Eufaula, município de Barbour, onde permaneceria até sua morte¹².

Como muitos dos grandes senhores de escravos do Cinturão Negro, Buford era do partido *Whig*. Atuou como advogado ao lado de seu irmão James McClure Buford, editor do jornal *The Spirit of the South*¹³, um dos maiores jornais secessionistas dos anos 1850, juntamente com o *Wetumpka Argus*, do pirófago William Lowndes Yancey¹⁴.

Foi senador no legislativo estadual do Alabama pelos municípios de Barbour e Russell de 1840 a 1841 e por Barbour de 1841 a 1842, 1847 a 1848 e 1849 a 1850. Também ocupou cargo na Convenção Constitucional de Secessão em 1861¹⁵. A atividade legislativa de Buford esteve estreitamente ligada às discussões concernentes à escravidão, com projetos de lei intimamente ligados à “instituição peculiar” do sul.

Entretanto, a atuação de Buford na política não ficou circunscrita aos palanques ou aos discursos. O senador mobilizou um grupo armado para influenciar a política do longínquo Kansas, logo após a aprovação do ato Kansas-Nebraska.

O ato foi um arranjo político proposto pelo senador democrata de Illinois Stephen A. Douglas por meio do qual pretendia obter o apoio dos sulistas para a construção de uma ferrovia transcontinental, partindo de Chicago rumo ao Pacífico. A contrapartida, com o objetivo de

11 Cf. Thornton III, 1981, pp. 230, 243-253.

12 Cf. Owen, 1921, vol. III, p. 251.

13 O lema do jornal era “Igualdade na União – ou, independência fora dela”.

14 Cf. Owen, 1921, vol. III, p.252, e Gray, 1975, p.190.

15 Cf. Alabama Department of Archives and History. *Alabama Senate Roster*, p. 4. Buford tomou o lugar de Alpheus Baker na convenção, representando Barbour County, e apenas ratificou a decisão deste a favor da Secessão, cf. *Ordinances and Constitution of the State of Alabama with the Constitution of the Provisional Government and the Confederate States of America*, 1861, p. 5.

angariar apoio dos sulistas para a ferrovia, seria a substituição do Compromisso do Missouri de 1820 pela decisão por meio do voto da população de cada novo território sobre a existência ou não da escravidão¹⁶.

A lei entrou em vigor em 30 de maio de 1854 com a sanção presidencial. Antes dela, existia uma restrição geográfica da escravidão, confinada à linha ao sul do paralelo 36º 30' e a leste do Missouri. Essa limitação impedia a expansão da escravidão nos EUA e, consequentemente, do poder político dos estados escravistas no senado, já que cada Estado possuía dois representantes. O ato Kansas-Nebraska concedeu a possibilidade de sua expansão¹⁷.

A ferrovia ficaria pronta apenas em 1869, quatro anos depois do fim da Guerra Civil, mas a lei deu origem a uma disputa ferrenha no Kansas e à ruptura regional do partido democrata¹⁸. Divergências partidárias entre democratas e *whigs* deixaram de existir em face de divergências regionais. Tanto os democratas quanto os *whigs* sulistas votaram em sua maioria favoravelmente à lei, antevendo a possibilidade de expansão da escravidão em novos territórios.

O ano de 1854 tornou-se um ponto de inflexão na política estadunidense. Antes dele existia um acordo entre políticos sulistas e nortistas que estabelecia um critério de expansão territorial: para cada Estado escravagista criado, um Estado livre da escravidão seria incorporado à União norte-americana.

A decisão sobre a existência da escravidão em novos territórios passou a ser estabelecida por meio do voto da população do território incorporado aos EUA. Isso significava que a decisão política pela expansão da escravidão não estava mais concentrada na Câmara e no Senado em Washington, mas agora dispersa entre os habitantes do território ap-

16 Cf. Marx & Engels, 1946, pp. 91-92.

17 Cf. Morris, 1964, pp.117-122. O Compromisso de 1850 estendeu ao Texas a possibilidade de existência da escravidão, apesar de estar a oeste do Missouri.

18 Cf. Rawley, 2009, p. 42.

tos a votar. A partir daí, inicia-se uma corrida pelo domínio do território recém-incorporado: o Kansas.

Se o voto da população do Kansas decidisse que aquele seria um estado escravista, isso significaria dois senadores pró-escravidão no senado dos EUA. Na câmara, onde o número de deputados de um estado era decidido pela população deste, os sulistas já não tinham força política, ainda que os escravos contassem dois terços para efeitos de cálculo do número de deputados. Sendo assim, restava-lhes apenas a tentativa de domínio do senado e, para isso, o Kansas tornou-se uma peça chave após 1854.

A aprovação da lei teria transformado o partido democrata de propagador da harmonia nacional dos EUA em agente da discórdia entre duas regiões, originando o partido nortista antiescravista, que ensinaria mais tarde o partido republicano, enquanto, por outro lado, fortalecia a união e coesão sulistas¹⁹. Foram organizados grupos nortistas de migrantes que se estabeleceram no Kansas, organizados por integrantes do partido *solo livre*, logo em seguida absorvido pelos republicanos, contrários à existência da escravidão no território.

Grupos favoráveis à escravidão, em especial oriundos do Missouri, buscavam influenciar as eleições e fraudá-las para poder tornar legal a escravidão no Kansas. Em 5 de setembro de 1855 partidários do *solo livre* se encontravam nas imediações de Lawrence para apresentar resistência aos movimentos escravistas²⁰.

Seguiu-se a divisão política no território entre os favoráveis à introdução de escravos e seus opositores, todos oriundos de outros estados, com as duas facções se utilizando da violência para atingir seus objetivos políticos, originando o que ficou conhecido por “Kansas Sangrento”²¹.

Os interesses políticos no Kansas iam muito além de seus limites territoriais, o que alçou a projeção do território no cenário político dos

19 Cf. *idem*, p. 56.

20 Cf. *idem*, p. 94 e Etcheson, 2004, pp. 70-71.

21 Cf. Rawley, 2009, p. 99 e Etcheson, 2004, p. 89.

EUA à época. Os habitantes do Kansas não tinham até então a intenção de abolir a escravidão ou muito menos de estender a igualdade de direitos aos negros²², mas as notícias mobilizaram abolicionistas e escravocratas por todo o país, e grupos sulistas e nortistas, respectivamente, voltaram suas atenções ao território.

O acirramento do conflito no campo militar e literário

- Buford e a política por outros meios²³

*“Desfraldem nosso estandarte nos céus
Manteremos nosso ‘baluarte’ ou morreremos
E Buford é nosso grito de batalha
Nosso lema, ao Kansas!”* ²⁴

A mobilização mais expressiva de sulistas rumo ao Kansas foi aquela liderada por Jefferson Buford. Entre os nortistas, o grupo mais emblemático e conhecido foi aquele organizado por Henry Ward Beecher. Buford vendeu seus próprios escravos e alistou cerca de quatrocentos pró-escravistas rumo ao Kansas, enquanto, pelo lado nortista, as igrejas tiveram um papel central na cruzada pelo território.

Uma dessas igrejas envolvidas era a de Plymouth, no Brooklin, de Henry Ward Beecher, que passou a fornecer aos fiéis fuzis *Sharps*. O pas-

22 Cf. Rawley, 2009, p. 98.

23 A frase é de Karl von Clausewitz: “A guerra é meramente a política por outros meios”, cf. Clausewitz, 1989, livro 1, capítulo 1, seção 24.

24 *Weekly Alabama Journal*, vol. XXX, no. 38, 12/04/1856, p. 1. Sobre o estandarte de que falam os versos, Walter Fleming descreve três carregados pelo grupo de Buford: um trazia a inscrição: “A Supremacia da Raça Branca” e, em seu verso “Kansas, o bastião”. Outro simplesmente “Kansas”, e por fim “Alabama pelo Kansas – Ao norte de 36° 30’. Bíblias – não fuéis.” Este último era uma referência ao fim do Compromisso do Missouri, que estabelecia a existência da escravidão ao sul do paralelo 36° 30’ e à possibilidade de que a escravidão se expandisse para novos territórios. Cf. Fleming, 1900, p. 43.

tor Beecher teria afirmado que, no Kansas, esses fuzis seriam um agente moral mais importante que a Bíblia. Desde então, os fuzis *Sharps* teriam ficado conhecidos como “Bíblias de Beecher”.²⁵ Outra versão afirma que o pastor também teria embarcado carregamentos de fuzis para o Kansas e, nas caixas, teria escrito “Bíblias”²⁶.

Abolicionista convicto, o seu comprometimento com a causa também era partilhado por sua irmã, a escritora Harriet Beecher Stowe, autora de *A cabana do pai Tomás*²⁷, obra de 1852 que teve um impacto considerável no norte sobre a opinião da população em relação à escravidão no sul. O livro resultaria também em um conflito no campo literário por corações e mentes pela escravidão ou contra ela, como veremos mais adiante.

Entre os sulistas, em 27 de novembro de 1855, o jornal *Spirit of the South* publica a proposição do major Jefferson Buford convocando migrantes. Prometia quarenta acres de terra no Kansas, a passagem, além de auxílio por um ano. Afirmava ter gasto 20 mil dólares de seus próprios meios e também pedia contribuições: para cada 50 dólares em doações que fossem recebidos, Buford garantia instalar no Kansas um colono hábil, capaz de votar e de lutar se necessário²⁸. O objetivo de Buford era partir com os migrantes ao Kansas em 20 de fevereiro de 1856.

Posteriormente, Buford muda a data de partida para o início da primavera, já que a navegabilidade dos rios estava comprometida pelo inverno. Reforçava então a necessidade de levar migrantes do sexo masculino, maiores de 18 anos, e deixar no sul suas famílias e escravos²⁹. Ainda que não mencionasse de maneira explícita, Buford não esperava levar ao Kansas um grupo ordinário de migrantes, mas uma espécie de milícia pró-escravista.

25 Cf. Rawley, 2009, pp. 129-130.

26 Cf. Etcheson, 2004, p. 135.

27 Cf. Walther, 2006, p. 183.

28 Cf. *Spirit of the South*, 27/11/1855, p. 2.

29 Cf. *idem*, 22/01/1856, p. 2.

O baluarte a ser defendido diante das ameaças do norte era o Kansas, já que o progresso e a propriedade sulistas estavam em perigo. Mas, além disso, o que estava em risco era, em suas próprias palavras, “(...) a supremacia da raça branca, sobre a qual ricos e pobres têm um interesse comum.”³⁰.

Buscava com esse discurso unificar e universalizar o interesse pelos acontecimentos no Kansas a todos os homens livres do Alabama, cuja missão divina, em seu entender, era a de defender a escravidão. Na concepção de Buford, os filhos rebaixados de Cam possuíam como única escola a escravidão, e somente por meio do contato com uma raça superior poderiam ser elevados. Assim, ainda que em menor número contra seus inimigos no Kansas, os sulistas não deveriam esmorecer diante do desafio de perpetuar a missão a eles confiada por Deus³¹. Buford ainda citou seus gastos com a empreitada: “Essa é uma questão de raças. Se estou louco em arriscar minha propriedade na tentativa – chamem a isso uma tentativa desesperada de transmitir instituições conservadoras a meus filhos!”³².

Buford escreveu um artigo justificando sua expedição ao Kansas como uma organização de migrantes, e não uma companhia militar, já que a presença de armas serviria apenas para obter caça e garantir as leis locais. Argumentou que eram os migrantes do norte que se armavam com revólveres e fuzis *Sharps*, e que sua intenção era a de defender a proclamação do presidente Pierce contra os abusos praticados por pessoas oriundas de outros Estados, que infringiam a lei e intervinham nos assuntos do Kansas por meio do uso da força³³. Mas a essa altura partidários do *solo livre* e escravistas utilizavam a força como meio de atingirem objetivos políticos no Kansas, já que os governadores apontados pelo presidente não conseguiam conter os ânimos de ambos os lados.

30 *Idem*.

31 *Cf. idem*.

32 *Idem*.

33 *Cf. idem*, 26/02/1856, p.2.

Cerca de trezentos homens, em sua maioria jovens, deixaram Montgomery com destino a Mobile no vapor *Messenger*, em 7 de abril de 1856³⁴. A expedição de Buford teria sido a mais numerosa entre os grupos pró-escravistas a se dirigirem ao Kansas. Apesar de ter sido uma iniciativa privada, realizada por políticos influentes no estado, o poder legislativo estadual cogitou arrecadar taxas sobre a propriedade escrava para financiar as expedições ao Kansas³⁵.

Enquanto indivíduos, diversos homens públicos se envolveram com a causa de Buford no Alabama. O *Weekly Alabama Journal* noticiou a composição dos *Kansas Committees*, constituídos por quatro divisões: de contribuições, correspondência, transportes e subsistência, com o objetivo de dar suporte ao grupo. Entre os homens públicos que participaram dos comitês destacam-se as presenças de William Lowndes Yancey, democrata que ocupou cargo de senador federal, e Charles Grandison Gunter, ex-membro da câmara dos representantes estaduais do Alabama, que participou do comitê de contribuições de Buford³⁶.

Após a chegada ao Kansas, a milícia de Buford participou de confrontos contra os migrantes que integravam movimentos contrários aos interesses sulistas. Armados pelo governador Shannon, o grupo de Buford foi inscrito na milícia territorial do Kansas. Seu grupo foi integrado ao comando do *Sheriff* Samuel Jones no ataque à cidade de Lawrence, centro da resistência nortista, que foi praticamente destruída. Depois de algumas escaramuças, o grupo de Buford se dispersou. Porém, até 1858, o Kansas estaria imerso em uma guerrilha, conhecida por “Kansas Sangrento”³⁷, um confronto que refletia antagonismos e dissensões que seriam equacionados apenas com o advento da Guerra Civil Americana.

34 Cf. *Weekly Alabama Journal*, vol. XXX, no. 38, 12/04/1856, p. 4.

35 Cf. Etcheson, 2004, p. 95.

36 Cf. *Weekly Alabama Journal*, vol. XXX, no. 32, 01/03/1856, p. 1.

37 Cf. Fleming, 1900, pp. 38-48.

- Hentz e a batalha literária pela escravidão

*“Um negro livre que reside na baía de St. Andrews reuniu dinheiro suficiente para construir uma casa confortável. (...) Ele procurou muitos cavalheiros, suplicando-lhes que o comprassem, bem como sua família, dizendo-lhes que estava cansado da responsabilidade de sustentá-la.”*³⁸

Caroline Lee Whitman Hentz nasceu em Massachusetts, em primeiro de junho de 1800. Posteriormente, mudou-se com seu marido para Chapel Hill, Carolina do Norte, Covington, no Kentucky, Cincinnati, em Ohio, além de diversas cidades do Alabama, e residiu em Columbus, na Geórgia e Mariana, Flórida, onde faleceu. O marido de Caroline, Nicolas Marcellus Hentz, era professor. As constantes mudanças da família ocorriam em função do exercício de sua profissão.

Enquanto esteve em Cincinnati, Caroline participou do mesmo círculo literário de Harriet Beecher Stowe, irmã do reverendo Henry Ward Beecher. Ambas teriam mantido uma relação de amizade nesse período. Entretanto, no campo político, em que se dividiam pró-escravistas e abolicionistas, as autoras adotaram polos dicotômicos.

Em meados da década de 1850, enquanto Buford enfrentava no Kansas o grupo organizado e armado com rifles *Sharps* por Beecher – as “bíblias de Beecher” –, no plano ideológico, Caroline Lee W. Hentz enfrentava a irmã do reverendo, Harriet.

O romance *A noiva nortista do fazendeiro*³⁹, publicado em 1854, foi uma resposta sulista ao livro de Harriet, *A cabana do pai Tomás*. Tendo sido ela própria uma nortista detentora de escravos no sul – provavelmente alguns escravos domésticos, já que seu marido não era fazendeiro –, a autora buscou retratar a escravidão sem os supos-

38 Hentz, 2009, p. 26.

39 *The planter's northern Bride*. Sem edição em português.

tos preconceitos nortistas contra a instituição. Entretanto, o livro é permeado por ideias idílicas.

O cenário do romance é uma fazenda do sul dos Estados Unidos. A protagonista é Eulalia, uma nortista que havia se casado recentemente com o fazendeiro Russell Moreland, senhor de escravos e produtor de algodão.

O pai de Eulalia era um abolicionista que acreditava na igualdade entre negros e brancos, posição que, de início, era compartilhada por sua filha. Seu marido, por outro lado, afirmava a existência de desigualdades, dizendo que nunca poderia ser igual ante a um negro, mental ou fisicamente. Só admitiria tal igualdade quando a África, como uma nação, se igualasse às outras nações do globo nas artes, ciências, literatura e gênio por suas próprias e inerentes energias⁴⁰.

Essa visão sobre a inferioridade do negro seria acompanhada da responsabilidade do senhor em relação ao seu bem-estar. Quando o narrador descreve os pensamentos de Eulalia, somos levados a acreditar que os senhores tinham por objetivo o bem-estar, conforto e a felicidade dos escravos ao mantê-los em uma fazenda.

E complementa, em referência à relação entre o senhor, Moreland, e seus escravos: “... ela sentiu convicção de que a liberdade, em sua acepção mais ampla, e a educação, com seus privilégios mais elevados, nunca poderiam torná-los iguais a ele.”⁴¹. Nesse momento, o narrador dá a entender que os supostos preconceitos nortistas de Eulalia em relação à escravidão se desmoronam e dão lugar à sua defesa, já que, em seguida, ocorre um diálogo em que a protagonista exalta a sua ternura e afetuosidade⁴².

Ao mesmo tempo, Eulalia contesta se os trabalhadores livres do norte dos Estados Unidos, os proletários londrinos, os trabalhadores das minas de carvão da Grã-Bretanha, os servos russos, as vítimas do despotismo prussiano, austríaco ou francês seriam mais bem tratados que os

40 Cf. Hentz, 2009, p. 3.

41 *Idem*, p. 14.

42 Cf. *idem*, p. 15.

escravos do sul dos Estados Unidos. O trabalhador nortista teria sobre seus ombros as pressões e incertezas do amanhã, enquanto o escravo, ao contrário, não precisaria ter essa preocupação⁴³.

Os argumentos de Caroline em defesa do sistema escravista se assemelham àqueles desenvolvidos por George Fitzhugh, defensor da superioridade da escravidão sobre outras formas de organização social, em especial o capitalismo. Seu livro *Sociologia para o sul, ou o fracasso da sociedade livre*⁴⁴ é uma espécie de Economia Política da escravidão. Publicado em 1854, mesmo ano da publicação de *The planter's northern bride*, período caracterizado por forte acirramento da coesão sulista, o livro faz críticas contundentes e sagazes ao capitalismo, porém sob uma óptica conservadora⁴⁵.

Tanto para Fitzhugh quanto para Caroline a escravidão seria um sistema social harmônico, cujas inquietações, distúrbios e, principalmente, os conflitos, adviriam apenas da interferência externa inescrupulosa. No romance de Caroline, o pastor Brainard, um metodista do norte dos Estados Unidos, representa o preconceito nortista em relação à escravidão, além de ser retratado como um oportunista em seu intento de realizar insurreições escravas.

Moreland concordou em deixar Brainard pregar para seus escravos, que passam a ser organizados pelo pastor. O narrador descreve um clima de tensão nos dias de preparação da revolta, e ressalta que não se ouviam mais os escravos cantando durante o trabalho. O pastor põe então o plano de fuga em prática em um período de ausência do senhor, descrito como o plano de Lúcifer em vestes de anjo, tramando rebelião, derramamento de sangue e ruína⁴⁶.

Avisado por um de seus escravos leais, Moreland descobre a rebelião e decide dar voz de prisão a Brainard, o único momento em que

43 Cf. *idem*, p. 16.

44 *Sociology for the south, or the failure of free society*. Sem tradução para o português.

45 Cf. Fitzhugh, 1854.

46 Cf. Hentz, 2009, pp. 71-77 e 87.

efetivamente se utiliza da força no romance e, ainda assim, o faz para se defender dos golpes desferidos por uma arma branca que o reverendo trazia escondida⁴⁷.

A candura do fazendeiro é exagerada, refletida pela devoção com a qual seus escravos o tratavam, propositadamente omitindo o fato de que a obtenção do produto do trabalho dos escravos é realizada através da coerção física, ou da ameaça de seu uso, sem qualquer obrigação de contrapartida. A exceção entre os dóceis escravos de Moreland seria Vulcan, ferreiro retratado no romance como alguém sem escrúpulos que, depois de atacar seu senhor e fugir da fazenda, é encontrado no norte inventando histórias sobre suas cicatrizes.

A intenção de Caroline com a passagem era a de deslegitimar as narrativas escravas sobre maus tratos, uma das quais Harriet Beecher Stowe utilizou para escrever *A cabana do pai Tomás*⁴⁸.

Ao encontrar seu antigo senhor, Vulcan pede para ser aceito novamente como escravo, ao que seu senhor responde:

*“Eu o perdoo, Vulcan’, ele disse, ‘mas eu não posso ter a confiança em sua fidelidade necessária para a relação que existia entre nós. Eu sempre disse que no momento em que meus escravos se tornassem rebeldes em seus sentimentos contra mim, eles poderiam ir. Eu não desejo trabalho por obrigação. Você tem uma habilidade excelente, e, se for diligente e regrado pode obter uma vida confortável. Se você deseja dinheiro, eu o darei. Venha até mim se estiver com problemas, e eu o aliviarei, mas a relação de senhor e escravo não deve mais existir’.”*⁴⁹

47 Cf. *idem*, pp. 94-104.

48 Stowe se utilizou da narrativa de Josiah Henson sobre o cativo para escrever seu romance. Cf. Henson, 2003.

49 *Idem*, p. 130.

Na mente do senhor personagem do romance de Caroline o tratamento dispensado na fazenda ao escravo deveria vir acompanhado da mais terna gratidão. Sob esse ponto de vista, dificilmente o escravo por si só almejaria a liberdade e romperia a relação senhor-escravo. Nesse mundo idílico, a existência de uma profusão de eufemismos para as mazelas da escravidão torna-se compreensível. Quão absorto não teria ficado Moreland durante e após a guerra com o abandono do paraíso que eram as fazendas sulistas.

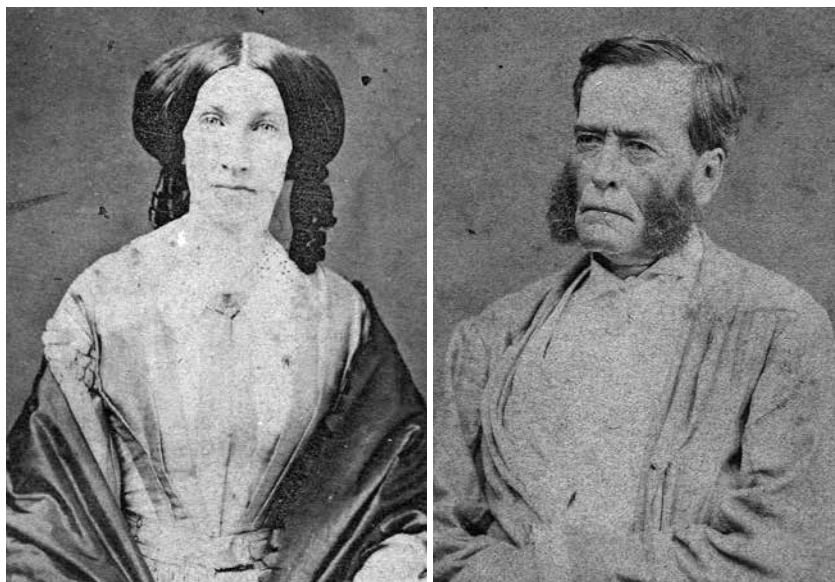
Com a desestruturação do mundo que os senhores criaram após o avanço dos exércitos de Sherman e Grant, a saída mais óbvia para Moreland seria buscar uma terra onde a vida nas *plantations* ainda seria possível. Qual seria a relação entre Caroline Lee Hentz, Jefferson Buford e o movimento de imigração confederada? Ou mesmo entre *Nossa vida no Brasil* e esses dois indivíduos? Esses campeões dos direitos do sul não imigraram ao Brasil. Entretanto seus filhos o fizeram, pois não suportaram viver em uma terra onde prevalecia o domínio ianque e a abolição da escravidão.

Se Jefferson Buford afirmou que a venda de sua propriedade para financiar a milícia pró-escravista no Kansas era uma tentativa desperada de transmitir instituições conservadoras a seus filhos⁵⁰, de fato obteve sucesso. John Ridley Buford não aceitou as circunstâncias do pós Guerra Civil e decidiu imigrar, bem como Julia Louisa Lee Hentz Keyes, autora de *Nossa vida no Brasil* e filha de Caroline Lee Hentz, tendo como destino a lagoa Juparanã, na vila de Linhares, província do Espírito Santo. Além deles, dois dos filhos do mais conservador dos pirófagos, William Lowndes Yancey, Benjamin e Dalton também se estabeleceram às margens do rio Doce.

Charles Grandison Gunter era a ligação entre esses e outros sulistas de elevada posição social. Por meio de suas relações pessoais, ele reuniu os imigrantes, em especial aqueles do Alabama, rumo a uma área onde almejavam novamente possuir terras e escravos.

50 Cf. *Spirit of the South*, 22/01/1856, p. 2.

A colônia Gunter – Linhares, Espírito Santo



O casal Eliza Adams Gunter e Charles Grandison Gunter

Charles Grandison Gunter nasceu em 28 de fevereiro de 1806 no município de Chatham, na Carolina do Norte. Filho de um imigrante alemão, Gunter era advogado e mudou-se para o Alabama em 1833, para uma fazenda a cerca de dezesseis quilômetros de Montgomery⁵¹.

Posteriormente abandonou a advocacia, tornando-se fazendeiro e financista. Além disso, foi membro do legislativo do estado do Alabama, na câmara dos representantes, de 1847 a 1848 e 1849 a 1850, por Montgomery⁵². Era do partido *whig*, e possuidor de grande número de escravos⁵³.

51 Cf. Owen, 1921, pp. 715-716.

52 Cf. Alabama Department of Archives and History - Alabama House of Representatives Roster, p. 115.

53 Cf. Silva, 2011.

Após a guerra, Charles Grandison Gunter assinou um contrato com o governo imperial para obtenção de terras públicas, às margens do rio Doce, na província do Espírito Santo⁵⁴.

Gunter tornou-se o intermediário entre os colonos confederados e o governo brasileiro⁵⁵, que demonstrou grande interesse na imigração por meio do Ministro da Agricultura Manoel Pinto de Souza Dantas⁵⁶. O ministro pediu ao presidente da província do Espírito Santo que expedisse ordens para a construção de barracões para a recepção de imigrantes, um na vila de Linhares e outro na Regência, próximo à foz do rio Doce⁵⁷.

A posição de liderança de Gunter é compreendida pela postura que assumiu em busca de benfeitorias para os colonos, não apenas junto ao governo imperial e provincial, mas à Câmara Municipal de Linhares, para obter concessão de um terreno na vila para a construção das referidas acomodações⁵⁸.

Em 20 de setembro de 1867 foi assinado um contrato para o estabelecimento de Charles Grandison Gunter e outros imigrantes confederados em Linhares. O contrato estabelecia Gunter como o intermediário entre o governo imperial e os demais imigrantes, tornando-o Inspetor Geral de Terras na região⁵⁹.

54 Cf. Arquivo Nacional. Série Agricultura/Terras Públicas, código 8T, seção de guarda Codes. Notação: +IA⁶-33, Minutas de ofícios, 2º semestre de 1867, ofício de 07/11/1867, folha 227.

55 Cf. Arquivo Nacional. Série Agricultura/Terras Públicas, código 8T, seção de guarda Codes. Notação: +IA⁶-34, Minutas de ofícios para as províncias, 1º semestre de 1867, ofício de 21/04/1867, folha 32, e Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo Governadoria – novas séries. Livro 08, circular nº 13 de 27/04/1867, folha 213.

56 Cf. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo Governadoria – novas séries. Livro 08, circular de 14/05/1867, folha 233.

57 Cf. Arquivo Nacional. Série Agricultura/Terras Públicas, código 8T, seção de guarda Codes. Notação: +IA⁶-34, Minutas de ofícios para as províncias, 1º semestre de 1867, ofício de 29/05/1867, folha 38, e *idem*. Notação: +IA⁶-35, Minutas de ofícios para as províncias, 2º semestre de 1867, ofício de 06/08/1867, folha 49.

58 Cf. Núcleo de Gestão de Documentos da Prefeitura Municipal de Colatina, Actas da Câmara Municipal da Villa de Nossa Senhora da Conceição de Linhares, 1857-1875, ata de 08/06/1868, folha 113.

59 Cf. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Fundo Governadoria – novas séries. Livro 08, circulares nºs 58 e 59, de 06/11/1867 e 07/11/1867, folhas 381 a 390.

A decisão sobre quem faria parte da colônia cabia a Gunter, bem como a divisão e área das terras a serem vendidas. Como líder da colônia, valia-se de suas relações pessoais para realizar os convites para seus conterrâneos dos antigos Estados Confederados da América se estabelecerem em Linhares. Por conta disso, há uma menor heterogeneidade em relação à origem social dos imigrantes, comparada a outras colônias confederadas no Brasil⁶⁰. Em sua maioria, os imigrantes confederados do rio Doce eram proprietários de grandes plantéis de escravos nos Estados Unidos.

O governo disponibilizou dois navios a vapor para o transporte dos imigrantes até o rio Doce, o *Juparanã* e o *Diligente*. Cerca de 130 indivíduos são listados como integrantes da colônia, entretanto o cruzamento de dados com outras fontes, em especial o diário de Jenny Rutledge Keyes e o livro de Julia Keyes, *Nossa vida no Brasil*, sugere-nos um número maior⁶¹.

Gunter chegou ao Brasil em 9 de dezembro de 1865⁶² com sua esposa e seus quatro filhos mais novos, o que indicava sua intenção em não retornar aos Estados Unidos. Em geral, os exploradores e líderes de colônias confederadas vieram ao Brasil sem suas famílias, que esperavam trazer apenas diante de maiores garantias em relação ao local onde pretendiam se estabelecer.

Antes de tomar a decisão sobre a localização, visitou o norte da província do Rio de Janeiro, Itabapoana e Campos dos Goytacazes, além da província de São Paulo, em uma visita a Santos, até que, em 19 de julho de 1866, dirigiu-se ao Espírito Santo⁶³.

Em sua primeira carta após sua chegada ao Brasil, endereçada ao filho William Adams Gunter, em 21 de dezembro de 1865, deixou suas primeiras impressões sobre o país, afirmando que todos os membros de sua família sentiam-se:

60 Cf. Silva, 2011.

61 Cf. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Caixa sem número, Série Correspondência Recebida, 1865-1869, pp. 59-64. O manuscrito de Julia Keyes e o diário de sua filha, Jenny, mencionam sobrenomes que não constam nessa listagem de 130 pessoas.

62 Cf. Oliveira, 1981, pp. 9.

63 Cf. *idem*, pp. 13, 14 e 22.

*“... satisfeitos com o país, o clima, as pessoas e o governo, de fato o governo manifestou mais interesse do que esperávamos, não pedimos nada a não ser o privilégio de nos tornarmos súditos do Império – o Ministro da Agricultura disse que faria por nós tanto quanto aos colonos mais favorecidos – e disse que se nós comprássemos terras do governo verificaria se as áreas são boas – e muitos cavalheiros prósperos estão se interessando para que nos estabeleçamos satisfeitos e afirmam que podemos comprar um lugar tão grande e tantos escravos quanto queiramos – ...”*⁶⁴

Esse trecho foi retirado da primeira página da carta de Gunter a seu filho, primeira correspondência enviada aos Estados Unidos após sua chegada ao Brasil. Os objetivos do líder confederado no Brasil envolviam condições que lhe eram muito familiares em sua sociedade de origem.

Um abolicionista de Massachusetts, que dificilmente teria escolhido imigrar ao Brasil, não pensaria em enviar ao filho, logo em suas primeiras impressões positivas sobre o país, a informação de que na nova terra que havia escolhido para se estabelecer poder-se-ia comprar tantos escravos quantos se quisessem, após noticiar a morte de um de seus netos. Destarte, na carta é como se a feliz possibilidade de adquirir escravos fizesse uma contraposição à triste notícia da morte do filho de Peter Gunter⁶⁵. Aqui Charles Grandison Gunter não contraria seus interesses enquanto ex-proprietário de um grande plantel de escravos nos Estados Unidos da América: objetivava estabelecer-se no Brasil em busca da manutenção de sua condição anterior.

Ao continuar a carta, Gunter informava ao filho que havia encontrado o Dr. Gaston, da Carolina do Sul, e que examinaria terras na Bahia, Rio de Janeiro e Espírito Santo, especialmente aquelas localiza-

64 University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de C. G. Gunter a W. A. Gunter de 21/12/1865, p. 1.

65 Cf. *idem*.

das nos vales dos rios São Francisco, Paraíba do Sul e Doce, respectivamente, e então adquiriria entre 50 a 100 escravos. A viagem seria feita gratuitamente, a expensas do governo brasileiro⁶⁶. Revela o desejo de procurar terras para estabelecer-se, mas não emite nenhuma intenção quanto ao estabelecimento de uma colônia.

Gunter incentivou o filho a vir ao Brasil, e mencionou como única dificuldade em sua nova pátria a língua. Enfatizou em particular que viveriam uma vida confortável no país, onde seriam ricos com a quantia que havia trazido ao Império, dois mil dólares e três mil libras esterlinas. Descreveu ainda como grandiosa a beleza da paisagem do Rio de Janeiro, cercado por montanhas como o Corcovado e o Pão de Açúcar⁶⁷.

Em uma segunda carta ao filho, Gunter passa a demonstrar interesse pela região de Linhares, afirmando ter encontrado ali terras férteis. Noticiava que Peter Gunter, seu filho, comprou 40 escravos por US\$ 12.500, metade à vista e metade à prazo, e esperava obter entre 5 a 6 milhões de acres em terras públicas do governo, tão boas quanto as de Marengo, no “Cinturão Negro” do Alabama. Descreveu-as como perfeitas para a produção de algodão, e seriam equivalentes às terras cubanas quanto à produção de tabaco, e a de açúcar seria tão boa quanto a de qualquer outro vale do globo⁶⁸.

A decisão de atrair outros imigrantes transparecia a partir de então, já que pedia ao filho que enviasse uma carta a qualquer branco trabalhador, pois todas as habilidades seriam requeridas e bem remuneradas. Dizia ainda que na próxima carta mencionaria ao filho os motivos pelos quais ele preferia o Espírito Santo, em particular Linhares, frente a outras regiões do Império⁶⁹.

66 Cf. *idem*, p. 2.

67 Cf. *idem*, pp. 2-4

68 Cf. *idem*, carta de C. G. Gunter a W. A. Gunter de 23/08/1866, pp. 1-2. Em carta de 25/09/1866 a Brown, Gunter afirmou que a data dessa carta estava errada, o correto seria 23/09/1866.

69 Cf. *idem*, p. 4.

Há uma aparente contradição entre as primeiras correspondências de Gunter, que mencionam detalhes sobre a escravidão no Brasil, os preços dos escravos e os plantéis, e as posteriores, que buscam atrair homens livres sem propriedade. Entretanto, aqui há que se fazer uma distinção entre o papel de Gunter enquanto fazendeiro e senhor de escravos e aquele enquanto líder de uma colônia.

O imigrante confederado referia-se a trabalhadores de diversas profissões especializadas, como artífices e profissionais liberais, na medida em que tencionava trazê-los para suprir as necessidades da colônia que a partir de então intentava estabelecer, não para alocá-los dentro de seu interesse individual como mão de obra nos seus campos de algodão, tabaco ou cana-de-açúcar. Posição essa que não seria aceita por trabalhadores brancos dos Estados Unidos que imigrassem ao Brasil, como de fato nenhum aceitou, a não ser para trabalhar em suas próprias terras com a utilização da mão de obra familiar, situação que se constitui antes em exceção, não a norma⁷⁰.

Enquanto portador do papel de líder de uma colônia de seus conterrâneos no Brasil, seu interesse em atrair trabalhadores livres dos Estados Unidos nesse segundo momento ia além daquele mais restrito, ou seja, empregá-los em sua própria fazenda. Como agente do governo imperial, sua função era criar uma pequena comunidade confederada. No futuro, vislumbrava uma concentração suficiente de imigrantes para que pudesse florescer um pequeno núcleo urbano próximo a Linhares.

Em geral, tenderam a permanecer na região após o rompimento da colônia aqueles que possuíam laços econômicos com o circuito mercantil-escravista, caso da própria família Gunter, ou laços matrimoniais com a elite local, nesse caso, os Adnet e Moussier com a tradicional família Calmon de Linhares.

Ao findar a carta endereçada ao seu filho, Gunter fez novamente referências à possibilidade de fazer fortuna no Brasil, onde, de acordo com ele, seriam necessários menos recursos para se tornar um homem rico do

70 Cf. Silva, 2011.

que nos Estados Unidos⁷¹. Pelo seu tom e pelos bens cujos preços apresentou, a referência de riqueza de Gunter significava basicamente terras, bem como a quantidade de escravos que se poderia comprar no Brasil por meio dos dólares e libras esterlinas dos quais dispunha, em relação ao que faria nos Estados Unidos antes da desarticulação da velha economia sulista⁷².

Gunter buscou comprar grandes plantéis de escravos no Brasil. Inicialmente intentava adquiri-los de uma ordem religiosa de Vitória, mas os padres não puderam vendê-los e Gunter alugou-os por vinte anos⁷³. O prazo extremamente longo demonstra a intenção de Gunter em fixar-se permanentemente no Brasil.

Mas não eram apenas escravos para o trabalho da lavoura, como os alugados da ordem religiosa em Vitória, que os Gunter procuravam. Em uma carta escrita no mesmo dia, também endereçada a Thomas, Anna Gunter aludiu à compra de uma escrava, já que seu pai Charles estava cansado de a cozinheira ser trocada praticamente todo o dia. Gunter comprou a escrava, que possuía entre 24 e 25 anos, bem como seu filho de seis anos. Era ótima cozinheira, limpava a casa e lavava as roupas da família, já que também estavam cansados de entregar as roupas a “lavadeiras preguiçosas”, cuja forma de trabalhar era alvo da curiosidade de Anna⁷⁴.

Diante da decisão de estabelecer-se em uma área ampla no Espírito Santo, Charles G. Gunter reforçou sua intenção de trazer seus amigos para o Brasil. Disse poder distribuir entre 4 a 5 milhões de acres de terras àqueles interessados em se estabelecer no vale do rio Doce. Comentou ainda, como na carta de 24 de agosto a seu filho William, que seu filho Peter havia adqui-

71 Cf. University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de C. G. Gunter a W. A. Gunter de 23/08/1866, pp. 5-6.

72 Ulrich Bonnell Phillips apresentou preços significativamente maiores para os escravos utilizados nas *plantations* dos Estados Unidos em 1860, variando entre cerca de US\$ 1.200 na Virgínia e US\$ 1.800 no mercado da Geórgia e da Louisiana. Os preços praticados no Brasil eram correspondentes à metade dos apresentados acima, de acordo com Gunter. Cf. Phillips, 1963, p. 177.

73 Cf. University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de Harris Gunter a Thomas Gunter de 14/09/1866, pp. 2-3.

74 Cf. *idem*, carta de Anna Gunter a Thomas Gunter de 14/09/1866, p. 2.

rido 40 escravos, e que poderia oferecer trabalho como feitor de escravos ou administrador de fazendas a muitos imigrantes confederados⁷⁵.

Aqui a aparente contradição entre a busca por plantéis de cativos e a atração de pessoas livres vindas dos Estados Unidos é esclarecida. O líder confederado não desejava trabalhadores assalariados para trabalharem diretamente no cultivo, ou mesmo colonos que cultivassem pequenas propriedades. Buscava jovens trabalhadores do Alabama, que nunca se tornariam ricos lavrando a terra com as próprias mãos no Brasil, para realizarem um trabalho indispensável em uma fazenda escravista: repressão, vigilância e supervisão do trabalho compulsório, atividade subsidiária, porém imprescindível ao funcionamento de *plantations* escravistas, aqui ou nos Estados Unidos.

Após tentativa de comprar escravos em Vitória, onde os teria alugado, Gunter obteve posse de um plantel de cativos pertencentes anteriormente a uma ordem de religiosos carmelitas em São Paulo. Comprou os escravos sem nunca tê-los visto e pagou US\$ 5.500, ou metade de seu preço de mercado, antes de obter sua posse. Harris deu detalhes sobre os motivos da venda por baixos preços, já que há muito tempo atrás o feitor teria sido assassinado, o que teria reduzido o valor do plantel. Charles Grandison Gunter foi a São Paulo pessoalmente buscar os 38 escravos com destino a Linhares⁷⁶.

Harris e Peter Gunter desejavam que seu pai tivesse escolhido as terras do interior de São Paulo para estabelecer a colônia, mas Harris afirmou em sua carta que seu pai saberia o melhor depois de ter observado tais terras e as localizadas no rio Doce. De acordo com ele, essa região possuía má reputação entre os brasileiros, em função de sua insalubridade, mas em sua opinião os próprios brasileiros desconheciam seu país, e poderiam estar errados⁷⁷. Entretanto, como os leitores pode-

75 Cf. *idem*, carta de Charles Grandison Gunter a Brown de 25/09/1866, pp. 1-2.

76 Cf. University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de Harris Gunter ao irmão de 06/11/1866, pp. 1-2.

77 Cf. *idem*, p. 2.

rão verificar através do livro de Julia Keyes, os brasileiros não estavam completamente enganados. O Imperador Dom Pedro II em pessoa teria alertado Charles Grandison Gunter de que o local escolhido para o estabelecimento da colônia não era salubre⁷⁸.

A decisão pelas áreas próximas ao rio Doce não perpassava apenas avaliações quanto à salubridade, mas principalmente, questões econômicas. As preocupações de um dos seus compatriotas, um sulista de sobrenome McEachin, envolviam a possibilidade de que as terras fossem inviáveis para o cultivo do algodão⁷⁹, principal produto da *plantation* escravista sulista antes da Guerra Civil americana, que os confederados desejavam voltar a cultivar no Brasil.

Após a assinatura do contrato com o governo, Charles dizia estar autorizado a vender terras a US\$ 0,22 por acre na área próxima a Linhares e a adiantar a passagem, que deveria ser paga pelos imigrantes confederados em até cinco anos. Dizia estar muito velho para tocar uma fazenda, e ambicionava empregar jovens sulistas como administradores e feitores. Também possuía intenção de administrar uma serraria, pois havia comprado um motor portátil e demais acessórios, calculando o custo total entre US\$ 2.000 e US\$ 2.500. Por se tratar uma área de mata nativa, decidiu aproveitar a madeira, que, do contrário, seria inutilizada após a abertura da mata para o estabelecimento das plantações. Há indícios de que Gunter levou adiante a empreitada, pois, posteriormente, o governo imperial decidiu proibir a exploração de Jacarandá no vale do rio Doce, realizada de maneira indiscriminada. Algumas fontes referem-se a uma possível associação entre Gunter e a família Calmon, que estava transportando as toras da valiosa madeira até o Rio de Janeiro, indicando uma forte convergência de interesses entre a elite local e os imigrantes⁸⁰.

78 Cf. *idem*.

79 Cf. *idem*, carta de P. H. McEachin a William Adams Gunter de 23/11/1866, p. 3.

80 Cf. *idem*, carta de Harris Gunter ao irmão William Adams Gunter, de 23/12/1866, p. 2 e Arquivo Nacional. Fundo Agricultura, código DB, seção de guarda: Codes. Notação: número de ordem 14, Dep. 311, caixa 36. Período: 1864 a 1910, ofício do presidente da província do Espírito Santo, Francisco Ferreira Correa, ao ministro da agricultura, 19/04/1870.

Seu filho, Peter Gunter, ambicionava ser fazendeiro nessa mesma região, e Charles também buscou incentivar William a se estabelecer no rio Doce, onde dizia haver espaço para algo em torno de vinte a trinta mil famílias. Concluía pedindo ao filho que deixasse o sul, pois “... *não há sentido em permanecer em um celeiro depois que o fogo se inicia...*”⁸¹.

No *post scriptum*, o otimismo de Charles contrastava-se com as dúvidas de Harris quanto ao rio Doce — de acordo com ele, um local de difícil acesso por causa dos bancos de areia em sua foz, bloqueando o acesso a veleiros, além de não existir quaisquer incentivos para que os navios a vapor de pequeno porte fizessem o trajeto. No entanto, acreditava que, se a colônia prosperasse, o governo subsidiaria um navio a vapor para realizar o transporte regular⁸², o que, de fato, nunca aconteceu.

Antes de se estabelecerem em Linhares, enquanto aguardavam no Rio de Janeiro, Harris presenciou em 19 de dezembro de 1866⁸³ a chegada de nova-iorquinos enviados por Quintino Bocaiúva no vapor *South America*, que se estabeleceram na colônia estatal Príncipe Dom Pedro⁸⁴. Manifestou seu profundo apreço por seus conterrâneos nortistas:

*“O ultimo Vapor revelou uma adição excepcional à sociedade Americana, oito Sulistas e 220 ladrões Ianques reunidos e trazidos pelo Pacote da Companhia com a passagem paga por este Governo. O próximo trará mais 400. Eu não acredito em incentivo governamental à imigração.”*⁸⁵.

81 University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de Harris Gunter ao irmão William Adams Gunter, de 23/12/1866, p. 2.

82 Cf. *idem*, pp. 2 -3.

83 Cf. Oliveira, 1981, p. 28.

84 Cf. Silva, 2011. Trabalho esse em que apresentamos referências sobre a presença da imigração ianque estimulada pelo governo brasileiro na colônia Santa Leopoldina, Espírito Santo.

85 University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de Harris Gunter ao irmão William Adams Gunter, de 23/12/1866, pp. 2-3.

Ao realizar a contraposição entre os sulistas que imigraram espontaneamente e os “ladrões ianques” trazidos pela companhia que realizava o trajeto entre Nova Iorque e o Rio de Janeiro, Harris entendia que os sulistas, insatisfeitos com a situação do pós-guerra, não necessitavam de incentivos para deixar os Estados Unidos, enquanto os ianques só o fariam por meio de estímulos governamentais. Os sulistas não o necessitavam porque o Brasil era um dos últimos países da América que lhes ofereciam incentivos mais que suficientes para uma imigração espontânea com a existência da escravidão.

É plausível que os antigos senhores do sul dos Estados Unidos quisessem vir ao Brasil para restaurar sua condição prévia à Guerra Civil, como de fato vieram. Mas não tão óbvia é a posição de um profissional liberal cuja vida nos Estados Unidos não dependia da escravidão, mas do seu próprio trabalho, posição esta ocupada por John Washington Keyes.

Entretanto, o manuscrito *Nossa vida no Brasil* revela-nos que suas aspirações estavam vinculadas justamente à escala de valores de uma sociedade escravista, como veremos adiante.

A vida dos Keyes no Brasil

Julia Louisa Hentz Keyes era filha da romancista Caroline Lee Hentz, casada com John Washington Keyes, dentista e combatente veterano da Guerra Civil pelos Estados Confederados da América. Julia e seu marido seguiram para o Brasil após o término do conflito que cindiu os Estados Unidos da América entre 1861 e 1865. Instalaram-se em Linhares, no Espírito Santo, onde permaneceram por cerca de um ano, entre junho de 1867 e maio de 1868 e, posteriormente, no Rio de Janeiro, de onde retornaram aos Estados Unidos em 1870.

Os Keyes possuíam relações com a família Gunter, que, por meio de seu patriarca, Charles Grandison Gunter, havia decidido estabelecer-se na região da então vila de Nossa Senhora da Conceição de Linhares. John Washington Keyes era um pequeno proprietário, possuía apenas

dois escravos domésticos nos anos imediatamente anteriores à guerra. Entretanto, as vinculações ideológicas de sua família estavam profundamente marcadas pelo ideal escravista sulista, e a decisão de imigrar ao Brasil foi um reflexo de suas aspirações.

O manuscrito inédito de 1874, *Nossa vida no Brasil*, de mais de duzentas páginas, traz as impressões de Julia Keyes sobre o período em que sua família esteve no Brasil logo após a Guerra Civil dos Estados Unidos. Trata-se de uma das principais fontes para o estudo da imigração confederada para o Brasil, bem como obra de importância ímpar como fonte descritiva da província do Espírito Santo, em especial da região de Linhares, do século XIX.

A autora fez diversas observações sobre a beleza inigualável da região. Acostumada às amenidades de Montgomery, no Alabama, Julia Keyes demonstrou fascinação pela área selvagem do norte da Província do Espírito Santo. No local, havia uma profusão de aves de diversas cores, que eram domesticadas e, em pouco tempo, estavam sobre os ombros das crianças, como periquitos, araras e papagaios⁸⁶. Seus filhos também se encantaram pelos saguis de estimação de alguns brasileiros⁸⁷.

Além de observações sobre a fauna e a flora locais, Julia Louisa Hentz Keyes registrou alguns aspectos interessantes sobre as relações sociais no Brasil, enfatizando seu estranhamento em torno das diferenças em relação às existentes nos Estados Unidos. Talvez o mais surpreendente seja aquele que os imigrantes experimentaram sob o ponto de vista da desigualdade de gêneros.

Uma das mais expressivas distâncias culturais mencionadas por Julia é a posição da mulher na sociedade brasileira frente àquela que ocupava na sociedade sulista. O estranhamento da autora é muito semelhante ao que hoje realizamos frente às sociedades muçulmanas fundamentalistas.

86 Cf. Keyes, *Nossa vida no Brasil*, pp. 55-56.

87 Cf. *idem*, p. 67.

Saltava-lhe aos olhos a existência de uma profunda desigualdade entre os sexos no Brasil, já que às mulheres nem ao menos era permitido que deixassem suas casas desacompanhadas, o que as americanas faziam sempre que lhes era conveniente⁸⁸. No Rio de Janeiro, as mulheres nunca saíam sozinhas para fazer compras, e tinham a escolta constante de cavalheiros⁸⁹. Em Linhares, as mulheres nunca saíam de casa sem uma escrava por perto, nem mesmo para visitar um vizinho próximo⁹⁰.

Outra desigualdade patente entre gêneros que Julia fez questão de frisar em seu livro foi a inexistência de escolas para instrução das meninas na vila de Linhares. Inexistia qualquer instituição educacional para as garotas, mas teria sido a chegada dos americanos à vila que despertou nos brasileiros o desejo de realizar mudanças. Na visão de Julia, a posição das brasileiras era inferior à de “... seus senhores e mestres, e nós presumimos que elas estavam satisfeitas em se contentar com o destino a elas reservado.”⁹¹.

O destino reservado às brasileiras, de acordo com Julia, não seria circunscrito à privação do acesso à educação, mas haveria também um desequilíbrio no esforço realizado por homens e mulheres nas tarefas do dia a dia. Enquanto os homens fumavam cigarro na frente de suas casas, as mulheres traziam água em talhas de barro sobre suas cabeças sem contestar seus maridos⁹².

O próprio líder da colônia é mencionado pela historiografia norte-americana como um dos pioneiros no que tange aos direitos femininos no sul dos Estados Unidos, o que nos sugere uma distância ainda maior entre a posição das mulheres da colônia confederada e as brasileiras. Charles Grandison Gunter foi autor de um projeto de lei na assembleia estadual do Alabama, a chamada “lei Gunter”, que reduzia os direitos

88 Cf. *idem*, p. 55.

89 Cf. *idem*, p. 25.

90 Cf. *idem*, p. 52.

91 Cf. *idem*, p. 55.

92 Cf. *idem*, p. 66.

do marido sobre a propriedade herdada pela esposa⁹³. A lei é considerada um dos marcos do movimento pelos direitos das mulheres no Estado.

Outro episódio marcante, que causou choque aos Keyes, concerne à dificuldade de contratação de uma lavadeira. Julia acreditou que contrataria facilmente alguém para realizar serviços domésticos, especialmente para lavar roupas, já que observou em Linhares muitos negros livres, e diversas lavadeiras ao longo das margens do rio. Mas não conseguia contratar uma empregada por mês, ou mesmo por dia. Julia Keyes e suas filhas tiveram que lavar suas próprias roupas⁹⁴. A interpretação de Julia sobre a dificuldade de se contratar uma empregada doméstica, posteriormente elucidada por meio do contato com os brasileiros, não sem espanto, é reveladora: as pessoas viam como um descenso em sua posição social trabalhar para os americanos, que, por outro lado, observavam a posição social pela cor da pele.

Sob o olhar de um norte-americano, um mulato ou pardo era considerado negro. Enxergavam de maneira dicotômica, daí a dificuldade em observar quem eram as senhoras e quem eram as escravas, enquanto os brasileiros observavam maior variedade de tons de pele, em função da ampla miscigenação. Os norte-americanos procuravam interpretar a sociedade brasileira apenas pela cor da pele, utilizando o critério de estratificação da sociedade sulista dos Estados Unidos, o que os impedia de compreenderem os motivos pelos quais os negros livres se negavam a trabalhar para eles, os brancos⁹⁵.

Ao mencionar o trabalho doméstico executado com suas próprias mãos, Julia dá sinais de que esse não era seu costume nos Estados Unidos. O sentimento de vergonha demonstrado pelas filhas de Julia nas margens do rio Doce enquanto lavavam roupas confirma que aquela era

93 Cf. Alabama Department of Archives and History. Journal of the House of Representatives at the annual session of the General Assembly of the State of Alabama. Microfilme M 367-3, p. 60, 13/12/1847.

94 Cf. Keyes, *Nossa vida no Brasil*, p. 58.

95 Para o debate sobre as diferenças no que tange à miscigenação e às atitudes frente aos mulatos no Brasil e nos Estados Unidos, cf. Degler, 1986, p. 102.

uma situação nova para a família. Sentiam-se ridículas ao imaginarem como as garotas nos Estados Unidos ririam por vê-las na margem do rio, bem como em relação aos próprios membros da colônia⁹⁶.

Por ser à época uma área pouco povoada e distante da fronteira agrícola da lavoura comercial do café no Espírito Santo, localizada nesse período ao sul da província, havia dificuldades na obtenção de transporte e de mão de obra. A presença indígena na região e, principalmente, o temor que causavam na população, é um indicativo desse relativo isolamento.

Julia descreveu a chegada de um grupo de índios a Linhares⁹⁷. Enfatizou que eram seres completamente desprovidos de vestuário, usando apenas uma faca presa ao pescoço por uma corda, suas cabeças perfeitamente carecas, a pele da cor de um camundongo jovem, seus corpos grandes e os membros pequenos. “*As coisas mais feias que se pode imaginar*”⁹⁸.

Todos se trancaram em suas residências, inclusive os imigrantes, que estavam morando em casas pertencentes a brasileiros, provisoriamente. O marido de Julia, John Washington Keyes, não estava em casa, e o medo havia tomado sua esposa e filhos. Descreveu-os como “selvagens bêbados”, e seu líder como alguém de “raça mais elevada”, já que não tinha as mesmas características físicas dos índios e falava português⁹⁹.

Mas havia um grupo de brasileiros com quem os imigrantes possuía certa identificação. Os confederados eram muito próximos dos brasileiros influentes de Linhares, em especial a família Calmon, uma das mais ricas da região.

Foram realizadas festas e bailes, em um primeiro momento na casa dos Keyes, que era de propriedade do senhor Joaquim Calmon.

96 Cf. Keyes, *Nossa vida no Brasil*, p. 169.

97 O Imperador Dom Pedro II, em visita à vila de Linhares, menciona a existência de índios Botocudos na região. Cf. Rocha, 2008, pp. 183-205.

98 Keyes, *Nossa vida no Brasil*, p. 59.

99 Cf. *idem*, pp. 59-60.

Participaram alguns dos brasileiros mais influentes e, dias depois, foram os Calmon quem receberam grande número de confederados em sua ampla residência¹⁰⁰.

O período de permanência na vila de Linhares seria curto, já que os imigrantes intentavam criar uma comunidade e, com o tempo, um núcleo urbano próximo à lagoa Juparanã. Alguns, como Gunter e McIntyre, possuíam casa na vila e terras próximas aos Keyes¹⁰¹.

É a partir da mudança para as margens da lagoa Juparanã que o manuscrito de Julia narra uma série de dificuldades pelas quais passou sua família, em especial quanto à adaptação a uma vida em meio à mata selvagem, com pouco acesso aos confortos que os Keyes certamente possuíam em Montgomery.

A angústia de morar em uma casa improvisada, que antes servia como galinheiro, as enormes goteiras no teto, o incômodo dos insetos e a ansiedade em relação ao possível término de uma casa mais confortável é contrastada com a grandiosa descrição da paisagem, de ares paradisíacos e edênicos. Sentiam-se em privação e, ao mesmo tempo, maravilhavam-se com a capacidade dos brasileiros viverem sem qualquer conforto em suas casas¹⁰².

A beleza da floresta também foi enfatizada no capítulo intitulado “A assembleia dos macacos”, no qual Julia descreveu o que chamou de “pesadelo Darwiniano”. Certo dia admirava a bela floresta com suas inúmeras espécies de aves emplumadas em lindas cores e diversos macacos que emitiam sons na mata. Sonhou que os macacos conversavam entre si sobre uma de suas belas damas que havia sido cozida e devorada após ter sido abatida pelas armas dos americanos. Discutiam uma possibilidade de paz desde que Julia lhes entregasse um de seus próprios filhos¹⁰³.

100 Cf. *idem*, pp. 61-65.

101 Cf. *idem*, pp. 70 e 90.

102 Cf. *idem*, pp. 80 e 95.

103 Cf. *idem*, pp. 118-120.

De fato, os Keyes caçaram macacos para alimentarem-se durante o período em que estiveram na lagoa Juparanã, além de outros animais, como patos selvagens e papagaios, que aparentemente existiam em profusão na área. Julia demonstrou arrependimento em se alimentar dos primatas, com a sensação de ter praticado canibalismo¹⁰⁴.

A vida nos ermos levou-os a praticar a caça para obterem a subsistência, bem como a realizar trabalhos manuais. Por diversas vezes, Julia enfatizou a novidade do trabalho manual, que descreveu como prazeroso dentro daquelas circunstâncias, como o preparo de folhas de palmeira para a cobertura da cozinha de sua nova casa. Entre aqueles que não possuíam escravos no Brasil, como os Keyes, o desbastamento da floresta tropical para a formação de novas áreas de cultivo por estudantes e profissionais liberais desacostumados com o trabalho ao ar livre era um dos principais desafios¹⁰⁵.

Os Keyes possuíam poucos recursos para adquirirem escravos para o trabalho da lavoura no Brasil. Detentores de pouca propriedade mesmo no Alabama, a posição da família Keyes era singular em face ao restante da colônia, em especial seus membros mais abastados, como os Gunter, que adquiriram ao menos 78 escravos, além do capitão Johnson, James A. Roussell e Lange, confederados que possuíam escravos em Linhares¹⁰⁶.

Uma das filhas de Julia demonstrou enfado pelas condições da família na lagoa Juparanã, em especial por ter que lavar roupas, algo que demonstrava não lhe ser familiar nos Estados Unidos. Sua felicidade dependia da nova casa que estava sendo erguida pelos brasileiros, de as árvores frutificarem, de o jardim florescer e de uma escrava para realizar os serviços domésticos¹⁰⁷.

104 Cf. *idem*.

105 Cf. *idem*, p. 98.

106 A despeito da relativa pobreza em comparação à posição de seus conterrâneos que imigraram, os Keyes detinham a mesma propriedade que o cidadão nortista médio. Cf. Wright, 1978, p. 35.

107 Cf. Keyes, *Nossa vida no Brasil*, p. 115.

No cenário romântico imaginado por Jenny Keyes, as magnólias floresciam enquanto os escravos domésticos tratavam-na por *missus* Keyes. O tom do manuscrito é de uma experiência permeada por agruras, privações e dissabores, em grande medida envolvendo situações nas quais a inexistência de um escravo doméstico parece ser um enorme óbice a uma vida digna.

Quando Jenny e outros membros da família contraíram febre amarela no início de 1868, o capitão Johnson ofereceu ajuda aos Keyes. Enviaria uma escrava dentre aqueles que havia comprado do Rio de Janeiro, para realizar os serviços domésticos. Na visão de Jenny, as escravas realizavam qualquer trabalho, e a que o capitão Johnson enviou tinham-nas aliviado, na medida em que a doença não permitia a realização das tarefas domésticas, o que fez com que se sentissem extremamente gratos¹⁰⁸.

Em maio de 1868, a família Keyes deixava a lagoa Juparanã, logo depois que um dos filhos do casal, George Keyes, adoeceu. Partiram rumo ao Rio de Janeiro, onde permaneceriam até retornar aos Estados Unidos, em 1870. Entre as famílias que deixaram o local nesse período estavam os McIntyre, os Miller, o senhor Davis, além do Dr. Johnson, o capitão Johnson, e outros¹⁰⁹.

O período em que o governo provincial do Espírito Santo tomava providências para tentar mitigar o sofrimento da população de Linhares acometida pela febre amarela coincidia com aquele do capítulo *Rompendo a colônia*. Desagregava-se assim a colônia confederada de Charles Grandison Gunter e, a despeito dos esforços de Charles Nathan em trazer mais imigrantes para a área, apenas algumas famílias e homens solteiros permaneceram.

108 Cf. *idem*, p. 140 e Alabama Department of Archives and History. Jenny Ruthledge Keyes diary, 1867-1870, SPR87, entrada de março de 1868.

109 Cf. Keyes, *Nossa vida no Brasil*, pp. 165-167.

As aspirações de ascensão social dos Keyes

Os Keyes eram um dos poucos membros da colônia Gunter que não possuíam um plantel significativo de escravos nos anos imediatamente anteriores à guerra. A exceção, no entanto, não contraria a ideia de que os confederados buscavam reproduzir o velho sul escravista no Brasil, mas, ao contrário, reafirma-a: seu sonho era tornar-se um fazendeiro no Brasil, assim como seus conterrâneos moradores de Linhares o eram, nos Estados Unidos, antes do final da guerra.

Em carta ao seu irmão, residente nos Estados Unidos, datada de 18 de junho de 1868, John Washington Keyes descreveu sua situação no Rio de Janeiro. Havia deixado Linhares com sua família e se estabeleceu em uma pequena ilha que adquiriu na baía da Guanabara, antiga propriedade do general confederado Alexander Travis Hawthorne, chamada *Dixie*. Era uma referência ao que era considerado o hino nacional dos Estados Confederados da América “*I wish I was in Dixie*”¹¹⁰.

Em suas cartas aos seus conterrâneos, Keyes explicita seu desejo de abandonar a prática da odontologia. Por mais rentosa que fosse, entendia-a como algo temporário, pois seus planos mais ambiciosos envolviam tornar-se um fazendeiro. Desse modo, buscava obter uma fonte de renda baseada na reprodução do mesmo padrão observado entre os imigrantes confederados nos Estados Unidos e no Brasil: obter terras e escravos¹¹¹.

Aqui ressaltamos um mecanismo analisado por Florestan Fernandes a respeito da ordem social escravocrata brasileira, na qual “... a escravidão irradiou-se por toda a ordem estamental: todos os estamentos, dos nobres e dos homens bons aos oficiais mecânicos viam nos escravos ‘os seus pés e as suas mãos’. (...) Os que não são nem escravos nem libertos adotam,

110 A palavra *Dixie* muitas vezes é utilizada como referência ao sul dos Estados Unidos, a terra de *Dixie*, o que correspondeu em certa medida aos Estados Confederados da América.

111 Cf. *idem*, pp. 193, 195.

de uma forma ou e outra, a ótica senhorial."¹¹². Há um mecanismo análogo entre os imigrantes sulistas, para os quais também vigia a lógica apontada por Florestan, qual seja: em uma sociedade escravista, todos os não escravos são virtualmente senhores. Destarte, a postura dos Keyes nada tem de irracional se analisada sob o cenário do sistema escravista sulista.

Diante da soma elevada de recursos investidos em terras e escravos possuídos por seus pares, não seria desarrazoado afirmar que, enquanto Keyes veio ao Brasil para buscar dar continuidade às suas possibilidades de ascensão social no âmbito de uma sociedade escravista, seus vizinhos tencionavam retornar à posição que possuíam antes do término da Guerra Civil Americana. A escala de valores, prestígio e aspirações de ascensão social do grupo de imigrantes confederados estavam permeadas pelo *habitus* escravista, fossem eles pequenos, médios ou grandes proprietários.

Sob esse contexto, tornam-se mais claros os motivos de ansiedade e angústia de Jenny, Julia, John e o restante da família Keyes em meio à Mata Atlântica. A privação, a ausência de conforto e a insatisfação possuem uma relação muito íntima com a sua sociedade de origem, enquanto referência daquilo que se constitui uma vida digna. Mas deixemos agora que o leitor possa percorrer a trajetória dos Keyes no Brasil.

Célio Antônio Alcântara Silva

Historiador

112 Fernandes, 1976, p. 36.

Referências

CLAUSEWITZ, K. von. *On war*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

DAWSEY, C. B. & DAWSEY, J. M. *The confederados: old south immigrants in Brazil*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1998.

DEGLER, C. N. *Neither black nor white: slavery and race relations in Brazil and the United States*. Madison: University of Wisconsin Press, 1986.

ETCHESON, N. *Bleeding Kansas: contested liberty in the Civil War era*. Lawrence: University Press of Kansas, 2004.

FERNANDES, F. *Circuito fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo: Hucitec, 1976.

FITZHUGH, G. *Sociology for the south, or the failure of free society*. Richmond: A. Morris Publisher, 1854.

FLEMING, W. L. The Buford expedition to Kansas. In: *The American Historical Review*. Vol. 6, nº 1, out. 1900.

GRAY, D. S. “Frontier journalism: newspapers in antebellum Alabama”. In: *The Alabama Historical Quarterly*. Vol. 37, nº 3, outono 1975, pp. 183-191.

HENSON, J. *Autobiography of Josiah Henson: an inspiration of Harriet Becher Stowe’s Uncle Tom*. Reading: Addison-Wesley Pub. Co., 1969.

HENTZ, C. L. W. *The planter’s northern bride*. LaVergne: General Books, 2009.

HILL, L. “The confederate exodus to Latin America”. In: *Southeastern Historical Quarterly Online*. Vol. 39, nº 2, 1936.

HOBSBAWM, E. J. *A era do capital: 1848-1875*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

JARNAGIN, L. *A confluence of transatlantic networks: elites, capitalism and confederate immigration to Brazil*. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 2008.

JONES, J. M. *Soldado descansa! Uma epopéia norte-americana sob os céus do Brasil*. São Paulo: Fraternidade Descendência Americana, 1998.

MARX, K. & ENGELS, F. *La guerra civil en los Estados Unidos*. Buenos Aires: Lautaro, 1946.

MORRIS, R. B. *Documentos básicos da História dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

OLIVEIRA, B. A. de. *Movimento de passageiros norte-americanos no porto do Rio de Janeiro, 1865 – 1890*. Rio de Janeiro: edição da autora, 1981.

OWEN, T. M. *History of Alabama and dictionary of Alabama biography*. Chicago: S. J. Clarke Publishing Company, 1921.

PHILLIPS, U. B. *Life and labor in the old south*. Boston: Little, Brown and Company, 1963.

RAWLEY, J. A. *Race and politics: “Bleeding Kansas” and the coming of the Civil War*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2009.

RESCHER, N. *Niagara-on-the-lake as a confederate refuge*. Fox Chapel: NAP Publications, 2003.

ROCHA, L. *Viagem de Pedro II ao Espírito Santo*. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

SIMMONS JR., D. C. *Confederate settlements in British Honduras*. Jefferson: McFarland & Company, 2001.

SILVA, C. A. A. *Capitalismo e escravidão: a imigração confederada para o Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas: IE-UNICAMP, 2011.

THORNTON III, J. M. *Politics and power in a slave society: Alabama, 1800-1860*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1981.

WALTHER, E. H. *William Lowndes Yancey and the coming of the Civil War*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2006.

WIENER, J. M. *Social origins of the new South: Alabama (1860-1885)*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1981.

WRIGHT, G. *The Political Economy of the cotton south: households, markets, and wealth in the nineteenth century*. New York: W. W. Norton & Company, 1978.

Carta Prefacial

Cópia de uma carta do ex-governador do Alabama, Thomas Hill Watts

Sra. J. L. Keyes.
Prezada madame.

Eu li, com muito prazer, o manuscrito a mim enviado pelo Dr. Keyes. Para explicar o quanto sua leitura absorveu minha atenção, preciso apenas dizer que raramente a interrompi até que a terminasse completamente.

Chama a atenção o seu estilo simples, além da beleza e elegância de redação. Não posso me permitir duvidar que outros sentirão o mesmo interesse sobre os detalhes da vida no Brasil e lerão meticulosamente suas páginas com proveito.

Admirei muito as diversas passagens contendo poesias ao longo do volume, não apenas aquelas de sua autoria, mas também as de sua filha – *Os primeiros ensaios das asas de uma pequena águia*. Achei muito agradáveis as descrições do *lar* nos ermos e as cercanias de uma vida pioneira.

Acredito que você deveria publicar e sentir-se confiante de que o livro irá vender. E *vender*, você sabe, é o teste de popularidade com o público.

Com a maior consideração, permita subscrever-me.

Seu humilde servo e amigo.

T. H. Watts

17 de fevereiro de 1874
Montgomery, Alabama.

Nota da edição original

Nossa maior dificuldade ao preparar estas páginas para o público tem sido o arranjo das citações retiradas dos diários. Nós as encurtamos para evitar a repetição de sobrenomes e minúcias de incidentes domésticos, provavelmente destruimos boa parte do interesse que nossos amigos próximos poderiam sentir ao serem levados ao nosso lar e às nossas buscas. Mesmo assim, confiando na leniência e simpatia de nossos leitores, timidamente oferecemos nosso primeiro livro para leitura.

Deixando Montgomery

Nossa vida no Brasil foi escrito a partir da sincera solicitação de amigos, entre os intervalos dos deveres urgentes relativos a uma numerosa família. Nossas privações e diversões domésticas estão desveladas. Apenas desse modo poderíamos apresentar uma ideia das dificuldades e satisfações que desfrutamos em nosso esforço em construir um lar em torno do qual outros pudessem se reunir e que, como nós, estavam desejosos em abandonar nossa terra natal.

Permitam-nos sugerir àqueles que ponderaram sobre esse passo de imigração, por meio do qual poderiam os espíritos incansáveis aplacar-se após a triste conclusão da guerra. Alguns, que suportaram com coragem tudo que pudesse tentar a força da alma, ao longo de anos de sofrimento e privação, não puderam aguentar um golpe como esse. Outros que eram, talvez, mais sábios, calmamente encontraram seu destino e não se moveram nesse período de inquietação. Nós, que não poderíamos julgar, fomos levados a concluir que uma vontade maior que a nossa deveria prevalecer, submetida ao que parecia ser a melhor saída.

Muito bem! Após um ano de reflexão, deliberação e preparação nós embarcamos rumo ao Brasil.

Na noite de 6 de abril de 1867 deixamos Montgomery, Alabama, em direção a Nova Orleans, Louisiana, no vapor *Doublon*.

Alguns de nossos amigos, ao se despedirem, acreditavam que a nossa empreitada era assustadora e pensaram que iríamos nos arrepender dela. Quão gratos nos sentimos agora que isso não se sucedeu – que a uma família grande e completa foi permitido retornar, em saúde perfeita, após a ausência de mais de três anos, trazendo consigo as mais prazerosas lembranças de suas vidas.

Poucos episódios sombrios marcaram as histórias de todo nosso grupo de imigrantes, mas mesmo esses são lembrados por nós, com prazer, na medida em que não deixaram mágoas permanentes e trouxeram consigo muitas lições valorosas.

Um de nossos amigos, ao se despedir, disse, muito sentido:

– “Não sei de quem devo apiedar-me, de nós que permanecemos ou de vocês que enfrentam tal jornada.” Mas ele acrescentou: “Acho que eu iria gostar de ir com vocês.”

O grande pesar da separação, que não nos tomou até nossa partida, foi mitigado pela crença de que aqueles mais queridos iriam em breve se juntar a nós.

Talvez a insensibilidade dos fatalistas havia-nos tomado, contudo nos convencemos de que isso era uma constatação de fé inabalável. De qualquer forma, estávamos desejosos de partir, acreditando que, se qualquer coisa estava à frente para impedir nosso embarque, o evento iria ocorrer a tempo de retornar. Caso contrário e se a Providência nos permitisse viajar, tudo estaria bem.

Após permanecer por uma semana em Nova Orleans, encontrando amigos que viviam na cidade e tendo em geral momentos agradáveis, embarcamos no *Marmion* e descobrimos que muitos cavalheiros de Montgomery iriam conosco, além daqueles que nos acompanhavam.

Dois jovens rapazes, que aparentemente nunca pensaram em imigrar até que nosso grupo chegou ao hotel, foram tomados por um desejo de ir ao Brasil e também obtiveram passagens.

Um bom número de famílias dos estados do sul embarcaria, lá soubemos, e a perspectiva da viagem era radiante.

Nós fomos afortunados ao permitirem irmos a bordo um dia antes de nossa partida, descobrimos que nosso navio não era provido de mobília, e seríamos compelidos a providenciarmos nós mesmos muitos artigos para nosso conforto.

Desfizemos nossas malas contendo roupas de cama e enviamos alguém à cidade em busca de cadeiras e outras conveniências. Frutas enlatadas, bolachas, vinho e cerveja escura. Esta última como remédio contra o enjoo marítimo. Posteriormente, descobrimos que tais adições à nossa passagem econômica foram realmente úteis e que teríamos sofrido sem elas.

Nosso dormitório situava-se no convés intermediário, próximo à escotilha frontal, e a distância entre os conveses era de dois metros

e meio. As macas de tecido, usadas como camas, estavam dispostas em duas fileiras, eram limpas e novas, sobrepostas em três níveis.

O número de imigrantes não estava completo e tivemos à nossa disposição diversas macas. Ao retirarmos duas fileiras delas, fizemos um pequeno e aconchegante cômodo para nos vestirmos.

Após dispormos nossas macas como cortinas esvoaçantes e assegurarmos um local para viajar, nós estávamos muito mais confortáveis do que esperávamos. Tínhamos espaço suficiente entre as fileiras de camas, prateleiras onde colocamos sacolas, xales, livros, etc. Sendo nosso dormitório próximo à escotilha, desfrutávamos de uma brisa constante.

Nosso vapor foi contratado pelo governo brasileiro para levar imigrantes sulistas ao Império. Era um vapor a hélice de 1300 toneladas, fora construído três anos antes, para o transporte de tropas federais. O contrato custou 40.000 dólares em espécie. O preço por imigrante, de 60 dólares-ouro, seria pago ao final de quatro anos em prestações bianuais.

Em uma maravilhosa manhã da primavera, em 16 de abril, deixamos a Cidade Crescente, com tanta serenidade que estávamos nos movendo há algum tempo quando percebemos nossa partida. Subimos no convés para nos assegurar que partimos. Assistimos à cidade recuando, enquanto o amplo Mississipi gentilmente nos carregava.

Deixamos a foz naquela noite. A lua estava brilhando radiantemente e a água sem ondulações, como um espelho, quando cruzamos a barra a salvo, entre dois navios encalhados na areia.

Última visão dos Estados Unidos da América

Ao circunavegar a península da Flórida enfrentamos algumas nuvens e águas turbulentas, em consequência de uma pequena lufada de vento. A novidade era o enjoio marítimo entre muitos passageiros. Nós observávamos o farol com certo interesse, vimos as linhas tênues de uma casa de “afundadores de navios”¹ que estavam, sem dúvida, observando as luzes vermelhas em nossos mastros.

A linha escura e o ponto brilhante que marcavam os últimos resquícios da Flórida finalmente desapareceram. Naquele clima aprazível tivemos um lar feliz. Parentes queridos e próximos estavam lá, sonhando talvez com aquele momento, do navio sobre o mar no qual éramos carregados, e da separação que estava por vir.

No solene silêncio da noite, na quietude da comunhão com o coração, a realidade do que estávamos fazendo se abateu cruelmente sobre nós. Uma vida de alegrias aprazíveis abarrotada de lares amados e amigos queridos. De que nos valeu? Se precipitadamente ou não, estávamos deixando nossa terra natal. Alguém cantou, de Childe Harold:

*“Contigo, meu navio, eu irei sorratamente,
Através do sal espumante
Nem ligo a que terra me carregas
Desde que não à minha novamente.”*

Outros se perderam em uma torrente de saudade, mesmo tão cedo. Ah! Mas era tarde demais.

1 Pessoas que vivem da pilhagem de objetos retirados de navios naufragados, podendo enganar as embarcações com luzes para atingir seu objetivo.

Era muito agradável sentar no convés à noite. Quando todos os pequenos estavam dormindo, era certamente a hora mais favorável a todos os adultos. Havia muitos olhares sobre eles durante o dia por parte dos passageiros e da tripulação, e como as grades eram altas, não existia o perigo de que eles caíssem no mar. Nosso capitão era gentil e atencioso, muito severo em comando, mas não além do necessário.

Em 18 de abril nós passamos pelas Tortugas.

No dia 20 passamos pelas Bahamas, vimos algumas rochas e um farol, próximo ao horário do café da manhã. Domingo entramos no Atlântico. As ondas que nos balançavam trouxeram mais enjoo entre os passageiros. Nosso capitão realizou orações, com nossos dois pastores enjoados. Ele distribuiu certo número de livros de orações e todos os passageiros que estavam aptos participaram da cerimônia.

Por vários dias o mar permaneceu turbulento, entretanto não o suficiente para impedir-nos de desfrutarmos nossas diversões diárias. As damas geralmente ocupavam-se com leitura e costura, e o tempo passava mais rápido.

Ficamos muito assustados, em uma manhã, com o aparecimento a bordo de um caso de varíola, muito leve, mas que causou apreensão.

Passamos Porto Rico à noite. Aqueles que estavam acordados disseram que as ruas, iluminadas a gás, podiam ser imediatamente identificadas, um belo cenário. Quinta-feira, dia 25 de abril, passamos por Saint Thomas. Ficamos desapontados por não podermos parar, mas nosso capitão cauteloso julgou melhor frustrar nossos desejos, devido à cólera, à febre amarela, aos mosquitos e às moscas, as quais diziam prevalecer em certa medida. Nós vimos a cidade, localizada entre as colinas. Os tetos com telhas eram algo novo e interessante, vistos através dos elegantes binóculos de teatro do Coronel Censor. Na sexta de manhã, dia 26, passamos Plymouth. Eu não estava no convés a tempo de observar o lindo cenário, como descrito por aqueles que o testemunharam, mas à tarde, tive o raro prazer de admirar a paisagem montanhosa, na perfeição de sua beleza, na ilha de Guadalupe.

O topo do pico mais alto estava cortado por uma nuvem, tornando a cena completa. A cidade estava abaixo. As paredes e ruas, com longas fileiras de palmeiras, podiam ser vistas com o auxílio das “verdadeiras” lentes, sempre à nossa disposição. Algumas amplas e imponentes moradias à esquerda, e à direita um cemitério de bela aparência.

Situadas fora da cidade estavam diversas embarcações, uma delas um grande navio a vapor, de bandeira francesa. Uma chalupa francesa, a toda vela, com três pequenas velas de estai, uma sobre a outra, algo único.

Após deixarmos essa cidade, Basse-Terre, localizada abaixo de uma montanha vulcânica, podíamos ver além de um amplo estreito outra cadeia de montanhas, que disseram ser a continuação de Guadalupe. Uma extensa fortificação surgiu em seu mais amplo e alto cume.

Não vimos mais terra até chegarmos à costa da América do Sul, exceto Barbados, uma ilha inglesa, pela qual passamos à noite. Nós ficamos desapontados por não observar essa paisagem, que soubemos ser linda.

Tínhamos orações no convés todo domingo. O Sabá era geralmente observado por todos, passageiros e tripulação, mas uma manhã, logo após o café da manhã, tivemos uma interrupção da quietude usual, por duas pequenas brigas que ocorreram entre alguns homens de classe baixa. Nossa viagem teria sido inteiramente encantadora exceto por incidentes desagradáveis como esse. Entretanto, eles não nos perturbaram muito e ofereceram distração a alguns. Por um tempo, as mais sérias tentativas do comissário eram ineficazes em preservar a ordem na parte de baixo, e, no momento das refeições, prevalecia a confusão generalizada. Ele reclamou ao capitão e uma regra foi feita, restaurando a paz e a satisfação. As mesas foram divididas colocando certas classes juntas, dando permissão às famílias de se cercarem daqueles que preferissem, e a partir daquele momento nossas refeições foram realizadas de maneira mais agradável.

Não era encorajador ao apetite ver nosso jantar ser servido em panelas de folha de Flandres, uma contendo batatas cozidas e outra sopa

de feijão. Uma terceira, carne seca. Esse cardápio alternava diariamente com carne fresca enlatada. Tivemos pão branco e manteiga, excelentes pepinos em conserva em fartura e também maçãs desidratadas, mas o café de aveia certamente não era bom. Os passageiros geralmente preferiam chá. Se a mesma refeição pudesse ser preparada apropriadamente e colocada à mesa em pratos em ordem e esmero nós julgaríamos a comida palatável. Nosso capitão era muito gentil com as senhoras e frequentemente enviava-nos guloseimas da cabine superior, permitindo-nos ter um café da manhã todos os dias, na parte de cima, pagando um preço extra. Acreditamos que ele buscou ser justo e fez o melhor que pode. Se nossos desconfortos fossem maiores, estaríamos dispostos a suportá-los apenas por *um mês* – como nossos companheiros de viagem também concordavam – e alguns de nossos conhecidos eram, sob um olhar mais próximo, breves e verdadeiros amigos.

Ocasionalmente, os mais jovens dançavam no convés, ao luar, à música do acordeom e do triângulo. As noites sempre se passavam prazerosa e calmamente – observando as estrelas acima e a água fosforescente abaixo.

Quando nossa viagem estava na metade, podíamos observar à frente mais facilmente. Seu fim parecia próximo e estávamos praticamente reconciliados com nossos percalços, os quais não eram muitos, comparados ao deleite de um tempo maravilhoso, saúde e corações esperançosos.

O Amazonas

Quando nos aproximamos da foz do Amazonas – a uma distância de cem quilômetros –, enquanto olhávamos o mar, nós observamos sua cor singular. A água tinha uma tonalidade avermelhada. Os marinheiros puxaram baldes e encontraram folhas e galhos de árvores que haviam sido levados através da foz dessa grande corrente de água. Essa era uma prova real e tangível de que estávamos nos aproximando de outro território além de nosso próprio. Manuseamos essas pequenas evidências com sentimentos de grande prazer, acreditando que éramos conduzidos a um porto que alcançaríamos em poucos dias. Estávamos esperançosos e gratos por nossa viagem ter sido, até então, tão próspera. Ela continuou, mas nuvens enegreceram no dia 15 de maio. O vento surgiu intrépido do sudoeste, com o mar mais agitado que nos períodos anteriores. As crianças brincavam ruidosamente no convés, enquanto os adultos tinham dificuldades em manterem-se em pé. Toninhas e peixes pretos eram vistos em multidões, saltando da água. O navio arfou bastante. Os passageiros não estavam sorrindo como sempre faziam, as faces estavam pálidas, mas um alegre espírito de esperança inspirava todos os corações, apesar de tudo. Nossa viagem estava próxima do fim. Um pouco de enjoo agora era facilmente suportado, com tamanho deleite reservado a nós.

Na terça-feira, dia 16, passamos por um farol, em Cabo Frio. Um telegrama correu dali ao Rio de Janeiro, a uma distância de cinquenta e seis milhas. O farol foi construído inicialmente sobre um dos mais altos picos dessa rocha, mas era tão alto que as nuvens obscureciam-no. Foi abandonado e outro erigido muito abaixo, ao lado da montanha. Nós passamos próximos o suficiente para vermos pessoas nele.

Desse ponto em diante, nosso curso era oeste e navegamos próximos à praia íngreme e descontínua, até que, às 8 horas da noite, entramos na baía do Rio. Passamos próximos ao forte, à direita. As luzes de aviso queimavam. O motor parou. A âncora foi lançada e nosso paraíso alcançado.

Nossas hélices, com apenas meia hora de descanso, realizaram 2.420.640 voltas, perfazendo, desde Nova Orleans, 9.022 quilômetros.

Nosso capitão disse que fomos favorecidos por termos uma estação aprazível e um tempo encantador. Ele era um velho marujo, mas nunca havia realizado uma viagem tão linda.

As nuvens escuras, que estavam suspensas tão melancolicamente sobre nós, estavam se afastando. Tivemos um vislumbre de um rico amanhecer. Nossas orações foram atendidas. Foi-nos permitido observar essa vista de maravilhosa beleza em sua luz mais suave. Quando pudemos ver a montanha do Pão de Açúcar, as nuvens se dissiparam e a lua cheia surgiu. O entusiasmo era então desculpável, com corações tão repletos de gratidão.

Observamos o Golfo do México à luz da lua, seus vagalhões lavando a praia nevada, na costa da Flórida. Novamente, sob a luz teimosa de uma manhã nublada, em suas ondas verdes escuras, cobertas com cristas espumantes, quebrando contra a praia. A lembrança é como uma cena fria e sombria de um sonho, mas era real e nós não esperávamos apreciar nada tão grandiosamente belo, mas aqui jaz ante nós algo que excede ao largo tudo em sua majestosa beleza. As grandes ondas do amplo Atlântico quebrando-se vagorosamente, contra a base dessas magníficas montanhas. O luar tingindo a floresta escura em seus picos. As colinas menores pontuadas por colunas de luzes a gás, tornando a escuridão ao fundo ainda mais escura, trazendo, em amplo alívio, toda a beleza da baía e o rico cenário do entorno. Oh! Terra das palmeiras! Poesia e história não exageraram teus encantos.

A lua gentilmente deu-nos sua graça, iluminando-nos através do Golfo do México, quando deixamos nosso solo pátrio e novamente emprestou-nos seus alegres raios, ao adentrarmos terra estrangeira.

*“Todo o ar se embranqueceu, com a maré sem fim
De resplendor prateado” – e
“O coração palpitava em uma veneração silenciosa.”*

Rio à luz do dia

O Rio pela luz da manhã apresentou outra paisagem. Levantamos âncora e navegamos até a cidade ao amanhecer. Fomos até o convés e olhamos apressadamente ambos os lados. Havia pouco tempo para olhar o cenário, pois deveríamos nos preparar para desembarcar. Vimos as construções com tetos feitos com telhas, novamente, e as belas palmeiras. As encostas das montanhas verdejantes eram tão próximas, que todas suas irregularidades eram discerníveis, mas essas rochas escarpadas e as árvores tropicais tinham, para nós, uma beleza peculiar. As construções não eram de bom gosto como as de nosso país, embora fossem muito elaboradas, ornamentadas e pintadas em diversas cores: areia, vermelho-amarronzado, rosa e azul. Os brasileiros são afeitos a cores intensas. Pequenas sacadas cercadas com grades penduram-se no exterior das casas, no lugar de graciosas varandas e sacadas, tão necessárias ao conforto na América. As telhas feitas de argila, o brilho ofuscante do sol sobre elas, sugeririam a ideia de muito calor em seu interior, mas são as casas mais frescas do mundo, como nós frequentemente tivemos oportunidade de notar.

Após os trabalhos necessários e fatigantes de se deixar o navio com uma família numerosa, nós fomos transportados para terra firme, a alguns passos das docas. Novamente sobre o solo! Quão prazeroso, após um mês a bordo de um navio. Não fizemos observações, pois não tínhamos tempo, o objetivo principal era permanecermos juntos. “O Pai” cuidou da bagagem. Nossos amigos generosos auxiliaram “a Mãe” a guardar o pequeno bando. Caminhamos sobre uma estrada ampla, coberta com grandes pedras brancas, que fazia uma curva na encosta da montanha. Após estarmos fatigados da primeira caminhada que realizamos por tanto tempo, alcançamos um imenso portão de ferro e, no interior, estava o terreno do nosso palácio, a casa do governo²

2 Trata-se da Hospedaria de imigrantes do Morro da Saúde.

na qual nós seríamos hospedados. Colunas de Palmeiras Imperiais erguiam-se de cada lado da passagem que levava do portão até as escadas do palácio. Vimos, de cada lado, amplas bacias de mármore, onde antes funcionavam fontes, bancos de mármore, sob arbustos de vinhas. Flores lindas e joviais, crescendo em canteiros de bom gosto. Passamos pelas escadas de mármore, o edifício tinha uma varanda, e encontramos o fazendeiro Coronel Broome, que nos recebeu calorosamente. Ele havia sido um oficial confederado. Mostrou-nos nossos cômodos, que continham móveis cuidados com esmero, armações de camas de ferro leves e lavabos, todos pintados em verde. Havia mesas e cadeiras suficientes. Em breve, desfizemos as malas e nos sentimos à vontade. Os quartos eram belamente cobertos por papel de parede, alguns com afrescos e os tetos dourados.

Podíamos ouvir exclamações de deleite dos mais jovens, que vagueavam pelo local. Eles estavam em êxtase, rolavam na grama e corriam, através das pérgulas e entre as flores. Quão estranho pareceu-nos observar um cavalo cinza, na encosta da montanha, comendo a relva, exatamente como nossos cavalos. E também uma ovelha e um cachorro de aparência natural. Quão reconfortante era isso. Nós éramos um bando feliz de imigrantes, sentíamos que havíamos alcançado um local de descanso entre pessoas generosas e bondosas, que nos deram boas vindas pelas quais não esperávamos e comida muito melhor que a servida em nosso navio – não era realmente melhor, mas preparada de modo que se tornava mais palatável. A um preço insignificante, tínhamos frutas em abundância, as quais apreciávamos muito. Laranjas e bananas eram obtidas em profusão e eram muito mais deliciosas frescas. A tangerina tinha um sabor peculiar e nós podíamos descascá-la sem trabalho, as seções rompidas sem derramar o suco. Uma dessas laranjas podia ser comida utilizando-se luvas.

Nós apanhamos jasmim branco, exatamente como o nosso, que crescia nas pérgulas, e sua fragrância fez-nos sentir quase em casa. Outras flores, dessemelhantes às nossas, alegres e ricas em suas cores, ornamentavam as camas.

Dois dias após nossa recuperação, o vapor North America aportou, de Nova Iorque, com um grande número de imigrantes, e nosso hotel então hospedava trezentas pessoas. Muitas famílias de nosso próprio estado e município estavam entre elas.

Nós recebemos muitas visitas de brasileiros e de americanos abra-
sileirados.

O Imperador

Fomos informados que o Imperador nos visitaria. Todos estavam ansiosos para ver esse importante personagem e aguardamos, com prazer, sua chegada. Por volta das quatro em ponto ele chegou e, à maneira de todas as pessoas distintas, que são igualmente boas, sua aparência era modesta e nada ostentatória.

Ele caminhou pelo local, visitou a cozinha, examinou e provou o pão, mencionando que estava bem feito. Caminhou por todos os cômodos do palácio e então parou na varanda frontal. Alguns dos cavalheiros americanos foram-lhe apresentados, com quem ele manteve curta conversa. Ele colocou sua mão sobre a cabeça de um garotinho, que ficou próximo a ele, e lhe disse algumas palavras gentis. O jovem herói sentiu-se imortalizado pela atenção inesperada e provavelmente nunca esqueceu o episódio.

O Imperador tinha por volta de quarenta e seis anos. Seu cabelo e barba espessa eram cinzentos, seus olhos azuis e o nariz levemente aquilino. Sua face expressava gentileza e ele fez algumas observações, as quais julgou necessárias, com uma dignidade agradável, e foi-se embora antes mesmo que a multidão percebesse que estivera em sua augusta presença. Posteriormente, soubemos que ele ficou muito satisfeito com a aparência dos americanos. Nós tínhamos certa curiosidade em ver a Imperatriz, mas não tivemos esse prazer até um período posterior.

A família imperial, naquele tempo, consistia em duas filhas, a princesa Isabel, cujo marido era o Conde d'Eu, e a duquesa Leopoldina, cujo marido era o Duque de Saxe. A Imperatriz era grande e um tanto carnuda, uma senhora agradável e de boa aparência, normalmente vestida em seda pesada preta, lindamente costurada, utilizando poucos ornamentos. Quando cavalgava pela cidade ela sempre reconhecia, ao curvar-se, as saudações de seus súditos, as quais eram manifestadas por todos os lados. Isso seria suficiente para cansá-la, pode-se supor, já que

os cidadãos normalmente deixavam suas ocupações para permanecerem nas portas, enquanto a família Imperial passava.

Após nosso retorno à América, a princesa Leopoldina faleceu.

Na Guerra do Paraguai, que se encerrou logo após nossa partida do Brasil, o Conde d'Eu tornou-se eminente. Era General em Comando das forças Aliadas, e depois foi nomeado Marechal do Império.

Provou-se impossível obter lavadeiras suficientes para tantos viajantes, então, após estendermos um grande número de nossas roupas, ainda havia muitas que necessitaríamos fazê-lo, na medida em que nossa estadia na cidade seria curta. Algumas das senhoras decidiram serem lavadeiras para si mesmas. Nossas garotas se juntaram ao grupo, levando algumas roupas das crianças menores. Uma longa fileira de senhoras e crianças permaneceu sob as árvores, obtendo água das fontes próximas que jorravam. Sentinelas estavam a postos, em seus uniformes reluzentes, fazendo observações. Um perguntou, ao ver uma panela fervente, se seriam usadas para fazer sopa, acrescentando que não teriam uso, já que haveria sopa para o jantar. Uma das senhoras que ouviu o comentário viajou pelo México, compreendia o espanhol e, sendo as linguagens similares, traduziu para os outros.

Ferver linho era algo novo para eles, pois os brasileiros alvejavam suas roupas ensaboando-as e então espalhando-as no chão, jogando água frequentemente sobre elas.

Uma das garotas encontrou quase escondida pelo mato e folhagem uma elegante casa de banho em mármore. Nosso bondoso anfitrião colocou-a em ordem e abriu um caminho para que pudéssemos entrar. Nós então desfrutamos de um verdadeiro luxo. A cada passo encontrávamos evidências de riqueza, luxo e conforto de outrora.

Uma capela adjacente ao local que tivemos acesso foi de um interesse estranho. Americanos visitavam-na e, de uma maneira respeitosa, entravam e retiravam-se, fazendo observações o tempo todo. Em grandes grupos, foram vistas, suspensas, imagens de cera de diversos membros, representando os locais atingidos de pessoas que sofriam doenças. Orações aos santos trazendo, como eles supunham, cura efe-

tiva para todas as doenças. Esses modelos de cera eram trazidos até a capela, e pendurados para exibição como a forma mais rápida de cura. Uma ampla lápide de mármore, contendo uma inscrição, jazia sobre o piso, justamente no centro. Dizia-se que era o túmulo do primeiro dono do Palácio.

Compras

A água para beber era mantida em amplos tanques ou talhas feitos de terra, assemelhando-se a urnas em formato. A água era fria e refrescante, mas nunca muito gelada. Era trazida das montanhas à cidade em canos.

Das viagens de Henderson, publicadas em Londres em 1821, nós encontramos uma descrição do Aqueduto, o qual naquele período fornecia água à cidade, embora ainda não estivesse terminado.

“Um aqueduto, para fornecer água para a Cidade Nova, está quase completo; região na qual algumas novas fontes serão construídas, especialmente o Lagarto, e outro no Campo de Santana; grande, feito de pedra, despejando água por numerosas bicas. As fontes do distrito leste da cidade consistem em uma no quarteirão do palácio, no formato de uma torre, a Marrecas; uma no Moura; e a Carisca com doze bicas; todas supridas pelo aqueduto já mencionado.

Na nascente do vale, a origem do Aqueduto está marcada por uma inscrição, feita no ano 1744. Sua fonte é adornada com uma cascata requintada etc.”

O Campo de Santana, aqui mencionado, é a área geral de lavanderia, um amplo quarteirão coberto de grama, onde as mulheres lavam e alvejam suas roupas. Talvez nada tenha excitado maior interesse aos imigrantes que essa cena.

Outra grande atração é a estátua equestre de Dom Pedro, o primeiro, que fica ao centro da praça da Constituição. Em seu quarteirão, estão também dois reservatórios de água, jorrando por bicas. Essas belas áreas são fechadas por uma cerca de ferro bem cuidada.

Obtivemos um intérprete e saímos para fazer compras, após sabermos que iríamos para os ermos. Para iniciarmos a vida pioneira era necessário prover-nos com diversos artigos para os cuidados da casa, os quais iriam requisitar uma seleção cuidadosa. Alguns dos nossos amigos cavalheiros nos acompanharam. Uma senhora do Texas que seria de

nossa colônia também se juntou a nós. Nós fomos em carruagens abertas, como nossos landaus. As rodas pesadas faziam muito barulho sobre as ruas pedregosas. Todos os veículos eram pesados.

Nós achamos desinteressante ouvirmos palavras que não poderíamos entender, frequentemente dirigidas a nós, mas não tentamos responder, exceto por meio do nosso intérprete. Após realizarmos apenas uma parte de nossas compras, fomos até o hotel de Madame de Frizzlechica ou algo semelhante a isso, visitar uma velha amiga e colega de escola de Tuscaloosa, a senhora Dr. Gaston. Fiquei muito grata por encontrá-la e a sua família interessante, mas desapontada em saber que eles não estavam indo à nossa colônia, mas a São Paulo.

Os imigrantes cometeram um grande equívoco ao se separarem como eles fizeram. Se todos estivessem unidos e ido a apenas uma localidade, é provável que tivessem sido mais bem sucedidos.

As ruas do Rio, exceto a rua Direita e a rua do Ouvidor, são muito estreitas, com calçadas de apenas alguns decímetros de largura. A rua da Direita, com suas belas árvores frondosas, amplas calçadas de quartzito e um confortável arranjo de bancos, sorveterias, restaurantes e lojas animadas, lembrou-nos da rua Canal em Nova Orleans. Pelas luzes fascinantes a gás, as grandes belezas mostraram-se resplandecentes. Os brasileiros possuem um bom gosto ao dispor suas mercadorias e as pessoas compram em sua maioria após o anoitecer. As senhoras estão sempre sob a escolta dos cavalheiros, nunca são vistas sozinhas nas ruas, a qualquer hora.

Em algumas das ruas estreitas estão as lojas mais requintadas e tudo que quiser pode ser obtido. Muitos negócios são conduzidos e os ruídos dos veículos são ouvidos incessantemente. Carruagens e seges são frequentemente levadas às portas das lojas, para dar espaço a outros e os pedestres devem rapidamente entrar em uma loja, até que o veículo passe. As casas são altas e, conseqüentemente, o clima é sempre fresco ao longo dessas ruas estreitas. Nos andares superiores, as pessoas podem ver os ocupantes das casas opostas passando de um cômodo a outro e poderiam ouvir conversas não fosse pela barulheira das carruagens e o

estardalhaço das patas dos cavalos sobre as ruas pavimentadas de pedra. Uma laranja poderia facilmente ser lançada de uma janela à outra no lado oposto.

A força muscular dos negros é maravilhosa. Vimos homens trocando, em um ritmo rápido, com grandes caixas de mercadorias, sacas de café e barris de farinha sobre suas cabeças, suportando esse peso tão facilmente, aparentemente, como se fossem caixas de chapéus. Mercadorias de todos os tipos são transportadas pela cidade dessa forma. Dois homens carregariam um piano com facilidade. As mulheres carregam bandejas de frutas, bolos ou doces, além de vegetais, sobre suas cabeças, todo o tempo. O Rio tem um ótimo mercado. Tudo que temos nos Estados Unidos pode ser encontrado aqui, além das frutas de clima tropical. Carnes, vegetais, peixes, ostras, camarões, aves de todos os tipos. As ruas são pavimentadas, de forma a inclinarem-se em direção ao centro, formando um canaleta, e são assim completamente limpas pelas chuvas intensas. O sistema de esgoto também é muito bom.

Aprendendo a linguagem

No dia seguinte, o Sr. Steele, um atacadista, acompanhou-nos, levando-nos às melhores lojas da cidade. Foi muito gentil e atencioso. Foi conosco até uma loja inglesa de ferragens, onde compramos um excelente fogão e outros artigos domésticos úteis. Posteriormente nos levou a um restaurante elegante, onde apreciamos uma ótima refeição. Então implorou permissão para acompanhar nossas filhas à ópera.

Lamentamos muito que tivemos apenas um rápido vislumbre das belas flores emplumadas – pássaros empalhados, etc., os quais nós podíamos ver pelas vitrines das lojas especializadas. Coroas e buquês de todas as flores imagináveis, de cada matiz e tonalidade, são arranjadas com muito bom gosto. Não são utilizados corantes e todas essas cores ricas são oriundas dos pássaros, como a natureza os fez. Verde claro enevado, de todos os matizes, e cada tom do arco-íris.

Os jovens aproveitaram muito os poucos dias que nos restavam, passearam pela baía à vela e a remo e, além disso, frequentaram o teatro. Cada hora do dia era iluminada por algo novo e de excitante interesse.

As tentativas de aprender a linguagem trouxeram algumas cenas divertidas. Numa manhã um jovem amigo nosso estava tentando retornar ao caminho para encontrar a “Casa do Governo”, pois se perdeu no trajeto. Ele viu um cavalheiro se apoiando preguiçosamente contra um batente e atraiu sua atenção com sinais e algumas palavras do português incorreto que possuía, aprendido há pouco com uma pequena gramática que tinha em mãos. O cavalheiro sorriu, ele retornou o sorriso, e então tentou, da forma mais claudicante possível, obter as orientações que desejava. “Faz favor senhor”, disse, com uma gesticulação intensa, apontando ao ponto da cidade onde acreditava que o palácio estava. O desconhecido ainda sorria, permitindo nosso perplexo jovem amigo proceder com seus gestos, e a fabricar palavras, o que ele fez longamente, não desejando consultar seu pequeno livro.

Após um tempo o estranho abriu seus lábios dizendo, da forma mais calma, em inglês: “Cavalheiro, se há qualquer linguagem que você conheça melhor que essa, por favor, fale.” Ele nos contou que seu desgosto e mortificação foram tamanhos que ele não realizou a pergunta que tanto desejava saber. Entretanto, encontrou seu caminho de volta apesar de tudo, e, na ocasião seguinte, usou sua própria linguagem primeiro.

Os numerosos cuidados “do Pai e da Mãe” tornaram impossível escrever um diário contínuo, então, de forma a manter o traçado de nossos movimentos, retiramos dos diários de alguns dos membros mais jovens de nossa família, aqui e ali, alguns excertos:

18 de maio de 1867 – “Ontem aportamos no Rio, tendo passado apenas um mês de viagem. É tarde demais, agora, para eu redigir sobre todos nossos divertimentos. É suficiente dizer que estamos muito felizes. Mais em tempo.”

19 de maio de 1867 – “Nesta manhã, Charles Nathan nos fez uma visita, convidou nossa família para passar o dia com ele. Nossa mãe não podia ir, e ele pediu a companhia de algumas das filhas. Foi-nos agradável, e o acompanhamos até sua casa, em Botafogo. Também tivemos a visita do Sr. Malone, e muitos vieram nos ver. Quando nós passamos pela cidade ficamos espantados ao encontrar as lojas abertas e todos trabalhando e sentimos pesar³. E, no entanto, Nova Orleans não é muito melhor. Após andarmos por um tempo nas ruas pavimentadas, encontramos uma longa linha de carruagens, que estavam aguardando por passageiros para Botafogo. Tomamos nossos lugares e logo estávamos a caminho. Passamos por diversas casas elegantes, jardins preenchidos de flores raras e folhas brilhantemente coloridas. Vimos arbustos com grandes folhas carmesins sem flores. Cavalgamos, eu acredito, por cerca de meia hora nessa rua antes de chegar à casa do Sr. Nathan. Estávamos felizes quando chegou a hora de parar. Entramos em sua sala de visitas

3 O dia 19 de maio de 1867 foi um domingo e, portanto, dia que deveria ser guardado no entendimento dos imigrantes.

e fomos apresentados à sua esposa, sobrinhas e filhos. A senhora Louise Merton era muito gentil e nos levou ao jardim, mostrando-nos toda a beleza do local.”

20 de maio de 1867 – “Durante o jantar ontem, o Sr. Nathan fez observações que nos confundiram, em referência ao ‘Doce’. Ele falou da vida selvagem que iríamos enfrentar no Doce, dizendo que iríamos rapidamente esquecer pequenas formas de etiqueta, ou algo do gênero. Não perguntamos o que ele queria dizer, mas em nosso retorno rapidamente aprendemos a definição daquela palavra singular. O *Doce*, ou *Docie*, como é pronunciado, está no interior a cerca de 480 quilômetros, acredito, ao norte do Rio, a maior parte selvagem e não cultivado, e lá será o local onde iremos viver. Papai irá construir uma casa para nós e então retornar ao Rio para praticar sua profissão, e nós iremos dividir nosso tempo entre a cidade e o campo. Acho que iremos gostar disso. Os americanos veem a ida com entusiasmo. Quão estranho! Quão encantador será ir à área selvagem e ver uma linda pequena cidade crescendo ao nosso redor, sentindo-nos livres e independentes! Estamos felizes e cheios de esperança.”

25 de maio de 1867 – “Estamos partindo do Rio em direção ao Doce. Eu me despedi de uma amiga muito querida, Lizzie F., que é de Memphis, Tennessee. Sua mãe está indo a São Paulo, à colônia do reverendo Ballard Dunn. A perspectiva da vida pioneira não é tão encantadora sem ela. Estou muito desapontada, pensei que fossem conosco. Nosso amigo Dr. Tobin e o Sr. Carson estão indo à Amazônia. Muitas famílias além da nossa estão indo ao Doce. Capitães B. e D. Yancey, Coronel Cencir, Dr. J. A. Dunn do Alabama e muitos outros.

O Dr. Coachman permanecerá no Rio para tentar iniciar o exercício da profissão, e quando nosso pai tiver a nova casa no interior pronta ele irá trazer-nos de volta e se juntar a ele aqui, novamente. Essa será outra triste despedida.

Nós passamos um dia agradável em Botafogo, novamente, visitando a família do Sr. Steele. Ele vive sob o mesmo estilo do Dr. Nathan. Ficamos espantados ao vermos pés de café crescerem no jardim. Suas frutas vermelhas parecendo ameixas.

Aproveitamos bastante, desde que aportamos. Fomos ao teatro duas ou três vezes, velejamos por diversas vezes na baía, vimos muito da cidade e nos banqueteamos com todos os tipos de frutas, sorvetes, doces gelados, etc. E agora estamos deixando tudo isso pelos ermos.”

Dois navios a vapor foram providenciados pelo governo para transportar nossa colônia. O *Diligente* e o *Juparanã*. Compunham o grupo alguns que foram nossos companheiros de viagem, e também outros, que vieram do navio a vapor recém-chegado de Nova Iorque. Ao todo, mais de vinte famílias.

Preparações apressadas. Fizemos novamente as malas e uma grande fadiga se seguiu, antes que nós descansássemos da excitação precedente.

Este pareceu um passo precipitado, ir ao Doce. Mas fomos persuadidos por todas as pessoas de quem ouvimos conselhos de que era a melhor coisa a fazer. Sentimentos de desânimo, misturados à esperança, acometeram-nos, na medida em que pesávamos em nossas mentes a propriedade de tal empreitada. A esperança predominava. Sentimentos tristes foram perdidos em meio ao sonho. Enquanto a sonolência pressionava nossas pálpebras e ficávamos gradualmente inconscientes, o ar suave desse clima delicioso entrou pela janela aberta. Estávamos de fato na terra da fruta, do pão e das palmeiras, sendo abanados pelas árvores celestiais, e a memória da música que faziam ao anoitecer enquanto adormecíamos sob estrelas tropicais será sempre prazerosa.

Ida ao rio Doce

Outra imagem dos imigrantes, e de sua bagagem, é apresentada. Eles permanecem sobre o molhe, enquanto um elegante vapor é ancorado, pronto para levá-los para seu novo lar.

A palavra “doce”, em português, é usada pelos brasileiros para doces, bolos ou qualquer coisa preparada com açúcar. O Doce é a região para onde nosso grupo de imigrantes estava indo, situada no rio Doce, na Província do Espírito Santo, a cerca de 480 quilômetros acima do Rio de Janeiro. Disseram-nos que suas vantagens aos americanos eram maiores que qualquer outra porção do país, as terras sendo obtidas do governo, a preços baixos, a serem pagas no futuro, colheitas de todos os tipos sendo facilmente obtidas, área salubre. Tudo desejável. Um navio a vapor seria colocado no rio Doce, em duas semanas, o qual nos poria em comunicação direta com o Rio de Janeiro.

Citaremos alguns dos “Favores aos Imigrantes” estipulados.

“O governo irá vender terras em quaisquer de suas colônias, ou nas localidades que os imigrantes preferirem; e lhes dará transporte gratuito do Rio de Janeiro ao porto ao qual eles desejam proceder.

A partir da escolha das terras e sendo feita a mensuração, os títulos definitivos das terras serão entregues aos proprietários sob pagamento do preço de venda de 1 a 2 réis por braça quadrada.

Os proprietários das terras compradas do Estado estão submetidos aos ônus seguintes: 1º, a cederem as terras necessárias para estradas; 2º, a darem livre trânsito aos seus vizinhos na estrada pública, cidade, ou porto de embarque; 3º, permitir o fluxo de água não utilizada; e 4º, submeter a descoberta de quaisquer minas à legislação que governa a matéria.

Sobre naturalização – imigrantes que comprarem terras e se estabelecerem no Brasil poderão tornar-se cidadãos brasileiros após dois anos de residência. Sob requisição ao Legislativo, entretanto, poderão obter dispensa desse lapso de tempo e serem naturalizados logo após sua chegada.

Uma declaração feita à Câmara Municipal, ou ao Juiz de Paz, mencionando o país de nascimento, a idade e o estado civil são as formalidades requisitadas para permitir aos candidatos obterem, gratuitamente, os papéis de naturalização, após a realização do juramento de lealdade à Constituição e às leis do Império.

Cidadãos naturalizados são eximidos do serviço militar, mas estão sujeitos ao serviço da Guarda Nacional da municipalidade à qual pertencem. Eles desfrutam de todos os direitos e privilégios conferidos pela Constituição, exceto os de serem Deputados, Ministros de Estado, ou Regentes do Império.

Estrangeiros desfrutam no Brasil de todos os direitos civis garantidos aos nativos. Eles também possuem liberdade total no exercício de qualquer atividade que não prejudique a outra parte; asilo inviolável em suas casas; garantias de sua propriedade, seja material ou intelectual; tolerância completa em matéria religiosa; inviolabilidade de sua correspondência postal; e educação primária gratuita.

O governo do Brasil é estável. Suas leis e autoridades protegem a todos, sem distinção de classes; e a separação da justiça civil e criminal é feita com igualdade.”

Em navio a vapor, a viagem ao Doce (como nossa colônia foi chamada) é curta. Em linha reta, Vitória fica a cerca de 416 quilômetros do Rio de Janeiro; a foz do rio Doce fica cerca de 112 quilômetros além. Pela rota do vapor, a distância seria de cerca de 512 quilômetros até Vitória e mais 128 quilômetros até a foz do rio. O navio a vapor, que o governo intentava nos ceder, mas que nunca o fez, levar-nos-ia rio acima, a uma distância de 48 quilômetros, e nos deixaria na vila de Linhares, onde o Coronel Gunter estava. Essa promessa foi feita pelo Imperador ao Coronel Gunter e, não fosse pela Guerra do Paraguai, supomos que teríamos o desejado vapor.

Estávamos indo àquela vila brasileira, e lá ganhamos tamanha experiência que nunca poderíamos ter aprendido de qualquer outra forma. Um amigo, que ainda nos escreve do Brasil, disse para um membro de nossa família: “Eu não acho que você deva reclamar ter que renovar,

ocasionalmente, sua experiência no rio Doce. Para o caráter poder ser bem desenvolvido devemos ver mais do que um lado da vida. Alegrias, tristezas, sofrimentos e conforto devem ser todos combinados; vicissitudes devem ser numerosas e variadas, de outra forma, a mente ficará carregada de preconceitos e incapaz de apreciar quaisquer coisas além de um círculo muito estreito.”

Novamente embarcados

Soubemos que para alcançar nosso destino deveríamos navegar o rio Doce acima em canoas, após desembarcarmos do vapor sobre a barra. Nós não sabíamos como a viagem em canoas seria. Mas nós soubemos em pouco tempo.

Novamente embarcamos, em 26 de maio. Dessa vez em um vapor brasileiro, o *Juparanã*, pronuncia-se Juparanah, que rumava a São Mateus, uma cidade portuária a diversas milhas acima do Rio de Janeiro e além da província para a qual estávamos indo⁴. O vapor nos deixaria na foz do rio Doce. Nós não estávamos animados com essa viagem, na medida em que a pressa e a exasperação deram-nos lamentáveis dores de cabeça, mas estávamos gratos por estarmos sentados no convés, finalmente, e ouvir os sons do vapor e o tilintar de correntes, preparando para deixar a cidade. Estávamos cercados por amigos, alguns do lar que deixamos no Alabama, alguns de diferentes partes dos estados do sul, que haviam sido agradáveis companheiros na viagem de chegada. A novidade estava à nossa volta. A novidade estava à nossa frente. Preciso dizer que apreensões obscureceram nossos pensamentos quando soubemos que tentaríamos, pela primeira vez, a experiência de uma vida pioneira?

Nosso tempo estava inteiramente ocupado pois as crianças deveriam ser vigiadas, refeições deveriam ser ingeridas e desejávamos aproveitar plenamente a deliciosa brisa do mar, então permanecemos no convés o máximo possível. O enjoo era compreensível, ele veio, e quando a noite se aproximou e as estrelas surgiram, não podíamos aproveitar a serenidade de uma noite ao mar; estávamos sofrendo muito mais do que no Marmion. O vapor era menor, o movimento era mais abrupto e nossa cabine ficava na popa, o que fazia com que a arfagem fosse mais sentida.

4 Aqui a autora comete um erro, ao não incluir São Mateus entre as cidades da província do Espírito Santo.

Tudo estava arrumado. Os quartos cedidos pelo Estado eram confortáveis e lindamente organizados, e um comissário negro atendia aos nossos comandos. O cheiro de óleo do maquinário misturado ao odor de comida parecia penetrar todo o navio, agravando o enjoo, sendo então difícil permanecer abaixo do convés por qualquer período de tempo.

Após os horrores da noite chegou a manhã e todos nós nos vestimos apressadamente para irmos ao convés. O ar era fresco e delicioso, pensamos que havia chovido, pois a atmosfera estava úmida e apreciávamos muito a mudança. Estávamos contentes pois o salão de jantar era inteiramente diferente de nossa cabine, localizado além da maquinaria, no meio do navio. As cabines para os capitães e oficiais se localizavam na parte frontal da embarcação. Havia duas longas mesas no salão de jantar, bem dispostas e a comida apropriadamente preparada e caprichosamente servida. Havia carne seca preparada de diversas formas, grelhada e refogada. Carne fresca assada e preparada em bifes. Feijões pretos, assemelhando-se ao nosso feijão fradinho⁵ em sabor. Esse é um prato muito saboroso e deve ser acompanhado com a *farinha* ou arroz. Eles cozinham arroz, não como nós o fazemos, mas com temperos e algumas vezes acrescentam sabor e cor com uma folha, que dá uma tonalidade rósea. As folhas também são colocadas sobre o topo do prato. A farinha se parece com nossa farinha de milho, em aparência, mas o processo de tostá-la deixa-a sempre pronta para utilização. É colocada sobre a mesa, fria, em pratos e os brasileiros usam-na, em geral, como substituta para o pão. Eles compram pão, como nós depois aprendemos, mas nunca o fazem em suas casas.

Suportes ornamentados, feitos de porcelana chinesa, contendo palitos de dentes ornamentavam as mesas e nós, de uma só vez, adotamos o costume de retirar um de seu receptáculo ao nos retirarmos de nossas refeições. Eles chamam suas sobremesas de *doces*, compotas geralmente feitas com as frutas do país.

5 No manuscrito original: corn field peas.

Vitória

Na segunda noite chegamos à baía de Vitória, e ancoramos na entrada do porto. Pela manhã, logo antes do amanhecer, partimos e nos aproximamos dessa antiga cidade, tão notável pela grandiosidade de sua localização. Perdemos esse rico e peculiar cenário, tão cedo, e teríamos nos arrependido se não tivéssemos, um ano depois, o observado ao luar e ao amanhecer, em toda sua maravilhosa beleza. Nunca cessamos em nos sentirmos gratos pelo privilégio de ter visto essa paisagem.

Ao chegarmos, estávamos ainda em nossas cabines, mas logo nos vestimos e fomos ao convés para ver a cidade que, excetuando o belo cenário montanhoso ao fundo, era de uma fealdade evidente. Casas velhas, feitas com pedra e barro, com telhados sujos, davam um ar de desolação. As ruas, pavimentadas com pedras há mais de cem anos, não eram limpas nem havia nada de atrativo em suas lojas. Muitos de nós fomos à terra e andamos a esmo, olhando de um lado a outro, de uma maneira rude. Não sabemos porque nos sentimos tão privilegiados, mas suponho que era porque tudo parecia tão diferente de uma cidade americana que não podíamos reprimir nossa curiosidade. Se à época conhecêssemos os brasileiros melhor, teríamos conscientemente agradado ao invés de ofender, já que é sinal de boa educação entre eles examinar, em escrutínio, a aparência da redondeza e realizar cumprimentos agradáveis e lisonjeiros quando adequada às suas impressões, ou, de outro modo, se a opinião diferir.

Alguns foram atraídos ao verem mulheres fazerem renda, sobre almofadas, o que era feito com grande destreza, usando inúmeros alfinetes e bilros. Esses bordados e pontos eram realmente belos e as senhoras usavam-nos para adornar seus vestidos. Suas fronhas são abertas em cada ponta, com um laço na borda da bainha. Garotinhas de todos os tamanhos têm conhecimento dessa arte e usam os alfinetes e bilros de forma tão ágil quanto suas mães, e as classes mais pobres fazem-na e a usam em grande quantidade. Descobrimos o artesanato como uma

característica do sexo frágil, e nos surpreendemos com a beleza de seu trabalho com a agulha, em casas completamente desprovidas de luxo e escassas em conforto.

Quando chegamos à foz do rio Doce, fomos mantidos em um agitado suspense, até que a barra fosse transposta. O tropel no convés de oficiais e marinheiros, o tilintar das correntes, a distribuição de comandos em alto tom, etc., fizeram um barulho pouco comum e deixaram ansiosos em saber a causa da apreensão. O capitão ordenou todas as vigias fechadas e os passageiros foram mandados para baixo. Nosso suspense foi de curta duração, pois passamos de maneira segura, com alguns mergulhos, em ondas turbulentas e novamente a âncora foi lançada.

Fomos levados ao solo em pequenos botes e, quando descemos, eles retornaram para buscar nossa bagagem. Depois que tudo foi trazido à terra, voltamos nossos olhares sobre nosso lindo vapor, admiramos (como todos devem fazer) a graciosidade de um navio sem velas sobre o oceano. O quão sozinho parecia, como um pássaro suspenso sobre o mar, pronto para o voo. Sua proa dourada que “cavalgava em riste sobre as ondas” agora resplandecia à luz solar e nos parecia dizer adeus, à medida que ele graciosamente realizava um suave movimento de volta.

Nossos próximos pensamentos eram sobre a felicidade de estar em terra. E agora daremos a nossos leitores (sobre nossa vida nos ermos) a primeira descrição.

Primeira descrição

A barra, em sua grande força solitária, jaz à nossa frente, com nada para romper a monotonia da mesmice, exceto o quebrar das ondas, que se formavam metodicamente, fazendo um estrondo sombrio. E ainda nos sentíamos gratos, por mais enfadonho que fosse. Rapidamente nossa tenda foi armada, nossas camas de ferro, que abriam e fechavam com dobradiças, foram montadas para nosso uso e colchões lançados sobre elas. Elas eram pintadas em verde e eram razoavelmente bonitas. Cadeiras e bancos de acampamento foram espalhados.

Os cavalheiros andaram pelas redondezas e trouxeram gravetos, que foram pegos do chão, e fizeram fogueiras. Panelas de ferro foram requisitadas para cozinhar feijão preto, que havíamos trazido em abundância. Os feijões são muito duros e é fácil conservá-los como o café ou o arroz. Nós tínhamos certa quantidade de arroz também, e cada família possuía um amplo baú de latão cheio de bolachas, queijo e presunto cozido. Nosso primeiro almoço foi muito saboroso, e apreciámos a ocasião como um grande piquenique. Entre aqueles que estavam conosco havia grupos que já tinham sido pioneiros antes, e sua experiência era benéfica aos outros.

Quando a noite se aproximou julgamos recomendável que nosso grupo se separasse, alguns em busca de acomodações em uma casa, a menos de um quilômetro de distância, tendo sido informados de que podíamos ter nos abrigado lá. Alguns foram a pé, outros em canoas. Nossa família foi pela rota aquática. Uma residência, finalmente, surgiu em nossa visão, a viagem foi curta. Novamente desembarcamos. Vimos um dos primeiros telhados cobertos de sapê. A casa não tinha cerca em volta e os bodes permaneciam familiarmente próximos à porta sob os beirais pendurados. Passamos pelo rebanho e entramos, a pedido de Madame Oliveira, a senhora da casa. Ela possuía uma face amável e bela, parecia desejar que nos sentíssemos bem-vindos. Sua compleição tinha a cor negra brasileira, seu cabelo negro, liso e lustroso, seu vestido limpo

e arrumado. Isso era agradável, na medida em que não esperávamos limpeza dentro enquanto bodes abundavam do lado de fora. Alguns dos cômodos possuíam piso de madeira, mas em sua maioria eram de terra. O melhor quarto continha uma bela cama francesa e duas cômodas. Uma era de um estilo antiquado e desajeitado, a outra mais moderna. Nossa gentil anfitriã fez tudo a seu alcance para que nos sentíssemos confortáveis, nem por um único momento pareceu perder sua paciência e estava nos servindo apenas de bom coração. Aprendemos que eles não aceitariam qualquer dinheiro pela sua hospitalidade aos americanos. A senhora aceitou pequenos presentes em joias e artigos de vestuário para suas crianças. A moda e as mercadorias americanas eram de fato de valor para ela, pela sua novidade. Nós todos nos sentimos muito mais satisfeitos após termos retornado, de algum modo, essa gentileza genuína. Aqui estava uma verdadeira mulher, gentil, retraída, benevolente e fomos, imediatamente, acalorados, em coração, para com esses estrangeiros. Seu marido era capitão de uma escuna, que carregava Jacarandá ao Rio. Vimos outros homens indo e vindo, alguns pareciam instruídos. Parentes e visitantes vinham, três ou quatro de uma vez, atraídos pelos americanos, nós supusemos. Eles nos observavam com grande curiosidade, mas com deferência e polidez. Examinavam nossos trajes e realizavam comentários agradáveis.

Havia um grande cafezal, não distante da residência, ou *casa*, como as chamam, e caminhamos entre suas sombras, ao entardecer; sentindo que estávamos, de fato, em um novo país. Parecia-nos estranho não haver árvores frutíferas à nossa volta, em uma terra em que elas crescem tão abundantes, mas isso é o que ocorre, frequentemente, em nosso próprio país quando tais luxos são obtidos e criados sem dificuldades, eles nunca são cultivados.

A grande questão das canoas, nas quais realizaríamos a viagem rio acima, foi o assunto que nos deixou absortos. Os homens se reuniram, fazendo planos, e as senhoras consideravam como suportariam a viagem desse modo insólito. Um grupo de cavalheiros tomou uma rota terrestre, a maioria a pé, em companhia do Coronel Gunter. O Sr. Roussell tinha

certo número de escravos que o acompanhavam. Um grupo se foi, o restante estava preparado e esperando avidamente.

Cedo, na manhã seguinte, quando a luz estava apenas surgindo através dos interstícios do teto de folhas de palmeira, ouvimos vozes altas do lado de fora. Os camaradas chegaram, com canoas. Dormimos profundamente, embora sem luxo, já que muitos de nós usamos nossos próprios colchões, colocados lado a lado sobre o chão. Saímos nessa hora refrescante, para ouvir sobre o que se tratava toda aquela conversa alta. Observamos grandes gesticulações dos homens, que estavam apontando para as nuvens e ouvimos “*muinta chuva*” entre outras palavras que não entendemos, e a partir disso compreendemos que eles estavam apreensivos com a chuva e a jornada seria adiada até que tivéssemos tempo limpo. Como isso nos deprimiu! Outro dia! Talvez outro. Sim, nós fomos compelidos a esperar por tempo bom.

Varejando rio acima

A cena às margens do rio: americanos aglomerados com sombrinhas em mãos, malas por todos os lados. Camaradas (ou trabalhadores) lá estavam, prontos para levar a bagagem e as pessoas nas canoas. Cadeiras foram colocadas aqui e ali para o conforto dos mais frágeis e mais velhos, as crianças amontoadas em colchões, ao fundo do bote. Banheiras empilhadas com um lavabo atravessado tornaram-se um assento para acomodar uma senhora, que nos assegurou que estaria muito confortável, mas nós sabíamos que era justamente o contrário. Ela levava uma sombrinha sobre a cabeça de sua mãe idosa, que estava sentada em uma cadeira à sua frente. Querida Senhora Margaret, ela era toda bondade. Não se importava com seus próprios inconvenientes, se aqueles que amava não os sofressem. Amigos feitos nesse caminho tornaram-se muito próximos. A princípio um laço foi feito porque eles vieram não apenas do nosso Estado, mas de nosso próprio país. Em uma familiarização próxima encontramos neles verdadeiros e bons sulistas em todos os sentidos. Major McIntyre tinha uma família interessante. A devoção deles uns aos outros e a gentil e respeitosa atenção dos garotos, não apenas à sua tia, mãe e irmãzinha, mas à nossa família praticamente conquistou nossos corações.

Na vida pioneira o verdadeiro caráter se mostra e uma grande variedade de características se evidencia sob nossa observação. Nós fomos afortunados em sermos lançados em meio àqueles que nós ainda sentimos prazer em chamar de amigos. E, apesar de os mares nos dividirem, nosso contato se mantém, e classificamos entre os dias mais felizes de nossas vidas aqueles passados em nossa nova casa, na colônia. Outras famílias de diferentes Estados sulistas, com as quais compartilhamos as alegrias e tristezas de uma vida áspera, tornaram-se próximas, e o laço de amizade será sempre mantido.

Mas devemos retornar à situação. Imagine uma pessoa sentada em uma cadeira de balanço, em uma canoa, com uma criança em seus braços,

uma sombrinha em uma mão, seus pés presos em uma posição imóvel. Essa era nossa condição. Entretanto, tendo a cadeira sobre a qual se recostar, era um luxo, mesmo que os raios de sol trespassassem a sombrinha de linho branco e nenhuma mão estivesse livre para usar um leque. Devido à nossa condição peculiarmente abarrotada e o inevitável arranjo de passageiros não podíamos nos ajudar. Ninguém estava próximo o suficiente para nos auxiliar no cuidado do bebê, ocasionalmente, e éramos compelidos a permanecermos em nossos assentos ou correr o risco de virar a canoa. Os camaradas cantavam e usavam as varas, em regular e uniforme seriedade, levando-nos algumas vezes próximos a uma margem e então próximos à outra. Ocasionalmente encalhávamos em um banco de areia e então, com energia renovada, empurravam-nos. Essa era toda variação que tínhamos, exceto alguns momentos de descanso, ao meio-dia, quando fomos para a terra por um tempo, para repousar nossos membros cansados dessa postura tensa, e para comer nosso almoço.

A tarde se arrastou da mesma maneira monótona. A monotonia foi rompida por um momento, quando uma das crianças perdeu um chapéu, que os camaradas não iriam parar para resgatar. O lamento foi grande por um tempo, já que esse era o sétimo chapéu que o vento havia levado para a água, dentre os nossos, desde que deixamos Montgomery. Nós compramos, em Vitória, alguns chapéus grandes com abas imensamente largas, que eram iguais a uma sombrinha ao sombrear suas faces. Quando bem amarrados, não eram levados facilmente. O último que se foi era de palha leve, flutuou rio abaixo e foi logo esquecido. Conversávamos uns com os outros, algumas vezes alegre, outras tristemente, imaginando se no dia seguinte conseguiríamos nos arranjar com mais conforto. Alguns dos imigrantes que viajaram rio acima um dia à nossa frente acamparam em um banco de areia quando a noite caiu. Eles esticaram xales sobre os remos e fizeram assim tendas. Os mosquitos deram-lhes tamanhas boas vindas que eles não puderam dormir. O mesmo grupo alojou-se, no segundo dia, em uma cabana indígena.

A viagem deles foi lenta e tiveram que se abrigar nesse domicílio humilde. Disseram-nos, quando comparamos os registros de nossas ex-

periências, que os nativos gentis mostraram-nos as hospitalidades costumeiras em suas acomodações diminutas. Um cão dormia no canto do quarto. Uma galinha no outro e o fogão, sobre o qual foram feitas refeições, foi dado como cama a uma senhorita, que estava doente com dores de cabeça. Imagine o luxo de deitar-se sobre uma cama, com um saco de farinha como travesseiro e tais companhias na residência. Mas estavam protegidos dos ares da noite. A senhorita do grupo tinha uma criança doente, mas, no dia seguinte logo cedo, eles chegaram à vila. Nossa canoa, embora partindo atrás, prosseguiu mais rápido e nós alcançamos Linhares na segunda noite. Mas, antes de falarmos em termos alegres de nossa chegada à vila, deixe-nos descrever nossa própria experiência na terra do Doce na próxima cena.

Acampando

O crepúsculo às margens do rio

A ampla corrente parecia cinza nessa hora solitária. Estávamos preocupados e nos sentamos em cadeiras colocadas sobre a grama alta, que crescia próxima ao escarpado e brusco barranco. Mosquitos irritavam-nos. Estávamos cansados e desapontados.

A pequena cabana suja feita de barro que se erguia em meio à longa e vigorosa grama parecia inabitada, mas não era.

Um homem e uma mulher apareceram. Os únicos nativos que nós vimos que pareciam infelizes. Notamos suas faces comedidas e não esperávamos a cortesia usual, mas estávamos enganados. Eles nos ofereceram o abrigo de sua pequena cabana. A Senhora McIntyre, sendo uma inválida, aceitou a oferta, pois todos nós sabíamos que ela não poderia dormir ao relento, sem danos. Quanto ao resto de nós, que estávamos bem e apenas cansados, esticamos uma tenda, feita de lençóis espalhados sobre os remos dos barqueiros, que foram fincados no solo em uma fileira de vês invertidos. Nossa tenda de lona foi deixada para trás, para nosso jardineiro irlandês, que a manteve não apenas para se abrigar, mas para a bagagem, que necessariamente teve de ser deixada na barra. Ele fielmente permaneceu lá, guardando da melhor maneira possível nossas caixas de provisões, roupas de cama e a maioria de nossas malas, mas, a despeito de seu cuidado extremo, não pode preveni-las de molhar sobre a areia, que sempre se encharcava com a maré e chuvas contínuas, que caíam durante o tempo em que lá permaneceram.

Mas, retornemos ao nosso acampamento, os mosquitos estavam picando o bebê e nós não podíamos abaná-los para longe. Uma de nossas garotinhas correu abaixo até nossas canoas para buscar seu cachecol comprido para que pudéssemos agasalhar seus pés.

Um grito amedrontado, no momento seguinte, alcançou nossos ouvidos. O que era que vinha, tão dolorosamente, até nossos corações? “Papai, papai” em um tom tão violento e pesaroso!

Ao tentar alcançar o cachecol da canoa, enquanto permanecia em outra próxima à margem, elas se separaram e enquanto segurava na lateral do bote, ele rapidamente se afastou, arrastando a pobre criança abaixo para o rio. A água tinha seis metros de profundidade nas margens, mas ela segurou firmemente à canoa até que seu pai, ouvindo seu choro, correu abaixo e a levantou de lá. Ela estava encharcada, já que a água veio até seu pescoço e pálida de medo! Quão desconfortável em sua roupa fria! Mas, que alegria para nós, ela não caiu, já que estava próxima de deixar o bote escorregar de suas mãos.

Que começo! Que aperto nos corações com esse aflitivo susto como cena de abertura!

Nosso fogo queimava de uma maneira tênue, desagradável, não nos dando chama fulgurante e, embora tentássemos, toda a noite, secar as roupas molhadas, elas ficaram apenas bem defumadas e parcialmente secas pela manhã. Todas as árvores e pequenos arbustos à nossa volta estavam umedecidas com orvalho. Os lençóis, que estavam esticados sobre nossas cabeças, estavam na mesma condição gotejante e nos sentimos certos de que estávamos em um clima de grande umidade. Isso, entretanto, era favorável, embora desconfortável ao extremo, enquanto estávamos revigorados para nossa jornada.

As crianças eram gratas por estarem sobre seus pés novamente, pois seu sono fora perturbado pelos mosquitos e pela queda de um dos remos sobre suas camas. Felizmente ninguém se machucou.

Não distante da porta da cabana, vimos uma máquina primitiva, ou moinho, para moer cana, cujo caldo usavam para adoçar o café. Ninguém suporia ser essa uma máquina, mas era evidentemente muito útil para essa família. Dois postes fixados no solo, com engrenagens presas, uma delas era movida por uma alavanca, que passava pelo fundo. A cana era colocada entre as engrenagens e o caldo recolhido com uma cabaça abaixo.

Uns poucos pés de café cresciam ao fundo da cabana e próximos à margem do rio, em frente estava uma fileira de laranjeiras carregadas. O único prazer que tivemos estava em comer algumas dessas frutas deli-

ciosas, após empurrarmos as canoas. Nós experimentamos limões doces pela primeira vez, achamos refrescantes e agradáveis, mas não tão bons quanto as laranjas.

Nossas sombrinhas brancas não eram uma proteção suficiente dos raios solares e alfinetamos xales sobre elas, tornando-as tão pesadas que era doloroso segurá-las sobre nossas cabeças, mas teria sido muito mais doloroso sem elas. O segundo dia foi apenas tolerado e, quando a noite se aproximou e pudemos fechar nossas sombrinhas, experimentamos um sentimento de alegria e conforto indescritível.

Quase lá

O deleite novamente difundiu-se pelo grupo, quando nos foi dito pelos camaradas que estávamos muito próximos a Linhares. Até então, não vimos sinais que indicassem a proximidade de uma vila. Frequentemente nos prendíamos em bancos de areia, mas, como isso aconteceu dúzias de vezes a cada dia, não seria evidência de que nossa jornada estava próxima do fim. Trechos das canções daqueles nativos escuros elevavam-se no ar da noite, e embora, não tão harmoniosas como as notas do sabiá, as melodias soavam alegremente em nossos ouvidos. Diversos quilômetros mais se passaram da mesma maneira monótona. As florestas pareciam negras à distância, como as margens o eram, às vezes, a dois quilômetros de distância. As estrelas brilhavam radiantemente. A noite caía mais intensamente sobre nós. Sentimos o orvalho caindo. Foram requisitadas capas e xales para cobrir os pequenos que estavam dormindo.

Diversos quilômetros mais, sem variação do modo de viajar, do cenário ou posição, e nenhuma Linhares ainda à vista. Estávamos demasiados cansados para reclamar. Nossas cabeças doíam e desistimos em resignação completa, até que uma nuvem de mosquitos atacou-nos, quando as canoas passaram sob os galhos pendurados de árvores curvadas. Nossos sentimentos então eram mais lúgubres do que podíamos expressar. Nenhuma luz à vista. Nada, em ambos os lados, exceto as árvores da floresta. Nada para ser ouvido além do chape dos remos e a miríade de vozes dos grilos e um guincho ocasional de um pássaro noturno. Estávamos em um estado de intrepidez indiferente, sério demais para dormirmos, e nossos olhos estavam mantidos em um olhar tenso em direção ao lado direito do rio. Finalmente, as “boas novas” foram pronunciadas. Os fragmentos de melodia que os camaradas continuaram a emitir, a cada momento em uma melodia mais nasalada e sombria, foram subitamente interrompidos e eles exclamaram, em um tom alegre: “Linhares está aí.”

Quão encantador era ouvirmos vozes de um barranco alto ao qual estávamos nos aproximando. Ainda mais agradável foi ouvir instruções, distintamente dadas em português. Era a voz de uma senhora, que identificamos imediatamente como de uma americana. A senhora Anna Gunter, que esteve lá tempo suficiente para aprender a linguagem, falava de uma forma clara e fluente, e era respondida pelos camaradas. Ela os instruiu para outro ponto de desembarque, um pouco acima.

Nunca esqueceremos as boas vindas calorosas dadas pela família do Coronel Gunter. Eles prepararam a ceia para os viajantes cansados e, antes das nove da noite, estávamos descansando em nossa nova casa, que ele nos havia assegurado. Uma volta de cerca de um quilômetro, à luz das estrelas, trouxe-nos ao nosso domicílio. A casa, que era dividida entre a família do Dr. McDade e a nossa, era uma das melhores da vila. Era perfeitamente nova, coberta com telhas e piso de mogno. As casas foram-nos emprestadas por aquelas pessoas generosas, até que nós pudéssemos fazer nossos preparativos. Alguns deles vagaram suas próprias vivendas. A nossa nunca tinha sido ocupada, pois não estava completamente terminada e o proprietário possuía outra casa confortável.

Fomos compelidos a fechar as janelas (não havia caixilho) para manter os mosquitos fora. Esperávamos sentir-nos abafados, mas fomos surpreendidos. O ar era frio e agradável. A ventilação através do telhado mantinha uma corrente de ar que quase podia apagar velas. Dormimos profundamente a primeira noite e, à luz de um sol matinal do dia 6 de junho, lhe apresentaremos a vila.

Primeiro dia em Linhares

Uma vila brasileira, única e pitoresca. Excedia em simplicidade qualquer coisa semelhante a uma cidade que nós jamais tínhamos visto. A floresta além do rio, com montanhas distantes em seus mantos azuis, apenas alguns matizes mais escuros que o céu, marcava o horizonte e nós fitávamos admiradamente em volta, quando os topos das árvores recebiam a brilhante luz lançada sobre elas pelo sol matinal. As casas, muitas delas cobertas com folhas de palmeiras, foram arranjadas em fileiras, formando um quadrado em torno de uma ampla área verde comum. Havia poucas casas feitas de *tijolos*, belamente acabadas e cobertas de telhas, pertencendo às classes mais ricas. Havia uma construção muito prosaica, contendo um sino rachado, que soava para missas e todas as reuniões. Um poucas lojas, um correio e uma escola para os garotos da vila, e também uma igreja não terminada coberta de musgo, de todas as coisas a mais evidente.

Havia outras ruas além dessa, mas o maior número de casas podia ser visto da praça. Casas suburbanas, além da vila no lado norte, pontilhavam a borda do lago Deavis, canoas moviam-se pela superfície serena a qualquer hora, outras estavam amarradas com cipó às margens. A cena em torno dessa pequena lâmina d'água era muito bonita, com cabanas cobertas com palha, aninhadas entre palmeiras e bananeiras. Uma caminhada de mais de um quilômetro e meio levou-nos a esse cenário.

Lavadeiras estavam na água, batendo suas roupas sobre tábuas ou pedras lisas. Outras roupas brancas estavam alvejando à sua volta, sobre o chão. Ao longo das margens do rio, em vários desembarcadouros, as mulheres também permaneciam comprometidas na mesma ocupação, tornando as roupas que elas espalhavam na praia ofuscantemente brancas.

Mas devemos voltar à nossa descrição da vila e suas imediações para ver como os imigrantes estavam ocupados naquela hora. Vamos começar pelo nosso próprio domicílio. Havia muito que se fazer, mas o mais importante era o preparo da primeira refeição. Nosso café da

manhã foi cozido nos fundos, fora da casa. Pés de café cresciam atrás da casa, mas não próximos o suficiente para fornecer sombra em nossa nova atividade e estávamos determinados a termos um abrigo, coberto com folhas de palmeira. Nosso fogão ainda não tinha chegado, mas algumas panelas e um forno foram-nos emprestados. Colocamos nosso moedor de café na porta dos fundos da sala de jantar.

A senhora McDade, tendo chegado apenas um dia antes, estava pouco à frente de nós. Ela também estava fazendo todo esforço para almoçar alegremente em nosso novo mar de problemas e perplexidades. Alguns de nossos artigos mais necessários foram encaixotados na foz do rio e nos alcançariam aos poucos, na medida em que as canoas retornassem para buscá-los. Nesse tempo acampamos ao verdadeiro estilo pioneiro. Não havia utilidade em sentir pesar pelo vagar das coisas. Nós nos estabelecemos entre pessoas lentas e isso requisitava paciência.

Tínhamos assoalhos de mogno, mas não suponha por um momento que eles fossem polidos ou envernizados. Tábuas de pinho limpas sob nossos pés teriam sido mais belas a nossos olhos. Esses pisos foram serrados em grande espessura e não foram aplainados de maneira homogênea. Manchas do reboco estavam sobre o piso e um dos nossos primeiros esforços foi encontrar alguém para esfregá-lo. Percebemos ser impossível encontrar uma pessoa desejosa de realizar um trabalho tão pesado. Eles eram excessivamente limpos em sua aparência e suas casas em ordem, mas não achavam necessário esfregar. A maioria deles possuía pisos de terra batida e eram sempre bem varridos. Nossa única alternativa era tentar lavar os pisos nós mesmos.

Quando nossas caixas chegavam, cada uma delas que era esvaziada tornava-se algum artigo de mobília. Caixas de despensa, penteadeiras, etc. Nós tínhamos belas pequenas bacias para lavarmos as mãos feitas de ferro, muito leves e graciosas, pintadas de verde como nossas camas, e logo tínhamos um lar de aspecto jovial.

As damas estavam todas ocupadas e muito interessadas em organizar suas casas e se visitavam constantemente, comparando registros e obtendo novas ideias umas das outras.

A chuva caía a cada dia e nós achamos a temperatura do ar encantadora, mas uma noite, durante a primeira semana, uma chuva intensa veio saraivar nosso telhado. As telhas não tinham sido cimentadas ainda, algumas se soltaram de seus lugares e a água despejou como se passasse por uma calha. Nossas camas, por sorte, permaneceram fora do caminho da água. Reunimos, com muita pressa, todas as bacias e os baldes e, em pouco tempo, todos estavam cheios a ponto de derramarem. Pela manhã, nós secamos, arejamos tudo e reorganizamos as telhas. Os telhados de folhas de palmeira dos nossos vizinhos eram impenetráveis à chuva. Eram frescos e certamente muito bonitos, com beirais profundos e adornados.

Cada dia trouxe consigo algumas novidades triviais, e nossa experiência pioneira estava se tornando uma vida de sacrifícios em vez de alegrias. A esperança salvou-nos do desespero absoluto, pois não poderíamos senão acreditar que havia algo melhor à nossa frente. Nós já estávamos cansados do esforço de tornar uma casa temporária agradável, e ansiosos para que essa vida de provações viesse a termo.

A maioria dos cavalheiros estava procurando lares no belo lago Juparanã, próximo a nós, unido à vila por um estreito e meândrico rio no qual eles viajavam em canoas. Todos os dias traziam notícias animadoras de alguém que retornou, cheio de entusiasmo. Cenários tão maravilhosamente belos, florestas tão ricas e variadas em cores, brisas tão deliciosas, miríades de peixes, praias de areias tão amáveis e brancas, tão pitorescos os desfiladeiros vermelhos cor de barro e as escarpadas, pedregosas encostas das gloriosas montanhas, tão musical o som das ondas fluindo! Os cavalheiros que retornaram da terra prometida eram eloquentes, e à medida que ouvíamos, a esperança levava-nos aos céus em asas estendidas e a animação era restaurada em nossos corações.

Nosso fogão chegou, finalmente, e com nossos corações alegres fomos trabalhar e cozinhamos de uma forma mais agradável. Descobrimos que ele assava refinadamente, e então, com vida e energia renovadas, preparamos nossas refeições diárias. Chuvas frequentemente

nos interrompiam, é verdade, mas exclamaríamos rindo: “A chuva está vindo, devemos correr para a casa.”⁶

Multidões de brasileiros vinham diariamente nos visitar. Muitas vezes respondíamos estupidamente às saudações costumeiras e lhes dizíamos: “Tchau, até uma próxima vez”, quando deveríamos ter respondido: “Bom dia, como vai sua saúde?”. Eles não se ofendiam com nossa grosseria aparente e ainda continuavam a vir, mostrando o mesmo interesse profundo em nossos assuntos, todas as vezes.

As mulheres não podiam andar, mesmo para visitar um vizinho próximo, sem uma escrava ao seu lado, e era frequentemente difícil dizer quem era a senhora, sendo suas compleições as mesmas. Entre estas últimas, entretanto, havia algumas tão negras quanto as etíopes.

6 No manuscrito: *The chuva is coming down, we must rush into the Casa.*

Visitantes

Eles geralmente vinham em multidões e os americanos eram compelidos a receber seus visitantes dessa forma. Algumas vezes mais de uma dúzia viria de uma vez e, em um curto período de tempo, uma dúzia mais de algum outro quarteirão, enchendo a casa, tanto que cada cadeira, baú e caixa eram trazidos para uso como assentos.

Essas pessoas mostraram-nos grande bondade e não desejávamos ser incivis, mas era realmente uma provação suportar toda essa demonstração de cordialidade misturada a curiosidade. Éramos sem dúvida um objeto de estudo atraente para aqueles seres parcialmente civilizados. Eles eram educados na medida do possível, mas suas ideias de civilidade eram diferentes das nossas. Era uma evidência de grande respeito e admiração examinar nossos artigos de vestuário e eles nos imploravam para mostrarmos os conteúdos de nossos baús. Examinaram nossos fogões e todos os nossos artigos de alimentação. Ficaram encantados com as nossas bolachas⁷ e pão branco, falavam sorrindo uns com os outros, com expressões de perplexidade em suas faces. Os americanos mais jovens rapidamente aprenderam o suficiente da linguagem para conversarem com eles e isso encorajava sua sociabilidade, e assim continuavam a aparecer em grupos, a qualquer hora do dia e também após a ceia.

De frente à nossa porta, do outro lado do quarteirão, ficava a capela da vila. O sino nada melodioso tocava seus repiques diários e qualquer dia parecia devotado a algum grande Santo. As mulheres, vestidas em seus melhores trajes, iam à missa e então transitavam pela vila, aproveitando esses dias como descanso e recreação, não observando o Sabá, exceto como um feriado, e nesse dia elas geralmente costuravam

7 Nota do tradutor: "biscuits"

industriosamente, na medida em que tal ocupação era seu passatempo favorito⁸. Eles eram rígidos na observância de todos seus costumes.

Ocasionalmente, o Padre era visto com uma expressão desconsolada, vestindo um manto de algodão preto, suficientemente longo atrás e curto o suficiente na frente para expor seus pés, sobre sandálias esfarapadas e poeirentas. A cada passo as solas de madeira caíam, realizando um barulho em contato com o chão. Ele às vezes vestia um chapéu de três pontas. Em outras ocasiões o ponto liso raspado do topo de sua cabeça estava visivelmente reluzindo sob a luz do sol. Soubemos que, em um momento posterior, esse padre enlouqueceu e se retirou para a floresta, vivendo de raízes. Os índios Booga, parte de uma raça canibal, disseram que o teriam comido, mas ele era magro demais.

Nossa casa foi arrumada de forma bastante conveniente para duas famílias e, como o tempo para a fixação permanente era indefinidamente postergado, tentamos fazer arranjos para a manutenção da casa. Nossos gentis amigos cavalheiros ajudaram-nos a fazer uma cobertura nos fundos de nossa casa para utilizá-la como cozinha. Éramos protegidos do sol, mas não das chuvas, já que a fina camada de folhas de palmeira, dispostas inabilmente, era insuficiente. A preparação da palha, como os nativos a chamam, é lenta e tediosa, e muitas camadas são necessárias para cobrir uma casa adequadamente. Era prazeroso cozinhar em tempo bom, mas uma chuva forte rapidamente gotejou e nos levou para dentro.

Vieram porcos, cabras, patos e galinhas, de todas as partes da vila, sentindo-se completamente familiarizados com nossos assuntos culinários. Esse era um incômodo grave. Se deixássemos uma panela com comida sobre nossa prateleira por um momento para nos virarmos em direção ao fogão, uma galinha podia voar e pousar em meio à comida. Havia pouquíssimas cercas e nenhuma em frente às casas.

8 Aqui a autora faz uma contraposição à religião protestante de diversas denominações estadunidenses, para as quais o domingo deveria ser resguardado criteriosamente.

O café era seco, em estilo primitivo, ao espalhá-lo sobre o chão, previamente bem varrido e depois limpo para seu uso. Não podíamos adotar imediatamente sua forma de preparar o café, que era uma bebida deliciosa, como a preparavam. Os grãos eram inicialmente tostados e quando quase pronto, misturava-se o açúcar, que não era retirado enquanto sua cor não fosse perfeitamente preta. Era então batido com um pilão de madeira até virar um pó, e então despejado em um saco cru grosso. Quando se usa o leite, ele é fervido e adicionado ao café antes de trazer à mesa. Isso é chamado de “café com leite”.

Nossas caixas, a maioria delas, eram grandes demais para vir em uma canoa de tamanho comum e permaneceram na praia, onde a maré as umedeceu por baixo e a chuva caía frequentemente sobre elas, já que a tenda não podia mantê-la afastada de maneira eficaz. Nossos artigos de cama, nossos livros, além de nossas posses mais valiosas estavam dentro delas. Nosso fiel jardineiro permaneceu, junto a outros, guardando a propriedade, permanecendo em espera até que as maiores canoas viessem, para que os objetos pudessem ser mandados acima.

Nosso vizinho próximo era o professor da escola da vila. Seus pupilos eram somente garotos, já que garotas raramente recebiam qualquer educação naquela província. Após a chegada dos americanos, os brasileiros pareciam ansiosos em fazer uma reforma e começaram a pensar sobre trazer suas mulheres a posição de igualdade em relação aos homens. A posição das mulheres, à época, era muito inferior a de seus senhores e mestres, e nós presumimos que elas estavam satisfeitas com o destino a elas reservado. Mas, quando viram nossas damas visitando umas às outras sozinhas e compartilhando os prazeres da vida social com nossos vizinhos, sem restrições, elas pareciam intrigadas e, não estranhamente, estavam com um pouco de inveja. Ainda assim, suas considerações gentis eram incessantes.

Os periquitos são pegos facilmente e os cavalheiros frequentemente traziam-nos para as garotas, e, em poucas horas, eles eram perfeitamente domesticados, pousavam sobre seus ombros enquanto lavavam louças ou estavam ocupadas em qualquer trabalho doméstico. Eles são

de uma cor verde rica e linda, assemelhando-se aos papagaios, só que bem menores.

Grandes pássaros também são facilmente domesticados. Havia uma grande arara, que pertencia ao professor, que andava calmamente até nossas portas sempre que se sentisse disposta. Suas cores eram vermelha e azul. Emitia um som estridente desagradável. Esse animal de estimação foi morto um dia por uma vaca que se enfureceu com suas cores vivas. Sua morte gerou bastante comoção.

Sociedade

O professor, como nós chamávamos o mestre da escola, era muito gentil e ofereceu à senhora McDade o uso de sua cozinha, que estava tão convenientemente próxima, pois seu fogão não havia chegado. O fogão era relativamente novo, tinha uma larga tampa de ferro, em um forno alto feito de tijolos com locais abertos para as panelas e chaleiras, como em nossos fogões. Havia um desses fogões nessa cozinha, amplo o suficiente para o uso de duas famílias.

Um ferreiro inglês, chamado Meagher, atuava como nosso intérprete, e ele passava de casa em casa, oferecendo auxílio, até que nós nos tornamos de certo modo independentes dele. As crianças mais novas aprenderam a linguagem com uma rapidez espantosa. Pessoas idosas eram muito lentas. Algumas delas mal fizeram um esforço, porque era muito fácil conversar por meio de uma segunda pessoa. E, de fato, isso nos economizou trabalho, na medida em que fazer sala para tantos era uma tarefa complexa. Nós nos divertíamos, quando, sozinhos, misturávamos as duas linguagens, fazendo uso de palavras mais conhecidas do português.

Os nativos eram muito gentis por não rirem de nossos erros, e devemos ter cometido inúmeros equívocos ridículos. Todos os dias tínhamos uma ocasião para comentar como eles eram o povo mais educado e hospitaleiro que nós já havíamos visto.

As cerimônias religiosas são as mesmas com as classes superiores aqui, como nas cidades e, nós acreditamos, em todo o Império.

É costume, assim que candeeiros e velas são acesos para se fechar as portas, o pai de família então desejar uma “boa noite” para sua família e para seus hóspedes. A saudação é feita entre todos. As crianças beijam as mãos de seus pais e dos criados que estão pela casa, ajoelham-se e seguram suas mãos, com a palma para cima, para a bênção, dizendo: “A bênção, senhor ou senhora”.

Toda a água usada pelos habitantes era trazida pelo rio. Nós a despejávamos em *talhas* ou *moringas*, onde ela resfriava após lá permanecer.

Achamos que seria fácil lavar nossas roupas, já que as lavadeiras eram numerosas, mas era impossível contratar uma mensalmente ou mesmo diariamente. Não conseguíamos entender o porquê, já que havia muitos negros livres. Mas quando soubemos a razão ficamos pasmos. Eles temiam que isso fosse um descenso na sua posição perante a *sociedade*. Eles seriam considerados serviçais e resistiam à ideia de serem classificados como tais. Proprietários de escravos não podiam disponibilizá-los. Então, fizemos todo o trabalho nós mesmos, lavando a maior parte das roupas. Algumas vezes as senhoritas, crianças e alguns dos idosos que eram fortes e saudáveis foram até a margem do rio onde os nativos lavavam e alvejavam suas roupas. Os americanos ficavam em canoas ou lavavam em tinas na beira do rio. As mulheres indígenas e as negras permaneciam no rio e batiam as roupas sobre rochas lisas ou tábuas, batiam por um momento, alvejavam por outro e então enxaguavam. Elas pareciam apreciar esse trabalho e, como não temem a luz do sol sobre suas compleições, viviam boa parte de seu tempo na água, possuíam pouquíssimas roupas e quase todo dia trocavam suas vestimentas. Nunca as vimos com um vestido sujo. As pessoas comuns vestem uma camisa ou corpete lindamente adornados com uma saia colorida. Usam muitos dos belos laços que elas mesmas fazem como enfeites. Às vezes, uma senhora da classe alta veste uma saia de cambraia com dúzias de fileiras de ricos bordados, cada uma de um padrão distinto. Elas ficavam contentes ao deixar-nos admirar seu trabalho e nós realmente o fazíamos, na medida em que eram muito habilidosas com suas agulhas.

Os índios

Habitantes da vila em comoção. Americanos agitados. Alguns trêmulos. Os índios Booga⁹ estavam na vila. As senhoras, algumas nas margens do rio, lavando, outras fora de suas residências, ocupadas cozinhando, abandonaram seus afazeres, correram para suas casas e fecharam portas e janelas. Esses seres estavam completamente sem roupas, traziam apenas uma faca suspensa por um cordão em volta do pescoço, a ferramenta balançava nas costas. Suas cabeças perfeitamente carecas e suas peles da cor de um camundongo jovem. Seus corpos grandes e seus membros pequenos. As coisas mais feias que se pode imaginar.

As residências fechadas continham corações entristecidos. Quem poderia se contentar em viver onde se estava sujeito a cenas como essa. Tais interrupções de seus afazeres diários. A esperança não tinha entrada agora. Visões da bela casa e suas cercanias desapareceram por completo. A cena presente era de fato horrível! Nós nos entregamos ao desânimo, em seu grau mais baixo. “O Pai” estava acima no lago, não podíamos recorrer a ele. “A Mãe” não estava com humor para encorajar os espíritos desanimados de seus entes queridos à sua volta. Estávamos sentados juntos, aprisionados, quando uma batida na porta enviou uma sensação de terror a todos. Não nos atrevemos a nos mover até que uma voz reconfortante, que conhecíamos bem, pediu para entrar. Abrimos a porta e uma risada cordial saudou nossos ouvidos.

Dr. Dunn, com olhos joviais cheios de alegria, entrou; dissipando de repente nossa tristeza intensa. Sua risada era contagiante – embora a palidez não tivesse desaparecido de nossas bochechas.

“Eles irão nos fazer mal?” perguntaram simultaneamente vozes desanimadas.

9 Pela proximidade sonora a autora refere-se ao indígena como “bugre”, provavelmente índios Botocudos.

“Nenhum nesse mundo,” respondeu. “Eles não possuem consciência de maldade e apenas obedecem a esse chefe, como autômatos ou tantos cães.”

“Mas o chefe não pode querer nos machucar?” Nós perguntamos.

Novamente ele riu – dizendo, “Uma arma americana poderia dispersar a raça inteira. Acalmem-se.”

Em pouco tempo, as crianças se apinharam em seu colo, pois ele nunca ficava satisfeito a não ser que seus braços estivessem cheios e pelo menos um estivesse no encosto de sua cadeira.

A casa estava alegre mais uma vez. As janelas e as portas escancaradas, pois os índios passaram pela cidade e acamparam nas cercanias da vila.

Continuamos nossos preparativos para a ceia e a tarde passou prazerosamente, mas logo após escurecer, um som desnatural atingiu nossos ouvidos. Seguramos nosso fôlego, para ouvir. Uivos, guinchos, gritos, em uma maneira que representava uma canção selvagem, levantaram-se no ar, dissonantemente, dolorosamente, horrivelmente. Mais uma vez nossos espíritos se desanimaram rapidamente. Esses selvagens bêbados estavam dançando nas ruas, carregando, acima deles, seu distinto chefe, que não era um da tribo, mas de uma raça superior e que podia falar a língua portuguesa. Mas isso não nos deu qualquer conforto. Teria sido mais agradável acreditar que não havia sabedoria entre eles. Nosso alegre amigo não nos permitira entregar-nos a pensamentos sombrios, assegurando-nos, novamente, que eles não poderiam nos fazer mal. Mas não nos sentimos satisfeitos até ouvirmos que eles deixariam a vila no dia seguinte, após fazer suas compras de farinha, tabaco e rum, bebida que é chamada de *Cachaça*.

Após a ceia, poucas noites depois, tivemos outro susto, em uma escala mais moderada. Fomos até a despensa em busca de açúcar e encontramos um exército de grandes formigas tomando posse de dois barris, um contendo açúcar mascavo e outro contendo açúcar refinado. Elas cobriram tão completamente os barris por dentro e por fora, que não havia como tentar mergulhá-los em água. Retornamos à sala de

jantar e nos sentamos, desanimados, exclamando de todo o coração “*Tal país!*”. Um de nossos pequenos garotos, que posteriormente chamamos de “o filósofo” disse, em um tom suave, mas meio reprovativo: “Mamãe, Deus nos colocou aqui.” Essa reprovação, de uma criança de quatro anos de idade, era bastante eficiente. “A Mãe” deve a partir de agora ser mais esperançosa e menos perturbada por pequenos incômodos. Tivemos vexações e sofrimentos inesperados, mas muitos bons momentos apesar disso, e a repreensão de Charlie em tais poucas e curtas palavras vinha frequentemente à mente, e tentamos manter nossos corações em um estado de oração incessante. Uma grande Força Maior, que comandava nossos destinos, colocou-nos lá e para algum bom propósito. Podíamos apenas considerar isso como um triste engano, em momentos sombrios, acompanhada de privações e perdas, mas quando a resignação se aproximava, acreditávamos que era o melhor e nós ainda seríamos capazes de dizer, na terra do Doce, que significa tudo aquilo que é adocicado, “Vós não sois de todo amargura”.

Palmeiras sagradas em volta de nossas portas, brisas tropicais abanavam nossas frentes e cursos d’água à nossa volta eram agradáveis e refrescantes ao paladar, mas nós sentíamos que as “águas de Mara” foram levadas até nossos lábios “e elas eram amargas”. Poderíamos “lançar sobre elas a árvore da confiança”? Não iríamos esperar, para encontrá-las adoçadas?

A primeira dança

Quando os trabalhos do dia terminavam, os cavalheiros se arrumavam, não tão elaboradamente, e as garotas se preparavam de forma quase tão simples quanto eles, trocando um vestido calicô por outro, trançando novamente seus cabelos, vestindo fitas azuis ou cor-de-rosa em lugar de preta. Então, escolhendo algum cômodo amplo e contratando um músico, eles teriam uma dança. Requeria pouco tempo para reunir todos os jovens da cidade. A primeira festa foi em nossa casa, no cômodo frontal da esquerda, o qual a senhora McDade utilizou como sala de jantar e de recepção geral. Baús, cadeiras e mesas foram colocados contra a parede. A musicista selecionada era uma mulher brasileira. Seu instrumento era um violão de corda chamado *Viola* e as quadrilhas que tocava eram realmente belas. O efeito foi tudo aquilo que poderia ser desejado. Inspiração tomou os dançarinos e logo o piso vibrava com passos elásticos, corações batiam alegres, olhos cintilavam de deleite e vozes contentes, trocando belas palavras, pressagiavam contentamento entre os jovens imigrantes. Os mais velhos que se sentavam nos cantos, observando, apreciavam a cena, sentindo-se gratos por tudo estar tão radiante e alegre. Nem índios nem formigas poderiam lançar uma sombra sobre essa cena.

Alguns entre os brasileiros mais aristocráticos participaram e pensávamos que não conheciam uma única dança quando começaram. Eles aprenderam rapidamente e antes que a noite terminasse eles compreenderam as mudanças, bem como os americanos, mantendo o mesmo ritmo. Todos eles têm o dom da música, mas seu estilo de dança era muito diferente do nosso.

Um dos principiantes, que vestia um terno preto e calças brancas de linho, ficou completamente inspirado pela companhia agradável e a música encantadora. Ele se lançava pelo salão para frente e para trás, como se o chão fosse polido, e à medida que arremetia próximo a nós, ouvimos uma garotinha dizer, em um tom baixo, a alguém próximo: “Ele

não se parece com um pedaço de toucinho em uma chapa quente?”, o que foi sussurrado de pessoa a pessoa. O grupo se alegrava, e as faces estavam mais sorridentes que nunca, pois o chão se tornava mais quente sob os pés deslizantes e o vislumbre das calças brancas era visto entre o grupo alegre e movimentado.

Naquele cômodo estavam reunidos representantes de diferentes países, e quatro línguas diferentes eram faladas. Inglês, português, francês e alemão. Um francês educado, que fazia parte de um grupo de inspeção então na vila, divertiu-nos com sua ótima voz, enquanto Teresa, a musicista, acompanhava-o com sua viola. Ela era parte alemã e possuía o talento peculiar à sua nação. Monsieur Pralontt (pronuncia-se Prolon), o francês, era muito bonito e bastante elegante em suas maneiras e podia falar as línguas inglesa e portuguesa. O inglês incorreto, mas aprazível, era agradável a todos. Uma das garotas perguntou se ele falava nossa linguagem, ele respondeu “um pouco”. Ele então perguntou em sua própria língua “Parley vois Francois”, ela respondeu “Non Monsieur”. Ele então se voltou a um garotinho próximo, dizendo em português “Ela diz não saber falar a língua francesa e, no entanto, responde nela.”

Manly Gunter era o orgulho dos americanos, falava o português belamente, tornando-o muito mais agradável a nossos ouvidos do que o dos nativos. Ele e Monsieur Pralontt não tinham dificuldade em entreterem um ao outro, na conversa que daí resultou.

Nós tínhamos representantes de quaisquer Estados do Sul à nossa volta. Três jovens rapazes no cômodo eram de Montgomery, Alabama. Dois da Louisiana, um do Texas, um da Flórida, um da Virgínia, um do Tennessee. O restante dos cavalheiros de nossa comunidade não estava presente, já que alguns estavam explorando em busca de lares. Entre nós havia colonos da Geórgia e das Carolinas, alguns de diversas partes do país que nós deixamos, e um interesse comum fazia-nos sentir próximos uns dos outros. Algumas linhas foram necessariamente traçadas em nossa pequena sociedade. Isso ocorreu naturalmente, e nossos encontros sociais eram tais como deveriam ser.

Sempre que os exploradores retornavam à vila todas as casas eram abertas para recebê-los, e eles pareciam gostar muito das refeições preparadas por mãos hábeis. Eles sempre traziam consigo alguma quantidade de carne de caça, açúcar brasileiro e farinha, e as sociabilidades mais aprazíveis eram trocadas. A vida em Linhares tornou-se muito mais cintilante, mas os pais de família estavam ainda inquietos para terem um lar. Os mais jovens estavam satisfeitos com sua residência temporária entre um povo tão hospitaleiro.

A dois ou três quilômetros da vila vivia o senhor Calmon. Um dos homens mais ricos, ele convidou um grupo de americanos para sua residência, enviando acompanhantes e cavalos para eles. Alguns poucos casados e muitos jovens foram, retornando com relatos encantadores da generosa atenção que receberam. O jantar excelente, o açúcar quente, recém-saído das caldeiras. A farinha fresca, doces e doce de amendoim em grandes quantidades. Também vinho e limonada. A última bebida feita de limões frescos, que crescem em abundância lá. O ar em todas as direções era tão perfumado com essa deliciosa fruta, que era por vezes quase opressivo.

A única senhorita parcialmente educada no local era Rafaela, sobrinha do senhor Calmon, que vivia com seu tio. Ela era muito educada, bonita e interessante, e logo ganhou os corações de todas as garotas, por suas maneiras infantis ao expressar sua admiração por tudo que fosse americano. Ela nos visitava com frequência, sempre atendida por diversos escravos.

Enterrando os mortos

Cada dia algum novo traço do caráter desses nativos e de seus costumes se apresentava. O mais singular e bárbaro era sua maneira de realizarem enterros. O cemitério era muito próximo à nossa porta, sem pedras para marcar o local de descanso daqueles que partiram. Famílias inteiras eram enterradas em uma cova e às vezes, quando um novo corpo era depositado o coveiro jogava fora ossos e crânios velhos, para ajustar o espaço para o novo. Em uma manhã, uma cena como essa correu tão próxima a nós, que podíamos escutar um garotinho exclamar “Aquele é a cabeça da minha velha tia”, desferindo-lhe um chute, que a fez rolar.¹⁰

Funerais se passavam praticamente todos os dias. Algumas vezes dois ou três, durante 12 horas. Corpos de todo o campo sendo trazidos para lá para serem colocados no que era considerado “solo sagrado”. Os habitantes ricos eram enterrados na área delimitada pelos muros cobertos de musgo da Igreja, que nunca foi terminada, mas que parecia como se tivesse sido construída um século antes, e estava em ruínas por deterioração e negligência. Esse solo é consagrado e certa soma deve ser paga se um corpo for enterrado na área interna aos muros. Certo número de moradores sempre segue em comparecimento com longas velas de cera, acesas, que eles extinguem quando a terra é jogada sobre o corpo. Quando uma criança é enterrada, quatro pequenos garotos,

10 De acordo com as atas da Câmara de Linhares a vila não possuía cemitério e, portanto, a descrição de Julia Keyes sobre a existência de covas coletivas é absolutamente plausível. O próprio Imperador teria doado, à época de sua visita a Linhares, a quantia de 500\$000 réis para que fosse erigido um cemitério na vila: “Sendo imoral, irreligioso, e mesmo de pssimos resultados o internamento dos passados na praça publica desta Villa, hoje em peiores circunstancias pelo augmento da população com a imigração americana Sulista, proponho que a Camara peça a Sua Excellencia providencias e Ordens para o levantamento de hum Cemiterio Publico em lugar appropiado. Visto como no Coffre Provincial se acha depositado a quantia de 500\$000 reis dando (?) beneficente (?) feita pelo nosso soberano quando honrou esta Villa com sua Imperial Visita.” Arquivo Geral da Prefeitura Municipal de Colatina. Acta da Sessão Extraordinária da Câmara Municipal de Linhares de 19 de Agosto de 1867, folha 105 e verso.

vestidos em suas melhores roupas, carregam o pequeno esquife entre eles. Os infantes são colocados geralmente em uma caixa de papelão, com flores artificiais arranjadas ao redor de suas faces e sem cobertura nos frágeis ataúdes.

A aparência dos nativos não era saudável. Eles não pareciam fortes e aparentemente havia muita doença entre a população. Havia diversos casos de uma forma de febre tifoide, além de pneumonia. As mulheres trabalhavam mais arduamente que os homens, traziam água sobre suas cabeças em *talhas* de barro, algumas vezes contendo diversos litros, enquanto seus maridos se sentavam, fumando seus cigarros em frente a suas casas, mas esse era o costume e suas esposas pareciam pensar que isso era correto¹¹.

Chuvas fracas continuaram a cair e, como o solo sob nosso abrigo de cozinha era de uma consistência desagregante, como o barro negro da pradaria, não julgamos adequado andar em volta do fogão tão frequentemente quanto estávamos obrigadas. Então apenas criamos um grande problema ao vermos um porco da vila arrastar, de debaixo do fogão, a mistura para fazer pão branco que havíamos acabado de deixar crescer. Nossa paciência se foi nesse episódio, pois “o Pai” seria tratado com pãezinhos para o café da manhã. Ele tinha retornado do lago, tendo finalmente terminado a negociação com o velho Serafim por sua casa, mas, como algum tempo podia se passar antes de nossa partida, nós julgamos melhor tentar ficarmos mais confortáveis em nossas acomodações lá. Estávamos determinados a pedir ao senhor Calmon, o dono da nossa casa, se nós podíamos usar um dos cômodos do fundo como cozinha. Nós o vimos naquele dia e ele deu permissão para que

11 Entre os imigrantes, a liberdade das mulheres era destoante frente à posição das brasileiras. Além disso, o próprio Charles Grandison Gunter, líder da colônia, é citado como um dos principais defensores da emancipação feminina no Alabama do século XIX, com a proposta para votação na assembleia estadual da chamada “lei Gunter”, que reduzia os direitos do marido sobre a propriedade da esposa. Cf. *Alabama Department of Archives and History. Journal of the House of Representatives at the annual session of the General Assembly of the State of Alabama*. Microfilme M 367-3, p. 60, 13/12/1847. A lei é considerada um dos marcos do movimento pelos direitos políticos das mulheres nesse Estado.

trouxéssemos o fogão para dentro. Ficamos muito satisfeitos, mas as últimas chuvas trouxeram suas cenas de adeus para não serem esquecidas. Alguns excertos de um dos diários dará uma ideia correta de nossas vexações no departamento de culinária.

28 de junho de 1867 – “Hoje tivemos muitas provações. Estamos cansados de tantas chuvas, cansados de tanto cozinhar sob uma cobertura que apenas bloqueia parte da luz do sol e muito pouco da chuva. Eu começo a pensar que será delicioso ter um lar próprio no belo lago e ver ‘aquela cidade’ crescer à nossa volta. Papai acha que pode construir uma casa em breve, talvez em algumas semanas. Nós tínhamos algo para nos divertirmos que eu não devo deixar de fora de meu diário. Mamãe chamou-me *desajeitada* hoje, porque eu caí sobre a lama próxima ao fogão. Eu garanti a ela que fui cuidadosa, mas ela achou que eu não pisei cuidadosamente sobre tábuas que ela colocou para que nós andássemos. Uma de minhas irmãs veio, pouco tempo depois e deu um longo escorregão, caiu de costas, levantou-se, com manchas negras em seu tecido. ‘Olhe mamãe’, eu disse, ‘alguém além de mim é desajeitada’. Ela concordou comigo, mas eu vi que ela não pode evitar sorrir à medida que virou seu rosto. Não muito depois disso, ela foi até o fogão olhar uma carne que estava cozinhando em uma panela, e embora tenha pisado firmemente, *não* displicentemente, também caiu de maneira inesperada. Ao ver *seu* vestido, marcado com essa lama azeviche, não pude evitar exclamar: ‘primeira pessoa eu escorrego, segunda pessoa tu escorregas, terceira pessoa ele escorrega’.”

29 de junho de 1867 – “Papai pendurou os barris de açúcar nas vigas e passou alcatrão nas cordas. As formigas voltarão essa noite e procurarão por açúcar em outro lugar, eu espero. Ele também consertou nosso fogão, tão bem, no pequeno cômodo dos fundos e *agora* iremos cozinhar com algum prazer. É bom que o clima esteja tão deliciosamente fresco, não nos importaremos com o calor do fogo, e sempre dormimos cobertos. Uma colcha de retalhos pesada é agradável. O que nossos amigos dos Estados Unidos pensariam disso. Essa tarde nós visitamos alguns

brasileiros, nos divertimos com alguns macacos de estimação. Aqueles de tamanho pequeno são chamados *Marmozettes*.”

30 de junho de 1867 – “Não pude escrever em meu diário na noite passada, porque estava tarde quando nós retornamos do baile na casa do senhor Rafael. Tivemos uma noite encantadora, embora nossa *banda* fosse apenas um órgão. Entretanto, a música era boa.

O Capitão Benjamin Yancey foi conosco. Ele veio do lago hoje, trazendo consigo alguma carne fresca que mamãe cozinhou, temperando o molho da carne com sálvia que nós trouxemos de nosso jardim em Montgomery. Essa carne é muito parecida com porco fresco, é chamada de paca, mas não tem gosto de caça. Temos feito salsichas de porco fresco de verdade, utilizando a valiosa sálvia, o que me lembra dos velhos tempos, nos Estados Unidos. Gostamos desse tipo de vida e não nos incomodamos com modas.”

21 de julho de 1867 – “Não tenho sido fiel ao meu diário como eu pensei que seria, e há muito que eu podia ter escrito o que seria prazeroso recordar após o passar dos anos. Estamos desolados pelo fato dos americanos não decidirem ter suas plantagens ou fazendas no lago e seus lares na vila. Estamos tão bem satisfeitos aqui, e eu temo que outra vida nova em uma cabana de taipa será árdua. Ainda assim, estamos prestes a tentá-la. Espero que fiquemos satisfeitos. A senhora McDade e mamãe têm visitado alguns dos pacientes do Dr. McDade, levando-lhes comida e medicamentos. Algumas vezes as acompanhamos e traduzimos, já que estamos aprendendo a linguagem mais rápido que elas. Parece estranho esses nativos terem pneumonia, mas eles não se cuidam, confiando demasiadamente no clima ameno. Eles dormem em colchões que eles esticam sobre suas camas e cobrem-se apenas com um lençol. As mulheres das classes baixas em sua maioria usam vestidos decotados.”

Lavando roupas

25 de julho de 1867 – “Temos praticado o estilo brasileiro de lavar as roupas. Como as garotas nos Estados Unidos ririam se pudessem nos ver na margem do rio, batendo e alvejando. Nós tivemos uma interrupção súbita hoje, quando vimos uma canoa chegando com alguns americanos nela. Após eles passarem adiante para o próximo ponto de desembarque, retornamos e terminamos nosso trabalho. Não gostamos da possibilidade de sermos vistas naquela cena ridícula, e, embora fosse muita tolice correr, nos escondemos entre as árvores por um tempo. Realmente gostamos – veja como uma brincadeira –, mas se fôssemos compelidas a fazê-lo sempre, eu sei que objetaríamos seriamente.”

19 de agosto de 1867 – “Algumas das garotas deram uma volta a cavalo hoje. Os brasileiros emprestaram-lhes cavalos. Eles são muito bondosos conosco. Parecem se deleitar em nos mostrar favores. Muitas famílias se mudaram acima para seus novos lares no lago. O senhor e a senhora Miller estão vivendo, temporariamente, em tendas de palmeiras. A senhora Miller disse-nos estar perfeitamente feliz. A senhorita Anna ficou conosco por um tempo e agora voltou para a casa. Eu espero que nos mudemos em alguns dias.

Tivemos um grande susto em uma manhã, na semana passada, quando a senhorita Anna estava aqui. Um touro bravo investiu mugindo pouco antes do amanhecer e nos levantou da cama, nós tínhamos acabado de cochilar quando ouvimos vozes conversando em português fora da casa. Estava pouco iluminado. Eles começaram a bater à porta. Estávamos com medo de levantar e ver o que queriam, e continuavam a bater. Transcorreu algum tempo antes que nos arriscássemos a levantar e observar, quando o fizemos descobrimos que não era tão cedo quanto imaginávamos e quem nos incomodava era o homem e a mulher que vinham todos os dias àquela hora para encher as talhas com água. Eles tinham baldes de madeira já cheios sobre suas cabeças, estavam irritados porque não abrimos a porta para que entrassem. Todas estávamos

envergonhadas de nós mesmas por sermos tão tolas, mas garotas fazem isso algumas vezes.”

20 de agosto de 1967 – “Hoje, um dos estridentes carros de boi passou cheio de açúcar e todas corremos para fora, empolgadas como se os carros estivessem vindo até nós. Essas carroças são puxadas por dois, quatro ou seis bois. Esse barulho intenso e agudo que ouvimos muito antes de estarem às vistas, é necessário para fazê-los andar. Se os nativos lubrificarem as rodas e o barulho cessar, os bois não se moverão.

Encontramos conhecidos agradáveis. Há dois jovens cavalheiros, da Louisiana, um muito coxo, após ter sofrido muito com um ferimento do ferrão da barbatana de um bagre em seu pé. Alguns desses cavalheiros estão apenas explorando. Outros esperam subir até o lago. Quando todos eles e as famílias estiverem estabelecidos, nós teremos aquela pequena cidade.”

A chegada da bagagem

As montanhas distantes estavam mais azuis que o usual e as florestas, surgindo em densidade nas margens do rio, pareciam de um verde mais escuro. Na junção das duas correntes, uma larga e rasa, a outra profunda e estreita, duas cores eram vistas, uma de um tom róseo oriundo da argila de seu leito, a outra de um verde escuro por sua profundidade e proximidade das margens. As canoas foram amarradas na praia inclinada à margem. Sobre o rio róseo foi lançada uma sombra. Uma nuvem acima avançou rapidamente, revolvendo de forma gradual, como as nuvens brasileiras geralmente fazem, e grandes gotas começaram a cair. Metade das pessoas que ali estavam olharam para cima, pasmas pela chuva repentina. Esses eram os americanos, vistos correndo de um lado a outro, buscando guardar certa quantidade de bens da forte chuva. Camaradas levantavam suas varas, lançando sobre elas um tapete, sob o qual as damas e as crianças se concentraram para se abrigar.

O sol desapareceu apenas por um curto período de tempo, e as grandes gotas se transformaram em um pequeno chuveiro. A água vertia pelas pontas da tenda improvisada, mas as damas se arriscaram a sair para olhar novamente os conteúdos das caixas longamente esperadas, que há pouco tempo tinham sido abertas. Eram pesadas demais para serem transportadas além e, como não havia carroças na vila, os artigos tiveram que ser carregados em cestos e pacotes para a casa.

Mãos gentis entre nossos amigos se dispuseram a nos auxiliar. Os camaradas também carregavam grandes trouxas sobre suas cabeças. Muitas coisas foram severamente danificadas. As roupas de cama estavam em sua maioria secas e novas como quando foram empacotadas, mas nossos corações ficaram de fato tristes quando vimos que o conjunto de musselinas e outros artigos de vestuário, livros de qualidade, etc, estavam mofados e foram espalhados pela casa. Nossa Bíblia familiar, presente apreciado de um amigo querido, desmanchou-se em pedaços em nossas mãos, as bordas douradas enegrecidas com mofo, a encader-

nação em couro completamente molhada e arruinada. Pensamentos melancólicos sobre o fim desse amado volume deram lugar a alguns ainda mais sombrios, quando observamos nossa máquina de costura, quebrada em diversos pedaços, jogada, inútil. Não era estranho, a aquela altura. As águas do Doce pareciam apenas amargas. Um cheiro de mofo, lembrando-nos túmulos, permeava cada fresta e canto. A sensação olfativa era sugestiva de febre tifoide, e, de fato, nos sentimos doentes. Eu ainda posso senti-la, e, naquela noite, sepulcros eram abertos para me receberem em meus sonhos. Eu viajava com amigos, que há muito se foram para nunca retornar, e, em sua companhia, atravessava pântanos, sentindo o odor de roupas mofadas, encontrando em cada escadaria alguma figura conhecida, vestindo indumentária sepulcral, discerníveis apenas pela fraca luz do mundo inferior.

A luz do sol ao amanhecer afastou, em certa medida, nossos sentimentos sombrios e aflitivos. Espalhamos tudo aquilo que estava úmido sobre a grama em frente à casa, abrimos as janelas e portas para permitir a entrada de ar fresco. Aos poucos o odor de roupas e livros mofados desaparecia. Antes das 11 horas, uma dessas nuvens inesperadas surgiu movendo-se sobre a vila, e as pesadas gotas de chuva começaram a cair. Todos os membros da família correram para reunir as roupas e livros para dentro. Novamente o cheiro de bolor foi trazido para a casa e nossos corações se entristeciam, mais uma vez.

Dia após dia, a mesma coisa se repetia. Espalhávamos os artigos danificados na grama e trazíamos para dentro, refugiando-os da chuva. E então chegamos a um processo de separar o que conseguimos salvar do que não mais prestava, jogando fora o que estava arruinado e levando nossa engenhosidade à prova ao fazer uso daquelas coisas que não estavam completamente destruídas, como fazermos guardanapos para o jantar e o chá das reminiscências de toalhas de mesa. Mas nada trouxe satisfação maior que a alegre notícia de que nossa máquina de costura não estava quebrada além do ponto de poder ser consertada. Nossa querida e amada “Florence” foi novamente colocada em ordem pela perícia do “Papai”, que nunca duvidou do fato de que poderia consertar

a máquina, que estava quebrada apenas abaixo da mesa. Ele e o Dr. McDade foram juntos até a loja do ferreiro, e com a adição de zinco e considerável quantidade de arame eles uniram o eixo à roda do pedal, além de reparar com bastante firmeza outros danos. Tudo isso por termos um gênio na família. Com grande prazer tomamos nossos assentos e seus pontos eram lindos como nunca. Em pouco tempo tínhamos amigos à nossa volta, dando seus parabéns de coração, já que não éramos os únicos a sofrerem com a retenção das caixas na barra. Nossos desgostos foram curtos, pois a restauração de *um* tesouro supostamente perdido trouxe-nos grande alegria e nossas perdas logo se tornaram um assunto raramente lembrado.

Tal era a vida no Doce, em certa medida tão variável em luz e sombra quanto o cenário ao redor da vila, floresta, rio e montanhas. Uma hora obscurecido pela névoa da chuva, e na outra inundada pela gloriosa luz do sol.

Em uma tarde charmosa, após apreciar uma caminhada ao redor da vila, voltamos nossos passos em direção ao local onde se lavavam roupas, nas margens do rio. Assistimos, com nosso interesse usual, aos movimentos das mulheres batendo suas roupas. Nesse prazeroso estado mental, ficamos bruscamente chocados pela presença próxima a nós de uma garotinha com lábios leporinos. Duas longas aberturas estavam protuberantes a partir de sua boca, entre o lábio e estendendo-se ao nariz. Essa foi a mais dolorosa e desagradável deformidade que vimos. Uma garota idiota, que vagava pelas ruas, um garoto e uma garota com raquitismo eram frequentemente vistos próximos à nossa porta. Quantos casos mais seriam vistos nesse vilarejo de escassos duzentos habitantes? Certamente Constantinopla com seus mendigos deformados e desfigurados não tem mais deles proporcionalmente à sua população.

Descobrimos que a picada dos mosquitos estava se tornando venenosa à carne. Os pequenos, que andavam descalços, escapavam, mas os mais velhos estavam começando a sofrer mais. As faces e mãos não mostravam seus efeitos, mas dos joelhos aos pés as partes picadas tornaram-se inflamadas e doloridas. Essa experiência desagradável du-

rou apenas o período de aclimação, e, embora uma entre as diversas novas provações, difíceis de suportar, nos sentimos confiantes de que essa também era apenas temporária e buscamos ser pacientes. Todas as diversas loções que os numerosos médicos pudessem produzir foram testadas. Seis médicos americanos estavam na vila e um brasileiro, talvez um número demasiado de remédios foi aplicado, pois a enfermidade era de cura lenta.

Novas provações e diversões noturnas

E então veio a experiência do horrível *bicho*, pronuncia-se *beesho*, esse inseto muito diminuto, semelhante à pulga, que entra sob a pele dos pés, depositando seus ovos. A despeito da vigilância constante, eles incomodavam frequentemente as crianças, e se tornou objeto de estudo e ciência extraí-los sem dor ou efeitos posteriores. Esse era um enorme incômodo, e nós pensamos que nunca poderíamos nos reconciliar com algo tão desagradável, e nunca o fizemos. Mas havia tanta coisa que aprendíamos a apreciar no clima delicioso que tentamos suportar com paciência nossas pequenas cruces. Era prazerosa a ideia de ter, o ano todo, clima de primavera e outono, confortando-nos que nunca iríamos tiritar em volta de uma lareira, com ventos gélidos forçando sua entrada pelas frestas e portas abertas. A temperatura do ar era tão agradável que parecia nos dar energia em nossos afazeres. Cobríamo-nos com lençóis e colchas de retalhos, dormíamos profundamente e levantávamos pela manhã sempre revigorados, apreciávamos o ar fresco, que mudava ao meio-dia para o calor da primavera.

As chuvas frequentes geralmente perturbavam nossos planos, mas estávamos até mesmo nos habituando a isso. Estávamos ocupados toda a manhã, limpando e ordenando, fazendo a cada dia novas mudanças. Então apreciávamos costurar em uma forma social. Senhora McDa-de tinha uma máquina Wheeler's & Wilson's que fez sua jornada sem qualquer arranhão. A dela não estava encaixotada, mas apenas envolta em colchas e amarrada. Assim foi cuidadosamente manuseada enquanto as caixas eram agitadas sem consideração pelo seu conteúdo. Esse era um fato a ser lembrado e seria uma experiência útil, para outra viagem.

As senhoras brasileiras estavam em êxtase pela forma como cosíamos e frequentemente traziam seus vestidos para serem remendados. Elas consideravam as americanas pessoas maravilhosas.

Recebíamos nossas visitas nos quartos da frente, dispomos alguns de nossos melhores livros contendo gravuras, aqueles que não estavam danificados. Colocado em uma mesa próxima à janela havia um estereoscópio¹² com certo número de paisagens de todas as partes do mundo. Essa nova curiosidade atraía os nativos aos borbotões, e éramos gratos por termos um modo de entretê-los sem realizar o grande esforço de conversar em um português incorreto.

Geralmente usávamos nossa sala de jantar como sala de estar, após a ceia, e parecia bastante confortável. Nós tínhamos trazido conosco um amplo protetor de piano de lã verde com coroas de flores, o qual nós esticamos sobre a mesa e colocamos nosso maior candeeiro no centro. Reunimos nossas cadeiras em volta, alguns costuravam, outros liam e alguns riam e falavam. Reminiscências de Montgomery eram lembradas, já que vínhamos do mesmo local e fomos lançados juntos à mesma casa, havia um laço de interesse entre nós, e aquelas noites aprazíveis serão agradáveis de serem lembradas para o resto de nossas vidas. “Haec olem meminisse iuvabit.”¹³ Não infrequentemente nossa sala de estar era preenchida com visitantes, os músicos brasileiros traziam seus instrumentos de corda e nos entretinham com música que nunca nos cansava. Era de fato muito doce. O francês e o senhor João Calmon cantavam bem juntos, ambos possuem belas vozes e a audiência seleta era sempre envolta em grata atenção. Eles eram sempre solícitos e não pareciam se preocupar enquanto nós desejássemos que continuassem.

12 Aparelho inventado no século XIX que sobrepunha duas imagens fotográficas dando ao cérebro a ilusão de profundidade.

13 Citação da *Eneida*, de Virgílio, significando “um dia isto será agradável ser lembrado.”

Deixando a vila

Cena no local de desembarque acima, de manhã cedo. Duas canoas deixavam vagorosamente a margem, contendo passageiros rumo ao lago. Eles se moviam sob a sombra das árvores, enquanto atrás deles, largo, tranquilo e ensolarado, fluía o róseo rio Doce, no qual desaguava a estreita corrente do Juparanã. A última casa da vila não era mais visível, pois um meandro desse rio bastante sinuoso tornava a despedida abrupta.

Os cacauzeiros e o telhado coberto de palha do senhor Carlos haviam desaparecido da visão há meia hora, e novamente estávamos diretamente à sua frente. Ao fim de dois quilômetros nossas canoas trouxeram-nos, novamente por essas tortuosidades singulares, próximos à mesma casa, aparentemente, à distância em que se atira uma pedra.

Passamos pela porção desbastada da terra, a fazenda e residência de Joaquim Calmon, e então o cenário se modificou. Em cada lado bancos pitorescos em rosa, sobre os quais se assentavam florestas densas e fechadas. Feras selvagens, alegres e lindos pássaros, macacos e insetos venenosos habitavam aquelas sombras, ignorando o grupo de estrangeiros em canoas abaixo deles. O grupo de forasteiros sentava quietamente naqueles botes primitivos, a despeito dos habitantes das florestas, tão aterrorizantes à distância.

Passo a passo estávamos rumando em direção àquela nova vida, mais e mais distante da civilização, e para quê? Para sermos livres de um domínio vexatório, mas escravos das circunstâncias duras e não experimentadas¹⁴. Nós ainda não tínhamos começado a nos dar conta de nossa posição.

Esse era o pequeno curso d'água, profundo o suficiente para permitir a navegação de uma embarcação a vapor, que unia Linhares à

14 O domínio vexatório ao qual se refere a autora é, muito provavelmente, a rendição dos Estados Confederados da América à União após a Guerra Civil Americana.

lagoa Juparanã. Essa era a variação monótona, se pudermos ser paradoxais, que marcava nossa passagem ao longo de seu trajeto.

Ao meio-dia o sol estava muito quente, mas não soubemos o quão intenso era esse calor até que abrimos o baú de lata que continha nosso jantar e descobrimos seu conteúdo tão quente como se tivesse saído do forno. À tarde, nos submetemos ao destino, não esperando mudanças, exceto virar uma curva para passar por outra. Ocasionalmente passávamos por uma pequena reta, e víamos de relance uma cabana, coberta com folhas de palmeira, nos altos picos das montanhas.

Nossa paciência foi testada pela lentidão da viagem, pois estávamos varejando a montante. O dia já tinha praticamente ido quando nós atingimos a lagoa – todos desavisados –; como uma enchente de luz prateada, ela brilhava perante nós, à medida que nossas canoas disparavam saindo do pequeno riacho de águas verdes profundas. O sol se pôs e apenas débeis matizes de seu crepúsculo eram refletidas na superfície polida.

Lagoa Juparanã

Belezas que arte alguma poderia imitar foram desveladas. Sua formosura tinha sido tema de elogios por tanto tempo que nós estávamos plenamente preparados para encontrá-la, e ninguém esteve em êxtase. Alguns a julgaram nada selvagem em comparação ao que esperavam. Não havia irregularidade suficiente no cenário. As colinas eram todas muito semelhantes, erguendo-se umas ao lado das outras com demasiada mesmice. Uma montanha acidentada e rochosa, como aquelas na baía do Rio, uma Tijuca ou um Corcovado teria feito a paisagem completa. Mas era muito bonita. Tranquila e gloriosamente bela.

O crepúsculo é de curta duração no Brasil, e as bonitas casinhas nas colinas, encravadas em meio aos laranjais, não podiam ser distinguidas das florestas, à distância em que estávamos da margem, mas quando mudamos nosso curso no meio da lagoa a praia tornou-se discernível, mesmo à luz das estrelas.

Pouco após o nascer da lua nos encontramos na área do senhor Miller, que estava acampando na praia naquele lado da lagoa. Fomos calorosamente recebidos por amigos que saíram para nos darem boas vindas. Pediram-nos que ficássemos e tomássemos café, mas estávamos ansiosos para chegarmos a casa e não deixaríamos as canoas, e assim nossos barqueiros empurraram-nos rumo à margem oposta. Dois quilômetros de remo trouxeram-nos para *nosso* local de desembarque, que era chamado pelos nativos *Estaca*.

A praia era muito larga e branca, as colinas pareciam altas e escuras, e a lua cheia mostrava-nos toda a beleza da “casa do Serafim”. Não podíamos ver àquela hora a feiura da residência na qual estávamos prestes a entrar. Podíamos apenas alegrar-nos pelo fato de termos desembarcado e exclamar com deleite “Quão bela!” quando pisamos sobre a areia deslumbrante. As ondas fluíam até atingirem a margem, exatamente como uma imitação do que elas fazem na costa, e o som era melodioso, o ar suave e fresco.

Se armássemos tendas, como os árabes, e permanecêssemos ali, poderíamos ter apreciado uma ilusão agradável lá fora sob a abóbada celeste, deveríamos ter ido descansar na “presença sentida da Divindade”. Era próximo da meia-noite, apenas algumas horas mais teriam trazido o sol da manhã e nos mostrado as belezas ampliadas por uma luz maior, mas não dormimos na praia. Nós seguimos o caminho que levava margem acima à porta de uma pequena cabana. Estava aberta e entramos. Uma luz bruxuleante, feita por uma fogueira de gravetos sobre a terra batida, mostrou-nos as quatro paredes de taipa de nossos aposentos, e o teto baixo de folhas de palmeira muito enegrecido pela fumaça. Uma pequena janela oposta à porta de entrada, uma porta à direita levando até o próximo cômodo. Nunca tínhamos visto nada tão pouco convidativo quanto o aspecto do local à nossa volta, mas nós nos sentamos quando algumas cadeiras foram trazidas. Após alguns momentos de silêncio, uma de nossas garotas exclamou: “O que faremos? Como podemos viver em um lugar como este”. Foi difícil responder a esse apelo. Apenas sugerimos que poderíamos esfregar as paredes e caiá-las. Àquela altura nós precisávamos apenas descansar, pela manhã poderíamos pensar em melhorias. Nossas camas leves de ferro foram armadas, colchões lançados sobre elas, mas, como o cômodo ao lado ainda continha alguns pertences do Serafim, colocamos dois ou três desses sofás do lado de fora sob uma cobertura próxima a casa, o ar fora sendo mais agradável que o interno, e aprendemos pela experiência que esse não nos resfriava. Não sabíamos até chegar o dia seguinte que o abrigo havia sido anteriormente um galinheiro, e os carrapatos que tomaram posse dele provaram-se perturbadores do repouso. Pulgas dentro da casa também eram um tormento.

Nossa primeira tarefa pela manhã era varrer todo o local e queimar todo o lixo, e assim destruir os insetos. Depois o velho Serafim, sua esposa Senorena, e suas filhas Josefina e Sofia vieram e removeram alguns de seus artigos que permaneceram na casa. O velho senhor Fahay, nosso jardineiro, que esteve ali algum tempo à nossa frente, esfregou as paredes, umedeceu o chão de terra batida e caiu os cômodos com

barro encontrado nas margens, da cor e consistência de giz. Para limpar e endurecer o chão a água é jogada sobre ele, e, quando seca, torna-se liso como rocha, pulgas e bichos são assim destruídos.

Antes do anoitecer nosso lar havia melhorado. Começamos a organizar os móveis, que, afortunadamente, para o tamanho dos cômodos eram poucos. Camas, cadeiras, baús, bacias e máquina de costura. Isso era tudo. Na parede à direita de quem entra na casa havia uma pequena cruz de madeira e outros símbolos católicos que removemos e substituímos por um espelho. Nós o inclinamos para frente, com uma corda, e colocamos à sua volta belas flores, lembrando nenúfares e perfumadas como angélicas. Elas deram um toque de frescor para todas as coisas e agradecemos a Deus por essas flores, que desabrocharam à nossa volta em tal beleza rara, preenchendo o ambiente com um delicado perfume.

Nós iremos retirar novamente excertos dos diários. Agora, da “Mãe”.

Nossa sala de visitas

24 de agosto de 1867 – “Ontem chegamos ao nosso novo lar. Finalmente vimos a bela lagoa. Sua beleza não foi exagerada, mas nossa nova casa não foi iniciada e ainda esperamos ficar muito desconfortáveis nessa cabana lotada. Teremos que ser pacientes. O pequeno lago, atrás da casa, aninhado entre árvores, é encantador. A floresta com suas múltiplas cores é refletida em sua superfície lisa. Certamente o lago de Como¹⁵ não é mais bonito. Se os americanos pudessem construir suas casas por mágica, quão felizes estaríamos em um local como este! A natureza fez tudo.

Essa manhã a senhora Miller e a senhorita Anna vieram em uma canoa, remada por Hunter M.. Foi agradável vê-las à medida que se aproximavam da margem e animador ouvir suas vozes gentis. A senhora Miller trouxe-nos alguns pães frescos assados em seu forno. Ela foi atenciosa, sabendo que todos nós estaríamos cansados. Elas nos disseram que nunca estiveram tão felizes como estavam agora, vivendo sob tendas de palmeira.”

30 de agosto de 1867 – “Estávamos muito cansadas à noite para escrevermos em nossos diários e, além disso, é inconveniente. Fechamos as portas e as janelas, para mantermos os mosquitos afastados, e após levarmos as crianças à cama nos sentamos ao relento, ao redor de uma grande fogueira, e é realmente tão agradável que não ligamos para uma sala de visitas. Alguns de nossos vizinhos visitaram-nos e oferecemos uma refeição em nossa sala de jantar, que também é nossa cozinha, e constitui-se apenas de um abrigo ao fundo da casa. Nós os chamamos para a sala de visitas e nos sentamos em cadeiras ou troncos. Que belas cortinas foram desenhadas à nossa volta! Apenas o firmamento estrelado. Essas chamas são gloriosas. Elas iluminam a floresta, a ampla lagoa

15 Lago localizado na região dos Alpes italianos.

à frente, os topos das colinas e, ao longo da praia, podemos ver as luzes alentadoras de outras casas.”

Manteremos a prática de levar nossos diários todas as noites para escrever na praia, após o pôr do sol. Essa nova vida está se tornando muito agradável, e o trabalho não é tão pesado como pensamos que seria. Há tanta água que é fácil lavar e alvejar as roupas. A esposa do velho Serafim e suas filhas foram contratadas por nós para lavarem as peças pesadas, e elas usam, em adição ao sabão, uma erva chamada pelos americanos de maçã de bálsamo, que elas esfregam sobre as roupas, para alvejá-las. Elas derrubam água sobre as peças constantemente e o sol as deixa muito brancas. Então não há mais utilidade para um tanque de lavar roupas de cento e dez litros, que compramos no Rio e trouxemos até aqui com muita dificuldade.

Nossos amigos se surpreenderiam em saber que estamos usando vestidos não passados, secos. Mas, realmente, eles parecem que foram passados. A brisa forte, que surge às nove horas da manhã todos os dias, retira todas as pregas. Então nós os dobramos e os pressionamos, guardando-os, plenamente satisfeitos. Quando nós esperamos visitas, nós os passamos, e, no momento, estamos na moda, já que todos os outros estão fazendo da mesma forma, esperando por melhores arranjos no departamento de lavanderia.

1º de setembro de 1867 – “Hoje fizemos belos pãezinhos. As filhas realizam turnos cozinhando. “A Mãe” assiste-as em todos os quesitos. Nós devemos descrever nossa mesa de jantar. Ela é feita com uma de nossas maiores caixas, amarrada com tiras por baixo e colocada sobre estacas em forma de forquilha apoiadas no solo. Nosso fogão está em um canto da sala de jantar ou cobertura, e nós retiramos a comida a apenas alguns passos, o que é bem conveniente. Nossos amigos cavalheiros são muito gentis quando nos visitam, trazem água ou café moído, e preparamos ceias que todos parecem apreciar. Depois nos sentamos em volta de nossa fogueira de visitas, que normalmente o senhor Fahay acende ao anoitecer, e então quando estamos prontos para apreciá-la a lenha está em chamas reluzentes e nossa iluminação esplêndida. Na noite passada

ouvimos o bater dos remos à medida que nossos amigos voltavam para casa, olhamos para o cume de nossa mais alta colina e vimos a lua, toda iluminada e bela, abrigando o grande e brilhante planeta que pende abaixo dela. Observamos a miríade de estrelas reluzentes, sentindo-nos próximos ao Paraíso nessa vida ao ar livre. Quando entramos na pequena cabana para nos deitarmos, esquecemos, ao sonhar o mais rápido possível, a feiura e tristeza de nossos aposentos, desalentador de fato, à luz de uma única vela. E, horrível de se relatar! Aranhas e baratas subindo e descendo pelas paredes, a despeito da limpeza e caiação. De onde elas vêm? Elas não são vistas durante o dia. Talvez elas vivam no teto entre as folhas de palmeira ou na floresta, fazendo-nos visitas noturnas com sua curiosidade nativa.”

4 de setembro de 1867 – “As famílias estão se estabelecendo em volta da lagoa e nós ouvimos que estão encantados com as suas escolhas de lares. Temos dois médicos como vizinhos, do Alabama e da Virgínia. Um de cada lado, um a três quilômetros de distância por água e muito mais próximo por terra, através da floresta. Na nascente da lagoa o senhor Rafael possui uma casa, com grandes confortos e muito próximo a ele se estabeleceu o Dr. Farley, do Alabama. O Senhor Davis, da Louisiana, deste lado, a senhora Cogburn, do Alabama, próximo a eles, e outras famílias também. Todos os jovens de nossa colônia são trabalhadores empenhados em fazer suas clareiras, escolher locais de sua preferência e tudo aponta em direção à prosperidade em uma florescente pequena vila, que está por *vir*.”

O topo de nossa colina

9 de setembro de 1867 – “Hoje caminhamos nossa colina acima, que se soergue como uma muralha contra a lagoa. Após visitarmos o local onde nossa casa será construída, tomamos o caminho que termina no sopé do morro. É muito íngreme e em alguns locais fomos compelidos a segurar os arbustos para subirmos. Estávamos cansados quando atingidos o topo, mas fomos recompensados quando olhamos abaixo. Quão alto parecia que estávamos, e quão bela era a vista abaixo! Não permanecemos por muito tempo próximos ao precipício, já que a encosta é tão abrupta e escarpada que causava vertigens. Então nos afastamos da vista, que constitui ampla extensão de água e muitas colinas mais – olhamos à nossa volta, para procurar por belas áreas. Todos nós concordamos que nossa casa deveria ser construída ali. Seleccionamos um local, marcamos algumas das melhores árvores para reservá-las para sombra. Mas como iríamos levar água acima em tamanha colina? Ou mesmo abrir poços? Esse era um obstáculo que não poderia ser transposto. Então concordamos que nossa casa deveria ser construída no local já preparado, no vale, que jaz em beleza tão pacífica, abaixo de nós. Mesmo as pequenas cabanas parecem pitorescas. Logo após a casa do velho Serafim surge outra colina, coberta com mandioca, e nossa residência na metade do caminho entre ambas. Atrás, com as florestas parcialmente cortadas à frente, e toda intocada, está a encantadora pequena lagoa, a que chamamos ‘Janela do mato’. Demos esse nome após a sugestão de uma das crianças.

Nenhuma imagem poderia ser mais bonita que essa água azul reluzente, sobre a qual se projetam árvores variadas. Nós vimos nela o reflexo da paisagem circundante e as nuvens brancas acima. Como eu desejo que nós possamos pintá-la como ela é, e enviá-la aos nossos amigos, pois é uma pena que eles não saibam que estamos envolvidos em tamanhas belezas!

No cume da colina teremos nosso jardim. O senhor Farhay e o senhor Spencer já fizeram uma clareira e estão queimando o restante. Nós teremos verduras e frutas em breve, já que nessa terra irão crescer logo.”

10 de setembro de 1867 – “Nós nos divertimos hoje desenhando plantas da nossa casa que, há pouco fomos informados, será construída muito rápido. Oh! Por fadas em vez de brasileiros lentos. Queremos a casa, precisamos dela, sentimos que devemos tê-la. Antônio, o filho mais velho de Serafim, irá construí-la. Ele empregou outros homens e eles estão ocupados, obtendo a madeira e o cipó. Nós estamos contentes pela possibilidade. Planejamos ter todos os tipos de árvores frutíferas e podemos ver, na imaginação, uma construção feita com esmero, coberta com folhas de palmeiras, cercada por tudo que é agradável e com aspecto de casa. Essas cenas do futuro, que mantemos constantemente em nossas mentes, nos salvam de quaisquer momentos de impaciência. É realmente um prazer pensar quão confortáveis estaremos quando tivermos um lar, planejado por nós, com tantas belezas à nossa volta. Antônio prometeu que teríamos a casa em duas semanas. Ele tem muitos para ajudá-lo e seria uma questão fácil construí-la. Mas seus movimentos são tão lentos que tememos que leve meses ainda.

Estamos fazendo melhorias e nos tornando mais bem estabelecidos, embora não possamos sentir-nos confortáveis em tal casa. Ainda, ‘não há lugar como nosso lar, mesmo que tão humilde’. Isso foi o que pensamos em nosso retorno, esta noite, quando nos aproximamos da margem e vimos nossa própria área de desembarque, nossa própria praia, margem, e nossa própria cabana modesta, com cobertura de folhas e paredes de taipa. As talhas de água estavam fora de casa, sob os beirais. Os pequenos arbustos em cada lado, e altas colinas à direita e à esquerda, lembraram-nos de cenas vistas nas casas dos habitantes dos chalés suíços. Com corações animados, retornamos aos nossos afazeres. Visitamos nossos vizinhos do outro lado da lagoa e os encontramos alegres e diligentes, embora eles ainda estejam em barracas, na praia. O senhor Miller irá construir no topo de sua colina elevada. Eles disseram

que preferem ter de carregar a água a viver abaixo. Eles têm quatro filhos, apenas um pequeno demais para ajudar, três filhas, sendo apenas uma crescida. Quão cheios de energia, animados e esperançosos todos eles estão. Todos que encontramos parecem felizes.”

A lavanderia

12 de setembro de 1867 – “Realmente nos divertimos lavando roupas hoje. Nossa cobertura tão agradavelmente feita de folhas de palmeiras traz-nos grande conforto, tão prazeroso quanto uma árvore, para sentar-se sob ela. Ela protege contra o calor do sol e admite a brisa fresca. Nossas bacias, calandra e tábua de lavar ficam opostas a mim quando me sento em um pequeno banco, e tomo estas poucas notas. Nós a chamamos ‘Roupa House’ e consideramos um local elegante. Nós pretendemos ter uma série de estantes suspensas pela viga principal e manter alguns de nossos livros sobre elas. Essa será também nossa biblioteca. Esse é realmente um delicioso lugar para se sentar.

Quando descemos para lavar as roupas, os pequenos garotos ajudam-nos a lavar perto da lagoa, trazendo-nos água para preencher nossas tinas. Essa é uma atividade prazerosa para eles. Todas as noites, após o poente, todas as crianças descem e cada uma carrega um cântaro cheio para despejar água nas moringas ou talhas, e pela manhã ela está fresca. Somos obrigados a trazer acima o máximo possível todos os dias, já que não podemos bebê-la até que tenha permanecido nas talhas toda a noite.”

14 de setembro de 1867 – “Quando a lua está clara não fazemos nossas fogueiras, mas colocamos nossas cadeiras ao redor de nossa porta e imaginamos tratar-se de uma varanda. O chão é duro e liso. Da casa até o pequeno barranco são apenas alguns metros, caminho que leva até a praia. Algumas vezes mudamos nosso costume, ao espalhar tapetes como assentos, na areia, próximo à água. A brisa é tão refrescante e fria. Nós sabemos que ela vem do mar. Nós podemos quase sentir seu cheiro saudável, e amamos ouvir as ondas à medida que elas se quebram, constantemente, contra a areia. A música é muito agradável, embora triste e monótona. Do que ela nos lembra? Dos sons que devemos ter escutado em algum outro mundo, antes que nossas mentes se abrissem neste. De uma vida calma e pura, não obscurecida por pesar ou preocupação. Es-

ses podem ter sido nossos dias de infância, quando as músicas de nossa mãe aquietavam-nos para dormir. Esse é, talvez, um prenúncio do que é o Paraíso, ou a memória do que ele era, quando nossos espíritos, jovens e imaculados, adejaram pela primeira vez neste mundo.

Esses momentos vieram a nós quando os sons do dia cessaram. A voz de Deus parece, sempre, falar por meio do fluxo gentil das águas. Foi isso que sentimos, após dormirmos em um sono febril, alguns anos atrás, distantes, em ondas mais amplas que essas.

*Como um lampejo, como um brilho
De uma aurora há tempos banida
Sobre uma corrente escura
Como uma cadência, uma melodia
De uma música há muito esquecida
Desperta novamente
Ela veio ao meu coração
Como o surgimento da luz
Quando o acinzentado da manhã
Esgueirou-se da noite.*

*E parece que ouvi
O murmúrio baixo das ondas
Cuja batida regular
Lavava a praia arenosa.
E penetrou em minha alma
Como uma melodia suave
A qual, uma vez que se escuta
Esperamos por ela novamente
E de longe a mais adorável,
É aquela melodia suave;
Que ecoa – como música
A qual vem até mim frequentemente.*

*O que é isso? Aquele raio
Que lampeja por um átimo
E então se apaga.
O que é isso que ouço
Quando toda a Natureza estava em silêncio
E cada folha imóvel?
Aquele raio - é o rubor
Da brilhante alvorada da infância
Uma ligeira reminiscência
Do início da aurora da vida.
E quando sombras e pesares
Obnubilarem meu espírito
Será então que reluzirá
Aquele fulgor do passado.*

*E aquela música, que se move
Como ondulações, a brincarem
Entre o silêncio da noite.
E o murmúrio do dia,
É a voz que uma vez aplacou
Meu jovem espírito em descanso
Quando próximo ao coração
Que preparou a minha infância.
Onde está ele – aquele coração?
Cujos dissabores e alegrias
Eram antes em parte meus?
Ele está fulgurando em amor.
Onde as estrelas estão adornando
O arco acima.”*

15 de setembro de 1867 – “Tivemos uma visita do Dr. Berney, de Montgomery, nesta semana. Ele trouxe uma carta de nossos parentes. Estava acompanhado do senhor Rast. Fizemos nossa fogueira na frente

da casa, na praia. Ceamos lá, tapetes foram espalhados como assentos. Cadeiras para aqueles que as preferissem. Acho que todos apreciaram comer daquela forma, pois nossa sala de jantar era de aparência muito melancólica à noite. O ar fresco e frio da lagoa vinha agradavelmente e salubremente até nós, e não tínhamos medo de seus efeitos. Essas brisas vinham direto do mar. Estávamos agradecidos por tê-las e mais gratos ainda pelo apetite que nos permitia apreciar nossa comida simples.

Tomamos nosso café da manhã, da forma usual, sob a cobertura, e logo depois o Dr. Berney e seu amigo deixaram-nos. Eles estão indo, em companhia de certo número de cavalheiros americanos, em uma expedição exploratória rio Doce acima. Prometeram visitar-nos em seu retorno.

Há um grande número de famílias estabelecidas ao redor da lagoa. Alguns permaneceram na vila, enquanto faziam suas clareiras. E essa é uma decisão sábia. O senhor Gunter tem sua casa em Linhares e sua fazenda no rio, não muito distante. Major McIntyre vive lá também, e tem sua terra na lagoa. Alguns entre os brasileiros mais ricos possuem casas nessas colinas e passam os meses de verão aqui e o restante do tempo na vila. Eles possuem muitas frutas e são generosos em dá-las e vendê-las a preços moderados, se nós requisitarmos. Eles nos permitem obter um saco de milho cheio de laranjas por 20 centavos de dólar e um grande cacho de bananas, mais do que podemos carregar, por 16 centavos de dólar. Nós as penduramos em um tronco quando verdes, e elas amadurecem em alguns dias, são muito deliciosas. As bananas da terra são deliciosas como café da manhã, cozidas com ou sem açúcar. Há uma grande variedade de bananas, algumas delas são de coloração verde quando maduras. Essa variedade é de tamanho grande. Há um tipo de cor vermelha, chamada ‘espanhola’, mas a mais doce e melhor delas é a banana ouro.”

Visita ao Dr. Dunn

16 de setembro de 1867 – “Poucas noites após a senhorita Anna M. visitar-nos alguém sugeriu que deveríamos surpreender o Dr. Dunn com uma visita. A proposta foi aceita e nós ceamos ao anoitecer, colocamos alguns pães¹⁶ quentes, pássaros grelhados e alguns doces que acabamos de fazer em uma leiteira, viramos outra por cima e as colocamos em uma das canoas. Eu deveria dizer aqui que nossas leiteiras servem para quase tudo menos para ferver o leite, já que nunca vemos uma vaca. Não sei quando veremos. As crianças ficaram surpresas quando eles descobriram que ‘a Mãe’ estava indo. ‘É certo que algo vai acontecer’, eles disseram. Bem, todos estavam determinados a não irem sem ela. ‘O Pai’ remou uma canoa, o senhor Spencer a outra. O velho senhor Fahay permaneceu ao lado do grande fogo, guardando as chamas e observando tudo. Nós sentimos certeza que o rebanho em casa estaria bem protegido sob seu cuidado fiel.

Nossas canoas se mantiveram próximas à margem, e sabemos que fizemos uma bela cena sob a luz do luar. Um caminho brilhante, prateado repousava na lagoa e a menor ondulação na água trazia à superfície uma miríade de gemas cintilantes. Não somos românticos, mas pensamos em Veneza e seus gondoleiros, e sentimos que seria agradável viajar em ruas aquáticas e visitar sempre àquela hora. O Dr. Dunn vivia a apenas um quilômetro e meio de nós e a viagem em breve terminou, mas, antes de desembarcarmos, tivemos uma consulta sobre como deveríamos subir até sua casa, calmamente ou de surpresa? Pensamos em entrarmos furtivamente, sem fazer barulho e então gritar. Lembramo-nos de seu medo do tigre e concluímos que não deveríamos fazê-lo. Tudo estava quieto em volta da cabana. Podíamos ver um pequeno fogo incandescente sob a cobertura, onde supomos que ele estava sentado. O tigre ou ‘onça’,

16 No manuscrito original *light bread*. O pão ao qual Julia se refere é típico do sul dos Estados Unidos, feito de farinha de trigo e tornado menos denso pelo uso de fermento.

que fora motivo de terror, desceu uma noite até o abrigo enquanto o Dr. Dunn estava completamente despreparado para recebê-lo, como não possui arma de fogo, colocou seu machado ao alcance, barrou a porta com um baú e saltou sobre as vigas, acima de sua cama, levando consigo um pedaço de madeira e uma panela de latão contra a qual ele bateu com muita força até que amedrontou o tigre. Essa foi a forma como nos foi contada. Nós ouvimos um som de batida singular de nossa casa, e isso ajudou a confirmar o relato.

Um leve barulho de compressão feito pelos nossos passos na areia era tudo que podia ser escutado. Não dissemos nada uns aos outros, mas andamos diretamente para cima onde ele estava sentado, pois naquele momento podíamos ver o contorno de sua figura contra as chamas bruxuleantes. Ele subitamente tornou-se consciente de nossa presença, virou-se, parecendo surpreso, e riu de imediato. Ele estava satisfeito em nos ver e aumentou o fogo com mais lenha. Nós pudemos ver então a beleza de sua cabana solitária. Uma colina alta levantava-se diretamente atrás, na qual ele plantava mandioca. ‘João Batista’ é o nome do homem que está trabalhando para ele. Ele é um verdadeiro índio, não da raça Booga, mas do tipo americano. Há grande quantidade dos seus no Doce. Nós achamos o lugar muito belo e a praia mais bonita que a nossa.

Nós demos ao Dr. Dunn a panela cheia da ceia que trouxemos, recebemos seus agradecimentos, andamos casualmente à volta por um tempo e então voltamos para a casa.

As crianças disseram que algo ocorreria se ‘a Mãe’ sáísse de casa e sua profecia estava correta, pois nós descobrimos uma mudança singular na paisagem quando descemos à praia. Não havia nuvens, contudo a luz estava fraca. A lagoa e as colinas pareciam solenes e solitárias. A lua estava em eclipse. Nós cantamos, à medida que atravessávamos, e as colinas ecoavam nossas vozes, mas a lua ensombrada fez até mesmo esses sons voltarem-se até nós tristemente. Quando chegamos em casa tudo estava bem. Então nós observamos a lua um pouco e fomos dormir.”

19 de setembro de 1867 – “Ontem Josefina trouxe-nos um pouco de salada ou vegetais, temperados com pimentinhas, achamo-los agra-

dáveis e ela nos disse onde cresciam. Caminhamos em sua companhia pelo campo de mandioca e depois de pouco tempo ela parou e apontou ao chão, mostrando-nos algumas beldroegas! Nada além de beldroegas! O bredo-de-porco era aquilo que nós estávamos comendo. Bem! Estava gostoso, de qualquer forma. Então colhemos algumas, lavamos cuidadosamente e cozinhamos com um pedaço de toucinho com pimentões verdes. Para melhorar o prato, cozinhamos com alguns bolinhos de massa cozidos, feitos de farinha. Josefina também nos contou que se faz uma boa salada com a uva de passarinho, e então também a comemos, usando apenas as folhas jovens e adicionando os pimentões. Talvez nossos bons apetites fizessem esses pratos parecerem ótimos, pois certamente são muito deselegantes.

Encontramos crescendo na encosta do morro algumas batatas imensas chamadas cará, das quais gostamos muito. Pareciam-se um pouco com a batata-doce e o gosto era semelhante à batata irlandesa. Se tivéssemos manteiga ficariam deliciosas, mas com molho de carne e temperada com pimentões ficariam excelentes. Somos gratos por tê-las, mesmo sem a manteiga. Temos muitas bênçãos e não podemos reclamar de privações.

Organizamos nossas louças em filas de prateleiras feitas com cabros amarrados nos fundos da casa, sob nossa cobertura usada como cozinha e sala de jantar. Nosso chá, café, pimentas, etc., que armazenávamos em latas de estanho permaneciam ao relento todas as noites, já que não possuíamos melhor local para colocá-los. Confiamos na honestidade de nossos vizinhos, o grupo dos ‘Serafins’, embora fossem e viessem à nossa casa ao seu bel prazer. Comprávamos farinha deles e algumas vezes íamos vê-los moê-la. Eles têm uma roda abrasiva que rala a mandioca até virar pó. Uma pessoa segura a raiz no ralador enquanto outra gira a roda. A primeira parte do processo é raspar todas as raízes até que se retire a casca. Há um tipo de mandioca que é muito boa para comer e seu sabor é semelhante à batata espanhola. O suco que sai ao se fazer a farinha é venenoso e eles o jogam fora. As mulheres da casa de Serafim fazem uma bebida que elas chamam Lawawbee, cujo sabor é se-

melhante ao leitelho. É refrescante no meio do dia. As raízes são cozidas até que estejam tão moles que podem ser totalmente amassadas. Não se adiciona água. A mistura é deixada para descansar até que a fermentação se inicie. Os nativos quase sempre a mantêm e oferecem-na aos seus convidados. Eles nunca estão sem café e sempre oferecem uma xícara forte e quente a seus visitantes, não importa a hora do dia.

É matéria de admiração da nossa parte como essas pessoas vivem com tão poucos artigos de conforto em suas casas. Uma cama com alguns colchões de palha sobre ela, um baú sobre um banco. Alguns poucos banquinhos de três pernas é tudo que o cômodo contém. Eles comem e bebem em cabaças. Elas não crescem em trepadeiras como nos Estados Unidos, mas em árvores, e é singular observá-las penduradas nos galhos. Todos eles têm xícaras e pires nos quais servem café aos convidados, poucos garfos e facas. Nada mais parece necessário.”

26 de setembro de 1967 – “A vida pioneira e os raios de sol caminham juntos. Tudo está bem em tempo seco. A brisa do mar levanta-se às 9 horas toda manhã, e assim o calor nunca é opressivo. Mas quando chove é desolador, horrível! Nosso teto goteja, e quando as gotas de água caem em nossas roupas, tingem-as de preto, ou da cor do café. Oh! Um teto asseado de palmeiras que nunca foi coberto de fuligem. Os nativos à nossa volta mantinham os mosquitos afastados fazendo fogueiras no chão e nós supomos, nunca viram formas de barrá-los até chegarmos. Buscamos do Rio algumas redes contra insetos, assim que descobrimos que precisaríamos delas. Penduramos uma rosa sobre a maior cama no cômodo frontal, uma azul na cama de solteiro no canto. Azuis as quais colocamos também no outro cômodo ‘elegante’. Estamos fazendo nosso melhor para dá-lo um ar de conforto, mas é impossível. Contendo nada além de camas, baús e uma bacia, com luminosidade entrando apenas por uma janela muito pequena, que se encontra a aproximadamente um metro e meio do chão. Isso faz nossos corações se afundarem quando chega a hora de dormir. Nós normalmente vamos dormir logo e esquecemos, em nossos sonhos, o desgosto de nossa casa.”

22 de outubro de 1867 – “Hoje tivemos um momento desagradável em nossa cozinha. A cobertura de nosso abrigo provou não ser à prova d’água. A chuva derramou-se sobre a bandeja, enquanto ‘a Mãe’ estava fazendo pão. Ela moveu-se da mesa até a janela, que fica atrás de seu cômodo. Muita rapidez foi necessária, já que a tintura da madeira era de uma coloração avermelhada, e a goteira já era desagradável o suficiente sem a sua adição.

A água entrava ainda mais intensamente lá, então ela entregou a bandeja a alguém e circundou até a porta da frente. Teve que terminar dentro da cabana, embora houvesse companhia presente. Selecionou um local onde não havia goteiras e continuou seu trabalho. A chuva continuava a cair. A água se derramou sobre nosso barril de farinha na despensa, na noite passada. Nós tínhamos apenas uma cobertura de pano sobre ele. A despensa é a tenda que trouxemos conosco. Até agora, tem sido proteção suficiente para nossas provisões, mas a lona não é à prova de tais chuvas como as que temos tido ultimamente. Nossa única alternativa é trazer as provisões para dentro de casa, até que a estação chuvosa tenha se passado, ou até que possamos construir uma despensa. Nós as dividimos, colocando um pouco em cada cômodo. Grandes pedaços de carne seca¹⁷ foram espalhados nos caibros que cruzam as vigas. Alguns de nossos livros também foram empilhados ali, em tábuas. A isso chamamos de nosso sótão. A umidade do ar fazia os bifés gotejarem salmoura no meio do piso, e pode-se imaginar o quão agradável era isso em um quarto.”

17 *Carna Secca*.

Quebrando a palha

23 de outubro de 1867 – “Em nossa maneira de passar o tempo e a rotina diária observamos quanto divertimento genuíno é obtido ao se realizarem tarefas as quais sem as circunstâncias à volta seriam tediosas. Mesmo aqueles que se sentiam menos aptos e com vontade de trabalhar desfrutavam bastante e estavam muito felizes, apesar das privações e do ‘lar humilde’.

‘O Pai’, com seus assistentes fiéis, está construindo uma cozinha no canto direito, atrás da casa nova que os nativos estão levantando para nós, e ela promete ser uma casa muito mais bonita que qualquer outra que nós já vimos. O telhado, em vez de ser ultrapassado com duas águas, é construído em ponta com quatro lados. Estamos muito interessados nesse trabalho e, algumas vezes, vamos até lá e ajudamos a quebrar a palmeira ou palha¹⁸, achando o trabalho um tanto quanto agradável. As folhas são retiradas dos longos caules, dobradas invertidas, quando está pronta ela é sustentada na horizontal e baixa uniformemente, parecendo-se com um pente muito ampliado, ou então, como dois, na medida em que está dobrada. Três dessas folhas preparadas de palmeiras são amarradas juntas, colocando-se as pontas pequenas e grandes juntas, e então amarradas às vigas com a vinha do cipó, deixando apenas quinze centímetros nas pontas, já que as camadas são colocadas sobrepostas umas às outras. Elas perfazem um teto belo e impermeável. As folhas das palmeiras são preparadas ainda verdes e deixadas no chão até que sequem e então tomam uma bonita cor palha.”

27 de outubro de 1867 – “Nossos amigos americanos ajudaram-nos a preencher as paredes da nossa cozinha. Fizemos o melhor que pudemos para lhes oferecer um bom jantar e ceia, e fizemos limonada para refrescá-los enquanto trabalhavam. Eles apreciaram como uma

18 Como no original.

brincadeira. Mais tarde, à noite, fomos ver o resultado do trabalho e estávamos totalmente encantados. Eles alisaram as paredes com suas desempenadeiras de madeira, por dentro e por fora, e a casa parecia tão bela quanto esperávamos. Após isso, o lento e tedioso trabalho de fazer um piso de chão batido deixou a casa pronta, exceto as portas e as persianas. Entre limpar, plantar e construir, os americanos tinham seu tempo bem ocupado e ainda assim pareciam bem e se fortalecendo. Mas encontraram um grande desafio ao desbastarem uma floresta brasileira, tratando-se em sua maioria de profissionais liberais e estudantes, desacostumados com o trabalho ao ar livre. Apenas a força de vontade tenaz que inspira um coração cheio de esperanças e sonhos radiantes por um futuro poderiam criar esse estado de energia e determinação. Nós nunca vimos nada como isso. E eles não estão tão exauridos pelos esforços extenuantes para evitar visitas sociais à noite ou mesmo no Sabá.

Nossa fogueira de visitas estava sempre queimando fulgurantemente após o pôr do sol. A noite esconde de nossa visão a ampla paisagem do dia, mas uma vista limitada das árvores escurecidas de um lado e da tenda e da cabana do outro faz o fundo dessa cena estranha e pitoresca. Se ouvimos o mergulhar dos remos e o chape da água quando a canoa toca a margem, as cadeiras são trazidas e estamos prontos para a admissão de nossos amigos ao átrio.

Quando nossa casa ficar pronta como nós desejamos, e com os confortos à nossa volta que ansiamos e esperamos ter, sentiremos que nossa casa na lagoa é quase um paraíso. No presente, nosso obstáculo à felicidade é o desconforto que experimentamos nas acomodações, que é difícil de suportar em nossa cabana miserável. Paciência é a nossa palavra de ordem, e ‘esperem um pouco’¹⁹ o lema dos brasileiros, a urtiga dos nossos espíritos impacientes, mas devemos oferecer nosso tempo, embora nos digam apenas ‘esperem um pouco’. Eles começaram a construir com muita vontade aparente e, para cada atraso, alguma desculpa plausível é dada para o adiamento até outra semana do trabalho que

19 *Exporem pouco*, no original.

esperávamos ver completo antes disso. Ah! Bem, nós apreciamos os prazeres da antecipação acreditando que há muito conforto aguardando-nos em nosso *lar*.”

30 de outubro de 1867 – Tivemos relatos agradáveis de nossos amigos da margem oposta, uma das filhas tendo há pouco retornado de uma visita com a senhorita Anna M. à família Cogburn e Davis. Encontrou-os em cabanas de taipa, mas mais confortáveis do que as nossas porque não estão abarrotadas. Como todos os imigrantes eles escolheram locais de grandes belezas naturais à sua volta, cheios de planos agradáveis para o futuro. Suas casas são próximas umas às outras, cerca de metade do caminho entre o Dr. Farley e o senhor Miller, com a distância entre os dois últimos sendo de dez quilômetros.

Às vezes o navio a vapor para fora da barra e nos traz correspondências. Segunda-feira recebemos nossas cartas dos Estados Unidos. A cada duas semanas recebemos nossas correspondências trazidas do Rio por Vitória e o transportador as traz por uma rota terrestre. Alguns dos cavalheiros sempre descem até Linhares para buscar as cartas e os jornais, os quais eles distribuem quando retornam.

Hoje recebemos certa quantidade de árvores para plantarmos que vieram do Rio pelo vapor. Laranjas, goiabas, cocos e muitas outras frutas.

Senhor Spencer e o senhor Fahay irão em breve se mudar de suas acomodações provisórias para a nova cozinha e para outra casa como essa, que eles estão construindo rapidamente. A última é oposta ao lado esquerdo da grande casa, exatamente igual a essa em tamanho e forma.”

Nossos vizinhos, do outro lado da lagoa

31 de outubro de 1867 – “Fizemos uma visita aos nossos vizinhos do outro lado da lagoa, e ficamos perplexos ao descobrirmos que tinham feito muitas benfeitorias. Escalamos a colina escarpada, nos seguramos firmemente nos arbustos e não olhamos para trás até que atingíssemos o topo. Então vimos a altura que subimos. Os camaradas estavam trabalhando na casa, colocando o teto, mas o senhor Miller e seus garotos fizeram uma grande cozinha com suas próprias mãos e isso lhes dá muito crédito. É surpreendente ver o quão bem sucedidos eles foram em seu primeiro esforço de construção. As casas são feitas enterrando-se troncos como colunas, firmemente, no chão. As vigas para o teto são feitas de pequenos caibros e tudo é amarrado com uma forte trepadeira chamada de cipó e nenhum prego é utilizado. Após o teto de folha de palmeira ser colocado e a trama amarrada por dentro e por fora de maneira segura de uma coluna a outra, a parede é preenchida. A massa é uma mistura de argila e água. Geralmente um grupo se reúne para um dia de aplicação e fazem disso uma diversão. Os americanos todos se ajudam uns aos outros e são tão bem sucedidos quanto os nativos. Dois grupos ficam opostos uns aos outros, um dentro e outro fora da parede, cada um lançando um punhado da lama macia ao mesmo tempo. Ela se deposita e gruda. Quando todas as fissuras são preenchidas, eles a alisam um pouco e quando a parede seca, a casa está construída. O piso é feito colocando-se certa quantidade de argila e água no solo, socando-se com pesados pilões de madeira. Quando a primeira camada seca, outra é aplicada, e então outra, até que esteja suficientemente grossa e não se quebre sob os pés. Alguns desses pisos são tão duros quanto rocha. Mas sabemos que nunca ficaremos acostumados a eles e teremos pisos de madeira o mais rápido possível. O Dr. Farley terá uma serraria, e então nós poderemos apreciar pisos de tábua corrida novamente.

Alguns de nossos amigos estão tão distantes de nós que nos vemos uns aos outros muito pouco, mas ouvimos que estão bem e felizes. O Dr. Farley tem uma situação mais confortável que a de qualquer outro imigrante. Ele comprou uma boa casa próxima ao senhor Rafael. Essa casa, na qual ele estava muito confortável, foi queimada poucas semanas depois. A palha pegou fogo a partir da chaminé do fogão que passava pelo teto. A senhora Farley estava cozinhando o jantar e tinha ferros de passar no forno. O senhor Rafael levou-os à sua casa enquanto eles constroem uma nova. Os brasileiros trabalham mais rápido lá do que aqui. Eu sei, pois nós escutamos que tudo lá parece como se as pessoas estivessem vivas. Ele, o senhor Rafael, tem muitas casas. Santa Amélia, na lagoa, é uma delas e, segundo os relatos, tem todos os confortos da vida à sua volta e tem prazer em assistir seus vizinhos americanos.

Esperamos em breve ter nosso barco a vapor fumaçando em frente às nossas portas. Então, poderemos realizar uma viagem curta até Linhares, quando nós quisermos. E irmos até o Rio tão facilmente. Quão agradável será isso! Esperamos ter duas casas, uma na grande cidade barulhenta e outra na lagoa serena. Nosso jardim e as árvores frutíferas estarão florescentes. Teremos aves domésticas em abundância e passaremos os verões aqui. Isso é, se tudo se desdobrar como ansiamos e esperamos.

Ontem à tarde, quando andávamos até o pequeno lago, o ar estava tomado por algo deliciosamente doce. Imaginamos que seriam flores, já que muitas delas são muito perfumadas e há uma grande variedade de jasmims vermelhos, brancos e amarelos, mas era algo ainda mais doce. Nós seguimos o aroma até uma bromélia carbonizada e, quando nos abaixamos, vimos um abacaxi grande e amarelo atrás das folhas, maduro o suficiente para comer. Cortamos próximo às folhas inferiores, procuramos entre outros pés e encontramos muitas frutas mais. Levamos para a casa, cortamos a coroa e o broto embaixo, poupando-os para serem plantados. E então os descascamos e cortamos, espalhando açúcar sobre as fatias que cobriam o prato, em cerca de uma hora eles estavam fluando sobre um melado claro. Todos apreciamos nossa ceia e estamos

gratos em saber que o velho Serafim plantou abacaxis por todos os lados. Ele disse que iremos encontrá-los todos crescendo atrás das bromélias. É bom podermos obter frutas frequentemente como o fazemos, pois comemos carne salgada todos os dias e apenas ocasionalmente a temos fresca. Sempre que nossos vizinhos têm paca, porco-do-mato ou quati eles dividem conosco e fazemos o mesmo quando os temos. Mas nosso café da manhã e jantar diários são compostos por carne seca, a qual colocamos de molho em água à noite, às vezes amarrando a uma vara na lagoa. Cortamos em pequenos pedaços, cozinhamos até que esteja bem tenra e então temperamos com pimenta do reino, algumas vezes adicionando as pequenas vagens verdes, fazendo um molho, e acho um picadinho muito bom. Às vezes a fritamos também. Nosso principal sustento é nosso prato de feijões pretos, os quais colocamos para ferver de manhã cedo por um tempo, jogando fora a primeira água e continuamos a cozer, até que esteja pronto. Usamos toucinho, bacon, para temperar e adicionamos pimentas também. Estamos cozinhando assim como os brasileiros, mas eles não fazem nosso pão de farinha de trigo. Eles fazem um prato chamado *peron*, batendo a farinha com água fervente até que esteja firme, temperando apenas com sal. Nós melhoramos o prato adicionando ovos e pimenta do reino, ele ficou realmente muito bom. Os nativos estão sempre admirando nosso pão. Eles parecem cheirá-lo assim que sai do forno e eles vêm vê-lo, sabendo que nós sempre lhes damos alguns. Eles nos trazem sempre que fazem alguns de seus bolos de tapioca e bolinhos de farinha apimentados. O nome do último não sabemos pronunciar ainda.”

A cheia

1º de novembro de 1867 – “A ravina arenosa que unia a lagoa ao pequeno lago está agora cheia de água, indo com pressa e aos trambolhões, nós temos pinguelas para ir ao outro lado. É tão profunda e rápida que é necessário manter uma vara em mãos, comprida o suficiente para tocar o fundo à medida que sentimos que vamos perder o equilíbrio. Uma grande quantidade de peixes foi pega em cestos nesse novo curso d’água e temos ovas em abundância. Nós as misturamos em farinha e fritamos, é quase uma omelete de ovos. Ontem à noite, enquanto estávamos em frente ao fogão retirando alguns rolinhos belamente assados, os quais guardamos em uma caixa ou armário, ouvimos sons de remos. A noite parecia ter vindo repentinamente. Era apenas a escuridão de uma nuvem apressada que, em poucos momentos, lançou pesadamente sobre nosso telhado²⁰, uma torrente de gotas de chuva, cada uma maior que um pires. Permanecemos resolutos, determinados a não abandonar nosso posto. As ovas de peixe não estavam suficientemente douradas ainda. A chuva podia derramar, mas não iríamos nos mover. Correntes começaram a fluir sobre nossos ombros e começamos a estremecer, mas não íamos entrar. Outra corrente, depois outra, uma mais fria que a outra. Olhamos acima, para o telhado, a grande benfeitoria americana, um borrifo de água veio em direção à nossa face. Esse era apenas um arranjo temporário. As tábuas foram dispostas de modo a cobrir-nos dos raios solares. Os pioneiros sempre se esquecem das chuvas. É verdade, quando o sol sai e tudo está seco e arejado não lamentamos as chuvas que se foram, mas quando sofremos todo esse desconforto, nós reclamamos exasperadamente contra arranjos temporários. Desejamos uma boa casa, um lar confortável e todas as conveniências necessárias à vida.

20 O termo originalmente utilizado aqui é “shingles”, que remete a um tipo de cobertura feito com sobreposição de tábuas.

Concluímos que o melhor era retirar a frigideira, quando nosso fogão saltou em nossa direção, como um animal bravo. Suas brasas vermelhas incandescentes observando como olhos fulminantes através da porta. Saltamos para trás, contra a parede da casa, olhamos-nos uns aos outros, em um silêncio surpreso. O que tal ataque significava? A chuva, que caía com grande força, lavara a areia abaixo dos quatro blocos sobre os quais se apoiava o fogão no chão. Quando os blocos rolaram ele veio abaixo, reluzindo sobre seus quatro pés, a cerca de um metro de sua posição original. Após observar por um tempo esse espetáculo singular, retiramos a frigideira do fogão, que não foi derrubada, e a colocamos sobre a caixa que era à prova d'água. E então deixamos a cozinha com desgosto. Entramos na casa pela janela e recebemos gotas adicionais da água cor de café que gotejava. Começavam as lamentações, com reclamações tristes contra o brasileiros lentos, que não *terminariam* nossa casa. Todos nós estávamos com vontade de chorar, e acredito que alguns *derramaram* algumas lágrimas. Após um tempo a chuva cessou, vestimos roupas secas, ceamos e fomos para a cama.”

2 de novembro de 1867 – “Essa manhã nossa sala de jantar foi bem lavada. O piso se tornou mais agradável para caminhar. Nosso fogão está em pé novamente, melhor que antes, outro jantar cozido nele e nos regozijamos por ser esse um dos melhores fogões, assa e cozinha como queremos. Temos peixes em abundância agora. Nossos vizinhos, os dois doutores, vieram nos ver essa manhã e se divertiram muito com nossa descrição do fogão saltitante e das goteiras que tivemos. Podemos falar sobre isso alegremente hoje. Tais problemas não nos preocupam mais. Enquanto o sol brilha, vivemos aprazivelmente, com esperança, mas quando chove, nenhum raio de luz chega até nossos corações. Poderíamos ser gratos por esquecermos que somos seres humanos, pois nossas acomodações seriam pobres para o gado em um país onde eles são bem cuidados. Gostaria que o tempo bom durasse agora, até que nos mudemos para a nova casa, mas como essa é a estação chuvosa e ela apenas começou nossa paciência será colocada muito à prova. Quando estávamos em Linhares tivemos a estação das chuvas. Agora temos as

inundações. Depois disso vem o período da seca. Antonio estava nos dizendo, hoje, que quando para de chover o sol fica tão quente que às vezes os telhados se queimam, as folhas nos arbustos secam e o solo queima os pés, etc.

Notamos um brilho em seus olhos enquanto ele nos contava essa história e concluimos que ele estava nos zombando. Ele fez diversos gestos e disse-nos ser verídico – ‘é verdade’. Ele tentou nos amedrontar, com relatos sobre os índios Booga, dizendo que às vezes eles vinham até as localidades e roubavam toda a mandioca, mas outros nos disseram que Antonio contava-nos histórias, assim não acreditaremos em seus relatos a menos que queiramos.”

Janela do mato

17 de novembro de 1867 – “Tomamos nosso diário mais uma vez para adicionar algumas poucas notas. São esboços a lápis, escrevemos apenas às vezes, como agora, ao ar livre, com as colinas e as árvores à nossa volta dando alegria aos sentimentos. Por um tempo as chuvas não têm sido tão abundantes. O mundo à nossa volta parece muito belo agora. A corrente flui gentilmente. Estamos sentadas em suas margens e preferimos essa rápida corrente à violenta e aos trambolhões quando a lagoa está cheia. Nessa época, ela era perigosa. Agora as crianças atravessam-na em certos locais. Quão felizes estão agora e parecem apreciar a vida desde a manhã até a noite. É agradável ouvir suas vozes contentes. Alguns estão pescando, na pequena lagoa Janela. ‘O Pai’ remou um barco cheio desde a lagoa até a nossa nascente na margem oposta. Se essa fonte refrescante estivesse *deste* lado nós estaríamos gratos, mas é tão distante que raramente bebemos dela. A água deve ser mais pura que aquela que obtemos da lagoa. Está em uma área sombreada e silenciosa, mas *não* está deste lado e não há como trazê-la até aqui.

A senhorita Anna Miller está conosco. É tão agradável ouvir as vozes sorridentes dos jovens espalhados à volta. Estão colhendo flores, tão belas e perfumadas as temos, em todas as direções. Algumas tão delicadas e perfeitas como se fossem criadas em estufas.

Três pássaros imensos acabaram de levantar voo, observando, acima de nossas cabeças. Suas cores escarlate e azul. Acho que são *aras*. Ontem ceamos um *tucano*. As cores desse pássaro eram dourado e preto riquíssimos. Dariam lindos enfeites para chapéus. Os macacos estão sempre quietos à tarde, pela manhã eles tagarelam muito alto, levam adiante debates, algumas vezes bravios outras em tons agradáveis. E ainda assim os cavalheiros matam-nos e até mesmo os comem. Parece canibalismo.”

Horas após o entardecer

18 de novembro de 1867 – “As crianças estão usando seus ‘Livros de Registros’ para aperfeiçoarem a escrita. Elas estudam também, a despeito de trabalharem, nadarem, pescarem e brincarem. Nossos livros de anotações não são usados frequentemente à noite. Não admira, pois a noite é normalmente o período para os diários e também

*‘Quando os trabalhos cessam
É doce cobrir a mente cansada
Com a cortina do repouso’*

Quando desenhávamos as barras à nossa volta não experimentamos o sentimento de deleite habitual dos exaustos, ao nos deitarmos para descanso. Ao contrário, entramos em nossa cabana com relutância, temendo a hora de ir à cama, desejando, de todo o coração, que a manhã chegue logo. Novamente, dizemos, não admira, pois essa é a nossa rotina noturna. Quando a ceia termina, entramos em nossa cabana, acendemos uma vela (temos o luxo das velas estelares). Primeiro levamos os pequenos com os costumeiros tormentos das abluções, examinamos depois os pés à procura de bicho, quase sempre encontramos e extraímos alguns. Quando terminamos, eles logo estão dormindo. Nenhum inseto exceto mosquitos nos pica à noite. Então temos poucos momentos (enquanto o bebê faz os últimos esforços extenuantes para dormir) para olhar em volta do quarto. Nossos olhos se lançam sobre o canto, onde nós temos uma coluna de estantes de três pontas. Há livros belamente arranjados em uma. Algumas belas caixas e caixa de costura em outra. Um vaso de flores na superior. Agora – e esse é um local animador para os olhos repousarem – próxima a essas estantes está a porta, que abre à direita ao próximo cômodo. Do outro lado da porta está a máquina de costura. Está fechada, coberta com um pano escuro e a mesa (a essa hora assim chamada) suporta os outros únicos artigos que

iluminam nosso cômodo deprimente. Esses tesouros de prata, xícaras, um cântaro, bem como os candelabros, foram presentes de amigos agora distantes. Ao olhá-los nos entristecemos, embora o cômodo esteja um pouco mais alegre por tê-los ali. Pela única janela, que está no fundo do cômodo, encontra-se um grande baú amarelo. Ele literalmente está em pé, pois foi colocado sobre blocos para evitar que as formigas fizessem seus ninhos por baixo. Esta é uma precaução unanimemente utilizada. Atrás da porta frontal está uma grande moringa vermelha. Entre ela e a máquina está nosso belo e pequeno lavabo verde. O restante do cômodo é ocupado por camas. Afinal, ele não é tão deprimente. As paredes caídas, que são amareladas durante o dia, parecem-se cor creme durante a noite e isso é bastante bonito, para uma cabana de taipa. Mas, ai! Baratas e aranhas saem da palha fuliginosa acima e exibem-se de cima a baixo pelas laterais da casa, completamente negligentes em relação à nossa presença. Não há remédio para esse mal, assim devemos apenas fortalecer-nos diante desse e outros incômodos, até que o período de provação termine e passemos do nosso primeiro estágio da vida pioneira.

Quando todos os pequeninos adormecem, se o tempo está agradável nós saímos até nossa sala de visitas ao relento e permanecemos uma hora ou mais sob as estrelas, retornamos novamente à cabana, e então vem a última cena do nosso programa, antes de irmos para a cama todas as noites. Pomadas, loções e bandagens são trazidas para lavar e enfaixar os membros feridos, ninguém tendo escapado às picadas venenosas dos mosquitos, exceto os pequenos. Com grande cuidado enrolamos as faixas de linho dos tornozelos aos joelhos. Aquela porção do corpo sendo a única região afetada. Tem sido matéria de indagação: por que as crianças que andam descalças estão imunes ao veneno? Outra coisa nos surpreendeu muito, que os insetos mais incômodos às donas de casa nos Estados Unidos nunca são vistos aqui: não temos moscas. Mosquitos, borrachudos²¹ (que são os pernilongos que picam) e o bicho tomam seus lugares, embora talvez tenhamos tantos mosquitos nos Es-

21 “Bora-shuta’s” no manuscrito original.

tados Unidos quanto temos aqui, mas esses parecem mais venenosos aos estrangeiros.”

20 de novembro de 1867 – “Devemos falar sobre um luxo que apreciamos diariamente, nossos banhos matinais. Nesse clima delicioso nós ousamos fazer o que no lar que deixamos seria perigoso à vida. Nós não temos medo de sair da cama e ir direto à lagoa. A areia é branca e limpa, e a temperatura da água morna. Com frequência vamos ao nascer do sol e mais comumente à tarde. Temos um pequeno refúgio entre os arbustos como vestiário – cada um, quando termina o banho, entra, trocando a camisola molhada por uma seca – e, então, lançando um xale sobre nossos ombros, subimos até a casa e nos vestimos, sentindo-nos fortalecidos para os trabalhos diários vindouros. Podemos verdadeiramente dizer que é o maior conforto que já apreciamos e é a recompensa plena pelos desagradáveis términos de cada dia.

Os nativos adoram a água. As mulheres nadam como peixes e lançam seus filhos na lagoa quando mal completaram um ano de idade. Assim eles são exímios nadadores muito cedo. Muito de seu tempo é dedicado lavando roupas, alvejando e batendo, seria uma mudança cruel se fossem transportadas para uma região onde não há lagos ou cursos d’água.”

Lavando pequenas calças

Retirado do livro de memórias de _____

11 de outubro de 1867 – “Gostaria muito que eu pudesse manter um diário e escrever nele regularmente como minhas outras irmãs, mas, de certa forma, estou sempre tão ocupada com outras coisas mais interessantes que as páginas do meu diário estão praticamente tão limpas quanto quando ele foi comprado. Comecei a sério no navio, mas desde que estamos em terra eu negligenciei meu livro. Papai comprou um diário semelhante para cada um de nós, encadernado em couro vermelho, e nós imaginamos que iríamos preenchê-los com cenas da viagem, mas eu fiz um início lento. Estava determinada a escrever, mas assim que peguei minha caneta, encontrei minha mente divagando na floresta por flores ou atravessando a lagoa no pequeno bote e assim se foi. Deixei minha caneta e meu livro de lado e saí para ver se meu gengibre nasceu e então andei em alguma parte nova da mata, para observar quais curiosidades eu poderia encontrar, pensando que certamente eu escreverei quando eu chegar a casa, e então terei algo para contar. Há alguns dias algo aconteceu, o que eu *devo* descrever e estou determinada a não deixar meu diário de lado até que o faça.

Eu vi uma cena na praia, que eu gostaria de poder ter desenhado, mas esse é um talento que eu infelizmente não possuo. Essa vida rústica que estamos protagonizando traz nossos verdadeiros caracteres e nos mostra qualidades que nunca antes observamos. Eu descobri que uma de minhas irmãs é propensa ao romantismo. Ela ama escrever em seu diário. Bem! Ela tinha alguma roupa para lavar, o que postergou o máximo que pode. Então ela fez um esforço desesperado e levou as roupas até a ‘Roupa-house’ na praia. Sempre que eu tenho que lavar eu utilizo o método brasileiro: dobrei meu vestido para cima, e caminhei na água, mas essa minha irmã não faz isso. Isso não é, de acordo com ela, *bem visto*. Ela prefere fazer as coisas com estilo e usa uma tina com uma tábua de

lavar para esfregar. Cada uma de nós lava para cada um de nossos irmão-zinhos. Bem, minha irmã romântica tinha uma pequena calça de Willie à sua frente. Seu chapéu não estava cobrindo sua face, e ela observava intensamente o oeste, onde o sol se punha sob o horizonte, dando um tom carmesim à água da lagoa, formando uma cena magnificamente bela. Não posso dizer onde estavam seus pensamentos, mas uma mão segurava convulsivamente com a intensidade de seus sentimentos uma barra de sabão de terebintina, enquanto a outra repousava sobre as pequenas calças, cobertas de sabão e água, espalhadas completamente em comprimento e largura na tábua de lavar. Eu olhei para ela por um tempo em silêncio, e então da forma mais rude e cruel chamei sua mente do paraíso tom de carmesim e púrpura novamente para a tina de lavar, questionando-a o quanto ela tinha lavado. ‘Oh!’ ela exclamou ‘esse pôr do sol é tão *grandioso*, tão *lindo*! Eu gostaria que garotos não tivessem que vestir calças ou que elas não tivessem que ser lavadas ou que eu amasse lavar roupas como você.’

Era então tarde demais para que ela terminasse seu trabalho, assim ela decidiu amarrá-las e lançá-las na lagoa até a manhã seguinte.”

A história do arroz

Novamente tenho algo digno de menção para meu diário, mas o que diria minha irmã romântica se ela pudesse olhar sobre meus ombros? Ela diria que estou exagerando, que não é nem metade tão ruim como eu descrevi, mas eu irei apenas contar a história como ela ocorreu. Era a sua vez de cozinhar. Ela estava muito ocupada ao redor do fogão cedo demais para por a mesa do jantar. A carne seca e os feijões²² não estavam preparados para serem cozidos. Eu acredito que a carne seca *fora* dessalgada e cortada em pedaços, mas nada mais estava pronto. Ela lavou uma travessa cheia de arroz e colocou-o em uma panela no fogão. Admirada, questionei-a por que ela começou a fazer o jantar dessa forma. Ela não gostou de ser importunada sobre sua comida, mas eu sugeri que era um momento estranho para se cozinhar o arroz. Ela respondeu, à sua forma contida: “Veja, vou cozinhar um pouco mais hoje para a ceia. Eu acrescentarei mais para o jantar.”

Com isso ela me fez rir, muito. Cozinhar a ceia primeiro e o jantar depois. Mas esse era seu estilo. Eu passei, acidentalmente, próxima ao fogão novamente pouco tempo depois, apenas alguns minutos talvez, e a vi lavando mais arroz, também apressadamente, pensei, e ela derramou-o na mesma panela. Saí então sem dizer nada, mas sabia que voltaria, pouco depois, e teria algo para ver. Mas me dei por mim mesma, interessada, observando uma canoa circundando a península, esqueci o arroz e a cozinheira, até que ouvi mamãe exclamar surpresa e então me lembrei do *arroz*. Corri até a cobertura e vi a cozinheira com o olhar vazio e mamãe rindo. Ela estava separando o arroz entre duas panelas. Nós então entramos na casa, esperando para ouvir outro chamado da cozinha, já que vimos que o arroz não estava nem próximo de estar pronto e já havia enchido duas panelas. Não se passou muito tempo até

22 “Carna-secca” e “feijoes”, no original.

que olhássemos de novo o rosto da cozinheira, podíamos vê-lo da janela, ela parecia enrubescida e irritada. “Bem”, nós perguntamos, “você quer que nós saíamos e observemos o arroz novamente?”. Ela assentiu com a cabeça, e então procedemos, novamente, à cozinha, e veja só! O arroz cresceu acima do limite das duas panelas e ainda não estava pronto.

Traga-nos outra panela, nós dissemos, e retiramos arroz suficiente para encher uma terceira, todas grandes. “Quanto arroz você colocou?” nós perguntamos. A resposta foi “Eu não sei, eu despejei naquela leiteira e supus a quantidade.” “Muito bem”, respondi. “Nós teremos bastante para durar algum tempo. Mantenha o fogo e deixe-o cozer, já que ainda não está próximo de ficar pronto.” Essa é uma boa piada, disse a mim mesma. Nós iremos provocá-la sobre isso. Sentamos novamente, mamãe estava cosendo e eu peguei um livro, sentando-me onde eu pudesse ver pela janela. Ocasionalmente eu olhava, e vi a cozinheira perplexa, levantando as tampas das panelas, e então ela voltou seus olhos para mim. “Venha aqui”, ela exclamou, e eu ri muito. Novamente, corremos até a cena de angústia. A última panela foi trazida e preenchida com arroz, que continuou a cozer, até que se esparramou para fora da panela sobre todo o fogão e sobre o chão. Finalmente nós recolhemos do topo de cada panela uma quantidade suficiente para praticamente encher uma leiteira. Aguardávamos e recolhíamos o arroz que cozinhava e crescia. Finalmente estava tudo pronto. Mas o que fazer com ele? Essa era a questão. Todas as nossas panelas de latão, e grandes travessas, incluindo uma sopeira, foi usada para guardá-lo. Os pintinhos se reuniram em volta do fogão, contentes por comerem arroz. Naquele mesmo dia um dos amigos da cozinheira, capitão Dalton Yancey, jantou conosco. A primeira pergunta que fizemos foi “Agradou-lhe o arroz?”. Quando ele disse “sim”, nós lhe contamos que tínhamos “um oceano dele”, mas pelo bem de minha irmã não mostramos tudo que tínhamos, apenas pedimos que “não seja tímido, pois temos em abundância”. E então tamanho riso nunca se escutou, ele estava tão curioso para saber porque estávamos nos divertindo que tivemos que lhe contar toda a história.

Distrações

Extraído do diário de uma das filhas

3 de outubro de 1867 – “Nessa manhã uma canoa chegou de Linhares, diversos cavalheiros aportaram. Um evento como esse é sempre agradável, mas a chegada do barco a vapor irá, obviamente, criar mais agitação que esses pequenos botes. Observar a fumaça e ouvir o sino irá retirar-nos de nossa quietude. Mas irá tocar um dia? Nossos visitantes eram o senhor T. Gunter e o Dr. DeYambert. Eles então prosseguiram com o major Storrs até sua casa, que fica a alguns quilômetros a montante.

Os jovens cavalheiros da lagoa estavam falando sobre um baile na casa de um dos brasileiros. Eles queriam saber o que pensávamos disso. Acreditamos que seria apazível.

Não posso deixar de pensar, de tudo o que está acontecendo, que uma vida como essa é mais feliz que uma de moda, modos e etiqueta. Eu, que sempre frequentei festas de crianças nos Estados Unidos não posso julgar, mas acho que é delicioso tê-las como temos aqui, sem sermos incomodadas sobre a forma como nos vestimos. Uma musselina colorida ou uma bela chita são adequadas para nossos eventos sociais.”

5 de outubro de 1867 – “O local selecionado para nossa futura casa é muito lindo. À nossa frente estará a grande e magnificente Lagoa Juparanã. Atrás está o mais belo pequeno lago que nós já vimos. De um lado, está o curso d’água, que irá, quando a estação chuvosa vier, fluir de um lago a outro. No lado oposto, há uma colina, com uma grande parcela coberta com floresta. Estaremos circundados pela beleza. Temos esperanças que a casa estará pronta em breve e que nós poderemos começar a ter conforto. Antonio, o líder dos trabalhos, disse que irá terminar em breve dois cômodos para nós.

Escrevemos algumas cartas hoje, também lavamos algumas roupas em nossa elegante lavanderia²³. Não nos importamos muito com esse trabalho, pois é muito fácil lavar e alvejar com tanta água corrente e conveniências em nosso refúgio refrescante. Além disso, penduradas nas vigas, estão suspensas nossas prateleiras, sobre as quais mantemos os livros, e é muito agradável sentir as brisas apazíveis com um bom livro para ler. Mas sinto dizer que não gosto de cozinhar. A novidade há muito se foi, e eu suspiro quando chega minha vez, estaria grata se gostasse tanto quanto minhas outras irmãs. Isso pode ser o que elas chamam de *romântica*, talvez seja, mas eu nunca serei uma boa cozinheira quando há tantas outras coisas mais prazerosas pra se fazer. Eu sei que serei feliz em nossa nova casa, quando nossos pomares estiverem frutificando, nosso jardim florescendo e tivermos o escravo que nosso papai prometeu trazer para nós do Rio, quando ele for.

Adoro observar as canoas com velas esvoaçantes ao vento, brilhando sob o sol, deslizando sobre a lâmina prateada à nossa frente. É agradável notar mudanças e melhoras. Os americanos estão começando a usar velas e os brasileiros estão seguindo a moda.

Mais tarde. Estou agora sentada às margens de nosso querido pequeno lago Janela. Amamos esse lago, que é todo nosso, em sua trama de árvores e a pequena canoa que descansa sobre suas águas plácidas. A canoa também é nossa e estamos aprendendo a remar sozinhos. E, ah! É tão charmoso. Nós gostamos de remar, após o pôr do sol, sem os chapéus, para sentir a brisa.

O sol agora está escondido atrás das árvores, mas a luz carmesim está no céu tingindo a água do mesmo tom. A cena é muito amável, mas a parte mais bela é nosso barquinho, que contém uma carga de cinco. Nosso pai, com linha de pesca na água, crianças com remos nas mãos. Minha alegre irmã, cuja cabeça se ergue pouco acima dos outros, agora aprecia bastante essa vida e julga ser um prazer pescar, mas ela adora trabalhar, bem como brincar. Quão belos são seus cabelos loiros, entre

23 "Roupa-house".

amarelos e dourados. Sua bela face ainda mais bonita nessa luz rósea que tudo cobre. Agora está olhando nesta direção, pensando talvez que sou sentimental, ou imaginando-me crescida, mas ela não sabe que eu estou envolta em admiração por ela e por essa cena encantadora à minha volta.”

6 de outubro de 1867 – “Mais uma vez em meu refúgio fresco, após preparar a mesa da ceia. O vento entoa uma música agradável na cobertura de folhas de palmeiras sobre minha cabeça. A lavanderia é quase tão aprazível quanto uma pérgula de verão. Se fosse construída na areia poderíamos plantar algumas dessas trepadeiras belas e perfumadas que estão crescendo em abundância por toda parte, em seu entorno, mas eu acredito que seja melhor, apesar de tudo, ter brisas sem as trepadeiras, podemos desfrutar as flores em nossas caminhadas diárias, e sempre termos algumas dentre as mais raras ornamentando nossa casa.

A grande lagoa, que é sempre esplêndida, mostra-se essa noite sob uma nova luz. Está ficando nublado, uma brisa refrescante sopra, e as ondas se quebram braviamente contra a margem, como se imitassem o oceano.

O trabalho de lavar nossas roupas foi suavizado, pois entregamos à senhora Lenorena e suas filhas as peças mais pesadas, algumas vezes elas fazem o trabalho aqui, mas normalmente levam para a casa. Elas lavam as roupas até ficarem muito brancas.”

7 de outubro de 1867 – “Hoje é Sabá. Não temos os sons dos sinos das igrejas, e não vemos as pessoas passando em seu caminho rumo à casa de adoração. Nossa redondeza parece a mesma que nos dias de semana, mas há algo que nos lembra de que hoje é domingo e nós tentamos prezar como o dia sagrado de Deus. Sabemos que esse é o dia de descanso, pois não escutamos o som dos machados. O sétimo é venerado dessa forma e sempre com visitas, nós achamos isso correto, pois é um divertimento para aqueles que trabalham durante a semana ver seus amigos e contar-lhes seus progressos.

Eu vou tentar e ver se consigo gostar mais das minhas obrigações, talvez possa cultivar o gosto por lavar panelas, areá-las com sabão e

areia e esfregá-las tão forte sob meus dedos para retirar a fuligem. Não me importo em lavar e dar brilho às panelas porque nós as levamos à praia de areias brancas e podemos olhar as belezas da natureza à volta, observar tudo que se passa, se houver algo para ver.

Nós fomos, ontem, à casa da farinha²⁴, como a casa do velho Serafim agora é chamada. Josefina e Sofia fizeram algumas bonecas de pano e as crianças ficaram tão felizes com elas que nós compramos algumas com trocas ou moedas de cobre.

Essas bonecas foram feitas de maneira curiosa e engenhosa, com cabelos de fibras das flores do cardo, algumas douradas, marrons e cor de cera. Os vestidos são feitos bela e cuidadosamente, e mostram mais gosto do que acreditávamos que tais pessoas pudessem ter.”

24 “Farinha house” no original.

Cozinhando um macaco

Segunda-feira, 8 de outubro de 1867 – “Pareceu sem coração e cruel! Pois nós víamos antes da morte e os tristes gritos estavam zumbindo em nossos ouvidos. Nós o víamos olhando suas mãozinhas, as quais estavam tingidas de sangue após pressioná-las sobre o lado ferido, e as mostrando a nós. Mas papai disse que ele e o senhor Spencer queriam-no para o jantar. Como podiam comer qualquer coisa que se parecesse tanto com um ser humano? Isso se eles acreditaram na teoria de Darwin. Mas eles disseram que iriam comê-lo e cortaram sua cabeça e suas mãos. Então, quando eles se foram, nos levantamos para atender à tarefa de cozinhá-lo, não preparamos qualquer molho. Perguntamos a Willie se ele não empurraria a panela dentro do forno, como era pequeno e um menino, também ele se esquivou da tarefa, e então o desgosto de colocá-lo para assar foi meu; bati as portas com força, que instantaneamente se abriram de novo. Então eu corri para não retornar mais até que eu ouvi uma exclamação de papai, que voltou para ver como a carne refinada estava cozendo. Veja só! Ele o puxou, marrom e seco, murcho e distorcido, parecendo uma múmia sem cabeça nem mãos. Sua posição engraçada, que fez papai rir, salvou-nos do desprazer de permiti-lo ressecar.”

10 de outubro de 1867 – “Estamos queimando e desbastando um local para o jardim frontal. Parte do dia esteve escuro e chuvoso.”

11 de outubro de 1867 – “Fizemos outro plano para construir a casa, os camaradas dizem que eles não têm bois para puxar os troncos pesados e não há homens o suficiente para erguê-los, então farão apenas dois cômodos em cada lado da sala em vez de três, e adicionarão mais dois posteriormente. Papai finalmente comprou toda a área do Serafim. Inicialmente ele iria vender apenas uma parte da terra.

Em nossos passeios nas margens do lago Janela nós encontramos hoje algumas pequenas flores encantadoras para desidratar. Então, na floresta, encontramos uma árvore cheia de flores, como das laranjeiras,

de um odor muito doce. Há uma grande variedade de jasmims, de todas as cores, o mais doce é de um carmesim escuro. Há muitas amarelas.”

13 de outubro de 1867 – “Por volta das quatro da manhã papai retornou de Linhares. Descemos com o major Storrs que estava a caminho do Rio. ‘Antonio’ fez outro adiantamento e os cavalheiros foram à casa do Dr. Johnson para ajudá-lo a preencher as paredes da sua casa de taipa. Todos se ajudam.

14 de outubro de 1867 – “Em nossa caminhada ao longo da praia nesta tarde, fomos onde nunca estivemos antes, embora estivesse no limite da floresta e frequentemente passáramos pelo lugar, onde tanta beleza estava ‘desperdiçando sua fragrância’. E flores desabrochando para ‘enrubescer sem serem vistas’. Nós dissemos que esperávamos que nossos pés fossem os primeiros pés americanos a pisar sobre aquele solo. Em um local havia muitas árvores concentradas, formando um arco acima. Embaixo, havia um tapete de folhas marrons, e flores perfumadas penduravam-se nos ramos acima. Pensamos que esse seria um bom local para um piquenique, tão fresco e delicioso. Descobrimos algo muito parecido com âmbar em uma árvore. Parecia a seiva do pessegueiro, a diferença é que era mais dura e encantadoramente clara. Trouxemos alguma quantidade para casa, acreditando termos encontrado um tesouro. Ao longo daquela parte da praia também há uma bela argila branca tão branca quanto cal. A natureza nos deu tantas coisas úteis.

As crianças estão apresentando febrículas. Quinino está a caminho.”

15 de outubro de 1867 – “A bela substância que se parece âmbar provou não ser muito preciosa, mas um artigo útil. É excelente para acender nossas fogueiras e a usamos como usaríamos gravetos. Há também algo que queimamos da mesma forma, que se parece breu, e é escavado do chão em grumos.

Realizamos outra caminhada nesta tarde até a nossa bela pérgula.”

23 de outubro de 1867 – “Um grande número de brasileiros parou aqui hoje em seu caminho até algum local a montante. Enquanto saíam de suas canoas os contamos e totalizavam vinte e um – homens, mulheres e crianças. Nossa mãe não gostou da visita repentina, pois

dois de seus pequenos estavam doentes, mas tentou aguentar com paciência e polidez. Os homens permaneceram fora, as mulheres e crianças espalharam-se, alguns se sentando nas camas, quando as cadeiras ficaram ocupadas, enquanto alguns andavam fora, examinavam nosso fogão e o conteúdo do abrigo da cozinha. Acostumamos-nos a esses modos, mas frequentemente nos questionamos porque eles não notam *nossos* costumes e os imitam, pois é bem claro que somos admirados por eles e eles tentam ser como nós em todos os aspectos. Alguém sugeriu que deveríamos ir em grupo ou mais precisamente em uma saraivada fazer-lhes uma visita e imediatamente começar a inspecionar e observar tudo à volta. Mas a ideia era tão ridícula que nós ríamos da cena absurda. Esses nativos são gentilmente curiosos, não rudes. Eles não têm a intenção de serem mal educados. Eles querem nos mostrar que estão muito interessados em nossa maneira de trabalhar e viver, e essa é a forma pela qual eles manifestam tal interesse.

Algumas dessas pessoas nós conhecíamos da vila e poderíamos ter sido mais cordiais se eles viessem sozinhos. A bela Rafaela era uma delas e nós estávamos gratos por vê-la. Notamos que ela se comportava como uma americana. Era afável e sorridente, porém elegante. Estamos fazendo gengibre em conserva, de nossas próprias raízes. Esperamos cultivar muitas delas.”

26 de outubro de 1867 – “Mais febres. Não gostamos da ideia da doença em nossa colônia, mas ouvimos que um bom número está tendo febres.

Papai atirou em alguns patos do mato essa manhã, um foi morto e o outro ferido. Ele disse que irá poupar este último, amputar sua asa e domesticá-lo. Essa noite choveu e o ar está intolerável, não temos brisas. O senhor Spencer retornou da casa do senhor Carlos trazendo provisões, perus e patos. Nossas aves domésticas estão aumentando.”

Segunda-feira, 28 de outubro de 1867 – “Senhor Carlos, sua esposa, Dona Maria, e seu filho M. Augusto vieram ontem e passaram o dia aqui. O Dr. Johnson também jantou conosco, e se divertiu com nossa mãe, que achava enfadonho entreter seus convidados. Eles con-

versavam por meio de intérpretes, o que era mais conveniente e menos cansativo do que realizar um esforço para conversar, já que Carlos não compreendia o inglês. Dr. Johnson expressou suas simpatias à mesa, e mamãe respondia ‘Você está certo, é muito tedioso’. Mas nossos convidados não entendiam o que estavam dizendo e parecia estranho observá-los olhando-nos sem compreenderem nada. Nós temos a vantagem a esse respeito, pois enquanto nós estamos aprendendo a linguagem deles, eles não se importam em aprender a nossa. Apenas alguns parecem tentar falá-la.

Terese e Ellie Miller também passaram o dia com minhas irmãzinhas. Seu irmão Hunter levou-as para casa tarde da noite, e a lagoa estava bem agitada por uma forte brisa. Ficamos preocupados, mas os assistimos até aportarem a salvos na margem oposta. O senhor Carlos tinha uma grande canoa e remadores negros. Eles chegaram tão tarde à procura de seu senhor que ficamos preocupados se tivessem que permanecer a noite toda, pois não tínhamos lugar para todos dormirem. Ficamos aliviados quando vimos o bote chegando. Esse casal é aristocrata e são realmente pessoas boas. Mas temos praticamente certeza que nunca poderemos conhecê-los bem o suficiente para sentir profunda amizade.”

29 de outubro de 1867 – “Hoje o senhor Spencer foi à outra expedição em busca de aves e trouxe de volta um peru, além de dois porcos, alguns feijões e também algumas bananeiras para plantar. Os cavaleiros, aqueles que foram atrás do correio, retornaram de Linhares trazendo-nos correspondências, jornais e grande quantidade de bananas maduras esplêndidas.

Nosso pato ferido, com a asa amputada, parece contente sobre a água com outros patos, como se ele sempre tivesse pertencido à lagoa. Amamos observá-los nadando sobre a água, esperamos ter alguns gansos, depois de um tempo.”

Sexta-feira, 2 de novembro de 1867 – “O tempo tem estado chuvoso e escuro, ontem e hoje choveu continuamente. Nós raramente temos uma tempestade com ventos. Nossas chuvas são intensas, mas suaves, e quando a escutamos cair conforme a nuvem passa sobre a la-

goa, ela emite um som súbito, como se um tornado destruísse parte da floresta. Torna-se mais e mais intenso e finalmente cai em linha reta sobre nosso telhado, sem qualquer vento. Não somos enganados por isso à luz do dia, mas à noite há algo solene e mesmo atemorizante nesse ‘encontro de águas’. A visita da senhora Carlos proveu-nos muito divertimento. Não muito naquele momento, pois era um dia enfadonho, mas depois, sempre que pensávamos nesse dia nós ríamos bastante. A caminhada noturna realizada por nossa mãe com sua hóspede ela raramente irá esquecer, e agora se pergunta porque deveria estar tão distraída. A senhora Carlos queria ver algo do local e ambas caminharam silenciosamente juntas, até que chegaram à nova casa. Então mamãe se lembrou de que se esquecera de levar uma de nós consigo como intérprete. Após sentarem-se em uma das rochas, ela olhou em direção ao pequeno lago e perguntou, em português, se ele não era lindo. Não havia mais nada que ela pudesse pensar, para iniciar uma conversa. A isso a senhora Carlos respondeu e então acrescentou muito mais, o que apenas uma parte mamãe entendeu. Então ela ficou inquieta e propôs voltar para a casa. Elas se levantaram e retornaram, e então reuniram um grupo, continuando a caminhada em seguida em direção à casa de farinha e o restante de nós levou adiante a conversa. Voltamos e nos sentamos na praia para esperar pela chegada das canoas.”

O Conselho dos Macacos

O fragmento dos escritos da “Mãe” irá mostrar como a mente naturalmente dava voltas após tais digressões da rotina usual da vida e como a cena de cozer um macaco afetou aqueles não acostumados a tais aparentes barbaridades.

Uma manhã enquanto sentada em nosso banco rústico, sob a cobertura de nossa lavanderia, eu me encontrei ocupada com milhares de elementos decorativos, ouvindo os sons dos pássaros de plumagens brilhantes, que saltitavam de galho em galho nas árvores próximas, inalando as fragrâncias perfumadas de flores, observando as nuvens nevadas e o azul contrastante do céu que se refletiam no lago vítreo, tão próximo. Não é de se surpreender que, em tal pérgula, a imaginação dava voltas, nos caprichos de um sonho, e fadas da floresta lançavam-se sobre o lago, remando em volta destas ilhas nevadas, em botes pequeninos e grotescos, e então, desembarcando na margem, perdiam-se na alvura lanuda com seus mantos sem cores, mas essa pequena cena de conto de fadas foi de curta duração, mais curta que a respiração. O devaneio momentâneo foi subitamente rompido e eu fui trazida de volta às realidades da vida por um toque sobre meu ombro, muito leve, e a ponta de uma folha de palmeira roçava meu rosto. Olhando à volta observei a figura mais esquisita que já passou ante meus olhos, mas não posso agora descrevê-la, já que meu entusiasmo é muito grande para repetir o que ele disse. Seu sotaque era muito peculiar e sua voz um pouco ríspida, mas ele me fez entender que se eu fosse com ele para onde os macacos realizam seus encontros eu aprenderia algo muito importante. Ele viveu com eles e aprendeu sua linguagem e poderia agir como meu intérprete. Eu tenho frequentemente desejado entender esses debates, que a essa hora todas as manhãs nós ouvimos claramente, e eu aceitei a proposta.

Eles estavam apenas começando suas discussões sérias e nós andamos apressadamente, tornando nossos passos mais leves à medida que nos aproximávamos de seu acampamento. Minhas impressões foram

muito peculiares, enquanto observava esses “nossos parentes” sentados em grande número, em círculo, e no centro um em pé, sobre um toco, falando e gesticulando com grande formalidade. Outro se levantou quando esse parecia exausto e era ainda mais eloquente que o primeiro, embora com uma voz frágil e mais afeminada. Então todos se levantaram e tagarelaram simultaneamente, com caretas diabólicas e cada um deles apontando em direção à nossa casa.

Por um momento meus sentidos estavam obscurecidos e confusos. No seguinte, a verdade severa se lançou sobre mim, em um choque súbito. Repentinamente enregelando-se, meu coração pulsava rapidamente. Eu senti que eu estava desmaiando, mas meu guia, de quem eu esqueci, levou-me dali apressadamente, pingando algo com forte odor acre sobre meu rosto que instantaneamente restabeleceu meus sentidos.

Uma vez ao ar livre em uma clareira, distantes dessa cena terrível, ele disse, em sua linguagem esquisita, áspera, tão próxima ao inglês quanto podia ser compreendida: “Eu sou um amigo, e dei a você os meios para defender sua família. Esses macacos estão enraivecidos porque os cavalheiros de sua tribo mataram a mais bela dama de seu vilarejo quanto ela se sentava sobre o galho de sua árvore favorita, comendo seu almoço de frutas e castanhas. Essa é a segunda morte de suas temíveis armas e eles não irão perpetuar tais atrocidades. O assassinato da amável Marzotina deve ser vingado, e eles estão tramando contra vocês. Você não pode conceber algum plano pelo qual poderíamos apaziguar sua fúria? Você não pode dar, como uma recompensa, uma de suas próprias crianças? Esse foi sugerido como o único acordo para a paz. Esse foi o tema do debate da manhã.”

Novamente o frio e o desmaio se lançaram sobre mim. Mortalmente doente, com horror e apreensão, vi-me caindo e arfando, tentei gritar, mas meu coração parecia ter se tornado tão pesado quanto uma montanha de chumbo e meus braços dependuravam-se sem forças ao meu lado. Uma exclamação débil foi feita, finalmente, e fui acordada de um pesadelo darwiniano, não na lavanderia, mas (a uma sombra do crepúsculo) na casa de taipa.

Um estado alegre segue normalmente os sofrimentos suportados durante o sono, mas lá vieram, uma sucessão de reflexões após acordar, não muito prazerosas, mas menos dolorosas que aquelas do sonho torturante. Quem sabe se esses não eram fatos verídicos. Que esses debates raivosos, se interpretados, não teriam tais significados. Como os seres humanos, com uma linguagem e costumes próprios, com simpatia uns com os outros. Quão natural deveria ser seu sentimento justo de indignação por nossas crueldades. Deveríamos tratá-los como animais? Não, não. Os céus nunca desejaram que eles fossem comidos. Nós não devemos nos tornar canibais. Nós não *poderíamos* comer um macaco.

Ao considerar a vida de plantas que respiram, desfrutam e talvez sofram, nós frequentemente nos encontramos especulando se não estamos causando dor, enquanto retalhamos impiedosamente de seus galhos algumas das flores belas e perfumadas que deliciam nossos sentidos todos os dias, mas esse pensamento vem momentaneamente e se vai antes que reconheçamos para nós mesmos que plantas *têm* sentimentos e almas como as nossas próprias. Elas são tão diferentes de qualquer coisa crassa ou terrena, não podemos dar-lhes sentimentos outros que aqueles que os anjos possam ter – completamente etéreos. Elas não poderiam sofrer. Não há nada nos seres humanos assemelhando-se a flores, exceto que elas vivem e morrem, e nós não podemos alegar parentesco com elas. Animais e pássaros, os quais nós comemos, possuem sua sucessão de provações, alegrias e deleites abreviados pela arma do esportista, no entanto os homens não se colocam em luto por toda essa crueldade, pois Deus os deu ao homem para seu próprio uso. Mas nós não podemos deixar de acreditar, de tudo que observamos, que há uma ligação entre nossa raça e aquela do macaco. Quando outro for servido em nossa mesa nós esperamos sermos acorrentados, aprisionados e talvez enforcados pela tribo furiosa.

Mudança da lavanderia

5 de novembro de 1867 – “Encontramos uma árvore carregada de frutas maduras semelhantes a grandes cerejas. As crianças subiam na árvore e jogavam-nas em grandes quantidades. São deliciosas e não tememos comê-las, pois Josefina disse-nos que são boas. Seu nome é *Gromeshama*²⁵. Nossa fruta recém-encontrada pode ser usada para fazer deliciosas tortas, e todos a acharam melhor que as ameixas ou cerejas.

A água elevou-se além da nossa lavanderia e essa manhã o senhor Fahay e o senhor Spencer desmontaram-na e carregaram-na acima para uma margem elevada do pequeno lago, construindo uma cobertura melhor, com as mesmas vigas e o teto de folhas de palmeira.

Essa noite papai atirou em alguns papagaios, um foi levemente ferido, e nós o prendemos. Guardamos as penas daquele que morreu. É uma pena atirar neles, pois não gostamos de comê-los. Eles têm um gosto estranho, selvagem, mesmo se primeiramente forem fervidos.”

6 de novembro de 1867 – “Fomos ver nossa nova lavanderia ou ‘Roupa-House’ e estamos encantadas com ela. É tão sólida e bem construída. Árvores crescendo densamente, entrelaçadas com trepadeiras crescendo à sua volta tornam o local completamente privado, de forma que podemos utilizá-la como vestiário quando formos tomar banho, e a praia inclinada e arenosa está logo à frente da porta. Há bancos de tábuas sobre os quais nossas tinas foram colocadas e há outros como assentos também. Esse abrigo, que irá permanecer aqui, está a uma curta distância da nossa nova casa. Como desejamos que estivesse pronta e que pudéssemos nos mudar. Por que não podem esses camaradas ir mais depressa?”

7 de novembro de 1867 – “Essa manhã apreciamos um delicioso banho no lago Janela, usando nossos salva-vidas, pois a água é funda próxima à praia em comparação à grande lagoa. Fomos então até nos-

25 Trata-se da Grumixama, fruta da Mata Atlântica.

so novo abrigo, em meio às árvores, trocamos nossa roupa de banho, penduramos sobre os arbustos para secar e conversamos sobre nossos divertimentos, e concluímos que devemos esquecer nossos desconfortos e estocarmos um novo suprimento de paciência na espera por nossa nova casa.

Temos fortes pancadas de chuvas todos os dias. O sol se abre e, como o solo é arenoso, a caminhada é mais apazível, mas estamos tendo chuvas demais. A corrente de água está muito intensa e alta, e nós temos que manter pinguelas para irmos de um lado a outro. Estamos obtendo grandes quantidades de peixes em cestas e ovas em abundância. Os peixes são em sua maioria pequenos.”

9 de novembro de 1867 – “Ontem tivemos chuva, hoje também. As febres estão aumentando, não ouvimos falar de nenhuma outra doença. Estamos apreciando algumas boas batatas e cebolas que recebemos do Rio, destinadas para plantio, mas nós estamos comendo parte delas. Às vezes fazemos bolos e compotas de frutas, mas raramente. Essas coisas são de fato luxos. Consideramos o pequeno *hominy*²⁶ um mimo, que a senhora Foster nos enviou, embora feito do milho amarelo.”

10 de novembro de 1867 – “O senhor e a senhora Miller vieram e passaram o dia conosco. Estão bem, em sua colina alta, e estão rapidamente se instalando com conforto em sua nova casa. Sentamos-nos na praia essa noite, sob a luz do luar, a mudança foi agradável, não havia nuvens e não choveu hoje.”

12 de novembro de 1867 – “Mais chuva. As crianças ainda estão tendo tremores, mas não parecem muito doentes. Assim que a febre se vai, elas vão brincar.”

13 de novembro de 1867 – “Papai levou um barco carregado de membros de nossa família ao Lago Janela na noite passada. Atravessamos à luz do luar. Está claro todas as noites. O reflexo das árvores na água era lindo. Ao olharmos para trás e termos a visão de nossa casa observamos uma nova pintura. Agora, e depois, uma nuvem obscureceu

26 É o milho cozido em um processo alcalino, apreciado no México e no sul dos Estados Unidos.

o brilho da lua, mas apreciámos até mesmo essa cena, pois quando ela apareceu novamente a cena pareceu mais encantadora que antes. A superfície do lago estava levemente irregular. O zumbido soporífero dos insetos podia ser ouvido e os remos tocavam uma doce música na água com uma nota ocasional de uma ave noturna. Esses eram todos os sons emitidos na quietude da noite.”

Quarta-feira, 14 de novembro de 1867 – “Hoje tive minha primeira aula para remar e guiar uma canoa.

Descobrimos, hoje, por meio dos cavalheiros, que os brasileiros têm a intenção de nos convidar para um grande entretenimento de Natal. Haverá festividades. Se tivermos nosso piquenique ou um dos americanos der um jantar nós não iremos a Linhares.”

18 de novembro de 1867 – “Nessa manhã o capitão Johnson parou em seu caminho ao Rio. Ele está indo para trazer um grande número de escravos. Papai está ansioso para ir e está apenas aguardando para nos ver em nossa nova casa. Ele espera mandar-nos suprimentos e trazer consigo um novo barco que possa carregar toda a nossa família. Será um verdadeiro veleiro. Ele trará também uma janela guilhotina. Os camaradas²⁷ voltaram ao trabalho.”

27 “Camaradoes”, no manuscrito original.

Procura por áreas de piquenique

29 de novembro de 1867 – “Um grupo nosso, mamãe inclusa, visitou o Dr. Johnson semana passada. Ele convidou-nos para passar o dia. Capitão Yancey e o Dr. Johnson remaram conosco. Tivemos um delicioso passeio em volta da península. A distância é de uma milha apenas, pela água. O ar da manhã é fresco e agradável. Achamos a área muito parecida com a nossa. A praia é semelhante e há um curso d’água unindo a grande lagoa, na frente, a um pequeno atrás, com colinas de cada lado. A casa era ampla e alta, embora tivesse apenas um cômodo. Uma casa dupla, construída para abrigar os escravos que o capitão Johnson trará do Rio, ergue-se acima do riacho. Mandioca cresce nas colinas, tudo traz as marcas das melhorias e o local é todo novo. O motivo da nossa visita era selecionar um local para o nosso piquenique de Natal. Os cavalheiros levaram-nos em canoas ao redor da lagoa, para observarmos diversas áreas. Achamos todas belas, e não conseguíamos dizer qual tínhamos gostado mais. Esse pequeno lago é maior que o nosso, e tem cinco penínsulas se estendendo sobre ele, como tantas baías ou enseadas. Ao olhar para baixo a partir de uma colina alta dizem ser uma representação perfeita de uma mão aberta. A baía mais ampla e a menor correspondendo ao polegar. Nós percorremos alguns desses dedos acima e abaixo, saímos das canoas e caminhamos entre as árvores, as quais são menos densas próximas às margens. Descansamos em um desses locais frescos e imaginamos que seria apropriado. Então retornamos às canoas e fomos até outra margem, encontramos outros locais, todos igualmente atrativos e frescos, e qualquer um era adequado para um piquenique. Parece estranho pensarmos em tê-lo no meio do verão, no dia de Natal. Eu continuarei com o relato de nossa visita outra hora.”

30 de novembro de 1867 – “As árvores imensas, há muitas delas, envoltas em grandes quantidades de cipó. A trepadeira, em si, algumas

vezes cresce a tamanhos enormes, quase do tamanho do tronco de outra árvore. Os parasitas vivem nas árvores em tanta quantidade que as prejudicam seriamente. Grupos vêm da Inglaterra e de outros países para retirá-los e vendê-los a preços elevados. Eles não apodrecem e permanecem encaixotados sem perder sua beleza. Parecem-se com belas plantas de cera, com cores das mais delicadas, normalmente rosa com pontas azuis. Eles não possuem fragrância e são secos e quebradiços ao toque.

Quando retornamos à casa estávamos cheios de apetite para nosso jantar, o qual foi cozido por uma índia e nossa mesa era, bem, quem podia adivinhar? A porta frontal, retirada de suas dobradiças, colocada sobre dois baús. Apreciamos essa forma de hospitalidade, pois era uma porta nova, bela e grande o suficiente para o grupo à sua volta.

Logo após o jantar escureceu, com a chegada de uma nuvem rapidamente as gotas de chuva começaram a cair na palha acima. Era agradável ouvir o som de uma cobertura nova, que sabíamos que não iria gotejar como a nossa o fazia. Pensamos que seria apenas uma pancada de chuva, e então nos interessamos por olhar a biblioteca do Dr. Johnson e admiramos muito sua estante. Era completamente feita de tábuas com uma mesa abaixo como escrivaninha, tornando-a completa. A tarde se foi e choveu, choveu e choveu.

Assistimos a chuva caindo com grande ansiedade, pois éramos compelidas a retornar para casa mesmo que não clareasse. A chuva continuava, indefinidamente, então nos preparamos para ir, sob guarda-chuvas. Os cavalheiros cuidadosamente arrumaram seus sobretudos confederados e xales sobre nós, após nos sentarmos, para não nos molharmos muito. Obviamente eles se molhavam completamente com a chuva à medida que remavam o bote, mas não pareciam se preocupar com isso, e nós apreciamos a viagem de volta, apenas lamentamos que eles não estivessem tão confortáveis como nós estávamos.

Quando nós chegamos ao nosso “lar” nós estávamos gratas, e eu pensei em um antigo ditado que minha babá com frequência utilizava:

‘lar é lar, se esse é um lar onde se sente em casa’²⁸. O nosso era humilde o suficiente com suas paredes e pisos de terra batida, mas verdadeiros e bons corações estavam dentro, esperando para nos dar boas-vindas e, a despeito da chuva e das goteiras na cozinha, prepararam-nos a ceia. O chá quente e o café estavam deliciosos, após nosso caminho úmido. Parou de chover assim que chegamos. Não esperávamos por isso e um céu azul se abriu, e a paisagem era encantadora novamente já que o sol não havia ainda se posto.”

8 de dezembro de 1867 – “Para se ter uma ideia da gratidão de nossos vizinhos, devemos dizer que nosso pai tratou o velho Serafim enquanto ele teve pneumonia e durante sua convalescência enviou-lhe gemada todos os dias até que suas forças retornassem. Seu leito era apenas um tapete de junco sobre uma cama, feita de tábuas rudes, reunidas por pregos como um banco grande. O único objeto com o qual se cobre é um lençol, e as noites são muito frias. Nenhum nativo utiliza colchas ou cobertores. São pessoas estranhas. Após essa atenção de nosso pai, que ele prestou sem qualquer esperança ou desejo de obter algo em troca, ele matou um de nossos porcos que entrou em seu roçado de mandioca sem tentar retirá-lo ou dar-nos tempo para confiná-lo. E então, Sofia, sua filha, veio e disse, friamente, ‘seu porco está em nossa casa. Nós o matamos. Venha e pegue-o.’ Eles não pareciam pensar que havia algo de errado naquilo que haviam feito. No dia seguinte nós tivemos porco fresco para o jantar.”

28 “Home is home, if it is a homely home”, na versão manuscrita. A frase em inglês apresenta uma ambivalência, na medida em que “homely” é um adjetivo que pode significar tanto o sentimento de que se está em casa, “aconchegante”, “caseiro”, quanto “humilde”, “simples”.

Jantar de Natal na casa do senhor Miller

26 de dezembro de 1867 – “O piquenique foi cancelado e ontem jantamos na casa do senhor Miller. Os americanos pareciam muito felizes, sentados em volta da mesa farta, com tamanho jantar como o que teríamos nos Estados Unidos. Um grande peru assado, o primeiro desde que chegamos aqui, foi oferecido pelos convidados. Depois tivemos uma bela sobremesa de bolos e doces, feitos com as frutas locais, abacaxis, bananas, etc.

Eles estão muito confortáveis em sua nova casa, tão fresca e agradável. Parecem estabelecidos agora. A vista é grandiosa e bela de sua colina. E a lagoa parecia mais ampla, pois podíamos ver além do que veríamos do nosso lado. A chuva veio assim que pensamos em retornar. Ela continuou até o anoitecer, e então as damas permaneceram toda a noite. Não havia tantas pessoas quanto esperávamos para o jantar, já que algumas não puderam ir e muitos cavalheiros desceram até Linhares para as festividades. O Dr. Dunn jantou com mamãe.

Um convite muito educado, escrito pelo francês, Monsieur Pre-lon, foi enviado à nossa família. Os cumprimentos de todos os habitantes da vila foram dados por meio dele, e trouxeram uma grande canoa, desde a vila, para nos levar abaixo. Sentimos-nos mal em recusar quando tiveram tantos incômodos, mas preferimos jantar com nossos amigos americanos. Nossa mãe escreveu um bilhete expressando nosso agradecimento e pesar.

Algumas dessas canoas são de um tamanho imenso. Nós vimos uma, pertencente ao senhor Rafael, larga o suficiente para um homem deitar-se transversalmente, e proporcionalmente de grande comprimento. Tais canoas são todas feitas de árvores, as quais são cortadas e tornadas ocas, chamadas escavadas. Eles não utilizam nenhum outro bote.

Hoje é meu aniversário de quinze anos, mas pela primeira vez ocorre no verão.

Nossa casa progride lentamente. Uma cobertura asseada de folhas de palmeiras foi posta e dois cômodos estão prontos para terem suas paredes preenchidas com taipa.”

16 de janeiro de 1868 – “Muitos cavalheiros foram ao Rio de Janeiro. Papai finalmente foi. Ele partiu com o Dr. Dunn. Alguns de nossos amigos retornaram há pouco. Dr. Farley acha que em breve ele terá sua serraria em operação, nós teremos pisos de tábuas corridas, e nós nos sentiremos como se estivéssemos vivos. Quando nossos livros vierem esperamos estudar mais, mas mesmo com outras tarefas temos tempo para ensinar as crianças e elas estão aprimorando.

Tudo parece estar mudado e triste desde que nosso pai partiu ao Rio, o espírito de nossa mãe precisa se alegrar. Ela está sofrendo de uma inflamação nos olhos e tem que usar óculos escuros verdes sobre eles para protegê-los da luz refletida da areia branca e da água. Ela acha que eles estão melhores desde que foram cauterizados, mas acredita que estaria mais feliz se pudesse coser ou ler.

Nós sentimos a separação de papai, mais porque estamos em um estado instável e não podemos ter notícias dele tão frequentemente quanto desejaríamos, pois as correspondências são tão lentas, ou tão distantes. Ainda não estamos em nossa nova casa, mas dois cômodos estão quase prontos e todos concordamos que poderíamos ficar nessa pequena cabana algumas poucas semanas a mais.

Tudo *está* mudado, há uma monotonia e quietude em tudo, pois sentimos falta da voz de nosso querido pai e constantemente olhamos em direção à nossa nova casa, como se pudéssemos vê-lo.

Estamos todos apáticos. O tempo quente e seco chegou. O sol é abrasador. O chão queima nossos pés através dos nossos sapatos e as crianças não podem correr sobre a areia, pois se formam bolhas em *seus* pés. A brisa do mar que se ergue após as nove nos salva de sermos assados. As trepadeiras e arbustos estão se tornando amarelos. Nossas verduras (as poucas que nasceram) estão mortas pelo calor. As planta-

ções de milho não vingaram e hoje um ovo foi encontrado cozido pelo sol. A previsão de Antonio de que nossos tetos irão se incendiar pode ser verdadeira. Os nativos dizem que nunca houve uma estação como essa antes. Mas nós estamos a diversas centenas de quilômetros mais próximos do Equador que no Rio de Janeiro e esperávamos alguma diferença. Lá o clima mal se modifica ao longo do ano, disseram-nos.

O pobre velho senhor Farhay está deitado doente na bela casinha que foi planejada para ser nossa cozinha e sala de jantar. Se ela não fosse tão distante de nossa casa atual poderíamos utilizá-la. O senhor Spencer está apresentando febre.”

19 de janeiro de 1868 – “Estou sentada na frente da cabana. As crianças trouxeram seus cântaros de água, há uma brisa agradável e o sol se pôs. Tomei meu diário para escrever uma descrição do torneio que tivemos em Linhares, no qual brasileiros e americanos se uniram. Há um forte sentimento em minha cabeça e eu não tenho habilidade para descrever, então devo postergar, até uma próxima vez, o relato de nossa diversão.”

O torneio

20 de janeiro de 1868 – “Descemos até a vila e fomos tratados com grande hospitalidade pela família do senhor Gunter, onde ficamos a maior parte do tempo. Nossos amigos americanos da vila eram todos atenciosos. Havia um grande número de visitantes. O torneio ocorreu no horário marcado. Os cavaleiros estavam esplêndidos. O cavaleiro vitorioso era um brasileiro. Ele tinha o melhor cavalo e a melhor lança. Todos nós sabíamos que os americanos cavalgaram tão bem quanto ele. Estávamos satisfeitas em dizer à nossa mãe após retornarmos que uma de suas filhas foi coroada Rainha. Nós apreciamos muito caminhar até o lago Dearis, que estava plácido como sempre, com humildes casas ao longo de sua margem. Tivemos duas danças que todos aparentemente apreciaram. A primeira na bela casa nova do senhor Calmon, recém-construída e acabada em um estilo ornamental, pintada de branco com cobertura de telhas. A segunda na casa do senhor Rafael. Poderia pensar sobre diversas coisas aprazíveis para relatar, mas eu sou muito lenta e estúpida.

O velho senhor Fahay não melhora. Demos-lhe todos os ovos, já que ele não gosta de mais nada além de panquecas, ovos e chá.”

9 de fevereiro de 1868 – “Ontem o senhor Fahay morreu. Seu corpo foi levado abaixo até Linhares ontem à noite. Sua morte lançou uma melancolia sobre nós. Eu me sinto tão cansada que não posso escrever mais essa noite.”

11 de fevereiro de 1868 – “Caminhamos até a casa nova essa tarde. Não pude suportar ir até a nova cozinha. O terror da morte estava sobre ela.”

12 de fevereiro de 1868 – “Outro dia abrasador está chegando ao fim. A forte brisa do mar está ventilando a terra quente, refrescando-a e fazendo ondas sobre a água. A lagoa está agitada de um lado a outro e vejo um barco próximo à margem navegando lindamente sobre as ondas paralelas. Mas, embora a cena seja toda encantadora, nada parece tão

radiante nesses dias, já que o tempo nos deixa exaustos e nos cansa. Nossa energia se foi.

Nosso pai enviou um violão, que chegou para nossa irmã musicista, além de sapatos e outros artigos úteis, mas o instrumento não era bom e nós estamos desapontados. Mas os sapatos eram excelentes.”

14 de fevereiro de 1868 – “Dia de São Valentim. Também um dos aniversários da família. Não há forma especial de comemorá-lo, estamos deprimidos, pois ainda estamos nessa cabana miserável e não temos esperanças de ter mais que dois quartos da casa nova agora. Esses trabalhadores são os mais lentos e preguiçosos da lagoa, eu sei, e estão sempre fazendo promessas.

Os trabalhadores do senhor Miller foram direto ao trabalho e não pararam até que terminassem sua casa.

Estamos doentes de impaciência, cansados de corpo e alma. Copiarei em meu diário algumas linhas que escrevi em meu retorno de Linhares, sentindo muita satisfação ao entrarmos na lagoa e voltarmos para a casa.

*Oh! Lagoa Juparanã, mais uma vez
Tuas ondas azuis dançam na luz.
Novamente, sobre a praia arenosa
Tuas águas lançam-se, com força gentil.
As brisas noturnas abanam meu rosto.
Beijam minha fronte quente mais e mais.
Sinto como se as escutasse falar.
Que sou bem-vinda mais uma vez.*

Quão distintos são meus pensamentos agora de então, quando meu coração estava cheio de sentimentos de gratidão e regozijo, e eu realmente amava essa bela lâmina d’água. Agora, muito do charme se foi. O cansaço que sentimos levou nosso entusiasmo. Precisamos muito de algumas chuvas torrenciais.

Ainda temos nossa brisa do mar e as noites frescas, por isso Deus seja louvado. Não podemos estar bem ou não nos sentiríamos tão fracos para não apreciar nada. Devemos aqui adicionar uma palavra a esta página do diário, sobre a peculiaridade do clima. Mesmo então, quando os raios do sol e a longa seca queimava a terra, as trepadeiras ressecavam e até mesmo cozinhavam um ovo sobre o chão, nós estávamos bem confortáveis dentro de nossa cabana ou sob a sombra de uma árvore. Era sempre delicioso sob o teto de folhas de palmeira de nossa nova casa. Assim que o sol se punha nós sentíamos que refrescava o suficiente para estendermos um lençol, algumas vezes uma colcha, sobre nós à noite.

Um chalé, construído ao estilo americano ou inglês, com varandas, seria, nas margens da lagoa Juparanã, um lar de grande conforto, pois mesmo nas cabanas, sem sombra à sua volta, nós nunca sofreremos com o calor, tal é a influência das brisas maravilhosas. Os brasileiros sempre cortam as árvores da floresta, deixando o solo perfeitamente limpo de cada arbusto, a um raio de pelo menos vinte metros, na frente e atrás. Eles têm medo que as árvores possam cair sobre suas casas, apesar de descobrirmos que tempestades são de ocorrência muito rara.

Se os americanos tivessem permanecido e levassem adiante seus planos haveria casas de grande beleza à volta daquela encantadora lâmina d'água, eles teriam seus jardins ornamentados com árvores frutíferas e com a floresta. Pérgulas envoltas com trepadeiras perfumadas e flores que crescem nativas constituiriam seu retiro noturno e nossa colônia teria sido um pequeno paraíso, mas 'o homem propõe e Deus dispõe'.

A colônia do rio Doce estava localizada a quatro graus ao norte do Rio de Janeiro, estando bem mais próxima do Equador, o calor é percebido mais intensamente. Ainda, tínhamos razões para acreditar a partir de diversas declarações dos nativos que esta foi uma estação memorável, e nós dizemos, agora, após retornarmos aos Estados Unidos da América, que nenhum clima pode se comparar àquele do Brasil por sua uniformidade e apazibilidade ao longo do ano."

Os dias sombrios - a febre

Agora há um lapso nos diários da família. O livro de memórias do qual estas páginas foram copiadas foi deixado sobre a estante, à noite essas últimas notas foram escritas, e as mãos que as registraram, no dia seguinte, estavam queimando de febre. Pulsava com a dor aquela mente querida, a qual sentiu a depressão e o entorpecimento chegar aos poucos. Havia algo em seus olhos que nos dizia que estaria muito doente e nossos temores não eram sem fundamento. A angústia do coração da mamãe, quando em vigília ao lado da cama, ninguém poderia saber – a ansiedade, o medo terrível das calamidades à frente, o suspense sombrio se abateu, como uma tempestade que a tudo varre, precedida de horas sufocantes pelo mormaço. Os dias cansativos, já passados, de quietude e pesar eram presságios ameaçadores do que estava por vir. Toda a alegria agora deixou nosso lar – *lar*. Poderíamos chamá-lo por um nome tão adorável, quando nosso abrigo era uma cabana? Sim! Era todo o lar que tínhamos naquela grande massa de terra. Era nossa. Entes amados estavam reunidos com muita alegria em comum, a de estarmos próximos uns aos outros e uma grande tristeza, a de que nosso membro mais querido e mais forte estava distante.

Por cinco dias e noites a pobre enferma passou por diferentes fases de delírio, sem dormir. Nosso médico manteve sua cabeça fria, ao despejar água sobre ela e abanar constantemente as toalhas úmidas. Nós estávamos distantes do caminho de luxos como gelo e ele não permitiu que cessássemos de abanar. Com a perícia do Dr. Johnson e o cuidado constante e assistência gentil da senhorita Anna Miller como enfermeira, o momento crítico passou e nossa alegria foi enorme, sem palavras, ao sabermos que ela estava, finalmente, melhor.

Após a chegada do estado de convalescência, nós podíamos recordar muitas coisas que eram extraordinárias, mas, à época, dolorosas. Uma tarde, enquanto estávamos sentados ao lado do leito de nossa filha, que foi colocado diretamente em frente à porta, ela exclamou: “Oh! Lá está um pão de gengibre.”

Não estávamos surpresos, vivendo da maneira simples como fazíamos, que sua fantasia trouxera à sua frente até um pão de gengibre, sem o apetite para comê-lo. “Isto é um pão de gengibre”, ela exclamou.

Após dizermos que estava enganada, ela respondeu, positivamente: “Mas *não* estou. Isto é um pão de gengibre.”

E ela apontou para um pedaço de tábua quadrada que cobria a tábua com água. Seguramo-la à sua frente, e a fizemos tocá-la, mas ela não podia ser convencida. Nas mudanças repentinas do delírio sua mente alcançou alguma outra ideia, e essa ilusão esquecida.

Às vezes ela imaginava ouvir seu pai falar. Uma vez exclamou, “Eu sei que é a sua voz. Por que ele não entra?”. Quando a contamos que ela estava enganada, e que ele não estava lá, ela respondeu: “Mamãe, eu conheço a voz dele *muito* bem.”

“Alguma vez sua mãe a enganou?” Eu perguntei.

“Alguma vez eu a enganei?”, ela respondeu com grande ênfase. Ah! Aqueles dias sombrios, mas nós podemos olhar para trás agora, sem pesar, mesmo quando pensamos na condição lamentável na qual fomos colocados, na ausência completa de conforto para os enfermos.

Para mantermos os mosquitos afastados e ainda permitirmos a brisa adentrar, pregamos mosquiteiros em volta dos batentes das portas, deixando-as abertas noite e dia. Entrávamos e saíamos através da única janela, que estava do lado oposto e era tão pequena que era um incômodo passar por ela. As crianças eram colocadas na cama no maior silêncio possível, e se o pequeno George chorava, após ir dormir, como às vezes ele fazia por causa das picadas dos mosquitos, as suas irmãs pegavam-no imediatamente, carregavam-no abaixo até a praia, sentavam-se sob as luzes das estrelas, até que ele dormisse novamente. Assim se passou essa semana desgastante e angustiante. Senhorita Anna manteve-se uma enfermeira de presença constante e dedicada. Uma tarde alguns de nós fomos abaixo até a praia com algumas roupas para lavar. A família Serafim estava doente, nós não podíamos contratá-los para fazer nada e não tínhamos outro recurso além de realizar um esforço nós mesmos.

Quando alcançamos a areia mais funda, eu afundei meus joelhos. A tentativa de caminhar nessa profundidade fez-me sentir uma incapacidade súbita de seguir adiante. E, em minha fraqueza, a fonte de lágrimas retidas lançou-as aos borbotões. Os braços calorosos de uma criança foram lançados em volta de meu pescoço, e compartilhou com “a Mãe” seus pesares e a teria poupado de todos os trabalhos. Mas esse era um pesar mútuo. O medo da perda e da morte de alguém tão querido a ser enterrado em uma terra quase bárbara se abateu terrivelmente sobre nossas mentes.

Pegamos as roupas e começamos a jogar água sobre elas, quando uma canoa apontou contornando a península. Em pouco tempo o capitão Johnson desembarcou. Ele veio como “um amigo em tempos de necessidade”, para nos contar que nos enviaria uma escrava para cozinhar e lavar para nós, já que seus negros tinham chegado do Rio. As escravas eram capazes de fazer qualquer tipo de trabalho. Eram notícias bem vindas, e nós o agradecemos sinceramente. Nós estávamos com um humor adequado para a mais profunda gratidão.

Depois disso tivemos nossas refeições cozidas e nossa roupa lavada por uma negra competente. Estávamos muito aliviados, já que todos se tornavam cada dia mais fracos e sem energia. A morte do senhor Fahay, a qual foi mencionada nos diários, chocou-nos muito, embora nós tivéssemos descoberto por meio de nosso médico que ele não poderia se recuperar, ele não achou que o senhor Fahay fosse morrer tão cedo. O pobre velho homem recebera um ferimento na perna de um obus durante a guerra. Estava praticamente curado quando veio ao Brasil, mas passou a sofrer nos últimos meses de uma nova inflamação. Essa era a causa real de sua doença. Inatividade e indiferença às maiores regras de saúde finalmente causaram febres e então a morte.

O senhor Spencer estava muito fraco, tomando quinino para cortar a febre à época, mas ele disse que partiria imediatamente após a ajuda de seus vizinhos, caso alguém pudesse velar o corpo. Talvez todos nós nos empalidecemos diante desse pensamento, se não, sentimo-nos desse

modo, mas “a Mãe” não deveria ir sozinha, e qualquer um da família a teria acompanhado. Apenas um era suficiente.

A memória da cena ainda está conosco, sentados entristecidos, sob a cobertura da nova casa (metade dela aberta nas laterais, como um grande alpendre). Tomamos como assento um batente, próximo ao centro. Por volta de três a cinco metros do canto da casa estava nossa linda cozinha (que nós esperávamos estar em uso antes disso). Agora era a morada da Morte.

O velório

Sua presença aterrorizante, sinistra, ali estava e nós não podíamos entrar. Havia algo muito horrível no ar. Permanecemos sentados, ouvindo e velando para que nada fizesse mal ao corpo. As colinas solitárias, habitadas por animais selvagens, que se soerguiam ambos os lados, estavam bem próximas. Animais predadores poderiam se tornar conscientes do que estava abaixo e tentar entrar na casa. Pensamos em tudo isso e permanecemos lá, observando pela porta e esperando pelo retorno das canoas. A lagoa tornou-se agitada, o sol se pôs e ninguém havia aparecido. Nós não podíamos explicar isso, já que a distância para contornar a península era pequena. Estávamos certos de que tinha havido algum problema. Chamamos algumas das crianças e quando vieram mandamos perguntar à velha Senorena, ou uma de suas filhas, se poderiam ficar conosco. A lua surgiu e ainda estávamos sozinhos. A cena era muito solene, e nós estávamos ficando solitários e cheios de pavor. Após um tempo vieram Josefina e sua mãe. Elas olharam para o corpo, e então sugeriram que deveríamos fazer uma fogueira sob a cobertura para iluminar o lugar. Nós concordamos e elas reuniram galhos e gravetos que eram abundantes à volta, e fizeram uma fogueira. Então veio o velho Serafim e ele também entrou no cômodo falando em tom de pilhéria ao pobre homem morto. “Tragam velas”, ele disse. Não estava completamente escuro ainda, mas nós as mandamos buscar e ele iluminou a casa. Arrepios percorreram nosso corpo ao escutá-lo rindo e conversando tão descuidadamente em um momento como aquele. Isso era algo novo e terrível. Velar o morto e em *tal* companhia. Estávamos aliviados, após um momento, pela chegada das duas canoas. Dr. Johnson e capitão Yancey vieram trazendo muitos escravos. A lagoa estava tão agitada que eles ficaram próximos de terem a canoa inundada e ter que voltar até que a brisa diminuísse e a água se acalmasse. Quando vieram ao nosso abrigo nós retornamos à cabana e os cavalheiros supervisionaram os últimos cuidados ao pobre velho. Tudo estava apropriadamente feito e antes de

amanhecer seu corpo rumava em direção à vila, onde foi enterrado na tarde seguinte. Uma melancolia, da qual não conseguíamos nos livrar, lançou-se sobre nós depois desse evento. Não gostávamos de olhar em direção à cozinha, embora não fôssemos supersticiosos, também sentíamos a presença da morte sobre ela. Às vezes pensamos que o misterioso terror desses eventos é ampliado pelas solenidades dos ritos funerários e acreditamos que “A pompa da morte é muito mais terrível que a morte em si.” Mas aqui morreu um pobre sofredor, sem parentes, que não desejava viver. Sua vida, após meses de dor, tornara-se um fardo. Nenhuma carruagem funerária com plumas negras esvoaçantes veio para carregar seu corpo ao túmulo, nenhum comboio de carruagens seguia atrás, com amigos em luto. A única estrada sobre a qual viajava eram as águas da lagoa e do rio. O único veículo a carregá-lo era uma canoa, e ele foi colocado em seu rude carro funerário sob a luz do luar de uma meia-noite fria. Temores infantis da escuridão, fantasmas e diabretes nunca foram um dos nossos incômodos da infância, mas havia algo na lembrança daquela noite sob o telhado da nova casa e da noite seguinte que nos fez arrepiar. Então não era a “pompa da morte” que nos trouxe tais temores, mas a completa ausência de cerimônias. Não podíamos fazer nada melhor que isso, mas ainda sentíamos que se assemelhava à barbárie.

Foi com muita dificuldade que um caixão foi fabricado, já que tábuas são escassas e o único método para cortá-las era com uma serra²⁹.

Uma semana depois veio a doença em nossa própria família que já foi descrita, e o novo desgosto e ansiedade fez-nos esquecermos das cenas precedentes. Todos os sentimentos estavam imersos em um. Mas Deus ouviu nossas preces e na plenitude de nossa alegria nós buscamos louvá-lo. “Ele nos ouviu em um dia atribulado”.

Um após o outro foi atingido com febre, mas esses casos foram todos menos severos. Ainda, em nossas vigílias, a grande ansiedade, o medo das atribuições vindouras pressionava-nos pesadamente. “O Pai” ainda estava fora, as dificuldades em levar as correspondências pioraram

29 “Whipsaw”, serra manejada por dois homens.

e nós não podíamos receber notícias uns dos outros. Essa ansiedade tornou nossos problemas ainda maiores. Provisões estavam escasseando e nossa vida se tornando muito dura. Mas a nutrição pobre não teria sido tanto um problema se os doentes não necessitassem de comida apropriada, a qual não podia ser encontrada em lugar algum.

Animais selvagens estavam destruindo nosso viveiro de aves domésticas a cada noite. Eles entravam em uma casa nova e resistente de taipa, com uma boa porta. Encontravam entrada por meio do teto de folhas de palmeira, quebrando os galhos e folhas. Por vezes uma marta³⁰ cortava as gargantas dos patos e galinhas e então corria. Nós então os cozinávamos e os comíamos. Todos os cavalheiros estavam tendo febres e se tornando desencorajados.

Finalmente fomos informados que dois cômodos de nossa casa estavam prontos.

30 “Mink”, provavelmente a autora se refere aqui a uma lontra.

Mudança para a nova casa

Os pisos não estavam terminados, pois apenas uma camada de terra batida foi feita. Mas decidimos nos mudar. Foi na segunda semana de março. Uma das gêmeas estava doente. O senhor Spencer carregou-a em seus braços e colocou-a sobre a cama que foi preparada. Parte de nós permaneceu enviando e outra recebendo. Quatro camaradas vieram para mover o fogão, que eles esperavam levantar com varas. Nós lhes dissemos que o fogão não era tão pesado, que tamanha força não era necessária e que poderiam carregá-lo com as mãos, mas eles pensaram, sendo ferro, que ele requeria grande esforço para ser movido. Então, eles colocaram as varas embaixo, dois homens de cada lado, estando de joelhos, levantaram-se e o fogão voou tão alto que ele virou de cabeça para baixo e caiu no chão, quebrando duas portas. Estava muito danificado pelos nativos estúpidos, que não conseguiam entender que cinquenta quilos de ferro não eram mais pesados que o mesmo número em madeira. Mas nós não tivemos tempo para lamentar. Apressamos nossa mudança e à noite estávamos em nossa nova casa, finalmente. Olhamos até o alto de nosso novo teto de folhas de palmeira com grande gratidão. Os mosquitos instalaram-se dentro da casa e fomos muito picados e não descansamos em nossos novos cômodos, mas ainda estávamos gratos por estarmos ali. Não havia janelas, ou persianas, e nenhuma porta. Nós amarramos pesados colchões, nos topos da estrutura, os quais enrolávamos pela metade de dia, e pareciam muito bonitos e mantinham a casa fria. Penduramos e rearranjamos nossos mosquiteiros no outro dia e todos dormiram melhor naquela noite.

Um dos nossos últimos terrores na velha cabana foi causado pela aparição da tarântula³¹ nas paredes. Essa aranha venenosa foi morta

31 "Tarantula".

próxima à cabeceira de uma das camas. Nós a guardamos para exibição e ela era a verdadeira tarântula. Poucas noites depois, outra foi morta na parede. Nós já encontramos aranhas em nossa nova casa. Então, sabíamos que não poderíamos evitar suas visitas ocasionalmente.

Todos os dias ficávamos um pouco mais bem estabelecidos sem fazer nada em direção a uma melhora de fato. Podíamos deixar os doentes mais confortáveis com quartos arejados e muito espaço. Nós nos perguntávamos, todos os dias, como podíamos ter vivido por quase seis meses naquela pequena cabana com teto cheio de fuligem. Regozijamos com o fato de que tínhamos o uso até mesmo de uma parte da nova casa. A cozinha que então usávamos era grande o suficiente para uma sala de jantar, também fizemos uma mesa nova, colocando nosso belo topo (feito de tábuas pregadas unidas com madeira embaixo) sobre dois barris. Era quase alinhada, com a toalha de mesa esticada e os pratos sobre ela, parecia confortável. As portas do fogão tinham que ser mantidas fechadas com paus apoiados sobre elas enquanto estávamos assando. Não havia ferreiro próximo e nos irritávamos todas as vezes que cozinávamos uma refeição.

Aplicando taipa à casa e novas privações

Nossa cozinha estava a apenas alguns metros da casa em um ângulo perpendicular e podia ser vista do jardim frontal. O quarto do senhor Spencer, que era exatamente igual, ficava na esquerda, à mesma distância da nossa casa. Este também era visto da praia e as três construções eram simetricamente dispostas, com novas coberturas de folhas de palmeira perfazendo uma bela cena, com muito verde ao fundo. O preenchimento das paredes da casa do senhor Spencer estava terminado logo após nossa mudança, mas ele já vinha dormindo dentro dela há algum tempo antes disso. Os nativos preencheram as paredes, trouxeram suas esposas consigo e estas trouxeram suas crianças. As mulheres carregaram a lama da encosta da colina a cerca de cinquenta metros de distância. Com um bebê em um braço e o outro carregando uma bacia de madeira cheia de argila úmida apoiada sobre a cabeça, elas assim ajudavam seus maridos. Embora essas pessoas fossem muito lentas para construir, eram vigorosos para dar acabamento.

O senhor Spencer a cada dia está mais fraco. Ele conseguia apenas caminhar alguns passos poucos dias antes da nossa mudança e a febre, por fim, tomou posse de seu corpo fatigado. Ele não era mais capaz, com seu espírito sempre disposto, a realizar tarefas para nos trazer conforto. Ele tinha nos sido fiel e dedicado e frequentemente trabalhara ou remara a canoa mesmo não estando bem o suficiente. Por essa razão sua doença apresentou-se muito severa. Quinino tornara-se escasso quando necessário e deveríamos tê-lo em grandes quantidades. Ele deveria ter permanecido na cama muitos dias antes de ter sido obrigado a se deitar. Nossos amigos deram-lhe toda a assistência que puderam. Durante a última semana, nosso médico pensou que ele iria morrer e, à época, havia sete outros doentes acamados. Deus manteve “a Mãe” sã nesse período sombrio e ela foi capaz de cuidar dos outros membros da família

sem ser atingida pela febre. Dia após dia, noite após noite, ela passou de uma cama a outra e, embora sua face empalidecesse, sua hora ainda não tinha chegado.

Cartas alentadoras chegaram do “Pai”, que não soubera da doença e provações de seus entes queridos em casa. Quão incrivelmente lentas eram essas correspondências. Sua mente estava envolta em seu retorno que se aproximava e nos confortos que adicionaria ao seu querido e encantador “lar na lagoa”. Ele já enviara de volta pela escuna com a qual ele se fora uma grande quantidade de provisões, das quais ele acreditava que estávamos desfrutando. O elegante e novo barco a velas estava a caminho e ele traria consigo uma janela de caixilho. Tarrafas, armadilhas para caça, mais árvores frutíferas, e o melhor de tudo, ele trazia consigo uma cozinheira para nós. Quão cheia de esperanças alegres estava aquela carta, endereçada à família querida, então tão cansada, doente e atribulada. Mas todos os corações estavam gratos por ele estar bem e nós acreditávamos que ele estava então se preparando para retornar.

As provisões, mencionadas na carta, foram colocadas na barra após serem trazidas pela escuna dos Oliveira, e lá permaneceram, pois os nativos em geral estavam doentes. O senhor Spencer estava próximo da morte e muito poucos americanos estavam aptos a remar até mesmo uma canoa pequena, pois quase todos estavam doentes com tremores e febres. Então nossos sacos com arroz e feijões, barris de açúcar e farinha permaneceram na praia úmida, diariamente umedecida pela maré, e então aquecida pelo Sol, enquanto teríamos dado pilhas de ouro para tê-los, para trazer essas provisões até nós. Ainda tínhamos café, podíamos obter farinha fresca a cada poucos dias, apenas uma vez não conseguimos comprá-la e a substituímos por raízes de mandioca. Não tínhamos toucinho, nem farinha, na medida em que acabamos com ela de maneira muito racionada assando bolos para os acamados. Não havia feijões nem açúcar. Estávamos comprando um açúcar ordinário, muito escuro e impuro, que era feito na vizinhança, mas mesmo esse não podia ser obtido em qualquer lugar. Os cavalheiros Calmon fabricavam

um açúcar excelente e o providenciaram aos americanos, mas a procura era tão alta para sua oferta que agora todos aqueles que não o tinham, seriam obrigados a esperar até que pudessem obter os artigos do Rio. Muitos de nossos amigos estavam, como nós, esperando para encontrar alguém para mandar até a barra. Não tínhamos nada para comer exceto farinha e carne seca, a qual estava parcialmente deteriorada e cheirava a enxofre, e nada para beber exceto café sem leite ou açúcar. Há muito paramos de pensar no primeiro luxo acima referido, mas ficar sem açúcar era de fato horrível. Nós não podíamos apreciar a farinha, pois necessitava da adição de feijões, cozidos com toucinho, ou então o molho da carne seca cozida. Engolíamos a farinha apenas para nos manter vivos e bebíamos café para evitar enxaquecas. Os doentes não se importavam com a comida, mas conforme a febre os deixava seus apetites retornavam e as necessidades da natureza não podiam ser satisfeitas aos fracos e famintos. Foi difícil, mas nós nos lembramos das privações dos nossos pobres soldados³² e sabíamos que as nossas não poderiam ter sido maiores. Uma ou duas galinhas foram mantidas e ocasionalmente achávamos um ovo que cozinhávamos, após deliberação, para aquele que mais necessitasse. Este nós sabíamos que era o senhor Spencer, que havia sido tão fiel e incansável. À medida que suas forças gradualmente retornavam, assim também vinha seu apetite, e cada ovo fresco era dado a ele. Quando novamente foi capaz de caminhar um pouco, estava parcialmente cego e parecia tão pálido e fraco que percebemos o quão doente ele esteve.

Estávamos em regozijo um dia, após obtermos um pouco de açúcar que nossos bondosos vizinhos, os irmãos Johnson, adquiriram para nós. O artigo era ruim, mas estávamos muito, muito gratos por tê-lo mais uma vez. No dia seguinte, o senhor Miller enviou-nos alguns feijões.

Esse estado de coisas continuou, se nos lembramos corretamente, por uma semana, quando nossos últimos patos tiveram suas gargantas cortadas pelas martas. No mesmo dia, o capitão Yancey trouxe mais da

32 Referência à carestia de gêneros durante a Guerra Civil americana.

metade de sua colheita de milho para nosso jantar. Nunca houve pessoas tão gratas quanto nós. Alguém foi bem sucedido em encontrar para nós um pedaço de bacon ou toucinho³³, como é chamado, e nós fizemos um bom molho de farinha para nossos patos. Realmente apreciamos nossa refeição e praticamente todos estavam em condições de se sentarem à mesa. Sam Kerr estava nos visitando. Ele não estava se sentindo bem e enviamos a ele um bom prato cheio no quarto do senhor Spencer, onde estava deitado. Ele tinha febre e não podia comer nada. Pobre Sam! Aquele era o início de uma temível doença. Ele estava melhor à tarde e remou sozinho até a casa do senhor Miller em uma pequena canoa, a qual possuía uma vela pequena que uma de nossas garotas fez. Tentamos dissuadi-lo a não ir, mas ele disse que se sentia bem o suficiente. Nós o lembramos de quando seu barquinho virou e de como ele quase se afogou nesse mesmo barco, quando a lagoa estava agitada, pouco tempo atrás, e o observamos até que vimos que ele estava a salvo. Sua febre não o tinha deixado como pensava. No dia seguinte, ela aumentou muito e, por muitos dias, ele ficou em estado de pleno delírio. O senhor e a senhora Miller cuidaram dele fiel e ternamente. Por fim, ficou tão doente que o médico tinha certeza que ele não poderia viver e um dos cavalheiros foi até a vila buscar algumas tábuas serradas para seu caixão, sabendo que, após sua morte, seria tarde demais para encomendá-las. Contrariamente às expectativas de todos, ele se recuperou.

33 “Toucinha” no original.

Retorno da salubridade

Havia algo notável na atmosfera à nossa volta. Estava além da compreensão, que, a despeito de nossas dificuldades e privações, os doentes estavam rapidamente ganhando força. Os tremores esvaíram-se, algumas vezes três ou quatro que estavam deitados já no dia seguinte estavam em pé e dispostos a comer algo apetitoso, se houvesse. Nós nos perguntávamos se seria a brisa do mar e os banhos, certamente não era nossa dieta ainda fraca³⁴. A cor rubra retornava às faces, não de todos, pois alguns estavam ainda pálidos e magros. O senhor Spencer gradualmente recuperava suas energias e sua visão estava quase normalizada.

Pensamos que talvez fosse mais sábio que todos esses sofrimentos permanecessem em segredo. Eles podem adicionar muito pouco ao interesse, se algum foi levantado, às nossas descrições. Alguns podem nos censurar por tornar públicas as provações de nossa família, mas acreditamos, sinceramente, que Deus permitiu-nos viver intactos durante essa estação de doenças e provações não sozinhos, para nosso bem individual, mas para que outros se beneficiassem de nossa experiência. Por conta do conselho de amigos, que acreditavam que prosperaríamos, tentamos a vida pioneira e nos encontramos incapazes para as situações que enfrentamos. Estávamos dispostos a suportar nossos sofrimentos e privações muito mais do que esperávamos, mas Ele que nos salvou delas sabe que não suportaríamos de bom grado tudo de novo. Se então, por estas páginas publicadas, outros despreparados puderem ser dissuadidos

34 Desconhecia-se, em meados do século XIX, a existência de doenças cujos vetores são os mosquitos, como a malária e a febre amarela, sendo esta última muito provavelmente a que se abateu sobre a colônia no período. O próprio Imperador, Dom Pedro II, que visitou a lagoa Juparanã anos antes (cf. Rocha, L. Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008, pp. 183-205.), alertou Charles Grandison Gunter pessoalmente sobre a incidência de febre amarela na região, cf. University of North Carolina. Wilson Library, Southern Historical Collection, Gunter-Poellnitz papers – M2488, carta de Harris Gunter ao irmão de 06/11/1866, p. 2.

a tentarem uma vida rude em um país novo, sentiremos que nossa missão foi cumprida ao agirmos como exploradores.

O caráter da nossa comida e o desarranjo generalizado de nosso sistema digestivo produziu alguns problemas recorrentes, e um regime nutricional criterioso foi requerido para nos trazer à normalidade novamente. Estávamos conscientes disso e lamentávamos a impossibilidade, quando uma canoa aportou em nossa praia, trazendo algumas das nossas provisões desejadas. O senhor Miller mandou buscar suas coisas na barra e colocou em seu barco tudo aquilo que pode trazer dentre nossos pertences. Não havia espaço para os barris, mas os sacos de arroz, feijão e um pacote de toucinho, uma caixa de sabão e alguns outros poucos artigos vieram e nós nos regozijamos efusivamente. Agora nos permitiríamos esperar pacientemente por nossa farinha e açúcar, pois o pouco que ainda possuíamos poderíamos fazer durar por certo tempo. Muito do arroz se perdeu, mas separamos o que ainda prestava do que estragou.

Quão mudada estava nossa vida na lagoa em relação à sociabilidade agradável dos primeiros seis meses, quando saúde e esperança tornavam cada dia delicioso. Os cavalheiros, que constantemente tinham tremores, estavam em desalento e desanimados. Os escravos nunca estavam aptos, mais da metade por vez, ao trabalho, e aqueles que começaram a desbastar e a plantar com tanto empenho agora estavam desencorajados. As plantações foram destruídas pela seca incomum. Nada parecia ter futuro em nossa bela colônia nova. Tudo à nossa volta era tão encantador como quando nossos olhos estavam exultantes pela primeira vez pelo cenário, mas o homem não pode existir a partir das belezas da natureza, embora ela possa acrescentar muito aos prazeres da vida.

Novos terrores

Serpentes raramente eram vistas, contrariando nossas expectativas. Os cavaleiros frequentemente falavam de sua raridade, pois nos trópicos eles supunham que os répteis seriam abundantes. Certa manhã, Reb viu uma cobra muito pequena sob o abrigo, a qual pensou ser um bonito brinquedo e a pegou pelo rabo. Observando o que ele tinha feito, o exortamos a soltá-la instantaneamente, mas era tarde demais. A pequena cobra se enrolou e penetrou as presas em seu dedão. O senhor Spencer matou-a e amarramos tabaco umedecido ao ferimento. Havia duas pequenas perfurações em seu dedo, mas não sabíamos quanto veneno foi introduzido e ficamos muito alarmados, demos ao garoto um pouco de cachaça e ele ficou tão inebriado que não podia ficar em pé. Então começamos a ficar incomodados, com medo de que a demos em exagero. Ele riu, caiu e depois finalmente foi dormir.

Frequentemente desamarramos a atadura no dedão e descobrimos que ele não tinha inchado ou inflamado, após algumas horas era completamente evidente que a picada da cobra não tinha trazido mal qualquer, mas havia sido um incidente, e proveu um assunto para conversa com as crianças por muitos dias.

Outra circunstância trouxe alguma variedade em nossa vida, que, àquele tempo, estava completamente monótona. O senhor Spencer, ainda fraco, deitou-se muito cedo, mas era forte o suficiente para agir como guardião mais uma vez. Entretanto, estávamos completamente desprovidos de medo dos perigos e nunca imaginamos tais possibilidades, como animais selvagens entrando em nossa casa, como poderiam ter feito. Se tivessem vindo, havia apenas um tapete pendurado à nossa porta e eles poderiam entrar facilmente. Ainda assim, nos acostumamos a acreditar que eles iriam apenas deixar suas tocas para devorar nossas aves domésticas, e essa forma de menosprezo eles certamente compreendiam.

Nosso último peru foi carregado uma noite e restaram apenas algumas penas. Ouvimos o tigre quando ele deu um salto, depois pude-

mos discernir o ruído do sofrimento do peru. O pobre solitário procurou como local de sua morte uma ampla caixa de madeira, que jazia fora da janela da cozinha, do lado voltado ao pequeno lago. Supúnhamos que ele estava com medo de dormir no viveiro das aves e lá, tão próximo de nós, ele encontrou seu destino infeliz. Uma após a outra as galinhas e frangos favoritos foram abatidos, bem como os patos que foram os primeiros a serem sacrificados. Não admira a diminuição do entusiasmo dos mais jovens, que desfrutaram de grande prazer com a perspectiva de ter um grande viveiro de aves. Não podíamos construir nenhum galinheiro que pudesse prevenir a entrada desses pavorosos ladrões de aves com os materiais que tínhamos ao nosso alcance.

Mas estamos nos esquecendo do incidente ao qual aludimos, que interrompeu nossas noites sem incidentes. Anna, a servçal que estava então lavando e cozinhando para nós, foi para casa à noite e não retornou até tarde. Tínhamos pouca água, como não gostávamos de passar a noite com um suprimento tão limitado e não queríamos mandar Anna sozinha, nós concordamos em irmos abaixo até a lagoa com ela. Com uma vela, ela marchava à frente, com uma moringa em suas mãos. Cada um de nós levava um jarro seguindo atrás, em fila indiana.

As estrelas estavam brilhantes, mas as colinas cobertas pela floresta se erguiam como paredes negras à nossa volta e não podíamos distinguir nenhum objeto além das folhas e galhos de cada lado do caminho estreito.

Finalmente alcançamos a praia arenosa e íngreme. A água, calma e escura, estava à nossa frente. Nada restava a fazer além de parar e encher os jarros. Mas, bem naquele momento, simultaneamente, nossos olfatos sentiram um odor singular, que era diferente de tudo aquilo que havíamos sentido antes, e muito forte. Como se por um movimento elétrico, no instante em que respiramos esse ar almiscarado, nos viramos e, sem derrubar uma gota de água, corremos, em grupo, de volta para casa, sem dizer uma única palavra.

O senhor Spencer acordou com tantos pés correndo, pois todos tinham descido e ele foi até sua janela para perguntar qual era o proble-

ma. Sua casa era oposta à cozinha e, como nossos passos foram ouvidos ao correremos colina acima, ele deve ter imaginado coisas confusas, mas logo nós contamos que nada nos fez mal e que um cheiro estranho nos assustou daquela forma. Ele nos consolou, dizendo que provavelmente era um aligátor ou marsuíno.

Então se nossos belos lagos tinham sido habitados pelos caiman, aligátors imensos, que engolem cavalos e cavaleiros como refeição, haveria mais perigo que diversão nesses espelhos d'água, mas todos os aligátors que foram vistos não eram muito grandes, de dois metros e meio a três metros talvez, de tamanho. Ainda assim, teriam sido suficientemente pavorosos se tivessem se aproximado. Enquanto tomamos banho nunca tivemos medo de qualquer coisa do tipo já que a água é rasa próxima à praia, aprofundando-se gradualmente, e a areia tão branca que qualquer objeto pode ser visto, assim como na costa do mar.

Às vezes víamos uma anta correndo da floresta, descendo pelo lado da colina íngreme, para dentro da grande lagoa. Esse é um grande animal, de uma cor marrom, e, embora não seja anfíbio, parece gostar da água. Alguns supõem que ela está correndo da perseguição de outro animal, quando ela mergulha na água e nada até um local seguro.

Não as vimos mais do que uma ou duas vezes. Nos sentíamos completamente seguros sob nossa cobertura, ou varanda, como escolhemos chamá-la. Sempre mantivemos uma fogueira acesa à noite para tornar o local mais alegre e também sob a crença de que os animais selvagens nunca se aproximariam das luzes das casas, exceto em busca das aves domésticas. Estávamos propensos a acreditar que tomariam um frango pelo teto, sem notar os habitantes da casa, se tivessem encontrado as aves dentro e não em qualquer outro local.

Suspense

Uma voz de alegria genuína foi ouvida exclamando, uma tarde:
“Estou tão feliz, *tão* feliz. Papai está chegando!”

A criança querida estava correndo, quase sem fôlego em nossa direção, e nos encontramos no caminho da frente que leva até a praia. Vimos a figura de um cavalheiro chegando atrás, mas podíamos ver de relance que não era “o Pai”, demos boas vindas todavia à bondosa e agradável face do Dr. Johnson, que se aproximou e terminou a sentença, para todos agora ouvindo, mas à “Mãe” em particular.

“Dois cavalheiros desembarcaram na barra, ontem, do vapor, assim o senhor Gunter me contou. Supostamente são seu marido e o irmão dele, já que eram esperados e ambos foram reconhecidos como americanos.”

Oh! Essas eram notícias bem-vindas. Nenhum dos nossos sofrimentos foi lembrado. Nós estávamos *muito, muito* felizes. Os doentes, que se recuperavam rápido, tornaram-se alegres e se fortaleceram após essa alegre informação que tivemos e sentimos, como há tempos não sentíamos, que possuíamos um lar. Agora iríamos torná-lo tão agradável quanto possível para a chegada dos entes queridos. Nós os procurávamos, com certeza no terceiro dia após a chegada da mensagem, pois, varejando o mais lentamente possível a viagem até Linhares rio acima durava dois dias, a não ser que as canoas estivessem carregadas. Esse certamente seria o caso, pois Joanna, nossa cozinheira, estaria junto com sua bagagem, e as provisões ainda na barra seriam trazidas acima, estávamos certos. A doença entre os nativos diminuiu, então sabíamos que podiam obter camaradas para varejar o barco.

Os dias se passaram. Dois, três, quatro, cinco. Todo momento de cada dia tornava-se mais pesado depois que o terceiro se foi. Nossos corações estavam doendo pelo suspense. Nossos amigos vinham todos os dias ou dois de Linhares, mas nenhum podia nos trazer qualquer notícia, ou explicar o mistério dos dois americanos que *disseram* terem desem-

barcado do vapor na barra. Havia numerosas conjecturas sobre porque não chegaram. Se eles desembarcaram na barra. Alguns pensavam que tudo isso foi um engano, poderiam ter sido dois brasileiros que desembarcaram e foram para suas casas, próximas à foz do rio, mas os nativos que trouxeram a notícia disseram que reconheceram (de onde os viram) como americanos. Apenas esperávamos e as horas e dias pareciam mais longos para nós do que para qualquer outra pessoa, pois nossas imaginações ampliavam todo mal que poderia ter ocorrido a eles.

Após nossas ceias deprimentes terminarem, toda a família, a cada noite, caminhava até a praia e sob a luz dos céus compassivos e do murmúrio das águas nós expressamos, silenciosamente, os nossos pesares e insatisfações, a Deus.

“Por que, *por que* tu te esqueceste de nós?”, dissemos, com a alma amargurada. “Por que estamos aqui e somos provados dessa forma?”

As ondas que se batiam davam respostas frias e as estrelas mudas brilhavam sobre nós, ridicularizando-nos. Apenas o Whip-poor-will³⁵ parecia se juntar em simpatia às almas tristes e sobrecarregadas, que estavam suportando tão silenciosamente seu pesar.

Mais uma vez descemos, e outra, e mais outra. O sofrimento tornava-se mais profundo. Não havia palavras que poderiam dizer quanta ansiedade suportávamos.

As águas novamente tocaram uma música fúnebre, a qual ouvimos. A lua crescente apareceu sobre a colina mais alta, com um planeta brilhante próximo a seu ponto mais baixo. No passado, essas cenas noturnas seriam lindas. Mas agora tudo estava escuro, triste e sem esperança.

Com nossas mãos apoiadas sobre a nuca, nossos cotovelos sobre os joelhos, permanecemos sentados por horas na areia, ouvindo e procurando som dos remos. Às vezes, levantávamos, acreditando que uma canoa estava próxima, algum outro som enganava nossos ouvidos. Oca-

35 Ave noturna da América do Norte. No Brasil, as aves da mesma família são conhecidas por Bacurau e Curiango.

sionalmente uma canoa aparecia. Nossos corações pulsavam forte com a expectativa e a figura de um nativo passava à nossa frente, com o bote deslizando.

Por duas longas e tristes semanas continuamos nessa observação e esperávamos, frequentemente por horas além da meia-noite nos encontrávamos sentados na soleira da porta frontal, observando a água e ouvindo em busca de canoas. Enquanto as aves noturnas trinavam seus cantos costumeiros e grilos criquilavam suas notas estridentes e zombeteiras. Um som mais intenso, por vezes, rompia a monotonia e se não soubéssemos tão bem seu significado, poderíamos ficar aterrorizados. Esmagando, ribombando, quebrando, esmagando de novo. Estampidos, como ecos contínuos de armas de fogo, ribombando, quebrando, esmagando, novamente. Esses sons eram produzidos pela queda de uma árvore na mata, que, ao cair, trazia abaixo outras árvores, tão densa é a “floresta impenetrável” das colinas.

Tudo isso, nas pesadas horas da noite vinha solenemente, sombriamente até nossos ouvidos, mas nada disso nos fazia tremer ou arrepiar. Acostumamos-nos a todos esses sons na floresta selvagem e nossos pensamentos estavam completa e inteiramente envoltos nos ausentes.

Deus ainda estava conosco em meio a esse suspense agonizante, ou a razão teria sido desalojada. A mente estava vergando muito próxima àquele golfo caótico, e às vezes pensamos, caso o tivesse feito, se outro dia de tamanha ansiedade teria se seguido.

O retorno

Deus seja louvado que, antes dele vir, nosso pesar tornou-se alegria e as lágrimas congeladas que arrefeciam nossos corações em desespero foram derretidas. O brilho da alegria que então se espalhou pela casa nunca poderia ser igualado. Os ausentes retornaram. Colocamos nossos braços em sua volta e sentíamos que não era um sonho, mas a alegre realidade.

Eles vieram do Rio, não pelo vapor como supuseram, mas na escuna do senhor Oliveira, e ventos de proa detiveram-nos por treze dias. As senhoras Freligh, Wharton e Seymour vieram para visitar a lagoa e o interior acima.

Nossa cozinheira, Joanna, chegou, nossos barris de açúcar e farinha vieram também. O açúcar era da melhor qualidade e fizemos um pouco de mandioca doce para o jantar. O quanto apreciávamos a preparação das refeições. Joanna estava cozinhando e nós descobrimos que ela sabia como cozinhar e era muito asseada. Muitos dias se passaram até que ela ficou doente com a febre, e nós cuidamos dela por cerca de uma semana. Temíamos que ela morresse, mas o ar maravilhoso do Doce³⁶, que poderia ao mesmo tempo fazer adoecer e curar, restaurou-a e em breve ela estava bem novamente.

Diziam ser essa uma estação sem precedentes. Tempo quente e seco seguido de meses de chuva. As águas, que normalmente recuavam de forma gradual em um lapso de nove meses com chuvas de verão gentis caindo constantemente, retrocederam rapidamente, deixando os cursos d'água, até pouco tempo túrgidos, completamente secos. Isso

36 Acreditava-se até o final do século XIX que doenças como a malária eram transmitidas pelo ar insalubre, pois se estabeleceu uma relação com a existência de incidência da doença em áreas pantanosas, daí seu nome, que em italiano significa “mau ar”. Nesse caso, trata-se provavelmente de febre amarela, mas a relação se mantém, pois até então não se conhecia o vetor da doença.

pode nunca mais ocorrer, mas praticamente todos os americanos estavam desencorajados e fazendo planos para deixar o Doce. Aqueles que compraram escravos eram os mais ansiosos para ir, pois eles estavam apresentando tremores e geralmente inaptos ao trabalho. Era um triste desapontamento para esses colonos que estavam, nos primeiros dias de seu estabelecimento, tão encorajados pelas possibilidades e salubridade do local. Alguns dos escravos do senhor Russell morreram. Sua plantação ou fazenda³⁷ situava-se no rio.

Nossos amigos na vila não escaparam. A família do senhor Gunter e do major McIntyre apresentaram a doença, todos os brasileiros também, mas, a despeito disso, não houve mortes pelas febres entre os americanos. Aqueles que morreram não se adoentaram pelo miasma³⁸. Talvez se a colônia não tivesse se rompido e tais causas nunca retornassem, nosso povoado pudesse ter se tornado aquilo que nós inicialmente esperávamos e ansiávamos. Mas pouquíssimos sentiram-se dispostos a permanecer e correr o risco.

Em nossa família havia apenas um que lastimou desistir do Doce, “o Pai”, que estava amargamente desapontado. Ele construiu o que seria uma casa e no próximo ano teria muitos confortos. Todas as suas visões esperançosas de uma fazenda de café, pomares, etc, foram desfeitas e sua única alternativa agora era nos levar de uma vez ao Rio e praticar sua profissão, já que seu parceiro mais novo já estava lá – estabelecido e ganhando a confiança dos brasileiros.

Durante nosso período de estadia na lagoa desfrutamos das viagens sobre a água no pequeno e belo veleiro, que era o único no local não construído em um tronco como uma canoa. Afligia-nos pensar em deixá-lo. As garotas agora tinham a oportunidade de realizar visitas em um estilo confortável. Elas saíam para ver seus amigos, que viviam a uma grande distância, sabendo que tinham um barco que podia carregá

37 Como no original.

38 É a teoria miasmática, que embasa a ideia de que o ar insalubre é causador de doenças. Contrapõe-se à teoria aceita atualmente, a microbiana.

-las em segurança sobre as ondas quando a lagoa estivesse agitada. Elas apreciavam muito suas visitas de barco aos amigos do Alabama e outros. Elas diziam que era uma pena romper a colônia quando alguns estavam tão confortáveis. O Dr. e a senhora Farley estavam ainda tão enamorados da lagoa como nós estávamos. A doença não havia chegado à família, embora o tenha após um tempo. O Dr. Farley e o senhor Miller intentavam ficar. Ninguém se surpreendeu, pois tinham sido muito abençoados.

Última visita à senhora Miller

Embora os familiares do senhor Miller tivessem passado por febres intermitentes, em um prazo de seis meses eles também se cansaram, desapontados com a doença e os fracassos de seus planos, e assim abandonaram o Doce³⁹. A serraria do Dr. Farley nunca foi colocada em operação.

Em uma manhã agradável foi acordado que “o Pai e a Mãe” deveriam cruzar a lagoa em uma visita ao senhor e à senhora Miller. Tínhamos uma brisa deliciosa que rapidamente se foi.

Encontramos, em sua bela localização, uma maravilhosa evidência de diligência e energia. Apenas nove meses de trabalho e eles têm uma casa, com todos os confortos à sua volta. É verdade que o piso era de terra batida, mas a casa era muito agradável e fria. O quintal bem batido e liso, como se fossem colonos antigos.

A perspectiva, de suas portas, era grandiosa e era um prazer observá-la diariamente. A mandioca estava florescendo. A seca não teve qualquer efeito em seu crescimento e todos a plantam abundantemente. Não requer muitos cuidados, um galho seco, cortado do arbusto, colocado em pé inclinado brota um arbusto florescente, e em seis meses as raízes estão prontas para serem moídas em farinha. A maneira fácil de cultivar essa raiz valiosa é um grande incentivo para que os nativos indulgenciem seu sossego, sabendo que nunca precisarão ficar sem seu “pão da vida”⁴⁰ em abundância.

Nossos afazeres domésticos tornaram-se, novamente, um prazer. Nossa cozinha e sala de jantar, que era o mesmo cômodo, apresentavam um aspecto mais animado com boas refeições à mesa e faces felizes e sorri-

39 Os Millers rumaram em direção ao interior da então Província de São Paulo, em Santa Bárbara. Em função da existência de outra família Miller na região, ficaram conhecidos como “Millers doces”, enquanto a outra família como “Millers azedos”.

40 João 6:35.

dentes à sua volta. Nós usamos nosso açúcar extravagantemente, fazendo doces todos os dias. Tivemos grande deleite em novamente ter nosso pão branco que todos gostavam, após ficarmos sem por tanto tempo.

Mas não amávamos o lugar agora. Havia inconvenientes demais. O bicho tornou-se muito pior durante a estação seca e incomodou as crianças. Todas as noites eles tinham que suportar a aflição e a dor ao extraí-los. Alguns acreditavam que com grande cuidado e limpeza o bicho não seria um problema, mas era um engano, já que as crianças, que eram as que sofriam mais, estavam na maior parte do tempo na água, banhando-se ou caminhando na lagoa, todos os dias. Nunca nos negamos o luxo dos banhos quando era possível caminhar até a lagoa.

Os bichos gerados na argila da encosta da colina são pequenos demais para serem vistos até que penetrem nos pés. As crianças amavam brincar lá. Elas chamavam o local que foi escavado para preencher as paredes de taipa de sua caverna.

Retornamos uma vez mais ao velho diário, que durante nossos últimos dias na lagoa foi atualizado de forma muito irregular.

20 de abril de 1868 – “Que mudança em nossas vidas e sentimentos desde que papai retornou! E como nós apreciamos essa visita de nosso tio, mas sentimos muito que teremos que sair em breve. Papai é um dos desapontados também. Seus sonhos luminosos de um lar no Doce terminaram, e todos *nossos* planos de ter sua família querida como vizinhos se foram. Ele veio justamente a tempo de encontrar os americanos desencorajados e praticamente todos prontos para ir embora. Se aquele *vapor* prometido pelo Governo fosse-nos entregue, a colônia não teria se rompido, eles tentariam mais um ano. Isso é o que os cavalheiros dizem. Nós não fomos bem tratados.

O senhor Gunter parece ter sido bem sucedido em sua colheita. Sua plantação ou fazenda fica no rio. Ele está um ano à frente de todos os outros colonos e, embora tenha estado doente também, não acredita que as febres retornarão e espera permanecer. Ele nos enviou melões muito bons e algumas das melhores batatas doces que eu já vi. São imensas. Agora, se todos os americanos estivessem tão bem fixados

e tivessem tantos confortos quanto ele possui seria difícil ir embora. Mas nós estamos indo e eu sou grata por isso. Eu anseio por ver a grande cidade do Rio novamente. Quantos prazeres estão nos esperando!”

28 de abril de 1868 – “Estivemos tão atarefados com nossa costura que eu estou sempre cansada demais à noite para escrever qualquer coisa em meu diário, entretanto eu não desejo negligenciá-lo. Eu podia ter adicionado muitas linhas, mas terei mais zelo quando nós terminarmos nossa mudança. Eu espero com prazer pela nossa viagem.

O Dr. e o capitão Johnson e Ruland Freligh deixaram a colônia há dois dias e nosso tio também foi em sua companhia. Estivemos muito tristes desde que ele se foi, pois tememos que nunca mais o vejamos novamente, sentíamos que quase certamente ele estava insatisfeito com este país. Nós ainda temos esperança, entretanto, que ele possa encontrar um local próximo ao Rio do qual ele goste e retorne novamente com sua família. Estaremos tão felizes então naquela cidade encantadora. Eu gostaria que já estivéssemos lá.”

Rompendo a colônia

8 de maio de 1868 – “O pobrezinho do George esteve muito doente. Teve espasmos toda a noite e durante essa tarde. Ele está deitado quietinho e pálido, todos nós estamos muito tristes por ele e, embora esteja muito melhor, ainda tem febre. Se estivéssemos sem clorofórmio achamos que ele teria morrido.”

10 de maio de 1868 – “Os tremores não nos deixaram, mas eles parecem ter abrandado. Tivemos algumas pancadas de chuva, mas não chuva suficiente para cair musicalmente sobre nosso novo telhado. Estamos esperando por algumas daquelas gotas pesadas, que vem tão repentinamente e refrescam o ar de maneira tão agradável. Mas não está tão quente quanto já estive e não sofremos de calor nessa casa, com tantas brisas agradáveis, dia e noite, e tão distantes da areia branca brilhante. George está melhorando e nós estamos todos muito contentes. Se tivéssemos uma casa construída ao estilo de um chalé, com uma varanda em toda a volta, nós acharíamos o clima perfeito. Estaria sempre fresca.”

14 de maio de 1868 – “A família da senhora Miller visitou-nos essa manhã. A senhora Miller e a senhorita Anna ajudaram-nos a costurar todo o dia. Estamos muito ocupadas fazendo novos vestidos e roupas para os garotinhos.

Elas sentem muito estarmos deixando a lagoa. Nós sentimos muito, de fato, em dizer “adeus” a amigos tão gentis e verdadeiros como eles têm sido. Achamos que eles irão nos acompanhar, após um tempo. Parece-nos uma pena que uma colônia tão agradável deva terminar. Bem! Essa é a vida, cheia de alegrias e tristezas, amizades e separações. Esperança é realmente nossa âncora, pois estamos ansiando por alegrias muito maiores que quaisquer que tenhamos desfrutado aqui e estamos quase certos de que seremos poupados de tais sofrimentos. Quão exultante é a antecipação de nossa jornada! Eu amo viajar. Gostaria que o dia de partida chegasse.

Querido pequeno George. Sua doença o enfraqueceu tanto que ele não pode andar ainda, e ele estava correndo a esmo todos os dias quando estava bem. Frequentemente amedrontava-nos correndo até a água e tendo que ser constantemente vigiado. Agora nós estamos ansiosos esperando vê-lo forte o suficiente até mesmo para ficar em pé ao lado de uma cadeira.”

21 de maio de 1868 – “Finalmente nosso irmãozinho pode andar por aí novamente e nós estamos tão gratos, pois estávamos começando a temer que sua espinha estivesse fraca. Quão felizes nos faz vê-lo bem de novo. Em poucos dias acreditamos que ele será capaz de correr à lagoa. Ainda estamos muito ocupadas com nossa costura, trabalhando todos os dias, nos preparando para a partida.”

15 de junho de 1868 – “Nossos preparativos estavam prontos agora para nossa jornada ao Rio. Estamos indo no vapor *Juparanã*, o mesmo que nos trouxe ao Doce. Ele realiza uma viagem duas vezes por mês até São Mateus, no litoral acima de nós, e o Governo ordenou que o vapor adentrasse a barra do Doce mais uma vez para levar todos os imigrantes insatisfeitos.

Visitas de despedida

Realizamos visitas de despedida aos nossos amigos em nosso lar abandonado e desfrutamos nosso veleiro tanto quanto podíamos. Realmente sentimos deixar nossas diversões. ‘Bênçãos sempre brilham quando alçam seu voo.’⁴¹

Tivemos uma visita muito agradável da senhorita Anna Gunter. Ela ficou conosco enquanto suas irmãs prosseguiram para passar uma semana com a senhora Farley. Nós estávamos todos bem e ela se admirou com o fato de que poderíamos deixar um lar tão agradável e belo, como

41 A frase, levemente modificada pela autora, é do poema “Night Thoughts”, escrito no século XVIII por Edward Young.

de fato o é, mesmo nesse início rude. Todas as noites sentávamos sob a cobertura à luz das nossas fogueiras e conversávamos, às vezes cantávamos, até a hora de dormir.

O senhor Gunter prometeu a papai que ele cuidaria de sua família se ele nos deixasse na vila, até que ele pudesse obter o suficiente para retornar à sua casa na lagoa. Acreditamos que ele faria dessa forma e, se nós pudéssemos concordar com a separação, ela poderia ser a escolha sábia, mas nenhum de nós está disposto. Nós queremos que ele *nunca* nos deixe novamente. Nem mesmo para fazer uma fortuna. Preferiríamos sempre estarmos juntos e nos mantermos pobres.

Papai recebeu uma carta do capitão Johnson do Rio com muitos pormenores sobre nossa viagem, contando-nos como tudo está arranjado. O vapor irá entrar na barra por volta do dia 18 e todas as famílias que desejam ir devem estar prontas. Ele nos aconselha a estar lá pelo menos com um dia de antecedência. Ele gentilmente ofereceu ajuda de seus escravos para nos ajudarem por todo o caminho se precisarmos deles. O senhor S. Miller irá cuidar deles na viagem. O Dr. e o capitão Johnson não retornarão à lagoa. Todos os homens jovens estão indo. A família do major McIntyre também irá, além do senhor Davis e outros.

O vapor que irá nos levar é obrigado a entrar na barra na sua passagem para o norte por conta da maré, então teremos o prazer de viajar até São Mateus, que está a certa distância da foz do Doce.

Eu acho que posso dizer adeus ao meu velho diário, finalmente, por muitas semanas, já que não terei tempo de escrever, mas quando eu recommençar eu espero ter algo mais interessante para relatar. De fato, eu sei que terei. Direi adeus também aos belos lagos. Tivemos muitos momentos de felicidade em suas margens plácidas. Querida lagoa Jane-linha! Nós todos amamos as florestas que te cercam e não podemos senão lamentar que nunca mais vamos ver tuas ricas cores espelhadas na água. Mas nós iremos levar-te na memória e todas as cenas agradáveis de nossa vida selvagem serão lembradas, frequentemente, nos anos vindouros.”

Deixando o rio Doce

Os últimos preparativos para deixar nossa casa na lagoa foram feitos com vigor e finalmente a manhã veio para dar adeus à casa interminada, às colinas e aos lagos. O *adieu* não foi triste, pois estávamos muito alegres porque o dia desejado chegou e muito empenhados em ir para ficarmos sentimentais. Duas canoas carregaram-nos até a vila. Estávamos muito contentes por passarmos da lagoa até o rio, pois a grande canoa estava tão carregada que estávamos sob o risco de virar se o vento se levantasse, mas a água manteve-se calma até estarmos seguros do lado de fora. Mais uma vez a corrente d'água sinuosa e estreita nos levou. As belas colinas lançavam uma pesada sombra sobre nós e o ar ainda era frio e fresco. Tínhamos certeza de que seria a última vez que deslizaríamos sob aquelas árvores e não estávamos arrependidos. Nossos corações ansiosos agora acolhiam outra mudança.

Passamos a noite na casa do coronel Gunter e fomos tratados com muita gentileza, lamentamos dizer adeus à família. Pela manhã nossos arranjos para viajarmos rio abaixo deixaram-nos mais confortáveis do que poderíamos esperar. Duas canoas foram amarradas juntas e cada uma foi coberta com grandes tapetes para proteger-nos do sol. Não estava lotado e todos concordaram que esse método de viagem era delicioso. Descer o rio é tão mais rápido e a brisa soprava constantemente. Antes do meio-dia surgiu o frio. Em seguida, uma febre abrasadora e uma terrível dor de cabeça. A pequena multidão criou espaço para que “a Mãe” pudesse se deitar e mãos dispostas banharam e abanaram suas têmporas aquecidas. É extraordinário que ela *sozinha* tenha escapado da doença na lagoa e fora dela tenha tido a primeira febre. Tarde da noite, a dor e a febre praticamente se esvaíram.

Naquela noite tivemos acomodações muito boas em Povoação, a cerca de 11 quilômetros da barra, nosso único grande desconforto foi quase termos sido cobertos por lagartas enquanto ceávamos ao relen-

to. Preparamos nosso próprio café e trouxemos um almoço esperando acampar, mas estávamos contentes por termos o abrigo de uma boa casa.

Na manhã seguinte, antes das oito em ponto, alcançamos a foz do rio e fomos recepcionados pela nossa gentil anfitriã, Madame Oliveira. Ela não se esqueceu de nós, parecia se lembrar de cada criança e era muito agradável ver sua face sorridente. Enviamos uma mensagem a ela uma semana antes sobre nossa chegada e ela reservou seus melhores cômodos para nós. Outras famílias vieram e foram acomodadas, naquela noite a casa estava cheia até derramar de americanos a caminho do Rio.

Desfrutamos o descanso noturno. As crianças estavam confortáveis em colchonetes, que foram espalhados sobre o piso limpo de madeira. Todos os quartos, exceto dois, tinham pisos de terra batida. Todos os cavalheiros dormiram sob uma grande cobertura de folhas de palmeira, ao lado da casa, utilizando tapetes como camas e cobrindo com xales e lençóis. Todos estavam renovados no dia seguinte e prontos para o navio que era esperado.

Divertimos-nos passeando na praia deserta. A arrebentação fazia muito barulho. As ondas quebravam-se em uma sucessão rápida, mais fortes do que já tínhamos visto, o céu estava limpo, o ar refrescante e com o odor do oceano. Nós ainda tínhamos que o mar pudesse estar agitado e, em breve, descobrimos que estava. Relembramos os sentimentos de esperança que nos inspiraram em nossa primeira visão da paisagem monótona, e agora o som dessas grandes ondas do Atlântico trouxe-nos à mente nosso brilhante começo em nossa nova casa, as dificuldades e sofrimentos que se seguiram, sentíamos como que pronunciando um hino de louvor, pois tudo estava tão bem conosco, nosso círculo familiar ainda estava reunido e amigos bondosos e simpáticos estavam à nossa volta.

Mais uma vez nossa bagagem foi colocada no mesmo vapor, *Juparanã*, que nos levou à terra do Doce. Seu camarote belo e limpo parecia inalterado, e o mesmo comissário negro estava lá, para nos esperar. Capitão Barbosa era educado e, com nossos amigos americanos, nossas reuniões no convés eram muito agradáveis.

Descobrimos, depois de confortavelmente instalados a bordo, que nosso capitão não esperava cruzar a barra até que o mar, que estava então muito bravio fora dela, se acalmasse. O clima estava agitado e as ondas estavam altas demais para nos aventurarmos além. Os brasileiros são muito cautelosos e não levantamos âncora antes do quarto dia.

Cruzando a barra

Durante esse período de espera, fizemos todos os preparativos para ficarmos confortavelmente instalados e tentamos ser pacientes. Desfrutamos a brisa marítima e as noites no convés. Quando chegou a manhã de nossa partida, o piloto veio em seu bote para dirigir o timoneiro e, enquanto seus remadores navegavam sobre a arrebentação, ele segurava sua bandeira no alto, apontando o curso do canal enquanto o vapor o seguia. O navio era resistente e os americanos achavam que cruzariam a barra com pouca dificuldade, acreditando que o capitão brasileiro e a tripulação eram tímidos demais. Seja como for, era seu vapor, sua costa e sua barra, não nossa. Eles a cruzaram antes e eram, ou deveriam ser, mais competentes para julgar a condição das águas do que nós, após uma rápida tempestade. Mas essa barra estava em constante mudança e eles não sabiam e não poderiam saber a que extensão a areia tinha sido varrida de seus bancos. Então, como nós poderíamos? O mar, durante a última semana, sofreu muitas e poderosas agonias. A cada dia sucessivo de cada ano precedente ele modificava a superfície em trabalhos cujos olhos mortais não poderiam apreender, e quem poderia dizer o que foi feito nos últimos dias enquanto ele lançou sobre seu leito arenoso sua agonia e suas reclamações patentes? Não, por mais razoável e imparcial que alguém possa ser, as circunstâncias eram claras, havia um perigo óbvio em nossa condição presente. Nosso capitão estava em um estado de ansiedade e alarme, e as damas por serem nervosas sempre se simpatizam e são influenciadas pelos tímidos. Sentimos esses momentos de suspense, de completa desesperança e observando homens inabaláveis com medo, e consideramos nossa situação: a de que nosso navio pudesse estar quebrado pelo esforço de lançar-se ao Atlântico e que ali então nós pudéssemos encontrar um túmulo aquoso. Enquanto permanecíamos no convés, com nossos pensamentos cheios de admiração e de um espanto agradável na contemplação do enorme e imensurável oceano, o medo do pior não apagou a sensação de prazer da mente. Há

um deleite, muito peculiar, mas maior do que alguns acreditariam, em realizar uma abordagem como essa, a vinda de algo indefinido, embora possa ser ruim, oriundo do poder do Criador, cuja voz parecia soar no mar misterioso. Uma grande agitação tomou conta do convés. Muitos gritos e passos pesados, e o capitão ordenou que se fechassem todas as vigias e requisitou aos passageiros para irem ao porão. Descemos e nos sentamos na cabine, mantivemos as crianças quietas e ouvíamos o que tínhamos vir. Muito cedo sentimos uma forte vibração. Cruzamos uma onda grande. O capitão disse que batemos o fundo do navio, outra tentativa e outra arremetida, então pensamos ter escutado o navio raspar a areia. Não nos encorajávamos com o tropel de passos acima e pelo tom agitado dos oficiais. Sabíamos que estaríamos aliviados quando transpússemos a barra. Mas e se esses golpes severos quebrassem o barco e nos enviassem abaixo ao mar impiedoso? Nós nos perguntamos: “Preferiríamos estar de volta ao Doce?”. Não, mil vezes, não. Mesmo que soubéssemos que iríamos pra baixo das ondas juntos. Esse certamente era um teste de nossa afeição pela terra que deixávamos.

Uma terceira vibração, que parecia ser a mais firme, levou-nos além da barra aterrorizante e o capitão declarou que nunca mais a cruzaríamos. Sentimos alegria ao saber que estávamos no Atlântico, embora nosso curso fosse costa acima e não abaixo, em direção ao Rio. Nosso vapor primeiro tinha que ir até São Mateus, que está situada a cerca de dezesseis quilômetros da costa, no rio. Novamente um piloto nos guiou. Mais pressa no convés, mas como o capitão conhecia essa barra, supusemos que ele não estava apreensivo com o perigo. Todos os passageiros desembarcaram e passaram o dia na casa de um brasileiro, que ofereceu sua sala de visitas e outros cômodos, convidando-nos para permanecermos sob seu teto. Os cavalheiros americanos saíram juntos e encontraram um excelente jantar preparado para nós. Após apreciá-lo, conversamos com pessoas da cidade e retornamos ao nosso vapor. Saímos, na manhã seguinte ao longo da costa agora, em direção ao sul, para a cidade do Rio. Passamos a maior parte do nosso tempo no convés. Os americanos acharam muito agradável conversar sobre suas

variadas experiências na vida pioneira. Não poderíamos ter encontrado companheiros de viagem mais agradáveis que a família McIntyre inteira, que esteve conosco antes nesse mesmo barco e suportou também os sofrimentos da viagem de canoa pela primeira vez. Outros passageiros entretiveram e animaram-nos, e as crianças brincaram à volta e nos divertiram.

Nada digno de nota ocorreu, exceto a morte de um passageiro brasileiro que estava doente quando embarcou em Vitória. Ele morreu no convés e, como não estávamos distantes de Itapemirim, ele não foi perturbado, um lençol foi colocado sobre ele até que desembarcássemos e seu corpo fosse levado à terra.

Itapemirim, pronuncia-se *eetap-e-ma-rim*, é o lugar onde o Dr. McDade se estabeleceu, saído de Linhares após permanecer por alguns meses. Ele tinha muita prática e fez muitos amigos entre os brasileiros.

Entramos na baía de Vitória à noite e lançamos âncora, mas não podíamos ver nada exceto o contorno das montanhas e as luzes da cidade. Alguns de nossos passageiros eram damas brasileiras. Esse era um grande dia santo, elas comemoravam a noite lançando fogos de artifício. Parecia dar a uma dama e sua filhinha muita diversão lançá-los até tarde da noite.

Ao sair da baía nós tivemos a oportunidade de admirar todo esse belo cenário. A baía é circular, com montanhas pedregosas e verdejantes levantando-se à volta, deixando espaço apenas para a entrada de navios no porto. O vapor manteve-se próximo à costa e as encostas rochosas dessas colinas que pareciam, às vezes, inclinar-se sobre nós. Tudo o que um pintor pode fazer com tonalidades de cores claras e apenas as belezas dessa cena trazida adiante é realizado em nossa visão quando imaginamos essa cena pregressa. Não podíamos ver, à distância, as irregularidades ou a sujeira das paredes caiadas, mas, quando distantes de sua cercania, apreciamos olhar para trás para a paisagem, metade às sombras das elevadas colinas. A luz brilhante do sol mostrou, com distinção, os telhados vermelhos dos prédios antigos sólidos, mas a cidade antiga tornava-se mais bela quanto mais nos distanciávamos dela. Final-

mente, as últimas residências suburbanas, ao topo da última montanha pela qual passamos, estavam atrás de nós e toda a cena estava entre as coisas do passado. O oceano estava aberto à nossa frente e atrás. Mantivemos-nos próximos à costa, mas não próximos o suficiente para vermos terra.

Retorno ao Rio de Janeiro

Oh! Mas o que é mais gratificante que nossa chegada novamente a salvo à antiga cidade grandiosa do Rio e o que é mais gratificante que as alegres boas vindas dadas pelos nossos amigos americanos? Faces gentis estavam à nossa volta assim que desembarcamos e uma carruagem pronta para nos levar até a Rua de São Pedro, 69, na casa do capitão Freligh. Eles receberam grande número de passageiros. A senhora Freligh, que tinha ido para São Paulo com os colonos de Ballard Dunn, era uma entre os muitos que sofreram com a guerra, que conheceram prosperidade e opulência, mas com a jovialidade que caracteriza a maioria dos sulistas, ela encontrou desapontamentos em sua primeira prova de pioneirismo e agora carregava a posição de anfitriã do círculo americano, com graça e facilidade.

Quanta diferença de nossa vida na lagoa! Primeiro, sermos levados à sala de visitas com sofás e cadeiras de assentos de vime, belo carpete de palha, tudo agradável e calmo. Sacadas de ferro saliente para a rua, as janelas da rua abrindo-se de cima até o piso. O local encontrava-se no segundo, terceiro e quarto andares, o primeiro, no solo, sendo usado como armazém. Nós estávamos no meio da cidade. Tudo do belo mercado do Rio foi colocado à nossa frente, quando sentados à mesa de jantar e servidos em belo estilo. Não precisamos dizer que apreciamos muito um descanso de alguns dias em tal casa.

Muitos cavalheiros, agora em busca de ocupação, permaneciam na cidade, alguns tentando comprar fazendas no interior, outros obter empregos no setor mercantil. Médicos buscaram áreas para recomear suas atividades. Um de nossos amigos, do Marmion, senhor Slaughter, que permaneceu no Rio estudando português, era então editor de um jornal. Nós pensamos que deveríamos ter aprendido a linguagem com grande rapidez. Coronel Cencir, que inicialmente foi ao Doce, retornou ao Rio e estava editando um jornal, chamado *Brazilian Reflector*, publicado em inglês. Muitos cavalheiros e damas de São Paulo e outras áreas

ultimamente chegaram dos Estados Unidos, constituindo uma comunidade com famílias que novamente se reuniam ali a partir das colônias rompidas.

General Hawthorne⁴², que arrendou uma bela ilha com melhorias na baía e começou a constituir uma horta, estava para retornar ao Alabama, mudando seus planos em função da saúde de sua esposa. Uma bela horta de vegetais, frutas em abundância, criação de peixes e ostras, dar-nos-ia um lar ao qual seríamos gratos por possuir, e de fato estamos indo até ele. Embora a cidade estivesse entre 10 a 13 quilômetros de distância à vela, estávamos a apenas cem metros de um porto no continente. Desse ponto em diante há balsas que navegam duas ou três vezes por dia, levando passageiros ao Rio. Nós compramos barcos a remos, com o arrendamento da ilha, com os quais poderíamos cruzar essa pequena distância. “O Pai” poderia agora praticar sua profissão e também cuidar do cultivo de suas frutas e vegetais, embora, inicialmente, tivéssemos que permanecer do início ao fim das semanas na cidade, voltando para casa aos sábados e retornando às segundas-feiras. O general Hawthorne empregou um jardineiro inglês e sua esposa, que ficariam também no local, além do velho Januário, um escravo. Assim, com nossa mulher, Joanna, estaríamos providos de escravos e esperávamos pelo início dessa vida com deleite. De fato era uma vida nova.

Não nos preocupávamos em pensar na cabana de taipa agora, pois nós a deixamos para sempre e o ar malárico não podia agora nos alcançar. As brisas refrescantes do mar tocavam-nos de maneira revivificante e quando nós nos aproximamos de nossa encantadora casa na ilha, com suas ricas árvores tropicais e grandes rochas cinzentas que compunham solidamente seu molhe de pedra, pareciam uma união de todas as coisas encantadoras sob um vivo céu azul. Ergueu-se à nossa frente amavelmente e, quando deixamos a pequena balandra e começamos a subir a colina, pensamos que certamente essa era mais bela visão

42 Trata-se do general do exército dos Estados Confederados da América, Alexander Travis Hawthorne.

que já havíamos tido. A natureza tinha sido pródiga, mesmo copiosa, e as melhorias do homem fizeram desse lugar um paraíso, aos olhos ultimamente acostumados a tanta beleza nos ermos com tão pouco dos adornos artificiais.

Em nosso caminho acima, passamos por duas fontes, emparedadas e em forma de arco em cima, com rochas. Caminhamos então até a casa, pela rota mais curta de nosso desembarque, onde paramos. Isso nos trouxe até a ala esquerda. Caminhamos pelo prédio e vimos, mais uma vez, que teríamos uma bela casa, com tantos quartos quanto precisávamos, além de mobília suficiente para ficarmos confortáveis, com apenas algumas adições. A casa era velha e de certo modo sem reparo, mas estávamos completamente satisfeitos, já que era linda comparada com a nossa no Doce, tão grande e fresca e a porção que podíamos utilizar mais mostrava muito pouco da desfiguração do tempo. Um salão com pavimento, estendendo-se ao longo da frente da casa para o qual os primeiros quartos se abriam, era talvez a maior atração. As cerâmicas eram grandes e quadradas, correndo diagonalmente e muito homogêneas, perfazendo um piso asseado e bonito.

Ilha Dixie

Novamente extraímos algumas páginas dos diários

18 de julho de 1868 – “Será difícil somar todos nossos prazeres após eles se passarem, mas eram tantos e nenhuma noite era longa o suficiente para escrever em nossos diários. Na cidade nossos amigos pareciam estar felizes em fazer tudo que dava prazer aos *Docéites*, como nós nos chamamos. A senhora Freligh e Lizzie imploraram para que minha irmã e eu ficássemos uma semana ou duas com elas, e nossos pais vieram, após ficarem um dia ou dois na cidade, à nossa casa na ilha, a qual já foi nomeada ‘Dixie’⁴³.

Praticamente todas as noites os cavalheiros organizavam uma festa. A senhora Farligh ou a senhora Hanson nos acompanhavam e nós saíamos para ver o Rio em sua beleza iluminado a gás. As lojas que são mantidas abertas à noite estavam lindas e as damas faziam suas compras a essa hora. As sorveterias eram bem frequentadas e nós desfrutamos um dia muito agradável no Jardim Botânico, ao estilo de um piquenique. Aquela deliciosa quinzena será lembrada por nós como um dos melhores dias de nossa vida. De fato, a sua memória é como um dia de maio no inverno ou um sonho de águas frias quando febril ou sedento. Nós precisávamos dele e por essa mudança nossos corações tornaram-se mais felizes e, eu acredito, melhores. No continente, do lado oposto a nós, encontram-se diversas famílias americanas. Uma é a de um clérigo metodista, senhor Newman, que tem duas filhas. Além dele, o senhor e a senhora Cogburn (não é a família do Doce). Ela, a senhora Cogburn, é filha do reverendo P. P. Neely.”

43 “Dixie” é uma referência a “I wish I was in Dixie”, canção que se tornou o hino não oficial dos Estados Confederados da América.

30 de julho de 1868 – “Nós nunca nos cansamos da vista. E falamos dela constantemente, desejando que pudéssemos pintar as cenas à nossa volta. As belas ilhas pontuando a baía e as grandiosas montanhas, erguendo-se atrás, perfazem a vista mais encantadora que já vimos. À luz do luar, é como um conto de fadas. Barquinhos sempre são vistos flutuando ao longo da água prateada e podemos ver as casas brancas dos vizinhos no continente brilhando entre as árvores. Sobre a ilha que se encontra próxima, atrás de nós, há um pequeno forte elegante. O proprietário dele, um *senador*, construiu-o apenas como um ornamento e este acrescenta muita beleza à nossa paisagem.

Ilha ‘Dixie’, ou a ilha do Ribeira, onde nós vivemos, é muito bela e nada pode se comparar às suas árvores e às pedras cinzentas lisas que se erguem a partir da grama verde, parecendo tão frias sob a sombra densa. Os tamarindeiros, e temos muitos deles, são as árvores mais grandiosas que nós já vimos. À distância, parecem-se com nossos maiores carvalhos e, quando nos aproximamos, eles são únicos. As folhas, longas e esguias, crescem em fileiras regulares, a cada lado do longo galho, algo como a acácia americana. São muito lindos. Nós temos muitas nespereiras. Agora elas estão maduras. Nós estamos preservando-as, são deliciosas. Frutas são abundantes, por todo o ano, comemos nossas conservas tão rápido quanto as fazemos. A manga sobre a qual lemos em Lalla Rookh⁴⁴ fazendo sombra sobre a jovem princesa é uma árvore esplêndida, com uma fruta ótima. Nós temos uma, grande, em nosso jardim frontal. Essa árvore também se parece com um carvalho, à distância, mas tem uma folha como a da pereira. Sob essa grande mangueira há um banco circular e nos sentamos sob sua sombra pela manhã e no fim da tarde. Temos um belo jardim frontal, com canteiros de belas formas, o passeio pavimentado com conchas da orla, algumas rosas doces, como aquelas que tínhamos em nossa velha casa em Hillside. Esse jardim, em boa medida nivelado, é cercado por um muro baixo de tijolos e, além dele, há um declive gradual em direção à praia. Nós temos um caminho

44 Romance do irlandês Thomas Moore.

com uma fileira de tijolos, com uma parede de cada lado, que leva até a casa à direita. A casa é pintada de amarelo, tem apenas um andar e uma cobertura de telhas. A frente possui apenas uma parede de tijolos com muitas janelas, uma grande porta no meio com um arco acima. Escadas circulares de tijolos levam abaixo ao jardim e de cada lado há uma árvore coberta por folhas escarlates. Ao subir, elas parecem alegres e destacam-se em meio ao verde. O átrio não nos leva casa adentro, mas encontra-se à frente e todas essas janelas, exceto as duas últimas de cada lado, abrem-se para o átrio. O grande cômodo que se abre do lado diretamente oposto à porta da frente é nossa sala de jantar. O outro, do lado leste da casa, é nossa sala de visitas e desta temos vista da baía por dois lados. Temos quartos agradáveis em número suficiente e, embora não tenhamos ainda tudo que desejamos para fazer-nos completamente confortáveis, estamos encantados com nossa casa e gostamos do nome que o general Hawthorne deu a ela, 'Dixie'.

Todos os sábados à noite papai traz consigo alguma companhia agradável e eles retornam juntos à cidade na segunda-feira de manhã. Seria caro demais se ele fosse à cidade todos os dias, então agora ele vem para casa apenas uma vez por semana, deixando a ilha a cargo do senhor Payne, nosso jardineiro inglês. Sua esposa cozinha para nós. Tememos que leve um bom tempo até que papai possa recuperar as perdas que sofreu na lagoa, mas ele já tem uma boa prática com nosso irmão (assim chamado) como parceiro, ele tem muita consideração e é muito atencioso conosco. Temos muito para nos fazer felizes e não nos afligirmos agora com problemas que passaram. É tão delicioso ter uma casa tão encantadora. Ter essas rochas cinzentas sobre as quais sentar, sob as sombras dessas grandiosas árvores tropicais. Ter essa delicada e deliciosa brisa do mar dia e noite e sentir que estamos nos fortalecendo. Ainda temos febres, ocasionalmente, mas são tênues e, em breve, nos livraremos delas.

Com a senhora Payne para cozinhar e Joanna para lavar e fazer outros trabalhos, agora temos uma vida cômoda. Temos tempo para cozer, ensinar as crianças, tomar exercícios e banhos de mar e nós somos

gratos por apreciá-los tanto. Estamos alternando nossos vestidos, tentando aproximá-los da moda, e estamos satisfeitos com nosso sucesso e engenhosidade. Cinturas brancas com saias de lã escuras feitas a partir de segmentos são vestidas com frequência e nós podemos vestir corpetes, se preferirmos, já que o clima é tão delicioso que vestimos tecidos tanto finos quanto grossos e nos sentimos igualmente confortáveis.

O capitão Johnson ainda não foi bem sucedido em obter sua fazenda, mas, enquanto ele faz seus preparativos, seus escravos ficaram na ilha, trabalhando para papai. Eles dormem em uma longa estrutura de tijolos construída para ser um armazém. O molhe de rocha sólida e tudo à volta demonstra que pessoas muito ricas viveram aqui certa vez. O velho escravo Januário, que leva os vegetais através da baía para vendê-los para nós, está na ilha há mais de quarenta anos. Ele pertence agora ao proprietário. Temos uma bela horta e todos os vegetais que cultivamos nos Estados Unidos. O general Hawthorne plantou abacaxis em boa parte da ilha, teremos em grande quantidade, quando crescerem. Atualmente temos muitas frutas nos mamoeiros⁴⁵. Esses mamões⁴⁶ crescem agrupados no topo de uma árvore alta e esguia, tanto seu sabor quanto a aparência são de um melão almiscarado, com grande quantidade de sementes, do tamanho da pimenta do reino, com um sabor apimentado. Não gostamos dessa fruta, exceto quando transformada em doces ou compotas.

45 "Maw maws", no original.

46 Idem.

As nascentes

Gostamos muito da disposição das casas brasileiras. A sala de jantar e a cozinha encontram-se sob um só teto. Temos um belo fogão e a única chaminé da casa é a feita para o forno. O único incômodo que temos em nossa casa confortável são os ratos. Oh! Há tantos deles. Se nós vamos à cozinha à noite nós os vemos correrem parede acima até o sótão. E, se não soubéssemos do que se tratava, pensaríamos, após a meia-noite, que uma tropa de cachorros disputam corridas acima de nossas cabeças. Mas não temos mosquitos, nem bichos, nem insetos de quaisquer tipos, exceto pulgas, mas não muitas delas. De fato, podemos verdadeiramente dizer, “há muitos encantos na Ilha Dixie”.

Todas as noites desfrutamos deliciosas caminhadas em volta da ilha, e então para a praia. Há oito nascentes, todas elas emparedadas com pedras, algumas com tetos em arco e passadiços que levam até a água. Elas são elegantes, mas estamos muito pasmos que a água pareça leitosa e nos perguntamos se não tem gosto de calcário. Enchemos as grandes moringas⁴⁷ ao entardecer e a água está limpa e fresca pela manhã. Descobrimos que nenhuma água é agradável para se beber até que tenha ficado toda a noite nesses jarros de barro.

Eu rabisquei mais do que o usual nesta tarde. O crepúsculo está aqui, a noite logo virá. As crianças estão correndo para a casa e eu também devo ir. Oh, quão refinadamente encantadora é a cena à minha volta, com árvores verdes, nuvens ao por do sol e rochas cinzentas. Tudo próximo a mim faz-me sentir como se nós estivéssemos vivendo em um país descrito em livros, e não nossa casa na realidade. Tudo se parece antiquado, forte, sólido e diferente dos Estados Unidos.

47 “Meringoes” no manuscrito original.

Os tamarindeiros

13 de agosto de 1868 – “Não tenho sido fiel ao meu diário como eu pensei que seria, mas aqui estou querido amigo, novamente, em meu trono rochoso com os galhos curvados do tamarindeiro acima de mim. O fluxo das águas oceânicas, com seu som espumante chegando aos meus ouvidos. O chape dos remos dos barqueiros, as vozes próximas das crianças felizes, e o sentimento contente de que eu posso dispor de tempo, sempre que eu queira, para escrever em meu velho ‘livro de memórias’, e ainda (tal é a natureza) eu o negligencio mais agora do que quando meus afazeres me pressionavam. O Dr. Johnson e Duncan McIntyre vieram na última terça-feira ao entardecer, passaram o dia na quarta-feira e foram embora na quinta. Eu pratiquei um pouco de desenho desde que o Dr. Barnsley⁴⁸ gentilmente deu-me algumas lições. Eu tenho prazer em meus pobres esboçosinhos. Quão estranho parece estar em uma terra onde os tamarindos crescem e vê-los pendurados em tamanhas quantidades nas árvores. Eles são tão azedos, mais até que um limão, e são ásperos ao paladar, além disso. Quão pouco sonhávamos que estaríamos um dia na terra da laranja e da lima, da canela e do café, do pimentão e da pimenta. Gostamos do país e desejamos que todos os nossos amigos estivessem conosco. Quantas boas vindas nós damos a nossas cartas dos Estados Unidos. É um dia de regozijo quando o vapor chega.”

20 de agosto de 1868 – “Temos muito para nos fazer felizes e nosso lar é amável. O sol brilha suavemente, os passarinhos cantam doces melodias. As árvores parecem felizes quando as brisas refrescantes dobram seus galhos para lá e para cá e a natureza parece regozijar. Lá vem um barquinho, a toda vela, e eu gostaria de saber se a pessoa que está

48 Trata-se de George Scarborough Barnsley, filho de Godfrey Barnsley, rico comerciante de algodão da Georgia que perdeu boa parte de sua fortuna com a Guerra Civil Americana.

fazendo esse passeio tão divertido está tão feliz como eu estou. Hoje eu levei as crianças para fora, sob as árvores, para ouvirem suas lições, e eu acredito que elas gostaram.”

26 de agosto de 1868 – “É agradável escutar o chamado que é distintamente ouvido do continente quando qualquer um vem nos ver. Nós então olhamos pela luneta e descobrimos quem é, se não reconhecemos de início. O senhor Payne então pega um dos barcos e rapidamente os traz até nosso atracadouro. Nós sempre temos companhia aos domingos e ocasionalmente durante a semana, o que ilumina a sala, e então quando eles se vão nós nos aquietamos em nossa costura ou nossos estudos e no ensino de nossos irmãozinhos e irmãzinhas. Então, estamos felizes com ou sem companhia. Nós fomos muito gratos hoje em vermos nosso amigo Duncan McIntyre e por ouvir notícias de sua mãe e da senhorita Margaret (sua tia bondosa e gentil).”

28 de agosto de 1868 – “Hoje o capitão Johnson muda-se para sua nova casa. Ele comprou uma grande plantação e escravos. Plantações são chamadas fazendas⁴⁹. Nosso pai está indo olhar um lugar próximo ao dele na ferrovia, esperando comprá-lo já que ele quer uma área maior que esta ilha.”

3 de setembro de 1868 – “O capitão Johnson trouxe-nos uma grande saca de café cheia da melhor laranja que já provamos vinda de sua propriedade. Algumas delas, as mais deliciosas, eram de um formato oblongo e de um profundo amarelo avermelhado. Ele tem grandes cafezais, cana-de-açúcar em abundância e, eu acredito, tudo.”

Sexta-feira, 4 de setembro de 1868 – “Noite passada a companhia saiu. À tarde fizemos alguns doces de ervilha que trouxemos como uma iguaria, em memória dos Estados Unidos, embora nunca conhecêssemos alguém que não gostasse delas. Sempre apreciamos qualquer coisa aqui que seja como quaisquer pratos de lá. Não há muita diferença em nossa

49 A frase como escrita pela autora é “Plantation are called Fazendahs”.

comida. As verduras são as mesmas, carnes de peixes e aves também, e apenas as frutas são diferentes, e algumas delas as mesmas. Farinha e feijões, que todos, do Imperador ao seu súdito mais baixo, apreciam, são totalmente novos para nós.”

Encalhados

9 de setembro de 1868 – “O tempo de visita da minha amiga Lizzie praticamente acabou e nos divertimos de muitas formas, caçando caranguejos, procurando flores entre as rochas, competindo em corridas e outras atividades indignas. Certa manhã colocamos nossos chapéus e saímos, colina abaixo, em direção à baía. Levamos um livro conosco para lermos caso parássemos para descansar. Pensamos que tínhamos explorado cada belo local na ilha, e realmente não sabíamos para onde ir. Mas havia árvores densas e uma vegetação rasteira cheia de espinhos, cobrindo a encosta de uma colina elevada e estendendo-se abaixo em direção à água, onde nunca entramos, pois era nosso pavor. Nunca olhamos para as moitas sem procurar ouvir os passos dos animais selvagens e esperando ver um par de olhos brilhantes ou talvez a espiral brilhante de uma cobra. Como essas árvores barravam toda a visão daquele lado da ilha nós não sabíamos nada sobre o que estava além. Agora, quando alcançávamos a praia, em vez de parar para colher e examinar as muitas conchas coloridas, caminhamos dentro e fora entre as árvores e da grama, que crescia próxima à água, até que nos deparamos com um novo e delicioso mundinho. Decidimos andar até a outra ponta da ilha por essa rota acreditando que seria perigoso, mas estávamos ansiosas por aventura, e começamos nosso caminho.

Uma longa fileira de rochas irregulares separava a mata da água, e não havia praia sobre a qual pudéssemos caminhar, e com as árvores na colina erguendo-se tão abruptamente sobre nós, aproximavam-se das pedras, não havia caminho possível a não ser pularmos de uma rocha à outra. Não sabíamos por qual distância essa estrada rude se estendia, ou quão realmente perigosa poderia ser, mas a brincadeira nos conduziu e, em um alegre estado de espírito, iniciamos nosso caminho. Subimos com sucesso sobre diversas rochas, caímos, escalamos, perdemos o equilíbrio e levantamos fazendo a mesma coisa novamente até ficarmos um tanto machucadas. No caminho, fizemos uma descoberta que nos encheu de

grande pavor e expectativas de encontramos dificuldades. Havia duas rochas, tão distantes umas das outras que não podíamos, sem perigo de cair, pisar de uma para outra. Não houve problema de início, já que a pequena cama de areia entre elas provia-nos uma passagem fácil, mas agora a areia estava coberta por água. Nós sabíamos que a maré estava subindo e precisávamos saltar ou seríamos aprisionadas por seu fluxo. Permanecemos paradas, até que as ondas retrocedessem, no momento seguinte saltamos, entretanto não sem ficarmos com os nossos pés molhados.

Após saltarmos em segurança para o outro lado, retiramos nossos chapéus e a brisa do mar gentilmente veio refrescar nossas faces aquecidas. Quão agradável era sentar ali, observar as ondas indo e vindo sobre as rochas, ouvir nada, à exceção de nossas próprias vozes e a música do mar.

Quando continuamos novamente, parávamos às vezes para tentar retirar os pequenos caranguejos de seus buracos na areia e reunir curiosidades, as quais não podíamos carregar, e enquanto estávamos assim ocupadas, um brasileiro passou em um bote, e após olhar-nos com curiosidade ele disse,

‘Este não é bom lugar.’⁵⁰

Sentíamos a verdade de suas palavras e pensamos que o melhor seria nos apressarmos. O restante de nossa escalada foi fácil, pois as rochas eram menores e não havia perigo em saltar. Alcançamos o outro lado da ilha subindo uma colina íngreme, agarrando-nos em trepadeiras, galhos de arbustos e raízes de árvores. Quando finalmente chegamos à parte mais alta começamos a observar umas às outras. Nossos cachos estavam cheios de carrapichos, nossos vestidos rasgados em várias partes. As solas de alguns de nossos sapatos se rasgaram ao meio e nossas faces estavam vermelhas, queimadas de sol. Éramos um belo trio de donzelas.

O sino do jantar estava tocando alta e longamente, compelindo-nos a voltar para a casa. Estávamos ocupadas retirando espinhos de nossos dedos, mas paramos quando ouvimos esse chamado, pois sabíamos pelo modo enérgico que estava tocando que estávamos causando

50 “Esta nao a bon lugar”.

apreensão. Então nos prometemos que iríamos recompensá-los com um vívido relato de nossas aventuras. Nós o começamos assim que chegamos à casa, imaginando que ele seria tão interessante aos outros como a nós mesmas e que teríamos uma plateia simpática. Esperávamos também ouvir reprovações de muitos por nosso atraso. Mas nós nos ausentamos apenas por um instante, no momento em que o jantar foi anunciado e então, quando não podiam nos encontrar, eles tocaram o sino.

Após lavarmos o rosto e arrumarmos os cabelos, sentamos-nos para jantar, com bons apetites e recebendo cumprimentos pelas belas maçãs do rosto, que por um tempo estavam todas escarlates.”

Quinta feira, 18 de setembro de 1868 – “Gostamos da visita à fazenda Bangu, a encantadora propriedade do senhor Judkins. O Dr. Coachman e o capitão Johnson foram conosco. Nós cavalgamos, caminhamos, visitamos os engenhos, etc. É um belo lugar, com uma antiga residência baronial grandiosa, mais bonita por dentro do que por fora. Não objetaríamos ter um lar como esse, com seus grandes pátios pavimentados, suas sacadas de ferro, sua capela, sua avenida de Bambus, que é de longe a coisa mais linda que vimos no Brasil. Nada pode dar uma ideia de suas atrações exceto ir e vê-la. Ainda assim, estamos satisfeitos com ‘Dixie’ como lar. Tivemos um momento agradável em Bangu, mas o melhor de tudo foi o tratamento gentil do senhor e da senhora Johnson, que merecem todos os confortos que possuem em sua casa.”

23 de setembro de 1868 – “O major e a senhora McIntyre visitaram-nos esta semana, permaneceram toda a noite. Após a ceia, enquanto estávamos sentados sob a mangueira, eles nos falaram sobre a casa agradável que possuem a dezesseis quilômetros da cidade, em uma bela estrada para carroças. Eles estão muito encantados com sua fazenda, exceto em fazer açúcar. Ontem escrevi a minhas doces amigas Kate Hutcheson e May Scott. O grande mar as separa de mim, mas é um grande prazer renovar nossos antigos tempos de escola e relembrar nossas alegrias passadas.”

9 de outubro de 1868 – “Ontem recebi cartas de nossos amigos do Doce, trazidas pelo senhor Spencer, recém-chegado da escuna do

senhor Oliveira. Hoje fomos, com minhas irmãs, até a casa da senhora Newman, em terra firme, oposta a nós. A senhorita Mollie então foi conosco para retornar nossa visita à senhora Lane e à senhorita Lottie. As damas não estavam em casa, mas nós descansamos um pouco, já que a caminhada era muito longa. O Dr. Berney estava conosco também. O dia estava quente, mas nossa caminhada foi agradável. O Dr. Berney irá voltar para Montgomery.

Quando a senhora e a senhorita Lane visitaram-nos pela primeira vez estavam acompanhadas pela senhorita Mollie N. e, quando estavam saindo, nós as acompanhamos à praia para observá-las cruzarem. Quando o senhor Payne levou-as a salvo para terra firme, a senhorita Mollie permaneceu um tempo na borda do barco e inclinou-o tão rápido que ela caiu de costas na água. Nós lamentamos o ocorrido, mas ela apenas riu e foi à sua casa o mais rápido possível, já que estava mais próxima de sua casa então que da nossa. A distância até a casa da senhora Lane é muito maior, cerca de um quilômetro e meio. Ela cavalgou até a casa da senhora Newman e retornou.”

Ipihíba

17 de outubro de 1868 – “Sábado passado um grupo de membros da nossa família foi até a fazenda do major McIntyre, Ipihíba, pronuncia-se *ee-pe-hee-bah*. Apreciamos a viagem na bela estrada, sobre a grande e confortável carruagem com quatro cavalos que Duncan trouxe até o porto. Minhas irmãs, que foram com uma semana ou duas de antecedência, contaram-nos do delicioso passeio que desfrutaram na carruagem confortável e das mudanças interessantes ao longo do caminho. E nós as encontramos como disseram, muito agradáveis de fato, e estávamos encantados com a fazenda.

O major McIntyre, como é de costume aqui, comprou todos os artigos domésticos, mobília, camas, louças, tolhas de mesa, guardanapos, lençóis e fronhas, toalhas, e até mesmo pequenos utensílios. Essa é a forma como os brasileiros vendem. Eles não separam nada exceto suas roupas. Nós nunca vimos uma casa provida de forma tão completa. A casa é grande e disposta de maneira agradável. Em nossa casa insular nós encontramos uma quantidade de mobília limitada, mas não roupas de cama e toalhas de mesa. Esse caso era único entre as exceções.

Em Ipihíba tivemos novamente o prazer de cavalgarmos, visitarmos o engenho, comer frutas, etc. A senhora McIntyre deu-nos todo privilégio e nós estávamos felizes. A senhorita Margaret era, como sempre é, gentil e bondosa e os meninos, tão solícitos quanto ela, irmãos atenciosos a todos nós. Minha amiga Lizzie Freligh estava conosco e a senhorita Mary Porter, cujos pais vieram de Tuskegee, Alabama. Sua família está agora na cidade, na casa do capitão Freligh. Eles possuem muitas filhas interessantes. Temos um número agradável de americanos, e eles são muito sociáveis. Eu gostaria que eu pudesse descrever *Ipihíba*, com suas colinas redondas verdejantes, cobertas de ovelhas, cafezais e laranjais. Ela possui muitas atrações.”

23 de outubro de 1868 – “Ontem ao entardecer, logo após nosso retorno de um banho de mar, do qual gostamos muito, recebemos um

bilhete da senhorita Newman dizendo que a senhora Lane quer que nós a visitemos na próxima terça-feira, e que ela irá nos mandar cavalos.”

Sexta-feira, 30 de outubro de 1868 – “Nós fizemos a visita esperada, a senhora Lane enviou-nos cavalos, ela e a senhorita Lottie são refinadas e agradáveis, e possuem uma casa elegante.”

1º de novembro de 1868 – “Nossa vaca nos dá muito conforto. É um luxo ter leite em abundância. Era interessante e divertido ver a maneira de atravessá-la até aqui. Nós assistimos à cena estupefatos. O bezerro foi colocado na canoa. O senhor Payne começou a atravessar com ele e a vaca nadou atrás. Podíamos apenas ver seu nariz fora da água, mas ela alcançou a ilha bem. Nosso rebanho de animais consiste em uma mula, essa vaca e seu bezerro, e alguns poucos porcos.”

Segunda-feira, 3 de novembro de 1868 – “Nós amamos visitar uma velha casa desabitada, que foi construída na ilha do lado oposto. Caminhos de pedra levam até a praia abaixo e as flores crescem entre as ervas daninhas. A casa, como todas as construções brasileiras, foi solidamente construída com paredes grossas, que nunca podem ruir com o tempo, e cobertura de telhas. Algumas vezes as vigas de madeira são comidas por cupins e o teto cai, mas parece forte, ainda. As janelas foram deixadas abertas e as chuvas escureceram e mofaram o reboco. Quando andamos pela casa, nossas vozes ecoam por ela, nos perguntamos como os antigos moradores passavam seu tempo. Se eles apreciavam, como nós apreciaríamos possuir tal casa, pois a localização é linda, e se passasse por reparos, a casa seria agradável e conveniente. Agora ela permanece sozinha, negligenciada e úmida. Um refúgio para lagartos e sapos.

Sempre que me sento nesta minha rocha favorita, eu penso em nosso amigo Julian McIntyre e vejo seu rosto agradável. Foi aqui que nos sentamos juntos, felizes e animados. Isso foi em sua última visita. Ele nunca voltou. Ele morreu na semana seguinte, pouco tempo depois que seu pai se mudou para sua fazenda. Julian era um garoto nobre e bom, gentil em casa e para com seus amigos. Sua avó idosa morreu pouco tempo antes. Ela era a mais velha entre os imigrantes, tinha mais de oitenta.

Em um dos últimos vapores vieram mais alguns novos imigrantes. Uma família Keeps e também uma família Keese. Outra com um nome francês. Todos foram a São Paulo. Os Emersons, que nós encontramos em nossa primeira chegada ao Rio, e o senhor Malone, que veio nos ver, também foram para lá. Todo mundo vai a São Paulo, exceto aqueles que retornam para os Estados Unidos. Nós achamos que se todos os americanos tivessem ido àquela parte do país, pouquíssimos teriam voltado. Havia três colônias separadas em São Paulo. Eu acredito que os americanos estão fazendo suas próprias colônias agora, onde eles acham que é melhor.”

Cartas aos EUA, da ilha Dixie

Nós aqui inseriremos algumas cartas, escritas pelo “Pai” na ilha Dixie a seus amigos nos Estados Unidos, nas quais ele dá uma descrição do lar feliz e da produção do solo.

Rio de Janeiro

18 de julho de 1868

Meu querido irmão,

Nós todos estamos novamente no Rio, tendo chegado há três semanas. Você me disse quando me deixou na lagoa que se eu pudesse obter um lugar como a “ilha Dixie”, você imaginou ser provável que retornaria. Eu sei que você se alegrará em ouvir que eu a comprei do general Hawthorne. Minha família ainda não se instalou lá. As garotas estão passando por momentos felizes na cidade na casa do capitão Freligh. A sala de visitas está cheia de cavalheiros americanos confederados o tempo todo. O general Hawthorne realizou melhorias na ilha Dixie desde que você a viu, e eu estou surpreso em encontrar muito mais terras cultiváveis do que eu esperava.

Eu tenho um bom e industrioso jardineiro inglês que cuida de tudo, e sua esposa, uma mulher alegre e calma, cozinha para nós. Eu comprei com a ilha uma mula, vinte porcos, um bom número de aves, botes, ferramentas, mobília, etc., etc. Temos uma boa perspectiva para uma grande safra de tomates, repolho, quiabo, feijões, etc. O general plantou milhares de abacaxis. Eu estou plantando verduras toda semana e, em alguns dias, uma grande área de batatas doces. Tudo que quero agora é uma vaca e alguns patos selvagens. Eu tenho um grande espaço fechado para porcos, aves e vacas. Eu apenas quero “Dixie” como lar para o presente e não como fonte de renda. Nós continuaremos a vender vegetais para cobrir algumas poucas despesas. O velho Januário, que é fixo à ilha, leva-os até o continente em um bote todas as manhãs.

Coachman alugou um consultório na Rua do Rosário, número 43, próximo ao consultório do Blount, por cinco anos. Eu tenho trabalhado há uma semana e até agora temos tanto quanto nós dois poderíamos obter, das oito da manhã até as dez

ou onze da noite. Se continuar dessa forma, e eu acredito que irá, eu não terei tempo para ir para a casa exceto aos sábados à noite para permanecer até segunda.

Se você pretende retornar, deixe-me saber com antecedência. Eu estou procurando outra, e eu espero uma maior, fonte de renda que odontologia ou Dixie, se você vier e eu for bem sucedido, você também pode partilhar isso comigo. Não perca dinheiro tentando salvar minha propriedade, se você puder obter qualquer coisa que for minha, muito bem, mas não pague um dólar para assegurar meus bens imóveis, pois eu os considero como perdidos. Você e Troy estão esperançosos com o país de vocês. Eu não estou. Eu não tenho visto razão para mudar de opinião sobre o que irá acontecer e eu não posso ver como os preços das propriedades irão aumentar de valor por um bom tempo ainda⁵¹.

A família, do mais velho ao mais novo, está encantada com sua nova casa. Os pequenos gostavam mais da lagoa porque havia mais peixes. Depois que você foi nós pegamos muitas tainhas na rede, plantamos por todo o lugar milho, feijões e mandioca, e quando fui embora tudo pareceu florescer. Deixei alguns ótimos porcos cercados. Preenchi as paredes do novo galinheiro, coloquei um novo e resistente teto sobre ele, plantei verduras, cortei uma boa área no topo da montanha e fiz todo o local parecer novo e convidativo. Mas eu não consegui ninguém para ir tomar conta para mim que seja apropriado para tamanha confiança e, como Spencer deseja deixar o lugar por dois ou três meses, eu devo sacrificar meu trabalho. Escrevi a ele para vender os porcos, aves domésticas e toda propriedade perecível e alugar o lugar para o senhor Miller ou outrem até que eu possa encontrar um homem para estabelecer uma sociedade comigo ou levar adiante. Eu não gostaria de desistir dela, já que acredito que será ainda uma fonte de renda.

O Dr. Dunn foi a São Paulo praticar medicina. Ben Yancey e Morgan têm um contrato na ferrovia e Ben parece melhor do que eu nunca o vi. O general Hawthorne espera ir aos Estados Unidos, em consequência da saúde de sua esposa que não está em condições de vir até ele. Esse é o porquê dele desistir da ilha. Eu paguei a ele mil e trezentos mil réis⁵² – 1300 – por esse arrendamento. Isso inclui a mula, botes, etc. Eu pago ao inglês e sua esposa quarenta – 40 – mil réis por mês. Nós temos

51 No Alabama, os preços das propriedades fundiárias caíram por volta de dois terços após a Guerra Civil americana, cf. Wiener, J. M. Social origins of the new South: Alabama (1860-1885). Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1981, pp. 11-13.

52 No original, “thirteen hundred – 1300 – milreis”, ou seja, um conto e trezentos mil réis.

mais ameixas na ilha do que podemos destruir. Comemos, vendemos, cozinhamos e alimentamos os porcos com elas, e ainda assim não parecem diminuir.

Tivemos uma mudança de ministério há alguns dias atrás e todos os partidos parecem satisfeitos com ela. Foi dito que o ministro da Agricultura aprecia confederados e irá fazer algo positivo para assisti-los. Praticamente uma colônia americana cresceu em volta da casa do senhor Newman e eles estão pensando agora em uma igreja e uma escola. Terça-feira, 21 de julho – O vapor chegou e trouxe, eu acredito, dez famílias, principalmente do Missouri. A maioria está na casa do capitão Freligh e parecem ser boas pessoas.

Eu preciso receber notícias de você logo, pois sua determinação em vir ou ficar pode influenciar minha permanência ou partida de Dixie. Já me foi oferecida a venda de meu investimento por um lucro de trezentos ou quatrocentos dólares. Eu devo, todavia, aguentar onde estou até que eu esteja seguro do lugar que eu quero e os meios necessários para trabalhá-lo até que você determine se você virá ou não. Eu estou esperançoso em obter um lugar maior e melhor, com pomares de frutas e café, com 0,8 a 1,2 hectares de terra nivelada na ferrovia a seis quilômetros e meio de Petrópolis, com um vizinho confederado que irá triturar minha cana-de-açúcar e fazer licor de minhas laranjas. Mas isso irá levar algum tempo. Para aqueles envolvidos no plantio da cana a perspectiva é favorável. Os brasileiros não conseguem entender como tão pouco é obtido a partir de pouquíssimas mãos.

Algumas das famílias, no último vapor, vieram do Texas. Eu estive muito ocupado para me informar sobre os detalhes.

Rio de Janeiro

21 de agosto de 1868

Prezado Doutor,

Sua carta chegou até mim, ontem. O navio chegou de acordo com o previsto. Entre todos os amigos que me escrevem, você é o único que não me considera um cata-vento⁵³. Eles todos parecem pensar que eu retornarei aos Estados

53 No original “weathercock”. Metaforicamente, o autor se refere à sua suposta disposição de acompanhar a direção do vento, significando que seus amigos o consideram volúvel.

Unidos quando os problemas políticos passarem. Mas, se me conheço, nunca deixarei o Brasil. O clima aqui é tal que a vida é luxuosa, mesmo quando se tem um fardo pesado. Quando eu penso em seu calor abafado, e o frio enregelante, e os contrastos com nossa temperatura amena e deliciosamente uniforme eu me regozijo por estar aqui. Sem abanadores no verão e sem grandes pilhas de lenha no inverno. Sua perspectiva de prosperidade não pode ser melhor que a nossa, e nós temos tudo que você tem e muito do que você não tem e não pode ter. Já os amigos e sociedades, eu os encontro por todas as partes e embora eu ame e tenha saudades dos velhos, não posso concordar que eu deva desistir de um país que me convém tão bem por outro que preenche apenas parcialmente meus propósitos.

Rua do Rosário, 43, tem muitos visitantes. Como eles o encontram eu não sei, já que ainda não há placa pendurada, nem propaganda, nada que indique a entrada do consultório.

Se eu obtiver êxito em meus projetos eu terei uma fazenda e escravos, abastecida suficientemente em menos de um ano. Se eu falhar, terei o prazer da expectativa e ainda terei minha profissão e Dixie até novembro de 1874. O que mais eu poderia esperar nos Estados Unidos? Não há lugar, nem mesmo a baía de Saint Andrews, igual a Dixie em seu país. Aqui nós estamos fora do mundo ou dentro quando nos convier. Em plena visão e a algumas horas da cidade. Sou um monarca em minha ilha. Se alguém colocar seu pé sobre minha praia sem minha permissão, eu posso atirar e a lei me inocentará. Há em abundância peixe, ostras, caranguejos e frutas, porcos, aves, porquinhos da índia selvagens mais que suficientes, verduras para vender, belos passarinhos em abundância. Frequentemente, beija-flores voam até as janelas. Nossa ilha é um paraíso intocado. Grandes mangueiras, provendo sombras e frutas de suas centenas de braços esticados como um carvalho vivo. Nós temos ameixa japonesa para jogar fora. Nós as damos, vendemos, fazemos conservas e alimentamos os porcos com elas, e elas frutificam a essa velocidade por muitos meses. Eu desconheço os nomes de algumas das frutas do lugar. As ilhas contêm cerca de vinte hectares, doze dos quais eu posso cultivar. No restante, há pomares, mata e rochas.

Eu estou satisfeito com nossa casa e assim está toda minha família, pois o local é fresco, tem boas minas de água, é salubre, próximo ao mercado e à cidade. Eu posso enviar um barril de farinha ou açúcar para casa por oito centavos de dólares, e posso enviar qualquer coisa que eu deseje à cidade, mas eu não espero permanecer em Dixie, já que isso não está de acordo com meus apreciados planos. Tenho a intenção

de possuir uma casa própria. Poderia comprar Dixie, já que está à venda, e tenho o direito de comprá-la quando meu arrendamento terminar, ou antes. Poderia obter ganhos vendendo frutas e fazendo manteiga, vendendo-a, como posso fazer, de 1 dólar e 10 centavos a 1 dólar e 65 centavos por quilograma de manteiga, tão rápido quanto posso entregá-la. A não ser que eu possa comprar outro lugar eu devo comprar duas ou três boas vacas e posso cultivar toda a comida que elas requerem.

Eu não desisti de meu lar na lagoa e, se eu pudesse encontrar uma pessoa adequada para levar meus planos adiante, deveria considerá-lo como o melhor investimento que eu já fiz. Eu desisti da ideia de uma colônia puramente confederada. Eu posso vendê-lo a alguém que deseja um local de beleza e riqueza do solo inigualáveis e de fato todos os requisitos para construir um lar delicioso. Em nenhum lugar do mundo há, eu acredito, uma área de terra tão bem adaptada para o fazendeiro em madeira, água, solo, produzindo tamanha variedade de colheitas rentáveis. A baunilha ou o cacau são mais rentáveis que a cana-de-açúcar, café, ou o algodão, e crescem bem lá.

Havia muita febre intermitente, causada por tamanha seca como nunca tinha sido vista lá em trinta anos, após a estação chuvosa. Isso nunca mais pode ocorrer. Aqueles que viviam em residências e fazendas antigas foram eximidos. Aqueles que viviam em lugares novos e no vale entre as montanhas e que se expuseram muito ao sol sofreram. Eu poderia apenas criar porcos e aves domésticas lá e conseguiria bons meios de vida. Muitos substitutos para o pão crescem sem problemas. Mandioca, araruta, batatas, cenouras, etc. Agora eu intento possuir uma casa próxima à cidade onde eu possa levar adiante meus planos para fazer manteiga, etc., e ainda praticar minha profissão.

Semana passada eu estava um pouco debilitado e fiquei na ilha para me recuperar. Passei duas noites e um dia em Bangu na residência dos Judkins e Porter. Bangu é uma fazenda magnificente, com uma bela paisagem, um vale encantador e grandiosas montanhas e colinas. Se eles não ficarem ricos não haverá razão alguma para eu tentar.

Eu acredito que estaremos prontos para vender a ilha Dixie em cerca de um mês por dois contos e meio – US\$ 1250,00 –, que incluem tudo, dentro e fora da casa.

Meus gentis cumprimentos a todos meus amigos.

Atenciosamente,

Rio de Janeiro

24 de agosto de 1868

Querido irmão,

Sua carta chegou no último vapor. Eu me regozijo de ouvir que tudo está bem novamente.

Eu o escrevi na última carta que eu tinha a ilha Dixie e que esperava nesta carta escrever para você que era proprietário de uma fazenda, mas o “esperem um pouco”⁵⁴ dos brasileiros colocou esse objetivo fora do meu alcance. Na próxima quinta eu espero ir observar o local. É vizinha à propriedade adquirida pelo capitão Johnson. O proprietário tem milhares de hectares de terra, mas descontínuos do restante. Ouvi dizer que os vizinhos brasileiros são muito ricos, falam inglês e estão ansiosos em ter vizinhos confederados.

O major McIntyre finalmente comprou uma área com cento e trinta escravos. O capitão Johnson comprou uma com cinquenta e sete escravos, ele já tinha seis ou oito. Rousell comprou fazenda e escravos também. Rousell pagará seiscentos dólares anuais por dez anos com o privilégio de compra ao fim do arrendamento por US\$ 15.000,00, o arrendamento a ser contado como parte do pagamento. Porter diz que posso comprar uma de suas propriedades por seiscentos dólares, e que o lugar possui uma casa boa e nova a um quilômetro e meio de Bangu, com frutas em grandes quantidades, café, etc., e posso ter 40, 80, ou 120 hectares de terra, ou tanto quanto eu desejar plantar. Eu vi o lugar da estrada e acho que é atrativo.

Apenas duas famílias vieram no último vapor. Se não houver possibilidade para seu retorno ao Brasil, eu irei procurar sozinho. Não há qualquer possibilidade de eu voltar aos Estados Unidos.

O general Hawthorne voltou aos Estados Unidos. Uma carta sua o alcançaria em Mobile. Dalton Yancey começa em poucos dias. Ben está trabalhando na ferrovia Dom Pedro. Ele e Morgan têm um contrato.

Eu recebi uma carta hoje do senhor Gunter. Todos estão bem, ele diz que estão fazendo despesas e ele tem provisões suficientes para alimentar toda a comunidade. Ele está plantando cana agora, e espera cultivar uma grande fazenda de

54 No manuscrito original “esparem ponc”.

açúcar. Ele tinha cana de ótima qualidade quando eu deixei a área e ainda estava plantando-a. O Dr. Farley irá em breve levantar sua serraria. O senhor Rafael está limpando uma grande área para cana. O Dr. Johnson está aqui, mas espera ir a uma colônia no interior, para praticar medicina. A autorização de Censir está suspensa no momento. A guerra com o Paraguai está quase no fim. O mil réis está valorizando e as propriedades em breve estarão mais caras. Um inglês proeminente disse-me outro dia que faria tudo o que pudesse para me assistir.

Se eu obtiver o local que desejo estarei tão próximo do Rio quanto Dixie, em termos de tempo, não distância. Eu posso sair daqui em uma balsa a vapor às duas horas em ponto e alcançar o lugar às 4 horas, uma hora de balsa e uma hora pela ferrovia. Deixo a estação às 8 horas na segunda-feira de manhã e chego ao Rio às 10 em ponto. Essa é uma linha diária com bilhetes de um lado a outro por 3\$100, três mil réis, que você se lembra, é um dólar e meio.

Eu não recebi a última edição do “The Land we Love”⁵⁵. O “The Old Guard”⁵⁶ eu obtive, mas está se degenerando em um periódico puramente político. Não gosto dele tanto quanto antes.

Não gosto de escrever uma carta tão intermitente, mas há interrupções demais. O consultório ou nosso laboratório está cheio de visitantes o tempo todo. O Dr. Johnson, Coachman, Dozier e eu recebemos nossas refeições pelo pagamento de 30\$100, trinta mil réis por mês. Nós vivemos bem. Harton e Seymour retornaram há pouco de Minas. Não os vi ainda.

Eu escreveria uma carta para os periódicos, mas suponho que as colunas estejam todas cheias com política e elas não teriam espaço para a carta. Os Frelighs estão bem. Possuem uma casa cheia. O senhor Hall está aqui, em seu caminho para os EUA em busca de sua família. Ele diz que consegue cultivar mais algodão do que pode colher em São Paulo. Broadnax, eu ouvi dizer, tem uma plantação grande e superior de tabaco, tão grande que Cencir não publicaria a informação até verificá-la.

O Dr. inglês daqui diz que a baunilha é o cultivo mais lucrativo de todos no Brasil.

55 Revista mensal publicada na Carolina do Norte no pós-guerra civil.

56 Revista mensal publicada em Nova Iorque durante e após a Guerra Civil Americana.

A família ainda está em deleite com Dixie, mas deseja se mudar se obtivermos um lar que possamos chamar de nosso. Dr. Johnson manda seus cumprimentos e espera vê-lo novamente.

Meu carinho a todos familiares e amigos.

Rio de Janeiro

23 de setembro de 1868

Querido irmão,

Sua carta foi recebida no último vapor. Estou feliz que seu povo do Sul está tão esperançoso, mas temo que isso possa levá-lo a alguns investimentos precipitados. Vocês me parecem muito como um grupo de dançarinos que não podem escutar a música. Eu não vejo nada em seu país para fazê-lo sentir contente.

Desde que escrevi da última vez eu realizei diversas visitas ao interior e encontrei um local pelo qual agora estou em negociação. A terra é contígua à do capitão Johnson, há cerca de duas milhas da estrada de ferro Mauá e não muito distante de Petrópolis. A área do capitão Johnson é a melhor que eu já vi no Brasil ou em qualquer outro lugar. Sua casa está localizada no sopé das montanhas que se erguem a 900 metros e se espalham, antes dele, numa bela planície de uma terra tão boa quanto nunca vi. Entre sua casa e a que eu espero obter corre um riacho, rolando pelos desfiladeiros da montanha e provendo água suficiente para rodar qualquer quantidade de maquinário. O leito do riacho é coberto por rochas de granito do tamanho de uma bola de gude a até doze metros de diâmetro. Eu não acredito que eu tenha visto qualquer paisagem comparável àquelas à sua volta em qualquer direção. O capitão Johnson tem 6000 laranjeiras, 95000 pés de café e incontáveis árvores frutíferas. Laranjeiras são tão abundantes que ele retirou muitas do solo. Eu visitei muitos fazendeiros em sua vizinhança. Passei a noite conversando com um fazendeiro e encontrei nele mais de um americano do que encontrei em suas casas. Eles falam três, quatro ou cinco línguas, e possuem muito em comum aos sulistas. Esse cavalheiro tem o melhor maquinário para a fabricação de açúcar recém-importado da França e me disse que, em pouco tempo, utilizaria um trator a vapor. Eu encontrei seus escravos arando com o arado reversível e uma única mula. Sua casa e os campos são distribuídos com bom gosto e ele possui muitos animais de estimação para suas crianças.

Eu não serei capaz de consumir minhas “transações” a tempo de informá-lo por este correio, mas no próximo vapor espero estar estabelecido para a vida toda. Eu infiro a partir de suas cartas que você não tem a intenção de retornar ao Brasil. Você viu o país em seu pior aspecto. Ao determinar seu curso para o futuro, não decida apressadamente, não se prenda ainda aos Estados Unidos, pois você pode desejar vir para cá. Já quanto a mim, eu estou mais satisfeito com o Brasil do que nunca.

Eu sei que você estaria satisfeito em viver sempre em um lugar como o do capitão Johnson. Eu acho que conseguirei obter aquela propriedade próxima a ele, ele terá um engenho, uma destilaria e irá transportar e trabalhar a cana para mim e nesse ínterim poderemos obter o cacau, que paga melhor que qualquer outra cultura e cresce belo por lá. Eu vi alguns na fazenda de Johnson.

Carinho de todos a todos,

De seu irmão

Rio de Janeiro

22 de outubro de 1868

Querido irmão,

Sua carta e do Dr. Rambo vieram no último vapor. Não estou estabelecido ainda e tenho hesitado em escrever, mas concluí que o correio deveria levar algo, embora eu tenha pouco ou nada a dizer.

Este é um país lento para o comércio. Eu estou a quase dois meses tentando comprar uma propriedade e apenas agora comecei a sentir como se estivesse me aproximando seriamente de uma. Muito do atraso eu acredito que tenha se originado da minha inabilidade em falar o português, confiando tudo a outros. Se eu for bem sucedido em meus projetos, eu devo provavelmente sê-lo nos próximos dez dias. No próximo vapor posso escrever definitivamente. Eu devo segurar Dixie até que eu tenha outro lugar pronto para ir. Meus abacaxis estão começando a frutificar, os tamarindos estão amadurecendo. As galinhas se reproduzem e as vacas continuam melhorando. Spencer agora está aqui. Ele se reconciliou com a lagoa e se interessou em plantar lá. Eu tenho quatro hectares de mandioca de boa qualidade e minhas jovens árvores frutíferas estão crescendo estupendamente. Eu ainda acredito que teria feito um bom investimento se eu tivesse ficado por lá.

O major McIntyre comprou outra área na ferrovia Cantagalo. Dozier ainda está aqui. Roussell alugou seus escravos na cidade e está negociando uma fazenda.

Nós agora temos bondes correndo até Botafogo e eles se estenderão até o Jardim Botânico. O general Guaiconá está aqui, construindo uma ferrovia até a Tijuca.

Recebi recentemente cartas do Doce. Todos estão bem e esperançosos. Você verá o Dr. Berney em breve e receberá alguns itens dele.

Por favor, mande-me gergelim. Também mande sementes de pinheiro, ave-lãs, da italiana também, nogueira-pecã, etc.

Nossa prática continua melhorando em qualidade. Eu posso detalhar mais amanhã. Do contrário, minhas cordiais saudações aos amigos, e amor a todos.

De seu irmão.

Deixando Dixie

A carta seguinte à última não pôde ser encontrada, mas os detalhes da mudança de “Dixie” foram escritos lá. “O Pai” concordou com a proposta de permitir que a família ficasse confortável em outra casa temporária, esperando pelo fim da negociação com o fazendeiro brasileiro. O capitão Johnson, cuja casa era grande o suficiente para duas ou três famílias, gentilmente nos ofereceu o uso de metade dela. Ele estava muito ansioso para ter-nos como vizinhos, já que duas famílias estariam aptas a obter mais e haveria a perspectiva de uma vizinhança.

A ilha passou às mãos de alguns ingleses, o senhor Heinsman e seu cunhado. Eles compraram tudo e se mudaram de uma vez.

Deixamos a querida e deliciosa *Dixie*. Mesmo naqueles poucos e curtos meses, aprendemos a amá-la. Com suas diversas belezas, sua paz e tranquilidade, suas brisas contínuas, a memória agradável de amigos que a apreciaram conosco, o encantador lar na ilha nunca será esquecido.

Alguém julgará talvez pelas cartas precedentes e circunstâncias mencionadas que “o Pai” satisfaz-se com estruturas alegres de seus “Castelos na Espanha” e senta-se como o fiel parceiro do calmo Prue, com as paredes de uma casa simples à sua volta e sua alma em partida alegre para esses domínios gloriosos. Mas o lar de seus pensamentos não é de dimensões grandiosas nem suas esperanças esplendorosas. Ele deseja apenas um lugar confortável encantadoramente construído por todo engenho que se possa utilizar e tudo que a natureza possa conceder. Ainda, por tudo isso, sua satisfação é grande, seus planos muito bem pensados, mas o destino decretou que, apenas através dos óculos de Titbottom ele poderá observar suas casas confortáveis e suas planícies férteis⁵⁷. Ele tem visto algumas que se parecem tão próximas àquelas observadas através dos óculos que ele estaria contente como proprietário. Mas elas ainda

57 Os “óculos de Titbottom” e “Prue” são referências ao livro *Prue and I*, de George William Curtis.

não são suas. O proprietário brasileiro não desistiu delas. Outros lares levantam-se diante de sua visão, com cenário montanhoso, campos bem cultivados e pomares. Vacas e ovelhas pastando nas colinas. Sim, ele se satisfaz muito com o futuro, assim como no presente, esperando pacientemente pela consumação de seus desejos.

E agora, novamente, dos diários, nós reunimos memórias da bela fazenda Pau Grande, pronuncia-se *pow gran-dee*. Essa é propriedade do capitão Johnson, colinas e planícies bem cultivadas, café e laranjais em perfeição, paisagem montanhosa suficientemente grandiosa para satisfazer o maior amante da natureza.

Pau Grande⁵⁸

1º de dezembro de 1868 – “Nós deixamos a ‘ilha Dixie’. Foi vendida a alguns cavalheiros ingleses. Demos-lhes a posse antes de mudarmos e durante a semana passada eles estavam se mudando enquanto nós nos preparávamos para ir. Apenas os cavalheiros pertencentes à família vieram inicialmente. O senhor Heinsman, seu cunhado, o senhor Crashly, e o senhor Cowley. Todos muito agradáveis e educados. O último viajara muito e sua conversa era muito instrutiva, mas era tão modesto que nós tínhamos que questioná-lo por relatos de sua história. No dia em que saímos, eles nos levaram no grande bote e nos disseram palavras gentis ao despedir, e nos sentimos satisfeitos que nossa querida e amada casa passaria para tais mãos, desde que tivéssemos que entregá-la.

Pau Grande é ainda como que um estranho conhecido, mas a admiramos muito. Tudo é grandioso e em grande escala. As grandes e altas montanhas, as amplas planícies homogêneas, os barulhentos, rápidos e agitados cursos d’água. Gostamos de tudo isso, por sua novidade e seu estado selvagem. Essas montanhas formam uma crescente em volta do belo vale e a grande casa branca foi construída muito próxima do ponto mais alto. Amamos ouvir o som das cascatas e ele nunca cessa. Dia e noite nós a ouvimos e há algo nela estranhamente triste, mais frequentemente após escurecer.”

2 de dezembro de 1868 – “Nesta manhã caminhamos antes do café da manhã. Estava fresco e agradável. Recolhemos algumas flores e as comprimimos. Estamos agora na pérgula das videiras. Trouxe meu diário e também um livro para ler. Temos uma visão das montanhas próximas e distantes e do lago à minha frente, em miniatura comparado àqueles do Doce. Há um barquinho atado a um poste, que podemos usar quando quisermos. O jardim, que se estende até essa pequena massa de

58 Pau Grande localiza-se no município de Magé.

água, é uma das coisas mais belas que já vimos, junta-se a terra desse lado por uma bela ponte com corrimão e fundação de pedra. O barco passa por baixo dela facilmente. Graciosos salgueiros-chorões curvam seus galhos, de cada lado, até que os submergem na água. O jardim foi feito na forma da América do Sul, unida por um istmo, à montanha. Quando se sobe e se olha para baixo, a forma é perfeitamente semelhante, com a forma natural da *Tierra-del-Fuego*, e uma pequena ilha que fica na ponta. Sobre esta (muito apropriadamente) está uma colmeia de abelhas. O jardim está disposto com belos canteiros de verduras, flores e frutas, com trilhas de cascalho. Demonstra muito bom gosto. Nós temos aqui os melhores abacaxis, de um tipo inexistente no resto do mundo. Eles não podem ser transportados. Chamam-se *buckashear*⁵⁹. São mais deliciosos do que qualquer coisa que já provamos.

Noite. Todos nós subimos para ver o engenho e apreciamos a bela perspectiva. Depois o capitão Johnson nos levou para cavalgarmos.”

4 de dezembro de 1868 – “Esta manhã caminhamos com as crianças. À tarde circunavegamos a América do Sul no bote, e então cavalgamos novamente. Meu cavalo era o belo ponezinho cinza cor de ferro. O de Eula era o cavalo baio.”

17 de dezembro de 1868 – “Nossa vida continua a ser agradável, porém monótona. O capitão Johnson possui muitos assistentes, todos americanos. O senhor Morgan, o senhor Keese, o senhor Sim Miller. Eles tomam conta do maquinário de farinha, café e do engenho de açúcar, além de agir como feitores dos escravos, etc. O capitão Johnson espera ter um jantar e um baile, no Natal, quando o novo salão que ele está construindo estiver terminado.”

1º de janeiro de 1869 – “O Natal veio e se foi. Os americanos se reuniram sob o teto do capitão Johnson e ele fez muito para agradá-los e deixá-los confortáveis. Ele cobriu as paredes com coroas de flores e folhas de laranjeira, pimentas vermelhas e amarelas. Nós dançamos

59 Aqui a autora reproduz a palavra abacaxi em inglês como soa em português. Trata-se de uma variedade de abacaxi que a autora não havia provado fora do Brasil.

por duas noites e todos pareciam apreciar. A senhora Freligh supervisionou os mais jovens e era o espírito que movia todas as nossas diversões. Quando nos cansamos de dançar jogamos jogos de salão.

O capitão Benjamin Yancey e o coronel Thompson partiram rumo a Minas Gerais a cavalo assim que as diversões terminaram. Agora o Ano Novo chegou e todos retornaram aos seus objetivos. O novo salão é amplo e arejado. Terminou a tempo para a dança.”

11 de janeiro de 1869 – “Papai ainda está tentando comprar aquela fazenda e olhando outra, caso falhe em obter a primeira. Nós fomos a cavalo até a casa que ele está ansioso para comprar. Cruzamos o belo riacho que está cheio de grandes pedras lisas, passamos por galhos emaranhados e um mato cheio de ervas daninhas até chegarmos ao portão. Mamãe cavalgou no pônei cor cinza-ferro. O quintal estava tão tomado pelo mato, que apenas os topos das roseiras espreitavam acima dele. Podíamos ver que anteriormente havia bom gosto no arranjo dos canteiros e passadiços. A casa é realmente bela, mas está sem reparo, possui oito a dez pequenos cômodos, quatro grandes. Nós percorremos todos eles e selecionamos aqueles para os quartos, sala de jantar, sala de visitas e sala de estar. As despensas, cozinhas, armazéns, etc. estavam em uma ala ao fundo da residência. Mamãe era a única que não estava entusiasmada. A primeira observação que ela fez foi ‘quando nós a colocaremos em uma condição apropriada?’. Conhecendo a lentidão do trabalhador brasileiro, eu não me surpreendo que ela tenha pensado nisso primeiro. O restante de nós desfrutou a antecipação de viver nela em breve. Nós todos olhamos das janelas acima para a gloriosa paisagem e regozijamos com a esperança de que seja *nossa*. Esperamos ter uma colônia americana aqui, caso contrário, eu espero que vivamos na cidade.”

13 de janeiro de 1869 – “O dia de hoje está encantador e iluminado, com uma brisa fresca soprando. Estamos muito ocupados nesta semana, costurando, e eu estou lendo Nicholas Nickleby.”

Domingo, 17 de janeiro de 1869 – “Esta tarde, em nosso passeio, sentamos às margens de um riacho ao lado da trilha, que nos fez pensar sobre um pequeno córrego de verão que fluía entre duas colinas, próxi-

mas à nossa antiga casa. Nós chamamos de Juniata, embora em estações secas fosse apenas uma vala, mas aquele doce riachinho, em torno do qual tantas memórias afetuosas se prendem, nunca poderá murmurar sua música em meus ouvidos novamente, ou o sol nascer e se por para mim em minha terra nativa.”

Quinta-feira, 21 de janeiro de 1869 – “Ontem papai veio e trouxe cartas para mim, de meus amigos, senhorita Anna Gunter do Doce e Mary Baldwin de Montgomery. Eu escrevi por toda a manhã. Nós precisamos de chuva e agora ela está caindo, como o ‘irromper de uma canção bem vinda’.”

27 de janeiro de 1869 – “Está chovendo há vários dias. As gotas tamborilam e tamborilam à medida que caem, compondo uma doce música. Mamãe está bem doente. Papai esteve conosco toda esta semana. Tudo é belo em volta de Pau Grande, mas nós sentimos que devemos ter uma casa só nossa. Quando viemos não esperávamos ficar aqui nem mesmo um mês. Tivemos todas as razões para acreditarmos que adquiriríamos a casa próxima a essa de uma vez. Nós começamos a temer perdermos ambos os lugares. Mamãe está muito melhor.”

Terça-feira, 2 de fevereiro de 1869 – “Chuva, chuva, chuva. Como tem chovido. Esta manhã eu acordei cedo. Olhando para fora, o mundo pareceu que acordou há pouco. Os insetos estavam zumbindo seu hino da alvorada. O ar estava fresco e com o sopro das montanhas. Há um charme na madrugada. Eu frequentemente encontro-me olhando para uma silhueta que encontrei nas rochas, que se parece com uma garota decapitada escalando as montanhas. Lá está uma mula, molhando na chuva tão calma e aparentemente tão confortável como se estivesse sob um abrigo.”

Rio de Janeiro, sábado, 7 de fevereiro de 1869 – “Ontem eu fui com minhas irmãs até a residência da senhora Freligh. Estamos apreciando a mudança da vida do campo para a cidade. Na noite passada, parte de nosso grupo foi fazer compras e visitou a sorveteria. Nesta manhã fomos à Igreja. As ruas estão lindamente decoradas para o carnaval, que se comemora hoje. Há oito jovens damas na casa e muitos cavalheiros.”

O carnaval no Rio

Mais tarde – “É noite, estou sonolenta, mas desejo escrever o que vi hoje no Carnaval do Rio. As pessoas estavam vestidas com fantasias de diferentes cores. Os desfiles passavam por nós, as bandas tocavam, tambores rufavam, e fogos de artifício eram lançados. Uma grande multidão se movia e nela quatro ou cinco homens carregavam dois mastros, no topo dos quais havia uma tábua pintada de azul que sustentava um naviozinho, construído para representar o mar. Outro arranjo desse mostrava-nos Netuno sobre um peixe. Então veio Baco, o deus do vinho, com uma coroa de uvas em volta de sua cabeça e uma taça em suas mãos. Esse era um desfile de marinheiros. E então apareceu um navio em meio a uma tempestade. Não posso começar a mencionar tudo que foi visto, havia muitas coisas. Saímos à noite, para observar as ruas iluminadas, nada do que eu já tenha visto era como isso. O efeito era esplêndido, eu o imaginei como um encantamento. Quase nos esquecemos de que era noite, a luminosidade era como o brilho do sol, sem seu calor. Não distante de nós, os músicos estavam sentados em uma varanda e aproveitamos plenamente a música, e hoje é *domingo*. Nós fomos ouvir o senhor Preston esta manhã, um excelente clérigo da Igreja Episcopal, e lá se parecia e se sentia como se fosse o dia sagrado do Senhor.”

Quinta-feira, 11 de fevereiro de 1869 – “Terça-feira foi o último dia de Carnaval. Algumas das fantasias eram feitas com os materiais mais ricos. Seda, veludo, fitas e laços, de fato, tudo de mais belo.

Um desfile passou, e fez todas nós nos arrepiarmos. Era terrível. Uma carruagem fúnebre, trazida por seis mulas com plumas verdes sobre suas cabeças. Na carruagem estava a figura da morte com uma foice em uma mão e uma ampulheta em outra. Sua máscara era uma face de esqueleto. Ela tinha os cabelos cor de fogo. Era horrível! Então havia figuras representando fantasmas, todas vestidas de branco. Canibais fictícios chegaram, clamando crianças para serem mortas e devoradas. Fogos de artifício eram lançados, as bandas ainda tocavam, as pessoas

dançavam e todo o ar estava cheio desses sons misturados. No dia seguinte ao Carnaval, que foi ontem, as bandeiras foram dobradas (nossa própria bandeira confederada entre elas) e toda a confusão terminou.

Minhas irmãs voltaram para Pau Grande. A senhora Kerr acompanhou-as. A senhorita Rowley foi hoje. Eu ficarei um pouco mais, com minha amiga Lizzie F.”

Sábado, 13 de fevereiro de 1869 – “Ontem um grupo dentre nós foi passear no Botafogo de bonde. Esse é um avanço desde que viemos ao Brasil. Na volta, paramos no portão do jardim público chamado ‘Passeio Público’. Lá encontramos o senhor Rainey, que nos acompanhou. Caminhamos um pouco a esmo, observamos a baía magnífica e então tomamos assentos em uma pequena pérgula, nos deleitamos com doces gelados e, além disso, ouvimos canções melodiosas da banda. Nesta manhã iremos à Galeria de Artes.”

14 de fevereiro de 1869 – “Dia de São Valentim. Em nossa antiga casa esse era o período dos pequenos sinais da primavera e se ouvia com alegria o som dos pássaros, mas aqui, nós nos esquecemos das mudanças de estações, elas são praticamente as mesmas.

Ontem nosso grupo visitou a Galeria de Artes como tencionávamos. Vimos muitos quadros belos, fomos fazer compras e então cruzamos a baía em um vapor. Tínhamos uma forte brisa e ela era deliciosa. Quando retornamos, a cidade estava iluminada. As lâmpadas a gás pareciam um círculo de diamantes no entorno da baía. Admiramos de outra forma as belezas dessa paisagem e estávamos contentes em olhá-la nessa hora favorável. Então fomos a uma elegante sorveteria e tomamos sorvete, laranjada congelada, doce de amêndoa, etc. Quando retornamos para casa tivemos uma agradável troca de cartões cômicos do dia dos namorados. O senhor Pinckney disse-nos ‘até logo’. Ele está indo a São Paulo. Está, neste momento, distante em meio ao oceano.”

15 de fevereiro de 1869 – “Todas as damas da casa foram ontem à noite com o senhor Rainey até o Morro do Castelo. A vista dali é linda. A grande cidade jaz aos nossos pés, estendendo-se, ampla e larga, a baía magnificente, pontilhada de navios, vapores e pequenas embarcações.

Permanecemos no morro fresco em meio à brisa até que as luzes do Céu e da terra começassem a queimar. Fomos então ao Passeio Público, ouvimos a música da banda e o quebrar das ondas.”

18 de fevereiro de 1869 – “Nosso grupo fez outra viagem pela baía em um dos vapores, e tomamos sorvete como em todas as noites.”

20 de fevereiro de 1869 – “Nós saímos na noite passada. Visitamos as lojas. As damas fazem compras na maioria das vezes sob a iluminação a gás. Como sempre, tomamos sorvete, etc. e, quando retornamos, encontramos visitantes na sala de visitas.”

21 de fevereiro de 1869 – “Ontem recebemos duas ou três cartas, dos Estados Unidos, e escrevemos algumas. Ontem à noite, o senhor Slaughter chegou com uma carruagem e buscou a senhora Freligh, Lizzie e eu para a Casa do Governo. Nós vimos poucos imigrantes recém-chegados do vapor. Trouxemos algumas flores doces, prendemos em nossos pescoços e as amamos por aqueles esplêndidos dias alegres passados na casa, em nossa primeira chegada ao Rio. Nesta manhã todas nós fomos à Igreja.”

Segunda-feira, 22 de fevereiro de 1869 – “Ontem à noite o senhor S. veio nos buscar para caminharmos no Passeio Público, mas começou a chover um pouco e não pudemos. Amanhã voltarei a Pau Grande. Eu quero ver minha família, mas lá é mais enfadonho que aqui. Não poderia ser de outra forma, pois *aquele* é o interior e esta é a vida na cidade, mas eu ainda seria grata por retornar novamente aos meus afazeres.”

Visita a Petrópolis

Pau Grande, 25 de fevereiro de 1869 – “Mais uma vez sob a sombra dessas grandiosas montanhas antigas, mais uma vez próxima ao véu de suas neblinas.

Ontem à tarde a senhora Kerr, minha irmã e eu, com o senhor Kneese e o capitão Johnson, fomos visitar alguns brasileiros. A senhora Kerr tocou piano, o senhor Kneese cantou. Foi oferecido um belo almoço. Nossa carruagem era uma carroça arrastada por duas mulas e nós tínhamos um colchão para nos sentarmos. Fomos dessa forma, como em uma brincadeira. Retornamos à luz do luar. Os lírios cresciam de cada lado da estrada, as grandes flores brancas brilhavam sobre a grama alta e espessa. Nós cruzamos o riacho barulhento, os vaga-lumes cintilavam ao nosso redor e nós ríamos e cantávamos por todo o caminho de volta para casa. Após a ceia nós todos sentamos nas escadas e cantamos por diversas horas. A senhora Kerr cantava melodiosamente, e o Dr. Farley também. Eles nos divertiram muito.

Nesta manhã, todos nós cavalgamos com o capitão Johnson para mostrar o engenho à senhora Kerr. Cruzamos uma parte do riacho, onde a água corria e caía por todos os lados entre as frias pedras cinzentas, algumas delas vestindo mantos de um rico musgo verde. Alguns de nós escalamos as grandes pedras, atravessamos e reatravessamos o riacho. Então cavalgamos para os campos onde as mãos trabalhavam.”

26 de fevereiro de 1869 – “Estamos nos preparando para subir até a cidade de Petrópolis. Começaremos amanhã de manhã bem cedo. Estamos fazendo algumas saias para cavalgar a mais.”

28 de fevereiro de 1869 – “Visitamos Petrópolis no alto da montanha. A senhora Kerr gostou, eu sei, e nós todos gostamos. A estrada era linda, branca e firme com uma parede de pedras de um lado, e do outro se ergue a montanha alcançando o céu, coberta por árvores verdejantes, rochas e flores, fontes jorravam deste lado, cantando e borbulhando, convidando os viajantes a beberem de sua água refrescante.

Nós levamos nosso café da manhã e paramos no caminho, nos sentamos na calçada de pedra para comê-lo. Quando terminamos nosso frango frio e pão branco, etc., bebemos água de uma das fontes. Então montamos nossos cavalos e continuamos nossa jornada. Passamos por muitas casas abandonadas. Quando estávamos em cima da montanha, olhamos para baixo e vimos abaixo colinas, vales e casas, com nuvens descansando sobre elas e abaixo de nós. Nós podíamos ver a baía do Rio pontilhada por suas ilhas, entre elas, talvez, a querida velha ‘Dixie’, embora não pudéssemos reconhecê-la. Alcançamos Petrópolis após um tempo, fomos primeiro a um hotel, visitamos a senhora Lane, que tem duas residências, uma ali, e outra próxima à cidade do Rio, onde a visitamos antes. Ela foi muito gentil e agradável, deu-nos um belo jantar e, por volta das quatro e meia da tarde, começamos nossa descida da montanha. Viajamos por algum tempo entre as nuvens e parecíamos observar o mundo acima dele, do espaço, pois não víamos nada além de nuvens. Após um tempo, nós olhamos acima para aquelas que há pouco atravessávamos a cavalo. Alcançamos Pau Grande à noite. Nossa cavalgada até lá e de volta foi de quarenta e três quilômetros. Mamãe estava ficando preocupada e ficou muito alegre ao ouvir o som de nossas vozes e as patas dos cavalos, estava debruçada sobre a janela, escutando com seus ouvidos e com todo seu coração. Ela ficou feliz quando descobriu que gostamos muito do passeio e que não houve acidentes.”

Desapontamentos

7 de março de 1869 – “Ontem recebemos cartas. Hoje escrevemos algumas. Estão dizendo que o senhor Nathan não foi bem sucedido, eu espero que não seja verdade. Ele tem sido um grande amigo dos imigrantes.”

17 de março de 1869 – “Ficamos desapontados, após uma espera tão paciente, em obter a residência que desejávamos. Eu ouvi dizer que há ‘sorte no lazer’. Que Deus garanta que seja verdade nesse caso.”

23 de março de 1869 – “Eu estou lendo ‘A casa abandonada’ e ‘Ivanhoé’. Papai disse esta semana que ele acha que tomará uma decisão sobre a casa. Talvez nós iremos a São Paulo. Muitos de nossos amigos americanos estão vivendo lá agora e estão muito satisfeitos.”

25 de março de 1869 – “Está uma maravilhosa noite enluarada. As montanhas Pau Grande assomavam acima sombriamente contra os céus, nuvens lanosas e brancas descansam preguiçosamente entre nós e a lua. O trilar musical dos grilos se mistura à guerra da cachoeira e da fonte que flui de sua cascata brilhante, parecendo prateada entre suas margens verdes. A paisagem é realmente bela e grandiosa. De fato, parece uma pena ir dormir e obstruir a lua de nossa visão.”

26 de março de 1869 – “Hoje é um grande dia santo para os brasileiros. O capitão Johnson concedeu feriado aos seus escravos. Hoje li algo de Shakespeare.

Hoje à noite tivemos outra dança. Que noite encantadora. Pau Grande, fresca e formosa, parece encantadora em seu manto de luz prateada e sua coroa de estrelas. Que música melodiosa embala-nos o sono, a queda d’água e o som dos insetos. Quão distintamente podemos observar as estradas brancas sinuosas, perdendo-se entre as árvores e os arbustos.”

Sábado, 27 de março de 1869 – “Papai veio com o senhor Judkins, o Dr. Coachman e o Dr. McDade. O senhor Slaughter me mandou dois livros, e uma bela gravura representando Paulo e Virgínia⁶⁰.

Os escravos parecem se divertir muito. Eles estão dançando e cantando estranhas músicas selvagens.”

30 de março de 1869 – “Reb honra seu nome, um pequeno rebelde. Após seu bom humor ter sido restaurado, eu conversei com ele sobre o Paraíso. Ele queria saber se eles têm camas e lençóis lá em cima, dizendo que ele ficaria com sono. Seus olhos são azuis e inocentes. George também veio ouvir e tagarelar sobre o Paraíso, em seu jeito de bebê. O adorável garotinho foi ao outro cômodo e deixou uma de suas pequenas meias na cabeceira da minha cama.”

Quinta-feira, 1º de abril de 1869 – “Nós fizemos algumas brincadeiras para manter a reputação do dia.”

4 de abril de 1869 – “Nesta noite um grupo de brasileiros veio nos ver. Eu acredito serem da aristocracia. Nossa família fala apenas um pouco o português e os visitantes desconheciam o inglês, portanto não estávamos nos divertindo. Ellie, com seu jeito divertido usual, era agradável, falava com um, então outro, embora ela não quisesse descer, sabendo que daria muito trabalho conversar com todos. O capitão Johnson foi amistoso. Uma das garotas era muito bonita. Choveu um pouco depois que eles se foram. Os trovões ribombavam solenemente sobre as nossas cabeças e ‘agora e sempre os relâmpagos lançam suas correntes vívidas através dos céus escurecidos’. Não está chovendo agora, mas uma chama luminosa ocasional se acende no céu escuro.”

Segunda-feira, 5 de abril de 1869 – “Estivemos conversando um pouco sobre retornar aos Estados Unidos. Não que haja qualquer pensamento nosso em fazê-lo. Papai está um tanto quanto desanimado por não conseguir aquela fazenda. Nós provavelmente nos mudaremos para a cidade em breve, já que ele não foi bem sucedido em seus planos de se estabelecer no interior. Sentimos saudades de casa, quando foi su-

60 “Paulo e Virgínia”, romance do autor francês Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre.

gerida a possibilidade de voltar para Montgomery. Mas provavelmente não iremos e eu espero que seja melhor para nós, afinal, permaneceremos no Brasil, e devemos extinguir a saudade que frequentemente temos pelo lar de nosso nascimento e pelos amados e carinhosos amigos que deixamos.”

Quarta-feira, 7 de abril de 1869 – “Há dois anos, contando a partir de ontem, nós deixamos Montgomery, Alabama, para ir ao Brasil. Quão gratos devemos ser por tudo estar tão bem conosco.

Tivemos a visita do senhor Carson, um de nossos amigos do ‘Mar-mion’, recém-chegado de sua jornada exploratória pelo rio Amazonas. Ele deu à sua irmã a mais bela arara. As penas perfeitas sobre a pele. As mais ricas cores, amarelo e azul. Ele também deu a ela um maravilhoso anel entalhado que foi feito pelos índios no interior, para onde ele viajou, feito de um coco-anão.

Tivemos uma chuva forte nesta noite acompanhada de trovões e relâmpagos.”

Sexta-feira, 9 de abril de 1869 – “Houve uma interrupção no movimento da ferrovia. Isso é muito inconveniente, mas esperamos mudar para a cidade em breve.”

10 de abril de 1869 – “Nesta noite papai veio e estávamos mais felizes que o usual porque ele não pode chegar aqui na semana passada. A rota que ele pegou para nos alcançar foi comprida e problemática. Os trens não circulam agora por conta de alguma disputa entre os diretores da ferrovia.”

17 de abril de 1869 – “Como não há nada de interessante para relatar eu irei adicionar ao meu diário algumas linhas para minha avó⁶¹, de quem eu me lembro vagamente, mas que amo muito pelo que a conheço por meio de outros.

61 Caroline Lee Hentz, autora de diversos romances, entre eles *The planter's northern bride*.

*Espírito de minha mãe angelical!
Repetidas vezes eu suspiro, em vão, por ti.
Por teus ensinamentos puros e amáveis,
Para instilar suas forças em mim.
Oh! Se tu pudesses dar a linguagem*

*Que está perdida em ti, na terra –
Pensamentos desabrochariam então como rosas,
Esforçando-se em meu coração, para nascer.*

*Mas eu não desejaria, não poderia desejar-te
Que retire as plumas de tuas asas angelicais
Por este mundo de luzes e sombras
Corações exaustos e coisas desleais.*

*Embora nunca mais possa ouvir
A tua voz, uma vez baixa e doce
Deixe teu espírito sagrado, Mãe
Guiar-me ao Trono da Misericórdia.”*

18 de abril de 1869 – “Não podemos ir à igreja, pois não há nenhuma para frequentar, mas que sermão mais eloquente precisaríamos que montanhas sombrias, elevando-se acima no azul do Céu, a grama verde viva e cursos d’água levemente murmurantes? Quem iria querer música mais sagrada que as vozes da cascata e dos pássaros alegres? Então tais belezas circundam-nos. Nós podemos apenas adorar o criador que formou e moldou tudo isso. Uma cortina de nuvens descansa sobre o pico mais alto de uma dessas montanhas. Quão belas, quão macias e refrescantes! Acima delas, apenas uma cortina de azul fecha entre nós e os espíritos angelicais que nós amamos.

Em uma cidade populosa, onde o ar é poluído pela poeira e calor, cercados por paredes de tijolos, o barulho e a pressa da vida de negócios soando constantemente nos ouvidos, nós devemos perder algo do

frescor e da pureza do coração onde não temos nem mesmo um relance das árvores balançando, campos verdes e lagos azuis para lembrar-nos da vida após a morte no Paraíso. Contudo, eu não gostaria de levar para sempre uma vida no campo.

Dois funcionários brasileiros vieram aqui, não muito tempo atrás, eles nunca estiveram fora da cidade do Rio. Eles passaram alguns dias e ficaram quase loucos de deleite. Eram como crianças em suas demonstrações de alegria.”

Quarta-feira, 21 de abril de 1869 – “Ontem o capitão Johnson acompanhou-nos em uma volta a cavalo, antes do café da manhã. Conforme passávamos pela casa de um de nossos conhecidos brasileiros, fomos convidados para parar. Nós assim fizemos e a família deu-nos boas vindas com café, bolos e manteiga. Mostraram-nos um belo riacho que espumava e cintilava sobre inúmeras rochas.

Este é o dia de chegada do vapor americano. Eu sei que iremos receber cartas. Já estamos alegres, por antecipação.

Quão singular que nessa casa há muitas nações representadas, americanos ambos do norte e do sul – o senhor Wharton é um nortista. O senhor Newnis, que mantém uma lojinha e vive aqui, é português. Os escravos são brasileiros natos e há um grego educado, que fala um inglês incorreto. Ele é muito cavalheiro e parece estudar nossa linguagem o tempo todo. Seu nome é (como é chamado) Vassel-eka. O senhor Rummel, que de vez em quando nos visita, é da Boêmia. O senhor e a senhora Hayden são ingleses e são os vizinhos mais próximos que temos que falam nossa língua. A senhora Freligh tem uma vizinha francesa do outro lado da rua e elas visitam-se socialmente. Certamente os americanos tem uma bela oportunidade de comparar nacionalidades.”

22 de abril de 1869 – “Tivemos uma pequena tempestade ao entardecer e à noite a terra refrescou-se à luz débil da lua. Pequenos flocos de nuvens brancas aninhavam-se no lado escuro das montanhas. E a voz de minha amada cascata era ouvida. Essa música doce soa solenemente no ar noturno. Oh! Eu posso sentir falta das belas noites enluaradas e as doces serenatas, quando deixar Pau Grande.”

Sexta-feira, 23 de abril de 1869

*As montanhas, envoltas em neblina prateada
E elevando-se aos céus
Cujas claras profundezas as estrelas desdenham
Oh! Devo dizer adeus?*

*Você cascata, brilhando pura e branca
E rindo, o dia inteiro
As correntes que quebram à luz ensolarada
As melodias sonolentas dos pássaros noturnos.*

*A amável lagoa, sobre cujas ondas brilhantes
Eu remei a canoa leve;
Eu nunca mais irei molhar os remos
No fundo de tuas águas azuis*

*Ah! Bem – Eu não suspiro para permanecer
Embora as lágrimas possam turvar meu olho
Tudo isso será um sonho que se esvaiu
Quando eu tiver dito adeus.*

24 de abril de 1869 – “Papai chegou esta noite. Nosso lar está mais agradável agora. Mamãe e minha irmã mostraram-no algumas pinturas de frutas e flores que elas copiaram daquelas colhidas no pomar, além de alguns esboços de Pau Grande, eu levei meu diário para ele ler meu esforço ao fazer rimas. Ele disse algo que me agradou muito. Ele gosta de incentivar todas as nossas tentativas e isso faz bem. Mamãe, em seu jeito gentil, algumas vezes lança desestímulos às minhas *aspirações*, dizendo: ‘Eu amo saber que você tem esses sentimentos e que às vezes lhes daria expressão, mas não se esqueça de que a vida é muito mais real do que tem sido e eu não quero que seja uma escapista.’

Agora eu não acho que eu seja. Mas, frequentemente, eu desejo coisas diferentes daquelas que nos cercam, ou então, eu gosto de visualizar uma casa, a qual possamos chamar de nossa. É aprazível viver nos reinos de sua própria imaginação, mesmo que ela *flutue* para longe como as nuvens de verão.”

27 de abril de 1869 – “Ontem papai não retornou à cidade. Ele deu-me uma lição de como atirar com a pistola. Eu estava com medo de início, mas logo o superei. ‘O dia é sombrio e enfadonho’.”

1º de maio de 1869 – “*Está nublado*, mas algumas poucas estrelas mantém sua vigília sobre o mundo em seus sonhos, enquanto centenas de vaga-lumes cintilam intensamente na escuridão. Como eu amo esse sereno e sagrado repouso da natureza. Mais ainda porque nós ultimamente tivemos desagradáveis tempestades. Com frequência, as nuvens se estabelecem acima de Pau Grande e permanecem lá por um dia ou dois, sem qualquer chuva, mas incessantes rajadas de vento, que varrem os desfiladeiros das montanhas com silvos e uivos. As portas e persianas batem e se fecham com força e o ar não envia adiante um som agradável. A doce música que estamos acostumados a ouvir, das corredeiras, está abafada. Mas esse tempo desagradável faz o retorno do céu calmo e claro ainda mais bem-vindo.

Nós fomos completamente enganados acreditando que haveria mais tempestades de trovões aqui do que em nossa antiga casa. Nós descobrimos que são mais raros. Não vimos ainda uma tempestade igual àquelas que eram tão frequentes em nossos verões. Nesse interior montanhoso eu suponho que os ventos não podem se abater com força e nós certamente temos poucos trovões e relâmpagos.”

Quinta-feira, 6 de maio de 1869 – “Recebemos a visita do senhor e da senhora Hayden. Eles são muito agradáveis. Nós fomos até a Casa de Café para ver o interessante processo de limpeza.”

Engenho de café

Nós frequentemente vamos para cima para observar os escravos trabalharem. Esse amplo engenho de pedra foi construído com mais cuidado que a sede da fazenda, com um imenso pátio pavimentado à frente, sobre o qual se seca o café e se descasca o arroz. No primeiro cômodo em que entramos, está um grande número de tanques de tijolos cimentados. Uma corrente de água trazida montanha abaixo é levada por meio de um canal através da parede e, quando a porta é levantada, a água entra rapidamente, desaguando no primeiro tanque, o mais profundo, que contém grandes quantidades de bagas maduras vermelhas, que lembram ameixas, e então elas passam por uma máquina que esmaga os frutos vermelhos. O grão passa entre rolos de latão e derrama-se água gradualmente para evitar-se que este último se desgaste. A polpa é carregada pela água que corre por baixo do moinho. O grão, sendo muito escorregadio, passa por um canal até outro tanque e a água é novamente derramada sobre ele. Os grãos inferiores flutuam até o topo, e passam aos tanques abaixo.

No primeiro dia ensolarado o café é espalhado pelo pátio pavimentado e limpo para secar. O café inferior é duro e branco, quando seco. No próximo prédio, grande e longo, que possui um bonito piso liso, como um salão de dança, o café é guardado. Os escravos trazem continuamente sobre suas cabeças cestas de bagas colhidas frescas e elas parecem tentadoras, como frutas. Eles possuem tarefas e por tudo que eles trazem acima da quantidade requerida o capitão Johnson paga-os. Alguns são tão hábeis que terminam suas tarefas do dia mais cedo e assim eles apreciam seu trabalho e ganham dinheiro. Eles possuem um senhor bondoso e todos parecem animados e felizes. De fato, nunca vi administração melhor.

Uma chuva forte começou a cair logo após chegarmos, então apreciamos a companhia do senhor e da senhora Hayden no Engenho de Café até que terminasse.”

Terça-feira, 11 de maio de 1869 – “Finalmente parece estar definido que iremos viver no Rio, e eu estou contente. Começamos a fazer as malas e estamos cosendo o tempo todo, fazendo roupas novas para as crianças, já que dificilmente teremos tempo para costurar mais quando nos mudarmos.”

12 de maio de 1869 – “Retornamos da visita da senhora Hayden. Ela tinha uma bela casa, próxima à estação. Enquanto sentávamos em sua bela, fresca e agradável sala de visitas, mobiliada tão lindamente, eu quase invejei a posse de sua casa. Foi errado? Talvez tenha sido.”

13 de maio de 1869 – Alvorada em Pau Grande

*O Sol bem-vindo nasce vagarosamente
Das altas montanhas enevoadas,
E enche o orvalhado vale abaixo
Com luz pura e dourada.*

*A névoa sobre o silencioso lago,
Parece um véu da luz do luar
Lentamente se derrete na luz,
Como sonhos pouco rememorados.*

*As flores se curvam diante da brisa
Que chega tão fresca e nova
Produzindo as ondas que espelha
O céu, tão profundo e azul.*

17 de maio de 1869 – “Hoje estamos muito ocupados embalando. Nós nos mudaremos para nossa casa na quarta-feira. A senhorita Lottie Lane veio com o senhor Sampson sábado, foram embora hoje. O senhor Sampson é um homem grande, pesado, e ele teve uma queda azarada que fez todos nós nos sentirmos muito mal. Estávamos todos indo à senzala para ver os escravos dançarem no sábado à noite e ele caiu ou, mais

exatamente, pisou em uma poça de lama cheia de pedra na porta de trás da cozinha, onde a terra é quase tão preta quanto tinta. Ele vestia um casaco de linho branco e colete, perfeitamente engomado e passado. Imagine como nos sentimos quando ele tentava se levantar. De repente, ele desapareceu. Vimos um lampejo de suas roupas apenas por um momento. Ninguém parecia saber o que aconteceu a ele e todos ficamos preocupados. Os cavalheiros saíram com lamparinas para procurá-lo, achando (como nós supúnhamos) que ele tinha desmaiado após andar certa distância, mas esse parecia um procedimento atípico, se afastar da casa para desmaiar. Todas as damas estavam realmente assustadas, mas eu acredito que os cavalheiros sabiam que ele havia corrido até um dos quartos para trocar de roupa. Mas eles queriam brincar conosco e encorajaram nossa angústia. Estávamos em pé na porta da frente, olhando para fora, quando ouvimos vozes e muitos dos cavalheiros vieram com o senhor Sampson, evidentemente se apoiando em um deles. Expressamos nossa alegria imediatamente e, quando ele chegou ao último degrau, disse a um dos cavalheiros (como se estivesse com dor) ‘Pelos Céus, não toque meu braço’. Pobre homem, pensamos que seu braço estava quebrado. Mas ele não se machucou nada. Não sabíamos se ríamos ou se ficávamos bravas por termos sido enganadas, mas estávamos felizes de fato por nenhum de seus ossos estar quebrado.”

18 de maio de 1869 – “Esta é a última noite em Pau Grande. Os escravos se levantaram cedo para dizer adeus. Felícia, Gertrudes, Inocência, Branca, e numerosos outros, um grupo razoável, grandes e pequenos. Felícia parecia realmente triste e começou a derramar lágrimas, os outros choraram em simpatia. Os pequenos se juntaram até que se tornou uma cena de completa lamentação. Isso foi mais comovente do que esperávamos e nos deixou tristes. Demos àqueles que conhecíamos melhor alguns presentes, apenas ‘para se lembrarem de nós’ como os escravos dizem. Eles pareciam satisfeitos e pode ser que sua tristeza fosse genuína, pois eles evidentemente amavam as senhoras americanas, achavam-nas muito belas por suas faces claras, tão diferente de *suas* senhoras, com tais compleições negras.

Nossa mãe não deseja separar Joana de Fernando, com quem ela se casou. Eles parecem muito ligados um ao outro. O capitão Johnson deseja que peguemos qualquer outra escrava em seu lugar que queiramos escolher, então levamos Sofia, que parecia satisfeita em partir. Encontramos pouquíssima diferença entre os escravos daqui e dos Estados Unidos exceto na quantidade de trabalho que eles parecem ser aptos a realizar. Uma escrava doméstica americana irá realizar duas vezes mais sem esforço.

Morro do Ingá

Todos esses belos “castelos no ar” erguidos nas proximidades de Pau Grande ruíram. Os brasileiros, lentos para tomarem decisões e tão vacilantes, acabaram com a paciência de um americano e as coisas não poderiam permanecer assim, então “o Pai” determinou finalmente alugar um lugar próximo ao Rio, no Morro do Ingá. Esse ponto elevado encontra-se na vila de São Domingos, e balsas deixam seu porto a cada meia hora durante o dia em direção à cidade. Assim seria muito mais conveniente que a ilha Dixie, pois ele poderia estar com a família todo o tempo, exceto nas horas de trabalho.

O trabalho de nos estabelecermos na nova casa foi de um entusiasmo agradável a todos e tínhamos certeza de que seríamos felizes lá, com tudo que nos tornasse confortáveis, com o ar puro do mar por todos os lados, e a paisagem grandiosa para alegrar nossos olhos. Estávamos tão alto na colina que sentíamos que estávamos apreciando o isolamento do campo e, no entanto, estávamos tão próximos do mundo que poderíamos, com poucos movimentos, descer para fazer compras ou visitar as lojas na vila aos nossos pés. Tão próximos da grande cidade atarefada, que quando quiséssemos poderíamos, pagando dez centavos de dólar, apreciar uma volta em uma das encantadoras balsas a vapor. E estávamos felizmente situados em um local onde seríamos capazes de receber nossas visitas e raramente um dia ou noite se passava sem a companhia de amigos americanos. Era raro encontrar uma comunidade como essa, onde tal satisfação verdadeira era apreciada na troca de visitas. Um laço mais forte que a amizade comum uniu aqueles que lá encontramos, em uma terra estrangeira, e nós sempre lembraremos com gratidão nossa satisfação naquela casa, a mais radiante e contente que tivemos. Havia uma liberdade confortável em poder adotar nossas próprias modas e costumes, imitando o quanto quiséssemos aquelas dos nossos conhecidos ingleses e brasileiros, e nós poderíamos apenas lamentar, mesmo nesse dia tardio, que um espírito de impaciência governava os imigrantes e

dispersou, mais uma vez, um grupo feliz de amigos. Nossas diversões eram suficientes e apenas desejávamos que aqueles mais amados nos Estados Unidos se juntassem a nós lá.

Nós empregamos como nosso jardineiro um surdo-mudo chamado Dominick Gaunor, que veio com Ballard Dunn e o acompanhou até sua colônia, que se rompeu. Esse homem, que todos chamavam de tolo, era inteligente, podia escrever e soletrar muito bem e, pela ausência de fala, consolava-se sendo muito falante e comunicativo na lousa ou com seus dedos, e algumas vezes tínhamos que fingir que estávamos muito ocupados para não ver seus braços levantados ou ele nos pararia e nos daria uma longa dissertação em um de seus temas favoritos. Ele era de boa índole e diligente. Encontramos muita diferença entre as ordens dadas para o trabalho diário a ele e à nossa cozinheira portuguesa.

A colônia de Ballard Dunn, que foi de duração mais curta que a nossa no Doce, estava situada no Rio Iguape, na província de São Paulo. Os americanos prosperaram em outras localidades, com suas próprias escolas e igrejas. Dentro e em torno de Campinas nas seguintes áreas: Santa Barbara, Limeira, Rio Claro, Pirassununga, Jundiahy e Fazenda do Funil⁶².

Dr. Dunn, do Doce, foi à Pirassununga para praticar sua profissão. Os médicos americanos se estabeleceram em diferentes localidades e, de acordo com todos os relatos, estavam indo bem. O major McIntyre estava em sua Fazenda Ipihiba, ainda prosperando fazendo açúcar. Ele também comprou outra área, na ferrovia Cantagalo. Todos os jovens rapazes asseguraram boas posições, alguns enquanto funcionários na cidade, outros em fazendas em volta do Rio, mas o maior grupo dos imigrantes estava estabelecendo seus lares em São Paulo, e todos os recém-chegados eram atraídos naquela direção. Ainda tínhamos uma comunidade de tamanho agradável, visitantes transitórios constantemente indo e vindo. Assim, nossa vida estava muito distante da mono-

62 Localizada entre os atuais municípios de Limeira e Santa Bárbara d'Oeste.

tonia, o Morro do Ingá era de fato um lar feliz, e apreciávamos os confortos desse delicioso clima, que veio até nós tão prontamente e sem qualquer problema ou custo.

Novamente, retiramos dos diários.

Quinta-feira, 21 de maio de 1869 – “Esta noite chegamos à nossa nova casa, após passarmos um dia e uma noite muito agradáveis na casa da senhora Freligh. Estamos todos encantados. A casa é situada em um morro alto com um belo jardim frontal, nivelado, com uma imensa mangueira próxima ao muro da esquerda. No lugar de cercas, nosso jardim é fechado por paredes baixas de tijolos. Há quatro palmeiras, duas de cada lado do portão, de onde um lance de escadas leva-nos para baixo até o caminho cercado por flores. A paisagem à volta é encantadora, de fato magnífica. A baía e seu porto situam-se sob a vista. O vale ao sopé do morro, que constitui parte da cidade, perfaz uma bela cena. Podemos observar de cima o topo de muitas casas, olhar as carruagens quando passam e ouvir o som das rodas, é como um panorama.

Nós começamos a vida de novo e esperamos ser muito felizes em nosso doce lar.

De nossa porta frontal podemos ouvir distintamente a música da banda. A música parece gentilmente nos seguir. Nossas serenatas nas montanhas eram talvez mais melodiosas, mas eu aprecio mais essa.”

23 de maio de 1869 – “É noite, mas eu não posso ainda ir para a cama até que eu tenha escrito sobre o gostoso passeio que demos na praia, esta noite, com as luzes a gás acesas, com alguns amigos. Passamos por muitas casas bonitas, com belos jardins, cheias de árvores raras e flores, ouvimos músicas de piano praticamente a cada passo. As damas brasileiras são, em sua maioria, pianistas muito capazes. Quando chegamos à praia assistimos por algum tempo as grandes ondas, prateadas pela luz da lua, envolta em espumas, batendo contra a praia cor de neve, e então retrocedendo, como se angariassem novas forças e se quebrando com um som retumbante. Mas qualquer descrição é tão monótona, particularmente a minha.

O senhor Slaughter irá me ensinar o português.”

Sábado à noite, 29 de maio de 1869 – “Hoje a família do Dr. McDade veio. Estamos apreciando sua visita e temos muito sobre o que conversar, dos velhos tempos em Linhares e nossos tormentos no Doce, geralmente. Dr. McDade tem exercido muito bem a profissão e fez muitos amigos entre os brasileiros, mas está retornando aos Estados Unidos, por causa da saúde frágil da mãe de sua esposa. Na semana passada tivemos bastantes visitantes, muitos grupos com os quais passeamos de barco à noite, e desfrutamos sorvete diversas vezes. Sentados no convés das balsas com a brisa soprando, tão agradável, deliciosa e saudável.”

14 de junho de 1869 – “Fui à cidade desde que escrevi da última vez, nos divertimos muito, andamos de barco, tomamos sorvete, etc. Minha irmã foi à casa do major McIntyre com a senhora McDade e passou diversos dias muito agradáveis. Não pude escrever em meu diário na semana passada, ou mais precisamente, não o fiz porque tive companhia agradável nessas noites.

Fui à igreja ontem. Quão delicioso é ir até lá do jeito que fazemos, descendo inicialmente nosso morro íngreme, exercício do qual gostamos, então há apenas uma curta distância até a doca, onde tomamos a balsa. A viagem até a cidade é curta e agradável.”

Quarta-feira, 16 de junho de 1869 – “Não tratei meu diário como a um amigo querido desde que deixei Pau Grande. Eu suponho que seja porque eu tenho mais coisas com as quais me ocupar, e eu não falo sobre a bela paisagem como eu o fiz lá, contudo há uma de cada lado, o que excede tudo o que eu já tenha alguma vez visto. Tudo que é necessário para tornar a terra encantadora está diante de nossa visão. Essas grandiosas montanhas irregulares, algumas escondidas pela metade pelas nuvens, emergem, uma maravilha que nunca cessa. A baía tão azul, tão rica em ilhas férteis e grandiosas construções antigas, ligadas a essa ampla cidade.

Estamos tendo noites enlunaradas e, enquanto eu escrevo, a pura e brilhante face da velha lua querida observa como um anjo da guarda nossa casa. Nós nunca nos cansamos de nossa vista e todas as noites a família passa, no mínimo, uma hora agradável sob nossas palmeiras im-

periais, ou sentados sob a mangueira, no banco rústico. Antes de irmos à cama, passamos uma hora observando a paisagem.

Eu desenhei alguns esboços de nossa casa. Tentei fazer uma representação perfeita do muro, do portãozinho de ferro, da cerca e das quatro belas palmeiras que guardam a entrada. Podemos apenas ver os topos das duas que ficam na parte de fora do muro, pois crescem no declive do morro.”

Amigos em partida

15 de junho de 1869 – “O senhor Pinckney saiu segunda-feira para São Paulo. A família do senhor McDade irá em breve aos Estados Unidos, soubemos que outros irão. Tudo isso nos deixa tristes.”

17 de junho de 1869 – “São Domingos é de fato um local encantador. Passamos por algumas lindas residências em nossa caminhada até a praia neste fim de tarde, algumas delas lembrando-nos as mansões dos senhores e senhoras e cavaleiros dos tempos antigos. No mar, não distante da praia, encontram-se duas ou três grandes rochas, as quais chamamos de ruínas de castelos. Subindo o morro, em nosso caminho para a casa, observamos outra cena. Uma parte da cidade no vale, incrustada nas montanhas, parecendo tão tranquilas à luz do luar. Retornamos daí para nossa sala de visitas bem iluminada para nos misturar a algum círculo e apreciar também uma noite agradável com nossos visitantes.”

19 de junho de 1869 – “Nesta manhã a senhora McDade retornou de Bangu, com o senhor L Judkins. O Dr. McDade e papai foram até Pau Grande para ver a pequena Mary Johnson, que está muito doente. Nós todos ficamos apreensivos até recebermos notícias de lá.”

21 de junho de 1869 – “Ela está morta, pobre pequena Mary. Ela morreu duas horas após a chegada de papai e do senhor McDade à fazenda. Que desgraça enorme foi para a família, pois ela era a favorita.”

Sexta-feira, 2 de julho de 1869 – “Eu estive em Pau Grande. Foi uma visita triste. Colocamos flores no túmulo de Mary e o visitamos diversas vezes.

Enquanto eu estive ausente, minhas irmãs foram com o Dr. Coachman comparecer a um casamento brasileiro. A união entre a senhora Caroline de Chamberlaine com o senhor Bushaville, um canadense. O pai da noiva era um francês e a mãe brasileira.”

6 de julho de 1869 – “Fui com minha mãe e irmã realizar visitas nesta manhã. A primeira, à jovem senhora Wright, uma pequena dama encantadora de Baltimore. Após caminharmos um morro muito inclina-

do, com escadas de pedra que nos levaram da parte de baixo até a porta da bela residência, nós cansamos. Era tão fácil caminhar rapidamente dessa forma, sem saber que estávamos nos esforçando. Um criado abriu a porta e ficamos felizes por nos sentarmos e descansarmos. Uma brisa refrescante entrava pelas persianas e, enquanto conversávamos sobre a residência agradável, o senhor Wright, o mais idoso, entrou, e desculpou-se por sua filha que não estava bem. Todavia nós apreciamos a visita, pois a conversa com ele era alegre e edificante. Não ficamos muito tempo. Visitamos em seguida a senhora Myers. Sua única criança, uma filha, é uma inválida. É aleijada e, embora não consiga andar, seu rosto é rosado, como se fosse saudável. Ela é bem bonita e sua mãe, uma das pessoas mais divertidas e capazes que encontramos, toca piano como uma professora de música. Expressamos surpresa por ela poder ler música tão bem, pois virava página atrás de página das longas partituras, e parecia igualmente pasma pelo fato de nossa mãe ter aprendido algumas delas de ouvido. Elas se divertiram, embora mamãe sentisse que a senhora Myers o tivesse feito menos que ela. O piano dela era no formato Budoir, do mais belo jacarandá. Todos os pianos que vimos são desse estilo. O nosso é do mesmo, mas não se aproxima do tom melodioso e rico.

Essa senhora, que é uma brasileira nativa, fala o inglês muito bem e sua filha está recebendo aulas regulares na língua. Nós a perguntamos se ela o estudou também. Ela disse que aprendeu apenas de seus vizinhos ingleses. Seu marido deve ser descendente de alguma outra nacionalidade, pois seu nome não soa brasileiro. Ela tinha uma grande loja de secos na *rua Sete de Setembro*.”

Segunda-feira, 12 de julho de 1869 – “Apreciamos muito esses últimos dias, a ponto de esquecer meu diário. Minha amiga Lizzie Freligh esteve comigo, e voltamos a nos encontrar no sábado à noite. Comparecemos à Igreja no domingo. Temos dois novos conhecidos, o senhor Isaacs e o senhor Massey.”

13 de julho de 1869 – “Recebi de presente um grande e belo livro encadernado, um álbum de gravuras, cenas de todas as partes do mundo.

Nesta noite vieram o senhor Wright, seu filho e sua nora, a jovem senhora Wright. Nós apreciamos muito sua visita. Ela é uma mulher charmosa.”

14 de julho de 1869 – “Esta noite tivemos visitas, entre eles o capitão Shippey e Bruce, recém-chegados de Santa Catarina, muito satisfeitos com aquela área. Os cavalheiros eram agradáveis. A senhora Freligh divertiu-nos muito com uma variedade de canções melodiosas.

Nós ficamos sob nossas palmeiras por um tempo, após todos terem ido. A lua brilhava acima, e abaixo de nós milhares de estrelas celestes e terrestres enviavam-nos seus radiantes, tremeluzentes raios através do calmo ar fresco. Não é delicioso que o ano todo possamos apreciar essa deliciosa e amena brisa do mar? Nunca experimentamos o frio ou calor intensos, pois estamos sempre confortáveis na sombra. Quem não gostaria de viver na beira da praia, nesse clima?”

16 de julho de 1869 – “Esta noite o Dr. Dunn veio de sua casa em São Paulo.

Amanhã à noite parte de nós espera ouvir Ristori⁶³. Espero que nada nos impeça. Estamos ansiosos para ouvir essa atriz mundialmente renomada.

Isso certamente é muito melhor para nós do que a vida que levávamos no Doce. Quão frequentemente nós ‘agradecemos aos Céus’ por termos nossas roupas belamente lavadas por uma lavadeira que as traz para nós com pregas, como nos Estados Unidos. Elas usam ferros de fornalha aqui, não há lareiras nas casas.”

63 Adelaide Ristori, atriz italiana.

Retidos pelo tempo

Quarta-feira, 21 de julho de 1869 – “Fomos assistir Ristori, na peça ‘Elizabeth’. Estamos plenamente satisfeitos, esperamos ir de novo.

Nos diversos dias que comparecemos ao teatro fomos retidos pelo tempo na casa da senhora Freligh. Chovia torrencial e incessantemente na maior parte do tempo, noite e dia. A senhora Freligh não lamentava, já que adora estar cercada por jovens e entretê-los. O senhor Nathan, à noite, nos divertia muito lendo alto e nos ensinando alguns jogos novos, um deles, chamado *Fofoca*, julgamos excelente. Um comentário sussurrado é levado adiante, de uma pessoa à outra, e quando os últimos o ouvem, a pessoa é chamada para falar alto a sentença, modificada para alterar o sentido completamente em relação ao início, e muito ridícula, embora cada um tenha ouvido e tentado repeti-la cuidadosamente.

Isso nos mostrava a extrema necessidade de sermos lentos em acreditar em relatos que são passados de um amigo a outro. Um bom número de cavalheiros americanos estava na cidade e todas as noites tínhamos companhia.”

Casa, 28 de julho de 1869 – “O Dr. Johnson, o mais velho, mudou-se com a família acima pra Petrópolis, e estão muito mais satisfeitos lá. Pau Grande estava começando a se tornar insalubre, ou assim parecia.”

30 de julho de 1869 – “Lizzie passou a semana comigo. Nós lemos uma para a outra durante o dia, e à noite tínhamos jogos, cartas, tocávamos piano, dançávamos e cantávamos.”

4 de agosto de 1869 – “Na cidade novamente. Nós viemos para comparecer à festa de aniversário da minha amiga Lizzie. Todos apreciaram a noite, mais do que podíamos expressar à nossa doce pequena anfitriã e sua mãe. Tivemos uma ceia elegante e uma dança aprazível.”

Em casa novamente, sábado, 7 de agosto de 1869 – “Noite passada esperávamos ter uma sala de visitas cheia de companhia, com danças, jogos, etc., mas ficamos desapontados, pois o vento soprava forte,

a baía tornou-se inquieta, e as nuvens ameaçavam uma chuva forte. O senhor Chas. Chamberlaine, que jantou conosco, permaneceu até após as 8 horas. A tempestade passou e ele foi embora.”

10 de agosto de 1869 – “Noite passada, o grupo esperado veio com a adição do senhor Northup, um novo conhecido recém-chegado de São Paulo. É desnecessário dizer que a noite foi agradável. Como lanche tivemos laranjas, tangerinas e bolo. A senhorita Lottie Lane e seu pequeno sobrinho passaram o dia.”

12 de agosto de 1869 – “O capitão Dozier, recém-chegado do Doce, veio da cidade com papai hoje.

Estamos ensinando nossos irmãozinhos e irmãzinhas quase regularmente agora. Estamos pensando em ter um teatro privado, o senhor Nathan será o diretor, se o tivermos.”

Domingo, 15 de agosto de 1869 – “Ontem, estávamos muito satisfeitos pela inesperada chegada da senhorita Anna Gunter e sua irmã Nellie, que vieram com seu pai do Doce.

Nesta manhã esperávamos ouvir o bom sermão do senhor Preston. Os sinos estão soando agora, melodiosa e musicalmente. Esses são os sinos católicos que escutamos (não os nossos), mas o som chama-nos todos para nos unirmos em louvor e adoração a Deus. Após os ritos matinais em suas igrejas, os brasileiros devotam o restante do Dia de Deus à diversão ou aos negócios. Nosso amigo, o senhor Pinckney, não está fazendo suas refeições conosco. Ele deixou sua serraria em São Paulo, acredita que não irá voltar. Ele é muito obsequioso, vai conosco todas as manhãs ao mercado. Logo após o café da manhã, todos os dias, nós descemos a rua, obtemos os mantimentos para o jantar e para o café da manhã do dia seguinte. Nós levamos conosco nossa cozinheira ou o jardineiro surdo e mudo, que leva duas cestas, uma para as frutas, a outra para a carne e vegetais. Esse é o momento em que as senhoras sempre vão. A carne se mantém fresca por mais tempo aqui do que nos Estados Unidos, penduradas em uma despensa fresca, nós achamos melhor deixá-la ali durante a noite. Frutas são tão baratas e abundantes que nunca estamos sem elas e nunca nos deixam doentes. Pense em comprar as

melhores laranjas por dois centavos de dólar cada e as bananas mais deliciosas por um centavo de dólar!”

4 de setembro de 1869 – “A senhorita Anna Gunter veio da casa de sua tia McIntyre. Minha irmã irá fazer compras com ela, retornarão para Ipihíba juntas, fazer uma visita. A senhorita Anna irá se casar em breve com o capitão Dozier, da Flórida. A senhora Freligh está pensando em ir a São Paulo para o Funil, para viver por lá.”

A grande onda

Sábado, 10 horas da manhã, 18 de setembro de 1869 – “Estamos sentados em um lugar estranho, mas muito aprazível. Na entrada de uma caverna, na praia da enseada de Jurujuba. Trouxemos nosso papel e lápis para fazermos esboços da paisagem. O senhor Pinckney foi embora. Podemos vê-lo sobre um convés, observando o mar. Agora ele nos anuncia que a onda está vindo e ele acredita que nós teremos problemas para voltar. Que pena! Gostaríamos de desenhar um pouco mais. O senhor Pinckney é praticamente um artista, bem como minha amiga Lizzie, seus esboços valem a pena serem preservados. Eles são... mas devemos ir.”

28 e oito de setembro de 1869 – “Na noite passada tivemos companhia agradável na sala de visitas e música melodiosa. O senhor Massey veio dizer adeus. Ele está retornando aos Estados Unidos. O capitão e a senhora Dozer, o par recém-casado, estavam aqui e muitos outros. A senhora Freligh está realmente retornando para São Paulo. Dessa vez, para a fazenda Funil. O quanto lamentamos não podemos dizer. Um a um nossos amigos estão indo, a maioria para os Estados Unidos. Foi previsto um terremoto seguido de uma grande onda. Alguns dos brasileiros estão indo ao interior para escapar, tendo plena fé na profecia.”

4 de outubro de 1869 – “Hoje o grande terremoto e a onda são esperados por aqueles que acreditam em sua chegada. Ontem uma névoa densa espalhou-se pelas montanhas ao meio-dia, escondendo completamente a cidade da vista e obscurecendo a luz do sol. Hoje, às 12 horas outra neblina veio da mesma forma, enquanto o sol brilhava intensamente. Nunca vimos nada como isso antes. Um vento gelado continuava a soprar enquanto a névoa permanecia.”

13 de outubro de 1869 – “O senhor Pinckney deu-me um presente, um par de belas pombas brancas. Senti grande satisfação hoje à noite, limpei a casa, ajudei a cozinhar o jantar, etc., enquanto mamãe e praticamente toda a família passaram o dia na cidade. Ela trouxe a senhora Kerr para casa consigo. O jantar estava sobre a mesa quando vieram.

As crianças vestidas, doces e limpas como sempre estão à noite. Eu digo isso ao meu diário porque eu estava tão feliz por não ter esquecido nada. O jantar é nossa última refeição. Nós temos o café da manhã às sete, almoço às doze e jantar às seis.

Não temos moscas no Brasil, ou tão poucas que raramente as notamos e elas não entram nas casas. Consideramos uma grande bênção. Nossa sala de jantar é o lugar mais agradável da casa. A brisa do mar sopra forte deste lado e nós temos a visão da enseada de Jurujuba e das vilas à sua volta. Essa parte de nosso estabelecimento está a cargo da minha pequena irmã, de apenas doze anos, e ninguém poderia gerenciar melhor. Ela não nos permitirá desarrumar qualquer coisa e mantém as louças em perfeita ordem sobre as prateleiras do cômodo, que é dedicado às porcelanas. Todos dividimos as tarefas domésticas, e nenhum de nós, agora, temos muito que fazer.”

14 de outubro de 1869 – “Ontem à noite o senhor Massey (que ainda não foi embora aos Estados Unidos) veio com a senhora Kerr e Lizzie. O senhor Pinckney foi hoje para São Paulo retornar novamente à sua serraria. Ele trouxe alguns ovos para fazermos *eggnog*, o qual fizemos com *espíritos elevados*⁶⁴.”

64 No original *good spirits*. O *eggnog* é uma bebida alcoólica com rum, conhaque ou outra bebida destilada misturada com leite, açúcar e ovos. A autora fez um trocadilho com a utilização da bebida destilada, que em inglês traduz-se como *spirits*, que faz sentido apenas nessa língua.

Visita ao Passeio Público

Sábado, 6 de novembro de 1869 – “Estivemos na cidade para dizer ‘adeus’ a nossos amigos, passamos o último dia com eles. Eles agora foram à colônia do Funil em São Paulo. Eu tentarei ainda ficar feliz em meu doce lar, com meus pais, irmãs, irmãos, pombos, livros e flores, a bela paisagem, e os poucos amigos que ainda restaram, que continuam a nos visitar socialmente.

A família do senhor Rainey irá em breve chegar aqui dos Estados Unidos e eles viverão próximos a nós. O Dr. Rainey e seus irmãos possuem uma linha de balsas que realizam a travessia entre São Domingos e Praia Grande, portos deste lado, e o Rio. Os brasileiros esperam ter alguns vapores navegando em concorrência em breve.”

9 de novembro de 1869 – “Domingo passado ouvi um bom sermão do senhor Preston. O texto: ‘Aqui não temos uma cidade duradoura, mas procuramos uma que virá’.

A senhora Dozier irá ao Doce amanhã. O mudo está trabalhando no jardim da frente e nós plantamos algumas flores.”

Domingo, 14 de novembro de 1869 – “O capitão Dozier não foi. A escuna ainda não estava pronta. Então todos nós fomos à igreja esta manhã. O senhor e a senhora Judkins passaram muitos dias conosco, com sua charmosa pequena família. Nós todos apreciamos muito essa visita. Enquanto estavam aqui, todos nós fomos assistir ao famoso pianista, Gottschalk⁶⁵.”

18 de novembro de 1869 – “Nós sentimos muito por não poder ver mais o novo clérigo (presbiteriano), o senhor Morton⁶⁶, que estava a caminho de São Paulo. Ele e sua encantadora esposa permaneceram na

65 Louis Moreau Gottschalk, pianista norte-americano. Faleceu no Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1869, dias depois ao concerto referido pela filha da autora.

66 George Nash Morton.

casa da senhora Freligh por um período curto antes de ela ir. A senhora Morton é de Baltimore. O senhor Morton pregou um excelente sermão, o qual ouvimos na casa do senhor Blow, o clérigo dos Estados Unidos nesta corte. Há apenas uma igreja no Rio, a episcopal, além da católica. Parece estranho ouvir um sermão em uma casa particular. A senhora Blow é uma senhora agradável, com diversas filhas e uma sobrinha, todas belas e vestidas com estilo. A senhora Blow e a senhora Freligh eram velhas amigas nos Estados Unidos.”

Domingo, 22 de novembro de 1869 – “O Dr. Dunn voltou aos Estados Unidos, a família do capitão McEachin agora está conosco, eles esperam sair na terça-feira e voltar à Montgomery. Isso nos deixa com saudades de casa. Eles em breve irão ver nosso antigo lar, o qual, talvez, nós nunca mais veremos. Outro, e outro, assim se vão, muitos se foram, outros estão indo e alguns têm a intenção de retornar.

Quão frequentemente aquelas linhas, de Montgomery, ocorrem-me.

*‘Amigo após amigo se vai.
Quem não perdeu um amigo?
Não há aqui união de corações
Que não encontre aqui um fim?’*

Papai fala algumas vezes em retornar aos Estados Unidos.”

Terça-feira, 24 de novembro de 1869 – “O capitão e a senhora McEachin foram embora sábado passado, Nellie Gunter, sua irmã, foi com eles. Eles tinham passagem em um navio de Baltimore. Tive uma conversa agradável e edificante com a senhora Eachin, enquanto estava conosco. Ela é uma dama e uma cristã.

Noite passada fomos ao passeio público com o Dr. Coachman e a senhora Brown, que estão passando alguns dias conosco. É um lugar para se sentir ‘um estrangeiro em terras estrangeiras’, observar a multidão à volta e não enxergar uma face familiar. Nós ouvimos as doces melodias da banda. Os músicos sentavam-se nos seus pequenos coretos, divertindo todos os grupos que passavam, talvez sem qualquer

prazer para si mesmos. A corrente de água artificial, com suas bordas lindamente aparadas, serpenteia seu caminho em torno dos canteiros. Cisnes, brancos e negros, nadam em sua superfície. Visitantes param por alguns instantes para admirar a graça de seus movimentos. A vaca-marinha⁶⁷ sai da água após um chamado amistoso. Passos, o som do tropel de muitos pés sobre as lisas estradas brancas. A amena brisa do mar sussurra nos galhos e nas longas palmeiras que se curvam. O grande oceano também está próximo, e as ondas são ouvidas com sua batida alta e incessante. Nós nos encostamos no muro, olhando para baixo, para as ondas à medida que vinham tão metodicamente para acima, e tudo parecia respirar tristeza. Quando estive ali antes, eu tive ao meu lado uma amiga agora ausente, cuja voz eu não podia mais ouvir, não podia mais ouvir sua gentil risada musical. Há algo de solitário nos sons emitidos no ar do *Passeio*, mesmo a música uma vez tão grandiosa e inspiradora era lúgubre. Bem, nem sempre estou ali. Nosso lar é radiante e alegre, e estarei assim também. Não é justo ficar triste quando há tanto para me alegrar. Todos, às vezes, ficam melancólicos, e como Lizzie diz, sombrios.

Linhas a Lizzie

*Estou sentada triste e solitária
E o passado renova nossas alegrias,
Enquanto as cenas ensolaradas permanecem
Em meu coração, como o orvalho noturno.*

*E, entre os muitos rostos
Erguendo-se ante minha visão,
Há um de beleza gentil
E esse rosto pertence a você.*

67 Do original *Sea-Cow*, mas provavelmente refere-se aqui ao peixe-boi.

*Entre os olhos de alegria radiante,
Em memória encontram os meus,
Há dois de concepção celestial
E aqueles olhos, amiga querida, são os seus.*

*Em meio ao som de risos contentes,
Chegando suavemente aos meus ouvidos
É uma voz de doçura encantadora
E aquela que ouço com mais frequência.*

*Através do som da música distante,
Flutuando sobre meu coração sonhador,
Está um toque de dedos de fada,
Daquele passado uma parte mais querida.*

Linhas a Lizzie

8 de dezembro de 1869 – “Papai subiu para Petrópolis, foi a trabalho por alguns dias. Estamos pensando seriamente em retornar aos Estados Unidos.”

20 de dezembro de 1869 – “Muitos eventos inesperados e dolorosos lançaram uma melancolia sobre nós. Primeiro, a morte terrível e repentina do senhor Sampson. Gottschalk também está morto, ele que ultimamente nos deu tanta alegria com seu talento maravilhoso. Mas nada nos entristeceu mais que a morte da senhora Wright. Tão jovem e tão amável. Quão desolador deve estar agora o lar ultimamente tão iluminado por sua presença. Nós passamos uma noite em sua casa há pouco tempo e ela recitou belamente e com muito sentimento, o poema de Tennyson: ‘Quebre, quebre, quebre;

Sobre tuas frias rochas cinzentas – Oh! Mar.’

Ela parecia então estar bem, mas sua voz era tristemente melódiosa. Sua morte foi repentina.”

Sexta-feira, 24 de dezembro – “Amanhã é Natal. Nós decoramos a sala de visitas e a sala de jantar com flores, folhas verdes e bagas es-carlates, roxo profundo, branco, carmesim, e jasmims pendurados em coroas. Nós adicionamos também frutas, ameixas púrpuras, etc. O capitão Johnson ajudou-nos a encontrar uma árvore de Natal. Convidamos todos os amigos americanos que estão próximos o suficiente para vir e jantar conosco amanhã.”

3 de janeiro de 1870 – “Tenho mais de uma semana para recordar. No dia de Natal nossos amigos vieram. Senhor L. Judkins, senhor H. Gunter e Manly, Duncan e Robt. McIntyre, R. e capitão Freligh. O último está realizando suas refeições conosco. Ele tem negócios que o mantém, no momento, na cidade, enquanto sua família está estabelecida em São Paulo. Eles estão em uma grande fazenda do coronel White.

A onda em seguida ao terremoto não veio, mas uma grande onda de imigração está novamente fluindo em direção a São Paulo. Todos os

nossos amigos que não estão retornando aos Estados Unidos agora vão ao Funil. Eu acredito que papai nos levaria para lá se ele não tivesse ido ao Doce. Essa colônia de São Paulo prospera e todos parecem felizes lá.

Ao entardecer caminhamos até a nova doca. Naquela noite, tentamos ter um pouco de dança, mas, como não havia outras garotas além de nós mesmas, terminou em fracasso. Ainda foi agradável o suficiente para nos fazer rir um pouco. A semana passou tranquila.

Sexta-feira passada ao entardecer o Dr. Coachman e o senhor Gunter acompanharam minhas irmãs e eu até a fazenda do senhor Judkins, Bangu, para passar o dia de Ano Novo. Divertimo-nos muito mais do que no Natal. Fomos pescar à tarde. Estava um dia quente, incomum para o Brasil. A noite estava fresca e agradável novamente. Voltei para casa ontem.”

Quarta-feira, 5 de janeiro de 1870 – “Minhas irmãs e eu fomos ajudar a senhora Rainey, sua cunhada, a senhorita Blanche, e sua filha Gussie. Estamos contentes por terem vindo. Elas têm uma casa confortável em São Domingos, não muito distante de nós. A senhora Rainey será sociável, irá visitar nossa mãe primeiro, embora agora sua saúde não esteja boa.

As novas balsas começaram a operar. Ontem o Imperador veio testemunhar a inauguração. A ponte de desembarque foi decorada com coroas de flores e bandeiras. O barco no qual o Imperador estava era mais ornamentado ainda. Muitas bandeiras flutuavam no topo. Tudo que é recém-construído deve ter a presença de Dom Pedro antes que seja considerado completo.”

9 de janeiro de 1870 – “Sam Kerr e Lucius White estão aqui vindos de São Paulo, na expectativa de irem a Montevideú. Ouvimos diretamente dos nossos amigos, os Frelighs. Eles estão felizes em sua nova casa. Suas cartas têm sido animadas e eu acredito que estejam encantados.”

12 de janeiro de 1870 – “Nossa comunidade agora é muito pequena, mas aqueles que restaram são ainda sociáveis. Nossos amigos McIntyres estão realmente estabelecidos e não pensam em partir. Eles

são sábios, pois estão confortáveis em todos os sentidos da palavra. Estão indo bem e é bom que o saibam e estejam satisfeitos.”

16 de janeiro de 1870 – “Temos outra irmãzinha. Há muito regozijo na família, já que as últimas quatro crianças eram garotos. E isso é uma mudança.”

27 de janeiro de 1870 – “A querida e gentil senhorita Margaret McIntyre está aqui. Ela cuida de nossa irmãzinha e o quarto de mamãe é agora a parte mais radiante e animada da casa.”

6 de fevereiro de 1870 – “Nós tivemos a visita de um cavalheiro elegante e simpático, senhor Ganville Wright. Ele se foi há pouco.”

11 de fevereiro de 1870 – “O capitão Freligh ainda está se sentando à mesa conosco. Sentimos muito a falta dos nossos amigos ausentes. Mas é bom que tenham deixado a cidade, pois todos estão indo embora em razão da febre amarela que agora grassa no Rio. Nós temos tempo seco, claro e noites encantadoras. Desejamos chuva como desejaríamos nos Estados Unidos uma geada, já que as ruas são assim limpas e o ar purificado. Uma chuva torrencial lavaria a epidemia.”

20 de fevereiro de 1870 – “Os negócios diminuíram. A febre ainda grassa. Nós nunca vamos à igreja. Temos poucos visitantes por conta da doença. Não tememos a epidemia em nossa colina alta, que é varrida por brisas do mar e os cavalheiros aqui vêm tarde e retornam cedo. Eles não se sentem incomodados.

Nossa cozinheira ficou doente, embora não com a febre, e voltou para casa, nós estamos fazendo turnos para realizar o trabalho na cozinha. José, um criado, vem trazer água do poço e vai até o sopé da colina obter lenha, que compramos cortada. O padeiro francês traz-nos pães quentes até nossa porta, todas as manhãs, e nós estamos nos saindo muito bem. Eles assam nossa carne pra nós quando pedimos. Mas eu me esqueci de mencionar *algumas* mudanças que fizemos ultimamente. Joanna, nossa escrava, que permaneceu na fazenda do capitão Johnson, morreu de febre tifoide. Nós devolvemos Sofia e, desde então, contratamos uma mulher negra chamada Marquelina. Uma boa doméstica e boa cozinheira. Nós tristemente sentimos sua falta e desejamos que ela melhore.”

26 de fevereiro de 1870 – “O senhor Slaughter teve um pequeno ataque de febre, mas se recuperou e passou diversos dias convalescendo. José deixou-nos como idiotas uma manhã, e *ele* agora tem a febre. Ele é um verdadeiro negro e um criado bom e fiel.”

Quinta-feira, 1º de março de 1870 – “O senhor e a senhora Judkins enviaram um convite urgente para que nós os visitássemos em sua fazenda, Bangu. Localizada na ferrovia Dom Pedro, a cerca de trinta e dois quilômetros do Rio.”

Cartas de São Domingos aos Estados Unidos

E agora, enquanto os preparativos para essa viagem são realizados às pressas, apresentaremos algumas cartas mais do “Pai”, escritas de sua casa em São Domingos, aos Estados Unidos.

Rio de Janeiro

28 de junho de 1869

Senhora M. B. C. Rivers

Querida amiga,

No último pacote norte-americano sua carta inesperada, mas muito bem vinda, chegou. Eu desejava poder descrever este país a você, de forma que você o entendesse, mas após dois anos de residência aqui eu descobri que não posso.

O clima é o mais delicioso que já conheci. Há frutas em grande abundância e variedade. As flores possuem uma riqueza de beleza e fragrância em lugar algum conhecidas. Os pássaros tão numerosos e belos quanto as flores. Seus cantos tão melódiosos quanto quaisquer outros e a paisagem ultrapassa a imaginação dos pintores. Quer você olhe para os picos elevados, ou para a floresta densa, ou para a encosta da montanha ou vale.

O povo é muito educado e disposto a gentilezas, a classe superior se compara favoravelmente a qualquer outra, mas a sua união entre igreja e Estado e suas leis antiquadas e onerosas retardam seu progresso e tendem a torná-los paradoxais, pomposos e afeminados, embora liberais e hospitaleiros.

Se a igreja e o Estado fossem separados e algumas poucas leis antigas fossem abolidas, a administração dos homens bons imposta de uma forma menos onerosa e burocrática, eu acredito que haveria uma rápida melhora no povo e no desenvolvimento do país.

A religião, como a vemos, consiste em procissões clericais e demonstrações de ouropéis, atirar fogos de artifício, além de outras demonstrações pirotécnicas. Mas como eu tenho sido determinado há muito em louvar a Deus em minha própria consciência e não me imiscuir com a religião dos homens, eu não dei importância a essas coisas. Todas as religiões são permitidas aqui e ninguém é questionado sobre sua crença, a única exigência é a de que a ninguém a não ser aos católicos é permitido ter campanários ou sinos, e que deve ser mantido um respeito profundo pela religião do Estado.

Muitas das noções antiquadas dos brasileiros e muito de seu esnobismo está gradualmente se perdendo.

Os produtos deste país são aqueles produzidos nos países de clima temperado e mil mais. Principalmente neste momento, para exportação: café, açúcar, algodão e tabaco. As madeiras e as tintas, remédios, minerais, borracha, resinas, etc. etc. não estão ainda desenvolvidas. Algumas das melhores madeiras nobres do mundo são encontradas no Brasil e são desconhecidas fora do Império. Gado, porcos, ovelhas, etc. crescem aqui a despeito de toda a negligência e mau tratamento dado pelos nativos. Aves domésticas de todos os tipos abundam e ainda assim não se consegue comprar uma galinha por menos de 50 centavos de dólar.

Verduras de todos os tipos podem ser obtidas a qualquer momento. A manteiga é, em sua maioria, importada da Europa e nunca se compra por menos de cinquenta centavos de dólar.

No mercado do Rio você pode encontrar praticamente tudo que quiser, pois todos os locais da Terra esvaziam alguns de seus produtos aqui.

O grande problema para um americano é a linguagem, até que ele a aprenda não pode ser bem sucedido em nada sem auxílio ou, no mínimo, ele trabalha sob uma séria desvantagem. Os brasileiros aprendem mais o francês e o alemão do que o inglês. Muitos e a maioria dos bem educados falam muitas línguas e estão começando a aprender de uma forma geral o inglês. Qualquer um que tenha aptidão para línguas pode aprender um pouco o português em três ou quatro meses.

Nós temos uma Igreja Episcopal e escolas de inglês no Rio, mas eu acredito que a província de São Paulo será o grande centro da empreitada americana no Brasil. Há muitos que agora se alocaram ali, plantando e prosperando, e outros estão constantemente indo para lá. Os sulistas estão espalhados da Amazônia até Buenos Aires. O grande vale do mundo será ainda a Amazônia, rica em tudo e com recursos que centenas de anos irão apenas desenvolver parcialmente.

Desde que eu escrevi à irmã M. nós mudamos para São Domingos, uma das vilas que circundam o Rio. Nós estamos a cerca de seis quilômetros da cidade, atravessando a baía. Nossa casa é muito confortável, no topo de uma colina de onde se tem uma vista panorâmica da baía do Rio, com seus barcos, a enseada de Jurujuba, que forma uma bela lâmina d'água do outro lado dessa vila e Praia Grande. A vista é linda. À noite vemos o Rio com suas luzes a gás na praia, estendendo-se por quilômetros e então serpenteando acima pelas encostas das montanhas, em belas linhas como as de Hogarth⁶⁸, até que estejam misturadas com as estrelas. Os barcos, com suas luzes coloridas movendo-se sobre as águas, as ilhas distantes espalhadas pela baía. Bem, é muito bonito. Minha casa é cômoda e nós temos cerca de dois hectares com árvores frutíferas de diversos tipos, jardim e viveiro de aves domésticas. Em breve, compraremos uma vaca e então esperamos ter nossa própria manteiga e leite. Nós tomamos café da manhã logo após as sete horas, tomamos o bote, que sai a cada meia hora ou quarenta e cinco minutos durante o dia até a dez ou onze da noite. O porto fica a cerca de cinco minutos de caminhada de casa. Às 9 horas estou em meu consultório, onde permaneço até três e meia ou mais tarde, se necessário, e então retorno para jantar. Nós temos um mercado próximo onde compramos carnes de todos os tipos, verduras e frutas. Lojas, ou vendas, estão na rua no pé da nossa colina, onde artigos de necessidade podem ser encontrados. As senhoras fazem suas verdadeiras compras nas melhores lojas do Rio. Em geral, não imaginava que estaríamos tão agradavelmente situados antes.

Você pergunta sobre a família. Eu gostaria que pudesse nos ver em nosso lar feliz. As filhas mais velhas ajudam a mãe e todas elas ajudam umas às outras.

Nós temos nossa própria escola em casa. As garotas maiores ensinam as crianças menores, e todos parecem se divertir.

Envie minhas lembranças ao Dr. Rives e acredite-me sempre seu amigo.



Os duplicadores de cartas que ocasionalmente foram usados pela nossa família foram muito utilizados. Ao escrever duas ou mais cartas ao mesmo tempo, podemos referir às originais que ainda preservamos nas folhas delgadas do livro.

68 William Hogarth, pintor inglês do século XVIII.

De uma carta do Dr. Rambo

Após o horário de trabalho posso ir pescar, tomar banho ou caminhar por aí. Essa é a beleza da vida no Brasil. Não ter que trabalhar todas as horas do dia. Os jardins públicos estão sempre abertos e raramente há um dia ou noite em que você não seja entretido pela música de uma banda de instrumentos de sopro.

Da janela onde sento para escrever posso ver artesanatos de todos os tamanhos, tipos e nacionalidades, devo dizer chegando ao número de mil. Bandeiras de todos os tipos estão tremulando, bandas tocando. Soldados estão nas ruas com roupas de gala e fogos de artifício e rojões abundam. Abençoe-me, que quantidade de pirotecnia é lançada aqui em um ano. Parece-me que há cerca de quinhentos santos e cada um deles tem algum dia reservado para sua festa.

À noite – As luzes do Rio, Botafogo, Praia Grande e demais áreas circundantes são vistas de nossa residência e há uma iluminação em uma escala que raramente vemos. Parecem iniciar em uma linha horizontal na borda da água e serpentear seu caminho para os mundos acima. Aqui e ali vê-se barcos com luzes multicoloridas movendo-se sobre a baía e as luzes das residências sobre as ilhas espalhadas sobre a água.

Essa é a festa de Santo Antônio e há uma grande demonstração próxima à praia. Encenações de batalhas entre dois fortes e um navio, boa música e todas as formas de fogos de artifício, etc. Toda a cidade e minha família, à exceção de Reb, George, e eu mesmo. Reb está sentado vestido com seu sobretudo, acenando com a cabeça enquanto escrevo que também deseja ir. Esse é nosso inverno, mas que extravagância não ser obrigado a acender fogueiras.

Precisamos de lenha apenas para cozinhar. Carvão para passar roupas. Esse é, de fato, um clima delicioso.

Nós temos dois estudantes, um rapaz de cerca de quinze anos, e um doutor brasileiro. O primeiro possui pais de nacionalidade americana e inglesa, fala inglês e português. O último lê em apenas uma linguagem e fala pouco.

Nunca anunciamos e agora temos apenas uma pequena placa no batente da porta, ainda assim somos encontrados e eles vêm de longe e das proximidades. Nosso aluguel é bem alto, há impostos e com as despesas eventuais do consultório pagamos entre US\$ 13,00 e US\$ 14,00 ao ano.

Até agora, o negócio tem sido mantido sem dívidas e sobrevivido, eu acredito que as nossas perspectivas são melhores agora do que nunca, pois nós temos um bom número de pacientes habituados à nossa prática e preços.

Coachman é um bom cirurgião e tem estima elevada, fala bem o idioma, é tão educado quanto um brasileiro, e eles são muito bons no francês. Eu gostaria que você pudesse entrar e nos ver.

O Brasil não é tão distante dos Estados Unidos como foi. Você pode descer em um mês, de Baltimore, agradavelmente, por US\$ 100,00.

Eu posso escrever mais ao fim do mês. Minhas lembranças aos outros Doutores e a todos meus amigos.

Verdadeiramente,

Seu amigo

Ao Dr. L. Rambo, Montgomery Alabama

Ao Dr. C. A. Hentz Morro do Ingá

Quincy, Flórida São Domingos, próximo ao Rio

Vinte e oito de junho de 1869

Querido C.

Eu teria respondido a sua carta pelo vapor que a trouxe, mas estava muito ocupado para escrever completamente como desejava.

Se eu pudesse aconselhá-lo a vir ao Brasil, daria-me mais satisfação que a você, mas essa é uma responsabilidade que eu não posso assumir. Se o exame por uma licença ou grau dependesse do mérito, eu o aconselharia a vir, tendo a certeza que a fortuna o esperaria, mas você não pode praticar em segurança até que você tenha sido avaliado pela faculdade. Se você puder realizar um exame em francês e escrever

uma tese em francês, então você pode passar. Se estiver disposto a viver em uma fazenda no interior, você poderia viver bem e praticar até que possa aprender a língua, e assim, com sua grande aptidão, poderia estar apto a consegui-lo em quatro ou seis meses. Então você poderá passar no exame. Eu estou convencido, a partir do número de consultas que recebo para prescrição, (eu, que sou conhecido apenas por poucos como médico), que você poderia em breve, entre os ingleses e americanos, sozinho comandar uma prática que o levaria ao conforto, se não à fortuna.

Há apenas um médico inglês aqui, ele tem mais pacientes do que pode atender, e não é um homem resistente. Eu o conheço. Ele é aquele homem que você julgaria amável, gentil, bondoso, afetuoso, mas não é o homem que agarraria grandes emergências. Essas são as impressões que eu acredito serem dos seus amigos e pacientes. Ele vive fora da cidade e, claro, não pode passar todo o tempo que um médico deveria dispensar em seu consultório. 11 de julho: o tempo se esvai muito rapidamente. Um vapor acabou de ir embora, e nós estamos começando a procurar outro. Então nós frequentemente recebemos cartas e jornais dos pacotes ingleses e franceses.

Estamos em uma colina alta, com vista plena do Rio, da baía e dos navios. Todas as noites escutamos os sons do grande Atlântico batendo na praia. À nossa volta, nas encostas das montanhas, estão belas residências e jardins, aninhados no luxuriante verde desse clima tropical. Você não tem ideia da riqueza e grandiosidade da paisagem. A palmeira imperial é a árvore mais perfeita e simétrica que eu já vi. Quatro delas estão em nosso portão frontal. Uma grande mangueira com sua folhagem densa inclina-se à direita da sala de visitas e abaixo dela há um banco rústico. Por todo o jardim, dentro dos muros que o cercam, há uma cerca de algum arbusto curto, perene, uma trepadeira. A folhagem é de um rico verde oleoso. Do portão frontal, descemos um caminho de pedras que nos leva pela colina até uma encosta com cascalho em sua base, à sua volta há uma cerca que nos separa da rua. Nosso poço também está murado e a apenas alguns passos do portão mais baixo.

Nossa colina tem mais de trinta metros de altura. A lateral é aterrada e foram plantadas árvores frutíferas com espaço em abundância para verduras e grama. Estou preparando para plantar grama, capim, de forma que possa manter uma vaca.

O capitão Johnson, um amigo americano, enviou-me há pouco uma saca de café de ótima qualidade de sua própria fazenda. Nós raramente obtemos o melhor café nos Estados Unidos. O melhor aqui é vendido frequentemente entre US\$ 10,00 e 12,00 a arroba, e é enviado principalmente à Inglaterra e à França.

Eu estou tão desapontado com minhas negociações por uma fazenda que, atualmente, eu desejo dedicar-me à minha profissão e esperar como Micawber⁶⁹. Eu tenho interesse em um processo de preservação da carne, mas não houve progressos que me satisfizessem, e eu acredito que eu não possa obter nada disso, embora, se eu tivesse capital, poderia fazer desse um dos maiores negócios do Brasil. A carne é barata e abundante, e poderia ser preparada aqui para toda a Europa. Eu não digo nessa parte do Império, mas ao sul dele e no Rio da Prata. Diz-se que carne boa e gorda de carneiro na República Argentina é usada como lenha para fogueira. De 60.000 ovelhas aumentaram para 60.000.000. Aquela porção e o vale amazônico serão as partes grandiosas e ricas deste continente.

Você me pergunta o que é cachaça. A aguardente de cana, bebida alcoólica feita da garapa, enquanto o rum é a bebida feita a partir do melaço. Uma boa cachaça é pura, é um estimulante agradável e pronuncia-se cashasa, como nosso uísque em seus efeitos, mas tem um sabor único. De fato, quando se consideram as bebidas alcoólicas, as mais puras em álcool são as melhores. Conhaque, gim, rum, uísque, etc. sendo apenas álcool, contendo apenas algum óleo essencial da uva, zimbro, cana ou milho.

Você pergunta o que comemos. Eu lhe respondo quase tudo, exceto toucinho e verduras, mas em breve os teremos. Para o café da manhã temos bife, carne picada, costeletas de carneiro, toucinho grelhado, peixe ou ostras. Há certos pratos que praticamente sempre estão presentes. Esses são a carne seca, feijões pretos, farinha de mandioca. Estes últimos constituindo-se a principal comida dos brasileiros. Os americanos geralmente se tornam afeiçoados a esses artigos de nutrição.

Nós temos frutas todos os dias, na maior parte deles, laranjas e bananas. Nossos jantares são similares aos cafés da manhã, com a adição de sopa, e nós nos mantemos sentados até que o café seja trazido, você encontra vinho na mesa de qualquer homem. Nós preferimos o Bordeaux nos dias quentes. Tenho um amigo norueguês que foi a Hamburgo e prometeu trazer-me alguns bons vinhos. Nosso toucinho, aqui, é inglês, pode custar 1 dólar e 10 centavos por quilo. Pelo presunto de Duffield paguei 77 centavos de dólar, pelo presunto inglês ou de Baltimore pagamos 1 dólar e 10 centavos.

O mercado de peixe deste lado da baía é pobre, mas no mercado do Rio podemos obter todos os tipos de peixe, de sardinhas frescas a garoupas pesando de 180

69 Personagem do romance de Charles Dickens, *David Copperfield*.

a 230 quilogramas, tenho visto laterais desses peixes cortados maiores que um pemil. As tainhas aqui são enormes. Eu as vi cinco vezes maiores do que quaisquer outras que eu tenha visto no Golfo do México. Todos os peixes gelatinosos, tubarões, enguias, lagostins tão grandes quanto lagostas, caranguejos, camarões, aracanguiras, algumas trutas, anchova, linguados, etc. ad infinitum estão no mercado. De fato, o mercado é uma maravilha, uma espécie de exibição mundial. Gelo de Massachusetts e papagaios da Austrália. Cebolas de Portugal. Bacalhau de Nova Brunswick, línguas de boi de Baltimore e da Banda Oriental. Você pode encontrar qualquer coisa de qualquer lugar, e frequentemente dos extremos da Terra.

Ocasionalmente eu desço após o jantar para a “antiga casa de balsas”, agora ocupada por um amigo da Carolina do Norte e pego peixes e caranguejos. Os parasitas e primeiros seres do reino animal que podem ser vistos agarrando-se às rochas são muito interessantes, e eu passo quase todos os dias alguns minutos em silenciosa comunhão com esses meus irmãos mudos enquanto espero pelo barco. Eu geralmente desço em horário adiantado, pois temo perder o vapor das oito horas.

Chega do Brasil até aqui. Eu gostaria que pudéssemos desfrutar suas delícias juntos.

As meninas foram à cidade até a Igreja Episcopal. “A Mãe” está realizando alguns serviços domésticos e os pequenos brincando.

Eu gostaria que pudesse nos visitar e ver toda nossa família agora.

Amor a todos, e escreva quando puder ao seu amigo e irmão.

São Domingos próximo ao Rio

11 de julho de 1869

Ao senhor G. P. K., Montgomery, Alabama.

Querido irmão

Seu apelo para que eu volte é muito forte, os argumentos bons e endereçados muito convincentemente aos meus sentimentos e julgamentos. É certamente muito lisonjeador saber que somos tidos em tamanha estima, tal que nossos amigos estariam dispostos a doar fundos para permitirem que nos juntemos a eles novamente. Mas, assumindo tudo isso, o que eu faria se voltasse para Montgomery para minha velha

casa e sem dívidas? Poderia eu certamente me manter? Se muito da minha atividade retornasse, ela seria capaz de nos sustentar? Embora eu não diga que não vá voltar, acredito que seja imprudente fazer isso agora. Estamos vivendo confortavelmente e não estamos entrando em débitos. Minha atividade continua melhorando e promete ser tanto quanto almejamos. Nosso aluguel e impostos são elevados, mas estamos elevando proporcionalmente nossos preços.

Minhas crianças não possuem tais vantagens na educação como eu desejaria, mas em Montgomery não estariam melhores, a não ser que eu volte com dinheiro. De todo modo, elas estão melhorando dia após dia em seus estudos e lendo em casa. Os pequenos estão aprendendo rapidamente o suficiente, e ganhando saúde e força.

Se eu fosse rico eu iria gostar de viver no Brasil e visitar os Estados Unidos ocasionalmente. Eu acredito que gosto mais do país a cada dia. Domingo 18 de julho. O vapor estará aqui por mais dois dias. A não ser que eu escreva hoje, minha carta pode não estar pronta quando o vapor zarpar, pois estamos muito ocupados ultimamente.

Ontem à noite e hoje choveu. A primeira chuva que tivemos em dois meses. Nós devemos agora em breve ter um jardim, e as crianças estão criando aves domésticas e, portanto, estamos estabelecidos de forma aconchegante.

Houve alguma febre amarela aqui, principalmente entre os marinheiros, mas ninguém parece achar que se tornará epidêmica, e agora que choveu, suponho que irá desaparecer.

O Dr. Dunn chegou anteontem, de São Paulo, bem gordo, e diz que São Paulo é o melhor lugar que já viu. Está ganhando dinheiro, como todos lá, seja com uma profissão, comercializando ou plantando. Todo nosso povo está prosperando lá. Alguns estão aqui agora para comprar mais escravos. Cencir retornou há pouco de uma visita a São Paulo e está muito entusiasmado com a região como os outros. Benjamin Yancey está tão encantado que irá tentar persuadir sua mãe a vir. O capitão Shippey e Bruce voltaram recentemente de Santa Catarina. Eles parecem robustos e dizem que aquela é a terra prometida, concordam, contudo, que ela é muito semelhante ao planalto de São Paulo.

O sistema ferroviário de São Paulo tomou seu impulso inicial e será em breve muito eficiente, trazendo as boas terras do interior distantes próximas à costa. O coronel Thompson e o major Jones acreditam que São Paulo é a melhor região que já viram.

Seu velho amigo Newman mudou-se para São Paulo e eu acredito que esteja indo bem. Também o fez o senhor Miller, do Doce, e de fato é quase outra confederação. Dezesseis pessoas vieram no navio de Nathan de Nova Orleans. Todos foram a São Paulo. Uma hora – acabei de terminar meu almoço. Acredito que você apreciaria um bom vinho branco⁷⁰ que possuímos.

O Dr. Hentz deseja vir ao Brasil e, se você e sua família, com a dele e conosco, se juntar a nós em São Paulo eu acho que nunca desejaria me afastar mais de oitenta quilômetros de casa. A região está crescendo e prosperando, tanto que nós poderíamos em breve ter tudo nosso: escolas e igrejas, etc. Nós poderíamos ter paz, saúde, quietude e independência, em um clima que é aprazível, dando tudo que temos na zona temperada, somando-se a isso todas as produções tropicais. As garotas ontem foram à cidade ouvir madame Ristori em Rainha Elizabete. O Imperador e todos estavam lá. Eles intentavam ir à Igreja hoje e ficarão até o entardecer, mas a chuva que está caindo irá sem dúvida atrapalhar sua ida.

Senhor Miller – nosso vizinho do Doce, que permaneceu na lagoa por um tempo após a deixarmos, agora está vivendo em São Paulo. Ele escreve para mim e sua filha à nossa família, dizendo que estão bem satisfeitos com a região. A partir de todos os relatos a opulência os espera. O senhor Nathan tem uma área de terra bem grande que dizem ser muito boa. Ele espera um dia poder estabelecer uma fábrica de algodão. Se uma estivesse em operação lá, iria sobrepujar o lucro das minas de ouro. E se no lugar do algodão a rami fosse cultivada, os ganhos seriam ainda maiores. O cultivo dessa planta será uma fonte de muita riqueza para o Brasil e aqueles que o plantam. A senhora Miller diz que os vegetais, as aves domésticas e o gado são de qualidade superior a quaisquer outros que já tenha visto. Quando alguém pode cultivar provisões e frutas de forma abundante e barata, ele deve manter seu físico em boa condição, prosperar e ser feliz.

Não tenho dúvidas de que o pai de Coachman e a família virão. Ouvirei de você novamente no próximo correio. Pelo presente

Adeus,

Seu irmão

70 No original *vinho branco*

São Domingos,

22 de agosto de 1869

Ao general Hawthorne

Querido general

Sua carta bem-vinda de 19 de julho veio no último vapor.

Eu recebo o correio de Montgomery, The Eclectic Magazine e The Land we Love, e por eles obtenho o suficiente para me sentir muito satisfeito com o Brasil. O clima e a produção são tais que se sente como se não houvesse a necessidade de trabalho, eles podem reverter o comentário de Jó e dizer “eu gostaria de viver para sempre”.

Minha casa atual no topo de uma elevada colina é mais conveniente e confortável que Dixie, e você sabe, nós dois concordamos que aquele era um pequeno paraíso. Eu vendi meu arrendamento em Dixie para um inglês. Eles investiram muito em galinhas, a peste se espalhou e as matou. Três ondas muito altas varreram as terras baixas e destruíram suas verduras, e uma longa seca acabou com aquelas acima da água. Só então o cavalheiro, senhor Heinsman, recebeu uma carta do seu pai, da Inglaterra, oferecendo-o uma posição e dinheiro para pagar sua passagem para casa, e ele foi. Seu sócio permaneceu e passou a fazer negócios aqui. Dixie então passou de volta para as mãos de seu proprietário.

O Dr. Dunn está aqui, esperando para ir até a comissão pelo diploma. Ele está se saindo bem em São Paulo. Morgan recentemente deixou a Geórgia. Kneese está aqui, ajudando a construir o novo porto da balsa. Cogburn é o feitor do capitão Johnson. Slaughter está ensinando no Rio e Cencir ainda edita o Reflector. Sampson tem um amplo contrato com a ferrovia Dom Pedro e Thompson, Shears, Shippey, entre outros, estão com ele.

Todos os confederados estão saindo bem, talvez melhor do que poderiam nos Estados Unidos. Nathan publica um semanal editado pelo capitão Freligh, é um bom jornal.

Uns poucos imigrantes continuam a vir do sul e todos ou praticamente todos vão direto a São Paulo.

A ferrovia até Campinas será construída e então estendida indefinidamente. A região se tornou tão rica e próspera que a demanda pela estrada é urgentíssima.

Coachman e eu estamos sobrevivendo, e eu acho, construindo uma boa reputação, mas estou cansado da vida de profissional liberal e anseio me livrar de seus incômodos peculiares.

Meus planos de preservar carne estão suspensos. Wharton, capitão Johnson e eu formamos uma companhia e nos unimos com Rodocanachi⁷¹. Foi tudo informal. Rodocanachi obteria o privilégio e forneceria capital, e nós seríamos parceiros iguais nos lucros.

O privilégio foi obtido do ministro para a província do Rio Grande do Sul, por cinco anos, e a coisa parou aí. Nós da companhia somos os únicos sócios que conhecemos o processo, mas estrangeiros, eu acho, influenciaram Rodocanachi a acreditar que o processo era antigo e não confiável, embora nós tenhamos exibido amostras de toucinho, presunto, carne seca, porco e bife em conserva, preservados durante a parte mais quente do verão sob as circunstâncias mais adversas, os quais após três meses, e até mesmo seis meses, estavam perfeitamente bons.

Agora, sobre o assunto ao qual você se refere. Devo agradecer cordialmente pela oferta que faz. Parece-me que eu poderia cuidar do assunto prontamente. Se você puder obter o direito para este continente, faça-o. Você pode, pagando certo percentual das receitas e assim não precisará de capital. Não haverá dificuldade em obter todo o dinheiro que possa ser necessário nos negócios aqui. O plano é primeiro assegurar o privilégio para vender os direitos locais em diversas áreas – reservando para uma companhia o direito em um bom local quando o trabalho puder ser levado adiante, em grande escala. Fui ver o Dr. Galvão, mas ele não estava. Eu conheço o plano de assegurar o direito e irei me informar completamente e então escrever-lhe se eu estiver equivocado. Com um pouco de conhecimento em química, não duvido que eu possa curtir couro. O plano é obter o processo aqui – curtir algumas peles e então realizar a petição ao ministro pelo privilégio –, o ministro o referirá à Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, que discutirá os méritos do assunto e, se eles votarem a favor, o privilégio é garantido, se não, recusado. Essa é a forma mais simples de obter uma patente aqui. Se isso falhar pode-se trazer a questão ante a Câmara em maio próximo e a licença é concedida por ato especial.

Rodocanachi tem o direito de abater todos os animais para o mercado do Rio. Ninguém pode abater sem pagar muito a ele, e isso é uma fortuna anual principesca.

71 João Baptista Rodocanachi, que, pelo decreto do executivo de 16 de maio de 1869, recebeu o privilégio de introduzir no Brasil um sistema para conservação da carne. Cf. Collecção das leis do Império do Brasil de 1869. Tomo XXXII, parte 2. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1869, p. 261.

Agora, um curtume, ao lado de seu matadouro, supriria o Rio com couro. Mas o país das ovelhas é a República Argentina. Eu tenho alguns amigos na Sociedade Auxiliadora – acredito que eu poderia confidencialmente buscar sua assistência nesse assunto. Deixe-me receber notícias suas o mais rápido possível. Nós temos outra, uma linha inglesa de vapores daqui para Nova Iorque. Parte daqui dia 7 para Nova Iorque direto e então para Liverpool, então para cá, então para Liverpool e novamente para Nova Iorque. Leva passageiros por £35 e \$175,00. Estamos todos bem.

Seu amigo, etc.

São Domingos

16 de novembro de 1869

Meu prezado coronel

Compromissos profissionais durante o dia e a companhia à noite impediram-me de responder por meio do vapor que trouxe sua carta. Tenho estado muito ocupado e também muito cansado o tempo inteiro ultimamente. Leio tarde, mas devo deitar-me. Mas chega disso.

Capitão McEachin jantou há pouco comigo e nós bebemos à sua saúde e relembramos os dias quando estávamos em Cumberland Gap. Os bons velhos tempos – a memória é agradável. Existe a possibilidade de que eu deixe este país – ainda que eu ame o clima. Estou em um local delicioso, e aprecio a vida tanto quanto qualquer um pode. Embora as razões remotas pelas quais deixei os Estados Unidos estejam tão contundentes em mente como nunca estiveram – ainda assim posso voltar.

Eu o deixei, você sabe, por causa da anarquia que eu esperava que prevaleceria – da pobreza que já estava batendo em nossas portas e a desmoralização que eu achei, e ainda acredito, que irá certamente cobrir a área.

Sentindo como eu sinto, filosofando como eu fiz, convencido como estou, eu digo que eu posso retornar. Por quê? As razões devem ser convincentes. Elas são, mas elas ainda não me fizeram decidir. Se a ordem da minha família fosse invertida e os meninos viessem primeiro, eu não acho que nutriria um pensamento de deixar o Brasil. Como ela é, eu não posso levar meus planos adiante, mas devo aderir à vida na cidade e à vida de um profissional liberal, o que significa viver na riqueza e morrer na pobreza.

O exercício da profissão que temos aqui é bom. Em um ano nossos pacientes aumentaram e nós temos pacientes espalhados em todas as direções. Eles crescem diariamente e outro ano nos dará todos os estrangeiros e boa parte da elite dentre aqueles pacientes nativos que agora temos. Mas eu não sou tão jovem quanto eu era.

Os elos sociais que me mantinham no Brasil estão se afrouxando diariamente, apesar do fato de eu ter amigos entre os estrangeiros, meus sentimentos ardorosamente cultivados são de um rebelde genuíno. Em breve haverá poucos restantes próximos ao Rio. Se eu tivesse seguido meu plano original e ido a São Paulo, teria me estabelecido para a vida inteira. Se meu amigo Sampson vivesse, eu poderia ainda ter ido a São Paulo e ficado rico – mas há algo talhando meus planos, e trabalha sobre eles com vigor.

Minha esposa entrou há pouco e disse “eu quero saber o que pensa sobre voltarmos aos Estados Unidos”. Eu perguntei se ela desejava retornar ela respondeu: “Eu estou satisfeita com o país, mas nós devemos pensar no melhor para as crianças”. Ela está encantada com o Brasil e bem, ela deve estar, pois o clima é realmente delicioso e toda a família está com saúde tão boa, que a vida é luxuosa.

O capitão McEachin irá partir na próxima semana e com ele você terá conversas agradáveis. Ele e sua família estarão comigo poucos dias antes de navegarem. Quando vocês se encontrarem pensem em mim – estarei com vocês em espírito.

Dê minhas lembranças a toda sua família, ao Governador Watts e outros amigos.

Seu amigo

Ao coronel D. S. Troy, Montgomery, Alabama.

Rio de Janeiro

21 de novembro de 1869

Meu prezado Doutor.

Eu aproveito a ocasião do retorno do capitão McEachin para enviá-lo como prova de meus bons sentimentos uma garrafa de Laranjinha – uma bebida alcoólica feita da laranja agridoce da terra deste país.

Eu escrevo esta mensagem sobre a casca ou cutícula vegetal retirada da palha da folha de uma palmeira imperial que se localiza ao lado do meu portão da

frente. Eu a envio como uma curiosidade – a folha está sob o fino papel em meu duplicador de cartas sobre o qual escrevo. Nós também podemos usar tinta e ela não borra. Por palha, eu quero dizer a parte que corresponde à porção da folha do milho que cobre o caule. As folhas caem em intervalos regulares e cada uma delas deixa um anel em volta do corpo da planta. Essa palmeira é a perfeição da beleza e simetria entre as árvores.

Eu desejava ser suficientemente independente da necessidade de trabalhar diariamente para me dar um mês de descanso. Eu gostaria de fazer para você e para a sociedade uma coleção de todas as coisas curiosas deste país. Entre outras coisas, eu gostaria de obter um espécime de Elefantíase tão comum aqui. Cabeças de macacos, mãos e pés – espécimes de pássaros – répteis e plantas curiosas. Eu posso também coletar alguns parasitas, tão singulares, e flores tão únicas e belas. Eu acredito que Darwin se perderia entre os parasitas, eu anseio pela capacidade pecuniária de estar confinado à minha profissão não mais do que três horas por dia e poder dedicar o restante aos estudos, aprender mais sobre a natureza em animais, plantas, etc. Mas meu nariz deve estar sobre o esmeril⁷² e dessa forma continuará, até que seu sentido leve em consideração aquela outra existência pela qual eu espero com grande prazer.

Toda a família está bem. Nossa saúde tem sido ininterruptamente boa desde que nos livramos da malária.

Eu não quis escrever uma carta a você, agradecendo-o por algumas coisas e discordando de outras em sua carta ao Dr. Nott, mas eu não tenho tempo. Eu não posso escrever no consultório – é o quartel general dos rebeldes ou pacientes. Em casa, eu não posso escrever à noite, já que normalmente temos companhia – e aos domingos eu geralmente me encontro cercado pelos pequeninos, cuja diversão eu devo atender. Você saberá da minha esposa, que lhe escreve, e também pelo capitão McEachin, algo da nossa casa agradável, assim não acrescentarei mais.

Seu amigo, etc.

Ao Dr. W. O. Baldwin, Montgomery.

72 A expressão faz referência ao trabalho árduo e diligente.

Fazenda Bangu

Mais uma vez retiramos dos diários.

Morro do Ingá

Segunda-feira, 14 de março de 1870 – “As coisas mudaram desde que escrevi da última vez – embora tenham se passado apenas onze dias. Papai e o senhor Judkins conceberam um plano para que nós vivêssemos em Bangu até que fôssemos aos Estados Unidos. Estivemos lá uma semana ou mais e papai, mamãe e eu voltamos à nossa velha casa esta manhã para arrumarmos a bagagem. Algumas das coisas nós não esperávamos abrir até que chegássemos a Montgomery. Ellie e eu esperamos ir a Petrópolis para uma visita. Parei em meio à arrumação para escrever em meu diário. A última vez em nosso querido lar em São Domingos. Nós nos sentimos tristes, pois amamos muito esse lugar, e estivemos felizes aqui. Ainda assim, esperamos com alegria pela nossa viagem de volta e desejávamos que pudéssemos levar conosco o clima e as palmeiras, e muitas coisas que são encantadoras. Lá se senta nosso cachorrinho empalhado, observando tão sábio, como se estivesse perguntando se ele também irá. Eu espero que sim, pois papai ama tanto suas curiosidades que certamente irá levá-lo.

Daremos aqui uma interessante história desse cachorrinho empalhado, escrita por Lizzie F. Os detalhes dados por madame Tissot.

‘Há mais de quarenta anos, esse cachorrinho empalhado, cujo nome era Fidele, era o animal de estimação de uma senhora francesa, e enquanto viajava pela Itália ele morreu subitamente. Sua afetuosa senhora empalhou-o e, como me foi dito, reproduziu a bondosa expressão de seus olhos. Essa senhora depois emigrou para a Suíça, onde morreu, legando o cachorro a uma amiga que tinha apenas uma criança, uma filha. Essa amiga veio com sua garotinha ao Brasil, trazendo o cachorro consigo. A garotinha cresceu e logo após seu casamento a mãe faleceu, e esse cachorro empalhado, entre outras relíquias, foi herdado – ela se tornou posteriormente madame Tissot. Ela deu-o a um garotinho ame-

ricano, Willie Freligh. Depois de um ano em que Willie teve posse dele, seus pais estavam se preparando para se mudar para outra província. Como não desejava levar o cachorro consigo, ele presenteou a um amigo americano, que à época residia no Rio de Janeiro, Willie F...’

Agora, se esse mudo pequeno ‘Fidele’ viajar aos Estados Unidos e sua história continuar, ela pode se mostrar ainda mais interessante.”

Bangu, 11 de abril de 1870 – “Retornamos de Petrópolis sexta-feira. O tempo era muito fresco lá. Apreciamos muito a visita. Enquanto estávamos lá a família Imperial veio, e toda a aristocracia do local foi encontrá-los. A procissão era bem imponente, uma longa fila dupla de carruagens à frente a comitiva do Imperador e um grupo de homens a cavalo. Todos eles passaram pelos belos arcos preparados para a recepção ao Imperador na área do palácio. Há três palácios, um em Petrópolis, um na cidade e outro na ferrovia Dom Pedro em São Cristóvão. Nós vimos o terreno deste último em nosso caminho a Bangu. O Imperador convidou todos os que o seguiam a iluminar suas carruagens. Sabendo que ele estava cansado de sua longa cavalgada nós o deixamos descansar. Naquela noite, e na seguinte, as ruas estavam radiantemente iluminadas e havia uma grande queima de fogos de artifício. Vou começar a ensinar os pequenos, de novo.

A guerra do Paraguai terminou e os brasileiros estão em grande regozijo.”

Domingo, 1 de abril de 1870 – “Andamos pela avenida. Estamos ocupados o tempo todo durante a semana e os dias se passam agradavelmente, com a família do senhor Judkins. Nós costuramos praticamente todos os dias. Lá pelo pôr do sol todos vão ao laranjal e apreciam a deliciosa fruta. Preparamo-nos com facas para as descascarmos e nos sentamos sob as árvores, pensando sempre que será uma grande privação deixá-las. À noite, quando as crianças de ambas as famílias estão dormindo, nós lemos, fazemos renda, jogamos xadrez ou cartas.”

Avenida Bambu e o Festival

23 de abril de 1870 – “Mamãe esteve muito doente, papai mandou buscar certa quantidade de gelo, que achamos que salvou sua vida, pois antes dele chegar nem quinino ou morfina era de algum uso, e a febre não podia ser baixada.

Toda a família do senhor Judkins tem sido tão gentil.”

6 de março de 1870 – “Nós estamos ocupadas cosendo, mamãe está bem de novo, embora ainda não esteja forte. Ela também está ocupada, e todos estão com bom humor, fazendo roupas. E como a máquina funciona! E como gostamos de nosso trabalho! Nós chamamos a senhora J. nossa ‘madame Demorest’ porque ela se mantém atualizada com a moda melhor que nós. Consultamos as revistas e nos voltamos a ela. Ela também está se aprontando para voltar aos Estados Unidos, e está feliz com a ideia de encontrar sua família e seus amigos. Ela certamente possui uma casa deliciosa aqui e todos os confortos da vida. A casa é imensa, grande o suficiente para muitas famílias. Era antes a casa de um Barão e é interessante caminhar de um quarto a outro, alguns dos quais contendo reminiscências da velha mobília maltratada. A parte ocupada é bem mobiliada. Possui uma grande e bela sala de visitas e duas salas de estar. Uma das quais nós nos sentamos para coser tem um velho piano que não é utilizado, exceto para espalhar nosso trabalho sobre ele, quando alinhavamos ou cortamos. Há muitos quartos grandes e agradáveis e a cada janela da sala de estar principal há uma sacada de ferro. Quando as venezianas estão abertas e colocamos nossas cadeiras lá fora é deliciosamente fresco e podemos observar a lua, as estrelas, e olhar à volta, para as montanhas e o vale calmo.”

12 de março de 1870 – “Como eu desejo que minha caneta seja o pincel de um pintor, e que o dom de colocar sobre o papel algumas dessas belas paisagens seja meu. Como eu gostaria de manter comigo, sempre, uma pintura da avenida Bambu, que é a maior atração da fazenda. Esse bambu possui um caule imenso e a avenida é formada por duas

fileiras plantadas a cerca de nove metros de distância uma da outra, com os ramos do topo encontrando-se acima, formando um lindo arco. O solo é acarpetado com folhas secas e com palhas do bambu, que caem continuamente, enquanto as folhas das laterais e acima permanecem sempre verdes. A abertura do outro lado parece muito pequena, já que a avenida possui mais de cento e oitenta metros de comprimento. Aqui é sempre fresco e nós apreciamos caminhar pela manhã e ao entardecer sob essa sombra deliciosa, e frequentemente nos sentamos aqui para comer laranjas.

A senhora Judkins pinta uma paisagem frontal de Bangu. Será muito bela, ela fez alguns esboços a lápis do cenário montanhoso.”

20 de março de 1870 – “O Conde d’Eu retornou do Paraguai há pouco tempo, e os brasileiros parecem querer mostrar-lhe todas as honras possíveis. Há uma ou duas semanas, eles realizaram celebrações e a cidade estava radiantemente iluminada. Do dia 21 deste mês ao dia 28 houve demonstrações gerais de alegria. Muitas encenações de batalhas navais e terrestres, e várias exibições de fogos de artifício, claro. Os brasileiros parecem ter em grande conta tais cerimônias. Papai quer ir conosco para assistirmos ao espetáculo grandioso, mas a febre amarela irrompeu novamente no Rio e eu acredito que ficaremos desapontados, pois estaríamos com medo de permanecer toda a noite na cidade. Que pena! Eu gostaria muito de ir.

O pequeno Tommy Judkins fala apenas a língua portuguesa. É interessante e divertido ouvi-lo. Ele e George brincam muito felizes juntos e George agora está misturando as linguagens. A pequena Mary Judkins nasceu aqui nesta grande mansão antiga. Mattie em São Domingos, em nossa casa, chamada morro do Ingá. Quando eles se encontrarem, nos anos vindouros, eles irão falar desses lugares dos quais não se lembrarão, e contar que nasceram em uma terra estrangeira. A pequena ‘Mattie’ em meados do verão, em 16 de janeiro. Nós todos temos muitas coisas agradáveis e úteis para relembrarmos, das situações variadas pelas quais passamos. Muitas das grandes belezas permanecerão em nossas mentes, da gloriosa paisagem montanhosa, da rica floresta e alegremente carre-

garíamos conosco a saudável e leve brisa do mar. Nós ainda podemos suspirar por tudo isso quando os ventos de inverno fizerem-nos tremer nos Estados Unidos.”

30 de março de 1870 – “Tivemos um tempo chuvoso desagradável, uma vez, desde que viemos a Bangue, e na medida em que o sol se manteve entre nuvens por muitos dias, estava muito frio, e todos nós concordamos que uma lareira seria animadora e confortável. A senhora Judkins colocou carvão em um pequeno forno e nos sentamos aconchegantemente à sua volta, aquecendo nossos pés, e tínhamos xales sobre nossos ombros. Essa condição do tempo não é frequente. A grande *festa* terminou e nós sentimos que perdemos o privilégio de testemunhar a maior de todas as visões.

Como parecia pouco seguro para irmos à cidade naquele momento, ‘o Pai’ apreciou todo o espetáculo pelo restante. Ouvir o seu relato foi quase igual ver por nós mesmos.

A guerra com o Paraguai terminou após a morte de Lopez.

Quando o Conde d’Eu, comandante em chefe dos Aliados, retornou ao Rio, a família imperial e alguns dos dignitários do Estado foram recebê-lo na baía, em um vapor belamente decorado ao verdadeiro estilo brasileiro, com bandeiras, coroas de flores, e galhardetes alegremente coloridos. Eles desembarcaram no arsenal naval, que se localiza ao fim da Rua Direita. A procissão passou então, a pé, pelo Palácio de Despachos, no Paço Imperial, onde o Conde recebeu os cumprimentos do povo. Por algumas horas eles lotaram o edifício. Soldados estavam guardando cada um dos lados da rua para prevenir que a multidão bloqueasse o caminho, mas sem efeito. A massa tornou-se tão densa que o Imperador implorou para passar agitando seu chapéu, que ele tirou para refrescar sua testa, de forma suplicante. Então se seguiram três dias de júbilo e celebração. Toda a cidade estava iluminada, e foram arrumados arcos de luzes a gás cruzando as ruas, a um custo enorme. Prédios temporários foram erigidos (cobertos por flores e coroas), alguns deles representando fortes que foram tomados. No arsenal de guerra, que estava iluminado com luzes de cálcio, estavam reunidos todos os troféus,

canhões, bandeiras de batalhas, etc. A espada de Lopez, que ele usava durante sua morte, e a lança com a qual ele foi morto, por Jô Diabo.

Guirlandas foram suspensas, emitindo o mais belo efeito com arranjos de muitos copos coloridos contendo luzes, os quais eram amarrados com fios. Estruturas elevadas foram colocadas nas ruas, bem acima da multidão, como palcos para os músicos.

Os brasileiros têm mais gosto em sua demonstração de fogos de artifício e decorações citadinas que qualquer outra nacionalidade, e uma vasta quantidade de dinheiro é gasta em seus festivais. Após tudo isso, uma bela construção foi erigida no Campo de Santana, com um imenso arco no centro, decorada como qualquer coisa o era, com esplendor. Ela não foi desmontada quando passamos pela cidade da última vez.”

Domingo, 5 de junho de 1870 – “Nós estivemos tão ocupados quanto possível, nos preparando para em algum momento dessa semana viajar aos Estados Unidos. Reunimos algumas curiosidades, mas não tantas quanto gostaríamos de levar conosco. Estamos ocupados demais, e eu não tenho tempo para escrever em meu diário.”

No Oceano

Domingo, 11 de junho de 1870 – “A bordo do *Wavelet*. Na manhã do dia 10, fomos até nosso navio. Estávamos muito enjoados. A baía estava agitada, embora o céu estivesse limpo, azul e não houvesse vestígios de uma tempestade. O capitão parecia estranhar. Nós lamentamos muito que a família do senhor Judkins não veio conosco, mas ele não tinha vendido sua propriedade, e, claro, não podia estabelecer uma data definida para sua partida. Ansiávamos muito fazer a viagem juntos. No entanto, tínhamos certeza que eles nos seguiriam em breve.

Nossa última noite na cidade foi triste, embora muito agradável. Nossos amigos americanos estavam conosco. Levaram-nos às sorveterias, pela última vez. Então retornamos ao consultório e ouvimos música do piano. Tentamos ficar animados, mas era com esforço, pois embora nos regozijássemos em saber que estávamos retornando à nossa terra nativa, não podíamos aplacar tais pesares, deixando para trás aqueles que tinham sido, ao longo dos anos de nossa estadia no Brasil, tão gentis e verdadeiros. Aqueles que tinham sido, mas eu não posso dizer o quanto sentimos ao deixar aquele que preencheu um lugar como irmão em nosso lar e em nossos corações. Mas ele agora está mais solitário que nós. Ele retornou ao seu consultório, número 43, e encontrou-o diferente do que tem sido, eu sei, e ele sentirá que será difícil ficar animado, pois permanecerá no Brasil por diversos anos. Talvez nunca tenha havido corações tão divididos, entre alegria e pesar. Alegria de retornar aos Estados Unidos, pesar por deixar o Brasil.”

13 de junho de 1870 – “Trouxemos conosco as pombinhas de estimação e elas não pareciam conscientes de estarem em alto-mar.

*‘Fora em um Oceano sem limites, nós navegamos –
Agitados pelas ondas em uma maré bravia, incansável
Estamos a caminho de casa, a caminho de casa.’*

Como passageiros, nós temos a bordo dois cavalheiros de Nova Iorque, um de Baltimore, e também um canadense, que está levando para seu lar distante uma esposa brasileira. Descobrimos que eles são os mesmos cujo casamento minhas irmãs assistiram enquanto eu estava em Pau Grande.”

Terça-feira, 14 de junho de 1870 – “Cerca de 9 horas da manhã vimos um brigue, após se aproximar o suficiente, pensávamos que queriam falar conosco. Não pudemos distinguir seu nome, já que eram letras brancas sobre fundo branco, provou ser holandês, além de possuir bandeira com cores da Alemanha do Norte. Seu capitão queria corrigir a longitude, estava há algum tempo no mar. De Londres, na Inglaterra, em direção a Santos, Brasil. Descobriu que seus cálculos estavam incorretos por 20 minutos. O dele sendo 39^o22’ e o nosso 39^o42’ a oeste. Após realizar a saudação usual ao descer as respectivas bandeiras a meio mastro, nós partimos, provavelmente para nunca mais nos encontrar.

A passagem acima foi escrita em meu diário por um cavalheiro, por eu não entender termos náuticos, pedi a ele que escrevesse essa nota para mim.

Não sofremos mais com o enjoo e os dias se passam rápida e agradavelmente. À noite cantamos, conversamos e às vezes jogamos cartas. Durante o dia costuramos ou lemos, e as crianças estão muito felizes. Eles brincam na maior parte do tempo no convés inferior entre os marinheiros e não há possibilidade de caírem no mar. Os oficiais e toda a tripulação são gentis com eles e parecem interessados nos quatro garotinhos, parecendo uma escada quando todos estão enfileirados. Permitem muitos privilégios, e frequentemente brincam com eles.”

Sexta-feira, 17 de junho de 1870 – “Ontem de manhã o vento tornou-se mais fresco e a água ainda está um pouco agitada. Por volta das 3 horas vimos um veleiro na proa, provou ser um brigue, viajando da mesma forma que nós, alcançamos e o ultrapassamos por volta da 8 horas da noite. O vento tornou-se um pouco mais turbulento, fazendo com que nosso navio mergulhasse o nariz sob a água, um pouco dela indo até o convés na popa – forçando as senhoras passageiras a descerem. Às 11

horas da noite retiraram o traquete e o mastro real para fazer com que o barco navegasse de maneira um pouco mais fácil. Até a manhã tinha carregado nossa vela de estai – o vento mostrando-se feroz.

Essa nota foi escrita pelo mesmo cavaleiro que me ajudou antes, ele também está marcando em nosso mapa a trajetória que realizamos. A cada dia vemos quantos quilômetros completamos de nossa viagem. Ela não será tão agradável quanto nossa viagem no *Marmion*. As acomodações, embora feitas para passageiros, são muito próximas e nós ficamos o menos possível na parte de baixo. Quase todo mundo senta-se no convés, para evitar os enjoos. Apreciamos a brisa do oceano.”

Domingo, 19 de junho de 1870 – “Temos ventos mais favoráveis e poucos enjoos.”

22 de junho de 1870 – “Nesta manhã vi uma baleia, não muito grande.

Soubemos que o senhor Smith é um ótimo tocador de banjo. Ele diz que se tivesse os materiais faria um e nos daria música. Dei a ele uma pele de porco-espinho que havia sido um presente da senhora Pinkney – não gostei de desfazer da bela pele, mas a ideia de ter música sobrepoujou meu desgosto ao entregá-lo. A banda de madeira-latão etc., foi fundada no navio, e ele foi trabalhar para fazer um banjo. Ellie tinha algumas cordas de viola, com as quais contribuiu.”

Domingo, 27 de junho de 1870 – “Um navio passou nesta manhã vindo da Espanha em direção à Austrália. Nós vimos outra baleia, maior que a última.

O banjo está pronto – e ontem o senhor Smith deu-nos algumas notas. Ele toca maravilhosamente e canta notavelmente bem. Não tinha ideia de que pudesse fazer um instrumento tão bom ou pudesse retirar tal música dele.”

Quarta-feira, 13 de julho de 1870 – “Esperamos parar na ilha de Barbados e estávamos muito satisfeitos com a perspectiva de vermos terra. Houve muito alvoroço a bordo, alguns dias antes – alguns cavaleiros pegaram um tubarão terrível de se ver. Eles estão secando sua mandíbula.

Na noite passada houve um eclipse lunar.”

Quinta-feira, 21 de julho de 1870 – “Sábado de manhã nós atingimos Barbados. Que paisagem linda as ‘colinas de mantos verdes’ eram aos nossos olhos, há tanto tempo acostumados às amplas águas. Nós todos descemos, exceto mamãe, que permaneceu no navio com as crianças. Vimos coberturas de placas sobrepostas de madeira mais uma vez, o que nos fez sentir saudades de casa. Passamos muitas horas realizando compras, descobrindo que alguns tipos de mercadorias, como seda, linho, etc., eram muito mais baratas, não havendo taxas de importação sobre elas, já que a cidade pertence aos ingleses. Nós nos arrependemos apenas pelo fato de não termos somas elevadas para gastarmos em tais artigos, já que sempre necessitaríamos deles. Retornamos ao Wavelet, muito satisfeitos com nossa visita curta a Barbados e os amigos de uma hora, que nos mostraram alguma atenção gentil. Agora estamos novamente a caminho. Descobrimos enquanto estávamos na ilha que ocorreu um terremoto em Guadalupe no dia 10 de junho, e é por isso que a água estava tão agitada próxima à costa quando deixávamos o Rio. Também soubemos das notícias sobre a morte de Dickens no dia 9.”

Quinta-feira, 28 de julho de 1870 – “Após deixarmos as ilhas Barbados, os ventos estavam bons e nosso navio andou rápido. Alguns dias nós velejamos tão rapidamente que era desagradável caminhar no convés. Nós apreciamos a melodiosa música do banjo, todas as noites.

Hoje os cavalheiros pegaram um grande golfinho, causou grande agitação e movimento no convés.”

31 de julho de 1870 – “Estamos a uma pequena distância de Nova Iorque, mas ventos contrários nos impedem de chegarmos lá.

Eu devo mencionar uma pequena exibição providenciada pelos marinheiros para a diversão das crianças, mas que os adultos apreciaram quase tanto quanto. Dois dos homens se transformaram em um elefante ao colocar um colchão sobre suas cabeças, envolto com um cobertor cinza. A cauda foi feita com um esfregão, que eles utilizam para lavar o convés. A cabeça foi modelada apropriadamente, e com as quatro patas abaixo o animal parecia circular de forma pesada. Outro marinheiro tocou música com uma flauta de bambu e o circo estava satisfatório, melhor que uma apresentação na terra. Ao menos assim pensavam as crianças.”

Um alarme

A ceia tinha terminado naquele momento e parte da família subiu ao convés, os outros ainda estavam sentados em volta da mesa, quando de repente um amplo e radiante clarão de luz iluminou todo o salão. Parecia que estávamos cercados por chamas. Naquele momento uma era se passou. O pensamento temeroso que o navio estivesse em chamas trouxe uma cena às nossas mentes que nunca será esquecida. A última luta com vida, em uma morte no mar. Era terrível! Nosso primeiro impulso mais profundo, na agonia daquele momento, foi reunir em um último abraço nossa família querida, para que pudéssemos, ao deixar este mundo, estar juntos na eternidade. Demos um passo em direção à porta. Poucas exclamações de terror foram ouvidas. Madame de Bushaville desmaiou, tão subitamente quanto o lampejo surgiu, se foi, e então ouvimos a causa de nosso alarme.

O capitão Osborne, um passageiro que então retornava da despesa, explicou-nos. Ele estava bem pálido com o medo (embora fosse um velho marinheiro), mas não tinha perdido sua presença de espírito. Descobrimos imediatamente que a luz estava na despensa e a porta estava aberta, corremos até lá e vimos uma lamparina caída, o fluido queimando sobre o chão, espalhado em diversas direções. Ford, o comissário negro, pulou sobre um barril em um canto e estava em pé, apenas como um observador transtornado, após sua estupidez ao tentar preencher com óleo a lamparina acesa. Parte do fluido que derramou sobre sua mão pegou fogo e fez com que ele soltasse a lamparina. O capitão Osborne pegou um pedaço grande de tecido molhado que estava aberto sobre o chão, que Ford utilizava para lavar o piso, lançou-o sobre as chamas extinguindo-as instantaneamente.

Houve certamente um momento do maior medo que já experimentamos. Quão gratos estávamos quando nos sentamos calmamente sobre o convés, pouco depois, apreciando a brisa fresca e o movimento

gentil do navio, pois era apenas um sinal de que a Providência estava conosco e tudo estava bem.

Quão pequeno era esse objeto, esse barco no mar, carregado com carga e vidas preciosas, comparado ao poderoso oceano sobre o qual ele flutuava, e quão sozinho nesse grande ermo de águas ele parecia estar, sem qualquer mão terrena para auxiliar em um momento de aflição. Ninguém além de Deus para nos salvar. Por que deveríamos por algum momento esquecer nossa completa dependência Dele?”

1º de agosto de 1870 –

*Ampla, sem limites e profundo
Tu oceano tempestuoso
Sacudido em espuma
Pelo poderoso movimento dos ventos.*

*Arremetendo em fúria
Tuas águas elevadas
Comparando-se em beleza
Teu azul – Oh! Céu.*

*Frio – egoísta e cruel
Tu belo mar
Quantos tesouros queridos*

Jazem enterrados em ti

J-----

13 de agosto de 1870 –

*Oh! Pelas palavras, pela expressão verdadeira
Desses pensamentos, tão selvagens e profundos
Pensamentos, que com meu coração em chamas palpitam
Levantam, e iniciam, como se acordassem.*

*Procuras verdadeiras, fervorosas em busca
De coisas insondadas, coisas invisíveis
Esse misterioso desejo por algo
Jazendo entre o Céu e a terra*

*Se eu possuísse esse poder mágico
Se pudesse manejar a caneta de chamas
Essa música poderia encontrar um eco
E esse algo encontrar um nome,*

*Como a música formidável do órgão,
À qual o coração não pode resistir;
Meus pensamentos fluíam aos borbotões,
Sinceros, belos e grandiosos.*

J-----

2 de agosto de 1870 – “Nós chegamos ontem e ancoramos na baía de Nova Iorque, mas não podíamos ainda desembarcar. O navio que deixou o Rio um dia antes do nosso e chegou há dois dias entrou em quarentena por conta de dois casos e uma morte por febre amarela ao longo da viagem. E embora nossos passageiros e a tripulação estivessem com saúde perfeita, e a febre não grassasse como uma epidemia quando zarpamos, nós tivemos que entrar em quarentena.”

Quarta-feira, 3 de agosto de 1870 – “O capitão desembarcou para saber os pormenores da quarentena. Foi-lhe dito que duraria cinco dias ou talvez mais.

O fiscal da alfândega irá inspecionar nossa bagagem e um médico virá para examinar nosso pulso e olhar nossas línguas. Um dos oficiais recusou duzentos e cinquenta dólares que o capitão ofereceu pela permissão de entrar na cidade. Ele então procurou um piloto e um barco de reboque, e à meia-noite levantou âncora e navegou até Amboy do Sul, na costa de Jérsei. Nós iremos a Nova Iorque dali, pela ferrovia. Corações entristecidos ontem, mas alegres hoje.”

Lar doce lar

Montgomery, Alabama

Sexta-feira, 12 de agosto de 1870 – “Após chegarmos a Amboy do Sul, Nova Jérsei, nós fomos detidos no navio por um dia e meio. Como o esperado, o doutor não veio no horário marcado. Ele finalmente chegou e sua face pálida carregava um notável contraste com nossos rostos saudáveis e corados, pois todos nós (até mesmo o bebê) estávamos bronzeados pelo sol e pela brisa do mar. Se não soubéssemos que isso em breve desapareceria, não teríamos sentido tanta vontade de apreciar a maresia no convés por tanto tempo. O médico realizou seu dever, sorrindo à medida que passava de um a outro, dizendo a si mesmo que aquela seria uma mera farsa até mesmo ao duvidar do nosso estado de saúde.

Então veio o fiscal da alfândega, que muito respeitosamente examinou nossas bagagens, saiu, e depois o grandioso e burlesco final com a fumigação do navio. Até mesmo esses homens olhavam à volta para os marinheiros valentes e olhavam para nós, como se estivessem se divertindo com o que foram mandados fazer. Após todos os obstáculos imaginados serem removidos, foi-nos permitido deixar o ‘Wavelet’.

Outra despedida triste. Sentíamos muito dizer adeus aos marinheiros que foram tão gentis com todos nós. As crianças foram abraçadas e gentilmente levantadas até o bote que nos levou para a praia. Os marinheiros acenaram com seus chapéus tanto quanto pudemos vê-los, e então o navio que nos levou em segurança pelas amplas águas não foi mais visto.

Nós pegamos o trem para Nova Iorque. Toda estrada, árvore, casa, cerca, homem, mulher ou criança que vimos encheu nossos corações de gratidão, pois sentíamos que estávamos de fato sobre a terra.

Meu pequeno irmão Reb viu algumas pilhas de feno e exclamou: ‘Eu não sabia que os cacauzeiros cresciam tão grandes em

Montgomery.’ E George chamou nossa atenção para ‘uma casa sobre pernas’, já que nunca viu uma construção sem suas fundações sobre o solo.

Nós permanecemos em Nova Iorque por dois dias no Hotel Western. O proprietário foi muito gentil e estava muito interessado em nossa grande família. As crianças comportaram-se muito bem e estávamos espantados que elas pudessem ficar tão quietas e comportadas, após brincarem ruidosamente para contentamento de seus corações no convés do navio por quase dois meses.

Caminhamos pela Broadway e também visitamos o Central Park, vimos pouco, além disso, digno de ser lembrado durante nossa curta estadia.

Compramos passagem para Savannah em um elegante vapor, San Salvador, comandado pelo capitão Nickerson. Essa foi uma mudança tão deliciosa em relação ao Wavelet e o mar estava tão calmo que desfrutamos cada hora da viagem.

O capitão era atencioso e agradável, e havia alguns passageiros que também o eram. Descobrimos que um cavalheiro era um amigo de alguns amigos que fizemos no Brasil. Ele nos divertiu dando-nos um relato sobre o naufrágio do Mississippi, no qual ele estava viajando quando foi a pique. Todas as vidas foram salvas. Eu acredito que esse foi o único vapor perdido na linha entre Nova Iorque e o Brasil. De Savannah nós fomos a Columbus visitar meu tio, Dr. T. Hentz. Ficamos muito felizes por um tempo e teríamos permanecido uma semana ou mais como eles insistiram para que fizéssemos, mas nossa bagagem foi despachada para Montgomery e nossa jornada fora tão longa que Papai achou melhor irmos para casa.

Casa! Quão agradável é escrever agora essa palavra. Pode alguém pensar na alegria, por um tempo, maior que retornar para casa, com as boas vindas amorosas dos amigos, após a ausência em uma terra estrangeira por três anos? Se sim, deixe-os voltar conosco para a noite de nossa chegada nos vagões, entre a multidão que se reuniu à nossa volta, as faces sorridentes e contentes que surgiram e as vo-

zes familiares que ouvimos. Uma alegria impronunciável preencheu nossos corações quando nos sentimos abraçados por braços gentis. Nossas mãos foram apertadas por muitos, cujos rostos na multidão nós não podíamos ver.

Mas quando vimos a cobertura e as chaminés de nossa querida e antiga casa, tão evidentemente destacada entre os cedros, os cavalos não podiam levar-nos rápido o suficiente através do campo gramado, ao longo da estrada arenosa. Nós poderíamos ter voado.

A brilhante lua cheia novamente nos olhava abaixo, como se fosse para nos abençoar, e nós sentimos que Deus era bom. Os álamos sentinelas lá estavam, como se nós nunca os tivéssemos deixado, guardando nosso antigo e amado lar. Luzes cintilavam através das janelas. Nós paramos.

Um de nossos antigos serviçais, cuja voz estava entre as primeiras que ouvimos, saltou do assento do condutor da carruagem e abriu o portão. Dois de nós estavam com o tio Pres em sua carruagem *Rockaway*, mas todos chegaram a casa juntos.

Então chegou o encontro com tia Fannie, que nos recebeu à porta, pouco mudada em relação àquilo que fora, a não ser pela aparência mais amável. Em seguida nossa pequena prima Ammie, a quem foi ensinado a não esquecer seus parentes ausentes, lançou seus braços em volta de nossos pescoços. Ela também parecia a mesma, apenas mais alta.

Com lágrimas de gratidão apreciamos a recepção, que nunca será esquecida, em nosso lar, tornado mais querido do que alguma vez já o fora antes por essas doces boas vindas. Uma ceia tentadora também estava pronta para os viajantes exaustos. Mas, estávamos cansados? Não, verdadeira, alegre e agradecidamente em descanso. Não dormimos até muito depois de entrarmos em nossos quartos. As roseiras, que quando saímos apenas corriam sobre a treliça, agora subiam até os pilares superiores e balançavam sob a luz da lua. Os cedros que se tornaram mais densos e altos podem agora ser vistos de nossas janelas, conforme nos deitamos em nossas camas e os queridos álamos antigos cresciam acima, muito acima. Ainda assim, essa

parecia ser toda a mudança. Nós temíamos fechar nossos olhos, caso pela manhã pudéssemos descobrir que nossa felicidade era um sonho.

Mas 'A Terra jaz dormindo sob os sorrisos do Céu'. E nós também, precisávamos do sono. Finalmente, ele veio aos corações felizes em 'Hillside'."

Coleção Canaã

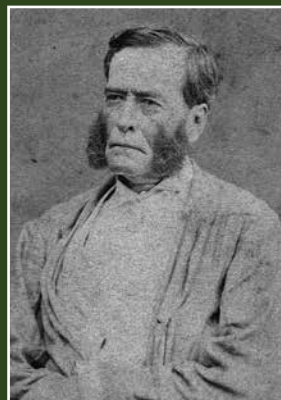
Volumes

- 1º Relato do Cavalheiro Carlo Nagar Cônsul Real em Vitória - O Estado do Espírito Santo e a Imigração Italiana (Fevereiro 1895). *Carlo Nagar* - 1995
- 2º Projeto de Um Novo Arrabalde - 1896. *Francisco Saturnino Rodrigues de Brito* - 1996
- 3º Catálogos de Documentos Manuscritos Avulsos da Capitania do Espírito Santo (1585 - 1822). (org.) *João Eurípedes Franklin Leal* - 1998
- 4º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo. *Nara Saletto* - 1998
- 5º Viagem à Província do Espírito Santo - Imigração e Colonização Suíça. *Johann Jakob von Tschudi* - 2004
- 6º Colônias Imperiais na Terra do Café - Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas Florestas Brasileiras. *Renzo M. Grosselli* - 2008
- 7º Viagem de Pedro II ao Espírito Santo. *Levy Rocha* - 2008
- 8º História do Estado do Espírito Santo. *José Teixeira de Oliveira* - 2008
- 9º Os Capixabas Holandeses - Uma História Holandesa no Brasil. *Tom Roos e Margje Eshuis* - 2008
- 10º Pomeranos Sob o Cruzeiro do Sul - Colonos Alemães no Brasil. *Klaus Granzow* - 2009
- 11º Carlos Lindenberg - Um Estadista e seu Tempo. *Amylton de Almeida* - 2010
- 12º Província do Espírito Santo. *Basílio Carvalho Daemon* - 2010
- 13º Donatários, Colonos, Índios e Jesuítas - O Início da Colonização do Espírito Santo - 2ª Edição Revisada. *Nara Saletto* - 2011
- 14º Viagem ao Espírito Santo - 1888 - *Princesa Teresa da Baviera* - 2013
- 15º Fazenda do Centro - Imigração e Colonização Italiana no Sul do Espírito Santo. *Sérgio Peres de Paula* - 2013
- 16º Tropas & Tropeiros - o transporte a lombo de burros em Conceição do Castelo. *Armando Garbelotto* - 2013.
- 17º Nossa Vida no Brasil. *Julia Louisa Keyes* - 2013.

Os volumes acima, entre outros documentos e obras raras, podem ser consultados no site do APEES, em formato pdf, dentro do projeto Biblioteca Digital, no seguinte endereço:

www.ape.es.gov.br

Julia Louisa Hentz Keyes era filha da romancista Caroline Lee Hentz, casada com John Washington Keyes, dentista e combatente veterano da Guerra Civil pelos Estados Confederados da América. O casal, juntamente com seus filhos, emigrou para o Brasil após o término do conflito que cindiu os Estados Unidos da América entre 1861 e 1865. Convidados pelo coronel Charles Gunter instalaram-se em Linhares, no Espírito Santo, onde permaneceram por quase um ano, entre junho de 1867 e maio de 1868. Posteriormente fixaram residência no Rio de Janeiro, de onde retornaram para os Estados Unidos em 1870.



*Coronel Charles Grandison Gunter,
idealizador da “Colônia Gunter” em Linhares,
Espírito Santo, 1867-1870.*

REALIZAÇÃO



SECRETARIA
DA CULTURA



GOVERNO DO
**ESPIRITO
SANTO**
CRESCER É COM A GENTE

ISBN 978-85-98928-13-5



9 788598 928135